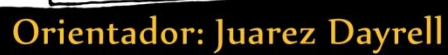


TRANSVERSALIDADE

NOS MODOS DE SOCIALIZAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO: EXPERIÊNCIAS JUVENIS EM REDE



Juliana Batista dos Reis

**TRANSVERSALIDADE NOS MODOS DE SOCIALIZAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO:
EXPERIÊNCIAS JUVENIS EM REDE**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Educação da Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito parcial para obtenção do título de Doutora
em Educação

Linha de pesquisa: Educação, cultura, movimentos
sociais e ações coletivas

Orientador: Prof. Dr. Juarez Tarcísio Dayrell

**Belo Horizonte
Julho de 2014**

R375t
T

Reis, Juliana Batista dos, 1981-

Transversalidade nos modos de socialização e individuação : experiências juvenis em rede / Juliana Batista dos Reis, 2014.
222 f., enc., il.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.
Orientador : Juarez Tarcísio Dayrell.
Bibliografia : f. 209-222

1. Educação -- Teses. 2. Socialização -- Teses. 3. Individuação -- Teses. 4. Juventude -- Teses. 5. Periferias urbanas -- Teses. 6. Internet -- Aspectos sociais -- Teses.
I. Título. II. Dayrell, Juarez Tarcísio. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 305.23

Catálogo da Fonte : Biblioteca da FaE/UFMG

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Juarez Dayrell – Orientador
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a Maria da Graça Jacintho Setton
Universidade de São Paulo

Prof.^a Dr.^a Glória Maria dos Santos Diógenes
Universidade Federal do Ceará

Prof.^a Dr.^a Shirlei Rezende Sales
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof. Dr. Luiz Alberto Oliveira Gonçalves
Universidade Federal de Minas Gerais

Prof.^a Dr.^a Sandra de Fátima Pereira Tosta (suplente)
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Prof. Dr. Geraldo Magela Pereira Leão (suplente)
Universidade Federal de Minas Gerais

Agradecimentos

[Com licença, Manoel de Barros]
A maior riqueza do homem [e da mulher]
é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado/a.
Palavras que me aceitam como sou - eu não aceito.
Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas,
que puxa válvulas, que olha o relógio,
que compra pão às 6 horas da tarde,
que vai lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai
Mas eu preciso ser Outros.
Eu penso renovar o homem [e a mulher] usando borboletas.
Manoel de Barros

Esta tese foi construída buscando evidenciar a transversalidade de que somos feitos. Pessoas, espaços, tempos, instituições, acontecimentos, relações registradas em nossas singulares existências. Assim, minha gratidão àqueles/as que contribuem em meu sustento e colaboraram neste percurso de pesquisa.

À CAPES pela bolsa de doutorado no Brasil e pela bolsa-sanduíche no exterior que viabilizou o desenvolvimento desta pesquisa.

Às/aos jovens que teceram comigo uma rede de relações cúmplice, afetuosa, de troca. Durico e Cláudia que narraram densamente suas experiências, e também ouviram as minhas, minha gratidão!

Ao Juarez, meu orientador, no sentido mais amplo que essa condição significa. Um mestre generoso, amigo, companheiro. Nesses dez anos de convivência, devo-lhe inúmeros aprendizados como professora, pesquisadora, pessoa.

Ao grupo de pesquisa que é casa. Amigas/os, interlocutoras/es, confidentes do Observatório da Juventude da UFMG, professores Geraldo, Paulo, Licínia e o grande amigo e professor Rodrigo.

Às/Aos professoras/es e colegas do Programa de Pós Graduação em Educação, especialmente professoras Inês Teixeira, Nilma Gomes e Lucinha

À professora Graça Setton pelos preciosos comentários e sugestões no exame de qualificação. Sua produção inspira muitas reflexões desta pesquisa.

Ao professor Luiz Alberto, pela leitura atenta do relatório de qualificação e a inspiradora disciplina sobre ‘as dimensões do indivíduo’.

À professora Glória Diógenes pela participação na banca de avaliação, pela interlocução online e a exposição de sua envolvente e poética antropologia.

À professora e amiga Shirlei Sales pela presença na banca de avaliação.

Ao Prof. João Teixeira Lopes pela acolhida e interlocução no período de estágio na Universidade do Porto.

Às/aos funcionárias/os da Secretaria do Programa de Pós-Graduação pelo atendimento sempre atencioso.

Ciça, Évelin, Dani, Ada, amigas/irmãs. Marcília, amiga artista autora da capa desta tese.

Preto, meu companheiro de vida.

Mãe e Matheus, meus verdadeiros sustentos nesse mundo.

RESUMO

Esta tese busca descrever e compreender como se configuram os processos de socialização e individuação de jovens moradores/as de uma periferia urbana da cidade de Belo Horizonte, o Aglomerado da Serra. A intersecção juventude/periferia/internet foi ponto de partida da investigação, tema que se expandiu no percurso investigativo. Assim, o entrelaçamento entre as vivências juvenis na internet, no território de moradia, na família, no trabalho, dentre outras foi privilegiado. Os modos de existência dos/as jovens são investigados e compreendidos nessa transversalidade. Na miragem de desenvolver uma sociologia dos indivíduos, a perspectiva metodológica buscou acentuar a compreensão dos processos socializadores partindo dos jovens sujeitos. A pesquisa foi desenvolvida através da etnografia (on e off-line), pelo acompanhamento de jovens através de suas vivências cotidianas e na internet, pela realização de entrevistas individuais, privilegiando a dimensão biográfica. A partir de autores da sociologia do indivíduo (MARTUCCELLI, ARAUJO, LAHIRE), da sociologia da educação (DUBET, SETTON) e da sociologia da juventude (PAIS, DAYRELL) o caminho teórico-metodológico priorizou compreensões sobre o contemporâneo processo estrutural de singularização, a partir de plurais experiências de dois jovens. A internet mostrou-se como ambiente dinâmico e acionado para expressões e visibilidades da periferia como território afetivo. O ciberespaço é vetor transversal no cotidiano juvenil, dimensão que pode estar tangenciada de diversas maneiras, inclusive combinada a outros espaços socializadores como a família, a escola e o trabalho. A constituição dos jovens como indivíduos está comprometida com uma multiplicidade de processos socializadores heterogêneos, fluidos, em tensão. Há intensa participação dos/as jovens nos processos socializadores, que viabiliza seus modos de individuação e os define como singulares.

Palavras-chave: socialização, individuação, juventude, periferia, internet.

ABSTRACT

This thesis seeks to describe and understand the socialization and individuation process of a Belo Horizonte urban periphery's young residents, the Algodão da Serra. The intersection youth/periphery/internet was the investigation's starting point, theme that expanded in the investigative route. Therefore, we focus on the interlacement between youth experiences on the internet, within the housing, in the family, at work, among others. The modes of existence of youth are investigated and comprehended in this transversality. Attempting to develop some kind of sociology of individuals, the methodological perspective sought to enhance the understanding of the processes of socialization from the individuals' perspective. The research was developed through the ethnography (online and offline), the attendance of youth in their experiences, the realization of individual interviews, privileging the biographical dimension of the subjects. Using authors of sociology of the individual (MARTUCCELLI, ARAUJO, LAHIRE) of sociology of education (DUBET, SETTON) and of sociology of youth (PAIS, DAYRELL), the theoretical-methodological way prioritized to understand the contemporary structural process of from plural experiences of two young people. The internet reveals itself as a dynamic environment, used to express the periphery as an affective territory. The cyberspace is transverse vector in juvenile everyday, a dimension that can be touched upon by many ways, including others places of socialization such as family, school and work. The young constitution as subjects is compromised with a multiplicity of socialization processes, heterogeneous, fluid, in tension. There is intense participation of the youth in these process, which enables their individuation modes and defines them as singulars.

Keywords: socialization, individuation, youth, periphery, internet

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – NETWORK06 E NETWORK07_BLACK AND GREY THREADS__ NAILS ON WOODEN BOARD	10
FIGURA 2 – CHARGE SOBRE REDES SOCIAIS DIGITAIS	33
FIGURA 3 – CHARGE SOBRE A INTERNET/SOLIDÃO	37
FIGURA 4 – IDENTIFICAÇÃO DE LOCALIZAÇÃO NO FACEBOOK.....	47
FIGURA 5 – POSTAGEM DA PÁGINA “SOU AGLOMERADO DA SERRA”	55
FIGURA 6 – MAPAS DO AGLOMERADO DA SERRA / GOOGLE.....	64
FIGURA 7 – POSTAGEM DE LUCAS NO FACEBOOK.....	68
FIGURA 8 – SOU AGLOMERADO DA SERRA – FACEBOOK	69
FIGURA 9 – POSTAGEM “SOU AGLOMERADO DA SERRA” – FACEBOOK	70
FIGURA 10 – POSTAGEM “SOU AGLOMERADO DA SERRA” – FACEBOOK	71
FIGURA 11 – PROJETO “AGLOMERANDO”	72
FIGURA 12 – POSTAGEM DE LUCAS SOBRE IRONIA A RESPEITO DE POLÍTICAS PÚBLICAS – FACEBOOK	74
FIGURA 13 – POSTAGEM RESSALTANDO QUALIDADE DA SERRA – FACEBOOK.....	75
FIGURA 14 – POSTAGEM DA COMUNIDADE VILA SANTANA DO CAFEZAL	75
FIGURA 15 – POSTAGEM DE CLÁUDIA EXALTANDO A FAVELA – FACEBOOK	77
FIGURA 16 – POSTAGEM DE LUCAS COM DIVERSOS DISCURSOS SOBRE O AGLOMERADO – FACEBOOK	79
FIGURA 17 – POSTAGEM DE CLÁUDIA A RESPEITO DOS TERMOS “FAVELA” E “MARGINAL” – FACEBOOK	82
FIGURA 18 – POSTAGEM DE CLÁUDIA COM FOTO DA PAISAGEM DO AGLOMERADO – FACEBOOK	83
FIGURA 19 – COREOGRAFIA “SERRA” – GRAVADA EM ESPAÇOS DO AGLOMERADO	85
FIGURA 20 – POSTAGEM DE FOTOS DA PAISAGEM DO AGLOMERADO – INSTAGRAM.....	90
FIGURA 21 – FOTOS COM TEXTOS ENALTECENDO A SERRA – FACEBOOK	93
FIGURA 22 – POSTAGEM COM FOTO DE GRAFITTI – FACEBOOK “FAZ MINHA CABEÇA” #FAVELA	94
FIGURA 23 – POSTAGEM DA PÁGINA JOGUM BRASIL – VALORIZAR O INDIVÍDUO	110
FIGURA 24 – MAIOR COMUNIDADE DO IEMG NO ORKUT	118
FIGURA 25 – PERFIS E POSTAGENS DO S3M NO ORKUT.....	119
FIGURA 26 – IMAGEM PUBLICADA NO ORKUT POR CLÁUDIA (2009).....	154
FIGURA 27 – IMAGEM POSTADA POR CLÁUDIA NO FACEBOOK – IDENTIDADE RAIZ (2012).....	169
FIGURA 28 – POSTAGEM DE CLÁUDIA NO FACEBOOK – EDUCAÇÃO (2012).....	178
FIGURA 29 – POSTAGEM DE CLÁUDIA NO FACEBOOK – PAULO FREIRE (2012).....	179
FIGURA 30 – POSTAGEM DE CLÁUDIA NO FACEBOOK – REVOLUÇÃO PELA DANÇA (2013).....	181
FIGURA 31 – POSTAGENS DE CLÁUDIA NO FACEBOOK – DANÇA (2012).....	186
FIGURA 32 – POSTAGEM DE CLÁUDIA NO FACEBOOK COM FOTOGRAFIA DA OFICINA DE DANÇA (2012)	188
FIGURA 33 – POSTAGEM DE CLÁUDIA DURANTE PERÍODO DE MANIFESTAÇÕES POR TODO BRASIL (2013).....	192
FIGURA 34 – POSTAGENS DE CLÁUDIA NO FACEBOOK – VIOLÊNCIA E NEGRITUDE	194
FIGURA 35 – POSTAGEM DE CLÁUDIA NO FACEBOOK - NEGRITUDE	200
FIGURA 36 – NETWORK07_THREADS AND NAILS_DETAIL01	207

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – MAPEAMENTO DE PLATAFORMAS DIGITAIS QUE É USUÁRIO (2012).....	149
---	-----

SUMÁRIO

RESUMO.....	4
ABSTRACT.....	5
LISTA DE FIGURAS	6
1 INTRODUÇÃO	10
2 TRAMAS DAS EXPERIÊNCIAS JUVENIS: DINÂMICAS DE SOCIALIZAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO EM REDE.....	19
2.1 DINÂMICAS SOCIALIZADORAS E MODOS DE INDIVIDUAÇÃO	22
2.2 SOCIALIZAÇÕES EM REDE: EXPERIÊNCIAS JUVENIS E CIBERCULTURA	34
3 ENTRE PONTOS, FIOS E CONEXÕES: PERCURSOS E DESLOCAMENTOS NA PESQUISA.....	43
3.1 EM BUSCA DE INTERLOCUTORES - DAS INSTITUIÇÕES AOS INDIVÍDUOS	44
3.2 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS MULTISSITUADAS – ENTREVISTAS E ACOMPANHAMENTO ONLINE	50
4 MAPEANDO UMA REDE DE JOVENS DO AGLOMERADO DA SERRA – ENTRE ESPAÇO DE MORADIA E TERRITÓRIOS DIGITAIS.....	55
4.1 MAPEANDO QUESTÕES – JOVENS, TERRITÓRIOS E WEB	56
4.2 FRONTEIRAS DA CIDADE, PERIFERIAS NA REDE?	59
4.3 DO PONTO DE VISTA JUVENIL - INTERFACES DO AGLOMERADO NA WEB	65
4.3.1 MUITO ALÉM DOS CONFINES – OS LIMITES DA CIDADE NA REDE DILATADA	67
4.3.2 A SINGULARIDADE DO MORRO.....	82
4.4 FAVELA EM REDE: PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO	94
5 DURICO: UMA EXTENSA REDE DE SOCIALIZAÇÃO E MODOS DE INDIVIDUAÇÃO ARTÍSTICA	97
5.1 A FAMÍLIA COMO ALICERCE.....	100
5.2 MÚLTIPLOS PROCESSOS SOCIALIZADORES NA IGREJA E NA ESCOLA: A CENTRALIDADE DA MÚSICA ..	106
5.3 CONEXÕES ÍNTIMAS: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES ENTRE MÚSICA E INTERNET.....	116
5.4 A INICIAÇÃO NO TRABALHO FORMAL	121
5.5 PROCESSOS PROFISSIONALIZANTES NO RAP– SER EDUCADOR EM UM PROGRAMA DO ESTADO	128
5.6 PERCURSO PROFISSIONAL COMO RAPPER E EMPREENDEDOR	136
5.7 VIVÊNCIAS CONECTADAS COM A MÚSICA	148
6 CLÁUDIA: ENTRE ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO AMBÍGUOS E MODOS DE INDIVIDUAÇÃO PELO ENFRENTAMENTO E RECONHECIMENTO	154
6.1 RAÇA, GÊNERO E CLASSE: SINGULARIDADE COMPARTILHADA	155
6.2 TENSÃO E AFETO NAS RELAÇÕES FAMILIARES	161
6.3 MUITAS PROVAS NA TRAJETÓRIA ESCOLAR.....	171
6.4 A DANÇA COMO IDENTIDADE, RECONHECIMENTO E TRABALHO	181
6.5 UMA JOVEM NEGRA EM MOVIMENTO – FORMAS DE ENFRENTAMENTO E PARTICIPAÇÃO	191
6.5.1 O GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA: RELATO DA MORTE DE UM JOVEM E A EXTENSÃO DO CASO NA INTERNET	195
6.6 MODOS DE INDIVIDUAÇÃO EM REDE	199

7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	202
8	REFERÊNCIAS	209

1 INTRODUÇÃO

Figura 1 – NETwork06 e NETwork07_black and grey threads__ nails on wooden board



Fonte: CAMPAGNA¹.

¹ Pamela Campagna. Foto: Alessandro Cirillo. Disponível em: <<http://www.l-able.net/networks.html>>. Acesso em: 12 jun.2014.

Início esta tese com algumas fotografias de NET-work, título da obra que pode ser traduzido para rede, em que Pamela Campagna constrói uma série de retratos humanos usando pregos e linhas. Conheci o trabalho dessa artista italiana na internet². Ela assim descreve essa obra

A NETWorks é uma série de retratos entrelaçados, feitos com fios e pregos, que assumem múltiplos aspectos dependendo da luz que eles recebem. Do amanhecer ao anoitecer, as sombras assumem diferentes posições e inclinações tornando o retrato vivo [...]. Esses retratos são como infográficos abstratos das relações internas que estamos constantemente a tecer. [...] "Paradoxalmente, 'individualidade' é uma questão de 'espírito da multidão' e uma demanda aplicada por um coletivo. Ser um indivíduo significa ser como todos os outros na multidão". E não fui eu quem disse isso, mas Bauman. Não há um eu perfeito, isolado, único, mas ele existe justamente na relação com o outro e com o meio. Nossa identidade, como uma mandala, é feita para soprar com o próximo vento.

Uma rede de retratos, feitos de fios e pregos. Eu usei fios para falar sobre a interligação das relações e eventos que fazem a vida, a partir das linhas que nos conectam, criando uma rede de emoções. Esses são os meus retratos de família ou faces que são familiares para mim. Dessa forma, memórias coletivas são como redes que marcam a pele, deixam cicatrizes, criando padrões geométricos de aparência orgânica.³

De maneira inspiradora, vi a potência pela qual a produção artística de Pamela manifesta as costuras da vida, a transversalidade da qual somos formados, as redes que, ao mesmo tempo em que tecemos, nos tecem e nos sustentam, nos (re)configuram continuamente como sujeitos singulares. Os retratos construídos com pregos e linhas podem expressar uma maneira de olhar os modos de socialização e individuação contemporâneos, tema central desta tese.

Avisto na multiplicidade de linhas inter cruzadas os diversos contextos e plurais relações de socialização (na família, na escola, no trabalho, entre amigos, na religião, na

² Após ver imagens da produção de Pamela Campagna na rede social digital Pinterest, espaço virtual de compartilhamento de imagens, quadros e coleções, busquei seu nome no Facebook. Contatei Pamela, que permitiu o uso de imagens de seu trabalho nesta tese. A possibilidade de ampliar uma rede de contatos através da internet é, para mim, excepcional. Cf. PINTEREST. Disponível em: <<https://www.pinterest.com>>. Acesso em 12 jun.2014.

³ CAMPANGA, Pamela. Tradução minha. Cf.: PAMELA CAMPAGNA. Art + Design. NETWORKS Disponível em: <<http://www.pamelacampagna.com/#/art-design/networks/>>.e <<https://www.youtube.com/watch?v=xf12orVnZhk>> Acesso em 12 jun.2014.

cidade, na internet, nos grupos etc.) em que construímos nossas experiências. Os fios e linhas como metáforas dos plurais processos socializadores não operam numa lógica rígida e integradora, que obriga os indivíduos a aprenderem a executar determinado papel social, tal como afirmam algumas teorias clássicas da socialização, a exemplo da paradigmática compreensão de Émile Durkheim (1955), que entende as gerações mais novas como tábula rasa. As linhas socializadoras não estão acima dos indivíduos, elas são tecidas por nós, mesmo que haja constrangimentos nessa tessitura. Na constituição de retratos pessoais singulares, há intensa participação dos atores em seus processos educativos, que viabiliza seus modos de individuação e que os define como singulares. De tal modo, são os próprios atores quem articulam, combinam, enfrentam e negociam as referências socializadoras e se singularizam como sujeitos únicos. Apesar de os retratos de Pamela, como todos os outros retratos, serem estáticos, não se pode perder de vista que a teia, como metáfora da vida, é dinâmica, e também marcada pelas contingências, coações, encontros e desencontros, obrigações, vicissitudes. A teia de relações está configurada por interações interdependentes, como nos ensina Norbert Elias (1994a), em *A sociedade dos indivíduos*.

Esta pesquisa busca apresentar, a partir de múltiplas experiências de jovens moradores/as de uma periferia em Belo Horizonte, como eles/as articulam, vivenciam e significam diferentes dimensões da vida, particularmente, as vivências no bairro de moradia, a família, as trajetórias de escolarização e trabalho e a internet.

A rede, agora significando o amplo espaço da web, é universo socializador transversal dos indivíduos contemporâneos, principalmente para a juventude. Muitas pesquisas atuais no campo da “sociologia da juventude”, mesmo aquelas que centralizam e recortam suas tematizações nas relações entre juventude e escola, trabalho, família, territórios, grupos culturais, religião, movimentos sociais, gênero e sexualidade, estão atentas à internet como campo de múltiplas referências e relações e, por isso, como eficiente instrumento de pesquisa para localizar agrupamentos virtuais.

Nesta pesquisa, a internet não se delinea unicamente como ferramenta para obtenção de dados, ela é principalmente objeto de análise, na medida em que a experiência online é percebida como constitutiva dos modos de socialização e individuação juvenis. A web é espaço privilegiado de práticas, relações, representações, visibilidade dos “modos de ser jovem”.

Dessa forma, a partir de experiências juvenis contemporâneas, proponho-me a discutir a transversalidade nos processos de socialização e individuação vivenciados por jovens moradores/as de uma periferia urbana de Belo Horizonte, o Aglomerado da Serra. A intersecção juventude/periferia/internet foi ponto de partida da investigação desta tese de doutorado, tema que se expandiu no percurso investigativo, já que, no desenvolvimento do trabalho de campo, optando por uma postura metodológica da “sociologia dos indivíduos” (DUBET, 1994; LAHIRE, 2004; MARTUCCELLI, 2007b), quis, principalmente, perceber e analisar a singularidade da experiência individual de dois personagens, e, nesse processo, me deparei com as outras instâncias de socialização.

Todavia, se nossa constituição como sujeitos está comprometida com uma rede de dinâmicas socializadoras plurais, polifônicas e mesmo contingentes, conto sobre minha trajetória e experiência acadêmica que tangenciaram as escolhas temáticas e interpretativas desta tese. Afinal, se deve

aprender a usar sua experiência de vida em seu trabalho intelectual: examiná-la e interpretá-la continuamente. Neste sentido, o artesanato é o centro de você mesmo, e você está pessoalmente envolvido em cada produto intelectual em que possa trabalhar. Dizer que você pode “ter experiência” significa, por exemplo que seu passado influencia e afeta seu presente, e que ele define sua capacidade de experiência futura. Como cientista social, é preciso controlar essa ação recíproca bastante complexa, apreender o que experiencia e classificá-lo; somente dessa maneira pode esperar usá-lo para guiar e testar sua reflexão, e, nesse processo, moldar a si mesmo como um artesão intelectual (MILLS, 2009, p. 22).

Cursei a graduação em Ciências Sociais na UFMG. A licenciatura ampliou não só minhas relações na universidade, mas as possibilidades de olhar sociologicamente outras dinâmicas da vida. Entre 2003 e 2004, cursei disciplinas na Faculdade de Educação e conheci o professor Juarez Dayrell na “Prática de ensino em Sociologia”, oportunidade para conhecer a Sociologia da Educação e a Sociologia da Juventude. Não por acaso, foi Juarez quem me iniciou na docência e na pesquisa, me ajudando a entrever as transversais relações entre essas práticas. Nessa disciplina, éramos incentivados a olhar a escola em que fazíamos o estágio numa “perspectiva não escolar” (SPOSITO, 2003). Ou seja, fomos estimulados não apenas a desenvolver a prática didática em sala de aula, mas, sobretudo, como aprendizes da pesquisa sociológica,

assumir a percepção das múltiplas relações entre a instituição escolar e seus sujeitos, especialmente a plural condição de nossos/as primeiros/as alunos/as como jovens.

Desde então, as condições juvenis na sociedade contemporânea centralizam meus interesses pessoais, acadêmicos, afetivos, políticos. Há dez anos sou integrante do Observatório da Juventude da UFMG e, nesse grupo, tive a oportunidade de atuar como bolsista e pesquisadora; atuar em projetos de extensão; (re)conhecer colegas, amigos/as, professores/as; participar de reuniões, congressos e eventos, dentro e fora da universidade⁴. Um programa universitário que afetou meus olhares para as múltiplas desigualdades (raciais, territoriais, de gênero, etárias), modos de vida, lutas, enfrentamentos e, principalmente, possibilitou-me conhecer pessoas e espaços de Belo Horizonte até então invisíveis para mim. Sou Observatório da Juventude! Nesse grupo estão amigas/os, confidentes, cúmplices, suportes da minha constituição como indivíduo (MARTUCCELLI, 2007a). Vasculhando minha memória afetiva e acadêmica, recorro a um dos primeiros textos que escrevi com Juarez sobre juventude e escola, em que destacamos a plural condição juvenil, uma perspectiva também decisiva nesta tese.

Podemos afirmar que a constituição da condição juvenil parece ser mais complexa, com o jovem vivendo experiências variadas e, às vezes, contraditórias. Constitui-se como um ator plural, produto de experiências de socialização em contextos sociais múltiplos, dentre os quais ganham centralidade aqueles que ocorrem nos espaços intersticiais dominados pelas relações de sociabilidade. Os valores e comportamentos apreendidos no âmbito da família, por exemplo, são confrontados com outros valores e modos de vida percebidos no âmbito do grupo de pares, da escola, das mídias, etc. Pertence assim, simultaneamente, no curso da sua trajetória de socialização, a universos sociais variados, ampliando os universos sociais de referência. (DAYRELL; REIS, 2007, p. 120).

⁴ Destaco duas pesquisas. A participação como bolsista de iniciação científica em projeto de pesquisa nacional, coordenado pela Prof.^a Marília Sposito, da Faculdade de Educação da USP. Na região metropolitana de Belo Horizonte, mapeamos as ações públicas para jovens desenvolvidas pelos órgãos do executivo municipal e acompanhamos o extinto programa Agente Jovem de Desenvolvimento Social. A partir desse projeto desenvolvi monografia de conclusão do curso em Ciências Sociais intitulada Juventude e Políticas Públicas: reflexões sobre o programa Agente Jovem em Belo Horizonte (2005), sob orientação do Prof. Juarez Dayrell. Em 2009, colaborei na coordenação do Projeto Diálogos com o Ensino Médio, que realizou investigação de caráter quantitativo e qualitativo buscando apreender os significados da escola de Ensino Médio para os/as jovens alunos/as e seus/suas professores/as. A pesquisa de campo foi realizada no estado do Pará, por meio de grupos de diálogo com jovens do terceiro ano do Ensino Médio e grupos focais com professores/as. Cf. Leão; Dayrell; Reis (2011).

No entanto, é importante destacar que minha aproximação com a temática das “novas tecnologias” sobreveio a partir do trabalho em minha pesquisa de mestrado, cursado no Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos. Nessa investigação, o que inicialmente amparava meu deslocamento para o campo – a sociabilidade juvenil e os tempos de lazer em Nova Contagem – bairro pertencente à cidade de Contagem, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, em certo momento se ampliou de uma feira livre para a internet; fato ocasionado pelos movimentos e deslocamentos proporcionados pela via etnográfica que me fez chegar a uma lan house, local que evidenciava uma intensa sociabilidade jovem. Naquele momento, o desvio do olhar da pesquisa para “fenômenos atuais” – o intenso uso da web entre jovens, as práticas com a internet na periferia, a periferia representada na internet –, levaram-me a acompanhar dois “espaços” de observação para compreensão da sociabilidade juvenil, uma lan house e comunidades sobre Nova Contagem no site de relacionamentos Orkut⁵. A pesquisa revelou uma intensa interação on-line entre jovens moradores/as de um mesmo bairro, além de comunidades virtuais criadas em função desse pertencimento⁶.

Permaneci inquieta com a necessidade de problematizar definições e conceitos, sobretudo quando usados como descritores que homogeneízam uma diversidade de lugares e sujeitos e constroem um lugar de alteridade para os/as moradores/as de “periferia”, como aqueles/as que, no contexto de exclusão, precisam se reinserir. Tal discurso, atualmente (re)elaborado pelo viés da necessidade da chamada “inclusão digital”, mostrava-se incompatível com práticas e construções que acompanhei na pesquisa de mestrado, que revelou múltiplas dimensões da internet na vida de jovens “pobres” ou “de periferia”.

Como as plurais dimensões socializadoras estão engendradas na constituição dos sujeitos? Como jovens da “periferia” que estão rotineiramente conectados/as se constroem on-line entrelaçados às experiências vividas na escola, família, trabalho,

⁵ Segundo Paulo Golgher, Diretor de Engenharia do Google, o Orkut será oficialmente encerrado em 30 de setembro de 2014. A partir de 30 de junho de 2014, “novos usuários não podem criar novas contas no Orkut. [...] Um arquivo com todas as comunidades públicas ficará disponível online a partir de 30 de setembro de 2014”. Disponível em: <<http://www.orkut.com>>. Acesso em: 11 jul.2014.

⁶ REIS, Juliana. **O bairro está online?** Vivências e sociabilidade(s) juvenis em um bairro da região metropolitana de Belo Horizonte. 2009. (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos – São Carlos, SP. 2009. Trabalho realizado em Contagem com jovens usuários/as de lan house, sob orientação de Luiz Henrique de Toledo e Juarez Dayrell.

território de moradia? Ou, dizendo de uma outra maneira, como se constroem os sujeitos e suas relações de amizade, trabalho, escolarização e no território de moradia atravessados pelo contexto de práticas e vivências rotineiras no ciberespaço? Como e em que medida os universos on e off-line se retroalimentam e referenciam as relações que os sujeitos estabelecem? Em que medida as plataformas e redes sociais digitais são espaços para visibilidade e construção de si? Enfim, como os/as jovens se fabricam enquanto indivíduos, que tecem suas próprias redes de sentido nessa multifacetada trama socializadora?

No título desta tese, destaco a palavra **transversalidade**. Experiências familiares, escolares, no território de moradia, na internet estão entre as vivências que esta pesquisa buscou entretecer. Remetendo novamente ao título, busco apresentar modos de socialização e individuação enredados. Essa foi uma empreitada teórico-metodológica desafiante e que me deixou desassossegada muitas vezes por receio da fragmentação. Contudo, me vi provocada por um texto de Marília Spósito (2010), em que a autora elenca desafios para a pesquisa com jovens e diz

Um campo pouco investigado no conjunto de estudos sobre juventude situa-se no tema dos modos de vida de jovens a partir de seu local de moradia considerado como território de múltiplas relações sociais. Nesse caso, as práticas cotidianas seriam analisadas, privilegiando-se sua dimensão **transversal** – escola, trabalho, lazer, sociabilidade. [...] Ao examinar as interfaces, os desafios e as especificidades do campo investigativo, essa perspectiva não inscreve a Sociologia da Educação ou a Sociologia da Juventude no registro segmentado das sociologias especiais. Ao contrário, o pressuposto de base reside na ideia de um domínio teórico – a Sociologia – que tenta compreender como ocorrem os (des)encontros, conflitos e tensões em torno das relações de indivíduos ou grupos com o mundo social a partir de alguns protagonistas privilegiados, os jovens. (p. 100-101).

No percurso do trabalho de campo, elegi o Aglomerado da Serra, um conjunto de vilas e favelas da regional centro-sul de Belo Horizonte, como espaço de (re)conhecimento de jovens sujeitos para a pesquisa. O trabalho de investigação foi desenvolvido durante os anos de 2012 a 2014. Entre territórios físicos e digitais, fui (re)conhecendo jovens interlocutores/as.

Os estudos contemporâneos das sociologias do indivíduo (MARTUCCELLI; SINGLY, 2012) apresentam o indivíduo como via relevante para entender as sociedades contemporâneas. Tais estudos foram suportes teórico-metodológicos basilares para o

desenvolvimento da minha pesquisa e análise. A partir de alguns operadores analíticos que serão apresentados, busco “religar processos estruturais, espaços e itinerários pessoais.” (SETTON; SPOSITO, 2013, p. 250). Essa Sociologia de caráter experimental (LAHIRE, 2004) sustentou o trabalho de pesquisa com variações nas escalas de observação (em contexto on e offline). Para apreender em nível biográfico as vivências socializadoras e desafios estruturais enfrentados por jovens, ou seja, os processos simultâneos de socialização e individuação, elegi a apresentação de um jovem e uma jovem, Durico e Cláudia, e suas experiências singulares⁷.

No capítulo 2 – Tramas das experiências juvenis: dinâmicas de socialização e individuação em rede – apresento os principais referenciais teóricos, conceitos e categorias que orientam a pesquisa. No capítulo 3 – Entre pontos, fios e conexões – problematizo as tessituras da pesquisa de campo, a etnografia em contexto on/offline, o encontro com jovens interlocutores/as e a centralidade de uma abordagem metodológica que privilegiou a dimensão biográfica das experiências. Em Mapeando uma rede de jovens do Aglomerado: entre espaço de moradia e territórios digitais, capítulo 4, busco compreensões sobre essa dimensão fundamental na construção dos/as jovens como sujeitos, a condição de serem moradores/as do Aglomerado da Serra. Há intensa relação entre as territorialidades da cidade e o ciberespaço. A internet mostra-se como ambiente ativo para as expressões e visibilidades desse território afetivo. Nos capítulos 5 e 6, privilegio as escritas de vidas juvenis marcadas pela singularidade. A partir de narrativas biográficas e um acervo de experiências, práticas e reflexões individuais, exploro os processos/espaços de socialização que se inscrevem nos modos de individuação de Durico e Cláudia, respectivamente. Por fim, nas considerações finais, retomo alguns achados desta pesquisa, que privilegiou tecer interfaces entre instâncias socializadoras e modos de individuação, tendo os/as jovens como articuladores das dimensões vividas, a partir de narrativas biográficas e expressividades digitais. Assim,

essa bricolagem é, afinal, o signo e a garantia de uma busca “humana” de compreensão e de conhecimento empreendida por seres singulares e endereçada a outros seres singulares. [...] Talvez o pesquisador, mesmo quando “armado” de seus modelos e grades, não faça e não possa fazer nada a não ser “contar” por sua vez aquilo que lhe “contam” os relatos dos outros. É pouco e é muito, é o preço de uma

⁷ Para preservar o anonimato dos/das jovens pesquisados, os nomes que aparecem ao longo da tese são fictícios. Entretanto, nomes escolhidos pelos/as próprios jovens.

ciência “humana” – e é seu tesouro. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 535).

2 TRAMAS DAS EXPERIÊNCIAS JUVENIS: DINÂMICAS DE SOCIALIZAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO EM REDE

Quando Polegarzinha usa o computador ou celular, ambos exigem o corpo de uma motorista na tensão da atividade, e não o de um passageiro na passividade do relaxamento: demanda e não oferta. Ela arqueia as costas e não fica de barriga para cima. Empurre essa pessoinha para uma sala de aula: habituado para dirigir, seu corpo não suporta por muito tempo a poltrona do passageiro passivo. A Polegarzinha, então, se ativa, mesmo sem aparelho para dirigir. Algazarra. Ponha em suas mãos um computador e ela recupera os gestos do corpo-piloto.

Temos agora apenas motoristas, apenas motricidade; não mais espectadores, o espaço do teatro se enche de atores, móveis; não mais juízes no tribunal, apenas oradores ativos; não mais sacerdotes no santuário, o templo se enche de pregadores; não mais professores no quadro-negro, eles estão por toda a sala de aula... E, haveremos de dizer, não mais poderosos na arena política, que estará ocupada por quem recebia as decisões. (SERRES, 2013, p. 50)

O filósofo francês Michel Serres expõe uma personagem contemporânea com enorme habilidade de mover seus dedos polegares para escrever mensagens nos aparelhos celulares. Para relatar os modos de ser, viver, sentir e pensar dos sujeitos imersos no universo online e digital, Serres nos apresenta Polegarzinha, nome que “não indica ‘alguém de sua geração’ ou ‘um adolescente de hoje’, que são expressões de desprezo. Única, a Polegarzinha **existe como indivíduo, como pessoa e não como abstração**” (2013, p. 83 – grifos meus).

Além de um modo de ser ativo no universo digital, esses sujeitos são agenciadores nos múltiplos e transversais espaços em que vivem, na família, na escola, no trabalho, na cidade. A metáfora empregada por Serres – uma motorista em ação e não uma passageira passiva – é também usada por José Machado Pais (2001) para dizer da intensa atividade dos/as jovens contemporâneos em suas trajetórias. Assim, “a experiência do condutor, ao contrário do que acontece com os passageiros de transportes públicos, é determinante para a escolha do caminho a seguir”. (p. 13). Aliás, como nos adverte Pais, a própria ideia de trajetória pode sinalizar a representação da vida em uma única linha, sendo que, ao contrário, a existência contemporânea se move

pelas contingências, em um emaranhado de traços interseccionados. Por isso, as biografias juvenis

inscrevem-se em verdadeiras “redes de *hipertextualidade* dominadas pelo princípio da metamorfose, da multiplicidade e do descentramento. Uma rede hipertextual está em constante construção, mudando face à mudança das partes envolvidas. [...] Numa rede hipertextual não há centro nem linearidade. Entrecruzam-se vários centros, vários caminhos e sentidos. (PAIS, 2001, p. 14 - grifos do autor)

Ao buscar entender os modos de vida juvenis como redes hipertextuais, é preciso se dar conta dos múltiplos planos nos quais os sujeitos inscrevem suas experiências. Se o hipertexto, em oposição a um texto linear, está estruturado em rede – links, imagens, páginas, referências interligados (LÉVY, 1999) –; as experiências pessoais são igualmente constituídas por vivências múltiplas e oblíquas. O estudo das biografias de jovens exige apreciação da interconectividade de vivências não lineares (PAIS, 2001). De maneira ampla, a metáfora do hipertexto remete à vida densamente entrelaçada. De forma específica, o hipertexto, em sua materialidade digital, indica o universo da interconexão mundial de computadores. Na contemporaneidade, é inescapável perceber a web como dimensão socializadora para a juventude. O ciberespaço como “matriz de cultura” (SETTON, 2009) está configurado por práticas e dinâmicas que se interconectam a outras instâncias socializadoras, como a escola, o trabalho, a cidade, entre outras. Esta tese busca encontrar combinações desses entrelaçamentos, a partir de vivências juvenis.

Nesse sentido, o conceito de socialização atravessa as análises das experiências juvenis contemporâneas pesquisadas neste trabalho. A socialização enquanto processo que envolve a construção e a manutenção dos laços sociais é tema primordial da sociologia, desde os clássicos, e da sociologia da educação, particularmente. Compreendo que a socialização permanece, na atualidade, como potente conceito heurístico que viabiliza distintas maneiras de avistar teoricamente as dimensões do indivíduo e da sociedade. Em outras palavras, há múltiplas formas de apreensão das e reflexão sobre as articulações entre instituições e sujeitos nas teorizações sociológicas, ora dando ênfase às imposições sociais sobre os indivíduos, ora privilegiando a autonomia dos indivíduos e suas ações ante as injunções sociais. Decerto, as formas de

entendimento da socialização acabam por possibilitar maneiras de examinar a questão amplamente colocada pelas ciências sociais, traduzida na relação entre ator e sistema, indivíduo e sociedade.

Contudo, me oriento teórica e metodologicamente pela perspectiva de compreender as histórias de vida juvenis através de duas dimensões, necessariamente imbricadas: os processos socializadores e os modos de individuação dos sujeitos. Assim, compreendo que há relações de interdependência entre instâncias de socialização e indivíduos (ELIAS, 1994; MELUCCI, 2005; DUBET, 1994; LAHIRE, 2006). Acredito que de nada serve decodificar os grandes processos sociais sem ser capaz de compreender “a vida das pessoas, a forma em que vivem, lutam e enfrentam o mundo”. (MARTUCELLI; SINGLY, 2012, p. 11). Por isso, como em um “jogo de escalas que se faz entre o plano geral das estruturas sociais e o ‘zoom’ sociológico que desce aos dramas individuais e singularidades biográficas” (CARRANO, 2009, p. 12), atento para as experiências juvenis, as maneiras de ser e estar no mundo, no contexto da cibercultura. Por isso, junto às práticas socializadoras, os processos de individuação são dinâmicas imprescindíveis na análise sociológica contemporânea (MARTUCELLI, 2007a; ARAUJO, MARTUCELLI, 2012; BECK, 1997; GIDDENS, 2002)⁸. Entendo a noção de socialização como um “processo construído coletiva e individualmente capaz de dar conta das diferentes maneiras de ser e estar no mundo” (SETTON, 2013, p. 199) e, por isso há oportunidade de reconhecer, nas dinâmicas socializadoras, os processos de constituição dos indivíduos. Assim, esta tese consiste em uma pesquisa sobre os modos de socialização e individuação juvenis no entrelaçamento entre as vivências no território de moradia, na família, na trajetória escolar e de trabalho e na internet (particularmente nas redes sociais digitais). Os modos de existência dos/as jovens são investigados e compreendidos nessa transversalidade.

Neste primeiro capítulo, apresento, inicialmente, algumas reflexões sobre a temática da socialização na tradição sociológica. A partir da “sociologia do indivíduo” (MARTUCELLI, 2007a; LAHIRE, 2005), busco as possibilidades de, por meio das trajetórias individuais, alcançar a inteligibilidade dos fenômenos sociais contemporâneos. (MARTUCELLI, SINGLY, 2012). Procuro incitar a “imaginação

⁸ Ao longo da tese, faço uso do conceito individuação ao invés de individualização. Ainda nesse capítulo justifico tal escolha.

sociológica” através de um “artesanato intelectual” (MILLS, 2009) que busca articular as múltiplas, mas também singulares, experiências juvenis. No segundo item do capítulo, faço considerações sobre o fenômeno das mídias, particularmente a internet, como atual espaço/processo de socialização e individuação. Entendo o ciberespaço como esse “novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores” (LÉVY, 1999, p. 17), como “universo socializador do indivíduo contemporâneo” (SETTON, 2011, p.14) configurado por sua dimensão convergente e híbrida, já que nele atravessam-se múltiplas práticas, imaginários e valores presentes (ou não) em outras instâncias socializadoras. A tecnologia da comunicação na era digital amplia seu alcance para todos os domínios da vida social (CASTELLS, 2013a). Na “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999), as vivências na internet impactam os modos de individuação. Tendo em vista a plural e viva interface entre as práticas on e offline, o conceito de experiência (DUBET, 1994) é indicado como proposital articulador dos processos de socialização na escola, na família, na cidade combinados às vivências na internet. Ou seja, ao olhar para as experiências juvenis a partir de práticas socializadoras em rede, temos a chance de perceber a singularidade de modos de individuação juvenis.

Assim, em uma época em que “os indivíduos não cessam de singularizarem-se” (MARTUCCELLI, 2007a, p.8)⁹, tomo a web como espaço real nos movimentos dessa singularização de jovens sujeitos. Por isso,

entendam por Polegarzinha um nome código para *determinado* estudante, paciente, operário, camponês, eleitor, transeunte, cidadão... *anônimo, com certeza, mas individualizado*. Nem tanto um eleitor contando como um nas pesquisas, nem tanto um telespectador contando como um no Ibope, nem tanto uma quantidade, mas sim uma qualidade, *uma existência*. (SERRES, 2013, p. 85 – grifos do autor).

2.1 DINÂMICAS SOCIALIZADORAS E MODOS DE INDIVIDUAÇÃO

Reforço, de início, que, ao percorrer histórias, narrativas e práticas jovens, compreendo que os processos socializadores e de individuação são dinâmicas imbricadas, simultâneas. Em outras palavras, partindo de uma perspectiva relacional

⁹ Todas as citações dos/as autores/as foram traduzidas.

entre as experiências em diferentes dimensões socializadoras (território de moradia, família, escola, trabalho, web etc.), percorro a transversalidade desses espaços/processos na constituição dos/as jovens como sujeitos¹⁰. Nesse movimento da vida, há trabalho ativo dos jovens, já que a “dimensão relacional é vivida como um recurso básico mesmo que submetida a fortes tensões e contradições. O indivíduo deve perceber-se como um vértice relacional e produzir-se como um tecedor de relações”. (ARAUJO, MARTUCCELLI, 2012, p. 246). Porém, antes de aprofundar o estudo sobre as possibilidades dessa “sociologia do indivíduo”, em que os sujeitos são vias relevantes para entender as sociedades contemporâneas, esboço algumas ponderações sobre o tema da socialização na produção sociológica.

Uma compreensão clássica, e que permanece guiando o entendimento da socialização, aparece na sociologia de Émile Durkheim [1858-1917], que desenvolve o conceito privilegiando o caráter externo e coercitivo da sociedade e a internalização pelos indivíduos de modos de comportamento e das moralidades sociais através dos processos educativos. (DURKHEIM, 1955). A integração social, a manutenção do consenso e a sobrevivência da sociedade são algumas das funções sociais da socialização para Durkheim. Nesse sentido, a educação

‘cria no homem um ser novo’, insere-o em uma sociedade, leva-o a compartilhar com outros uma certa escala de valores, sentimentos e comportamentos. E se as maneiras de agir e sentir próprias de uma sociedade precisam ser transmitidas por meio da aprendizagem, é porque são externas aos indivíduos. (QUINTANEIRO, 2009, p. 70).

Nessa dinâmica de “interiorização do social”, impetrada pelo processo de socialização, formam-se sujeitos que satisfazem às expectativas societárias. Nessa perspectiva, há evidente correspondência entre ator e sistema. Os indivíduos estão continuamente compelidos à ordem social. Em outras palavras, há pouco ou nenhum espaço para que os sujeitos se construam por escolhas autônomas e distantes das imposições institucionais. Tal concepção unitária da socialização conjectura a garantia de um ajuste progressivo do indivíduo na sociedade. Além disso, os processos educativos

¹⁰ No capítulo 4 privilegio relações entre o território de moradia e a web, a partir de variadas produções juvenis. Como em um jogo de escalas, elejo as relações entre as dinâmicas socializadoras no Aglomerado da Serra e nos territórios digitais como forma de aproximação dos/as jovens. Buscando uma aproximação mais focalizada, é nos capítulos 5 e 6, a partir das experiências de Durico e Cláudia, que percorro as articulações entre outras agências socializadoras e seus modos de individuação.

são percebidos como procedimentos de uma geração já socializada, que incorporou os valores e comportamentos sociais, sobre as gerações mais jovens, ainda iniciantes na apreensão dos modos de conduta daquela sociedade. Por isso,

a educação é a ação exercida, pelas gerações adultas, sobre as gerações que não se encontrem ainda preparadas para a vida social. Tem por objetivo suscitar e desenvolver, na criança, certo número de estados físicos, intelectuais e morais, reclamados pela sociedade política, no seu conjunto, e pelo meio especial a que a criança, particularmente, se destine. (DURKHEIM, 1955, p. 32).

Mesmo que diante uma produção do século XIX, a partir da sociologia durkheimiana é interessante refletir sobre o atual contexto em que as gerações mais novas é que têm domínio e habilidade no manuseio de artefatos e recursos tecnológicos. A juventude é um símbolo no crescente processo de digitalização. As gerações mais novas interagem mais intensamente com as tecnologias e, nessa combinação, se produzem, orientam seu comportamento, gerem a própria existência (FISCHER, 2005). Nesse sentido, crianças e jovens revelam-se como sujeitos mais habilitados para instruir ou informar as lógicas de interação na cibercultura. Seguramente, há limitações para a análise de processos de socialização atravessados pela internet, onde as relações de aprendizado, de como se construir online, como vivenciar e interagir no e com o ambiente virtual, não são reguladas pelo domínio de uma geração mais velha¹¹.

Perante a análise funcionalista durkheimiana, que privilegia a sociedade em face dos indivíduos, é condizente ponderar que as teorizações são construídas na disputa por maneiras de conceber as ciências sociais, além de relacionarem-se com o tempo

¹¹ Em algumas produções acadêmicas e jornalísticas a expressão “nativos digitais” tem sido utilizada para sinalizar as gerações nascida na era da internet. Assim, os “imigrantes digitais” seriam os mais velhos, aqueles que precisam se esforçar para se adaptarem ao ambiente digital (PRESNKY, 2001). Outras expressões como ‘geração x, y e z’ operacionalizam a identificação de grupos geracionais no universo digital. Apesar da não existência de um consenso, geralmente se nomeia as pessoas nascidas entre os anos de 1980 e 1990 como pertencentes à geração x e y, respectivamente. Enquanto aqueles nascidos a partir dos anos 2000 como geração z.

histórico subjacente às análises¹². Em outras palavras, por um lado, a existência de teorias que elevam a condição da unidade social às instituições e à sociedade como elementos estruturantes da vida coletiva e, por outro, compreensões que dão relevância ao indivíduo enquanto eixo norteador, mostram como as sociedades humanas estão em permanente fluxo. Norbert Elias [1897-1990], com a metáfora de uma balança que verifica os pesos dos objetos, mostra como as relações entre indivíduo e sociedade modificam-se em diferentes contextos e tempos, fazendo com que o pêndulo oscile para o lado do nós ou do eu diante a mutante complexidade dos fatos sociais. (ELIAS, 1994)¹³.

A partir dos anos de 1960, Peter Berger e Thomas Luckman (1995) complexificam a ideia de socialização, concebendo-a como a interiorização de uma ordem social subjetivamente compartilhada por parte dos indivíduos. Os autores de A construção social da realidade definem dois momentos de sua realização: a socialização primária e a socialização secundária. A variável temporal apresenta uma importância fundamental, pois, se os sujeitos em um primeiro momento, na primeira infância, aprendem os costumes e regras sociais por meio da família e da escola, a socialização secundária se dá num âmbito maior, transversalmente vivenciada em todas as interações que ocorrem durante a vida. Desse modo, a noção de socialização secundária é decisiva na compreensão da socialização como realidade aberta e múltipla, processo interminável ao longo da existência dos sujeitos e dependente dos espaços e interações que vão se construindo. A partir de Berger e Luckman (1995), a sociologia começa a ampliar o olhar para a multiplicidade de espaços socializadores bem como para a singularidade das trajetórias e escolhas. Nessa compreensão, os espaços de socialização não apenas reproduzem os padrões normativos e a ordem social, ao contrário, possibilitam certa autonomia individual que viabiliza transformações e outras construções das relações humanas, pois os indivíduos são capazes de, inclusive,

¹² Nesse sentido, Bruno Latour (2012) aponta Durkheim como um pensador “vencedor” na disputa pela construção sociológica na relação com Gabriel Tarde [1843-1904]. Tarde criticou as compreensões durkheimianas sobre a ideia de que a sociedade era um domínio especial da realidade. Latour considera Tarde um precursor da “Teoria Ator Rede” (proposta de investigação de Latour que agrega a relação entre humanos e não humanos) visto que “ele sustentou veementemente que o social não era domínio especial da realidade e sim um princípio de conexões; que não havia motivo para separar o ‘social’ de outras associações como os organismos biológicos ou mesmo os átomos. (2012, p. 33)”. Sobre a sociologia de Gabriel Tarde cf. VARGAS, 2001.

¹³ Ainda apresentarei como o conceito de configuração de Norbert Elias favorece compreensões sobre as particularidades da socialização contemporânea.

questionar os universos de que participam. Para Martuccelli (2007a), é a partir dessa abertura nos estudos da socialização que surgem trabalhos de uma sociologia mais individualizada em torno da exploração das dimensões plurais e contraditórias das vivências pessoais. Desse ponto de vista, diante da contemporânea abrangência da internet como espaço socializador, as reflexões de Berger e Luckman (1995) inspiram o alcance de experiências juvenis entrelaçadas em múltiplos espaços.

A sociologia de Norbert Elias (1994) apresenta uma perspectiva teórica que busca compreender a formação das chamadas estruturas sociais, mas, igualmente, abarcar a formação das subjetividades. Em outras palavras, há duas dimensões em seu pensamento: é preciso investigar a formação das estruturas (sociogênese) e entender a construção das subjetividades (psicogênese) como partes integrantes dos processos sociais. Sendo assim, sua “sociologia dos processos” pretende decompor os desenhos das teias de relações entre indivíduos, cuja compreensão é fundamental para entender a formação dos sujeitos, que se constroem nessas malhas. Esse é um pressuposto desta pesquisa.

Elias (1980) assinala como a sociologia tantas vezes reforça separações entre indivíduo e sociedade, personalidade e estrutura. Algumas acepções sociológicas revigoram essa separação intransponível, como diz o autor: “A maneira corrente de formarmos as palavras e os conceitos reforça a tendência do nosso pensamento para reificar e desumanizar as estruturas sociais” (1980, p. 16). Ele denomina essa concepção metafísica das estruturas sociais assinalando categorizações que aparecem não só no senso comum, mas também nas ciências sociais. Há, por conseguinte, para o autor, uma tarefa de emancipação da disciplina em encarar os processos sociais a partir de um discurso dinâmico, já que muitas expressões usadas no vocabulário sociológico são ainda derivadas da investigação das ciências naturais e transpostas para a análise das relações sociais. Assim, Bauman (2001) enaltece as proposições de Elias:

O título dado por Norbert Elias ao livro *Sociedade dos indivíduos* capta com perfeição a essência do problema que assombra a teoria social [...]. Elias substituiu o “e” e o “versus” pelo “de” e, assim, deslocou o discurso do imaginário das duas forças, travadas numa batalha mortal mas infindável entre liberdade e dominação, para a “concepção recíproca”: a sociedade dando forma à individualidade de seus membros, e os indivíduos formando a sociedade a partir de suas ações na vida, enquanto seguem estratégias plausíveis e factíveis na rede socialmente tecida de suas dependências. (BAUMAN, 2001, p. 43).

Como alternativa ao corrente conceito de estrutura da sociologia funcionalista, que solidifica, torna estáticas e mesmo, talvez, atemporais as relações sociais, Elias faz uso do conceito de configuração. Ao adotar tal concepção, o autor expõe que não há um arcabouço *sui generis* que conglera e limita a existência dos indivíduos. Elias percebe na sociedade uma rede formada por sujeitos interdependentes.

[...] o conceito de configuração foi introduzido exatamente porque expressa mais clara e inequivocamente o que chamamos de “sociedade”, que os atuais instrumentos conceituais da sociologia, não sendo nem uma abstração de atributos de indivíduos que existem sem uma sociedade, nem um “sistema” ou “totalidade” para além dos indivíduos, mas *a rede de interdependência* por eles formada. (ELIAS, 1994, p. 249 – grifos meus).

A ideia de configuração ilustra as amplas possibilidades de traçado das redes de indivíduos. Em outras palavras, de diferentes modos as pessoas podem estar ligadas umas às outras e aos espaços, uma vez que as posições dos sujeitos nas tramas de interação são fluidas e mutáveis. Assim, configuração é instrumento conceitual conveniente para apreensão das contemporâneas e multifacetadas dinâmicas de socialização e individuação juvenis. Entendo que tanto rede como configuração são conceitos que possibilitam o olhar para os desenhos da dinamicidade de encontros e vivências em espaços como a família, o trabalho, a escola, os territórios da cidade, a internet e a singularidade dos modos de vida nessas instâncias. Pois, como anunciado, o título da tese reporta à transversalidade de experiências juvenis enredadas, não limitando o significado da expressão rede exclusivamente à web. Como bem diz Bruno Latour (2012), um bom relato de pesquisa é aquele que tece uma rede, em que “os atores tornam visível ao leitor o movimento do social” (p. 189)¹⁴.

Buscando modos de avistar os processos educativos e socializadores na atualidade, Maria da Graça Setton (2013) aproxima as reflexões de Norbert Elias e Marcel Mauss como pensadores que provocam olhares sobre a condição plural dos

¹⁴ Bruno Latour (2012) problematiza a imprecisão terminológica do termo rede. As redes podem ter um sentido técnico (eletricidade, sistema metroviário, rede de esgoto e mesmo a internet) e/ou significar as associações humanas. Entretanto, na proposta de Latour de desenvolver uma “sociologia das associações” a partir da Teoria Ator-Rede, outros agentes não humanos são considerados como atores ou “actantes”. “Uma vez que em inglês, a palavra ‘actor’ (ator) se limita a humanos, utilizamos muitas vezes ‘actant’ (actante), termo tomado à semiótica para incluir não humanos na definição” (LATOUR, 2001, p. 346).

indivíduos. Setton compreende que os conceitos fato social total, de Mauss, e configuração, de Elias, permitem o alcance da coexistência e encadeamentos entre as instâncias socializadoras e a constituição dos indivíduos na amálgama de dimensões transversais. Compartilho com a autora a identificação da potência do pensamento de Elias e Mauss para a compreensão dos modos de socialização e individuação numa perspectiva dialógica e relacional. Afinal, as “formulações dos autores salientam os processos socializadores como um campo de investigação que mistura fundamental e concomitantemente estruturas, atores, sentido e história” (SETTON, 2013, p. 206).

Portanto, busquei experimentar, em termos metodológicos e conceituais, a articulação de múltiplas dimensões das biografias juvenis, a partir de pontos de vista construídos pelos próprios sujeitos. Uma vez que, como bem lembra Marcel Mauss, “mais do que ideias ou regras, apreendem-se homens, grupos e seus comportamentos” (1974, p. 181), a pesquisa consistiu em participar do cotidiano de jovens, ouvindo e acompanhando suas narrativas, buscando o compartilhamento de suas vivências entrelaçadas ao universo da internet. Um empreendimento que consistiu em “ligar entidades a outras entidades, ou seja, traçar uma rede” (LATOUR, 2012, p. 152). Usando as palavras de Bernard Lahire (2005), houve um esforço investigativo de “não negligenciar as bases individuais do mundo social, e que estuda, assim, indivíduos atravessando cenários, contextos, campos de força etc., diferentes”. (p. 31-32).

Todavia, ao projetar a relevância de uma abordagem que salienta indivíduos enredados em múltiplas experiências, é fundamental destacar a especificidade do fenômeno da individuação/individualização contemporânea¹⁵. Mesmo que a sociologia sempre tenha se interessado pelo indivíduo, é de outro tipo a centralidade dos sujeitos na análise sociológica contemporânea (MARTUCELLI, 2007a). Se na sociologia clássica a imagem do “personagem social” dominava a compreensão dos indivíduos, ou

¹⁵ Martuccelli (2010b) aponta que a ideia de individualização – assim como individuação – remete ao processo empírico de diferenciação crescente das trajetórias pessoais. Porém, como acepção analítica, a individualização designa uma nova produção institucional ligada à segunda modernidade. No plano teórico, autores como Antony Giddens e Ulrich Beck assumem a noção de individualização para anunciar a demanda imposta pelas instituições para que os indivíduos tenham de produzir, encenar e montar eles próprios as suas biografias (BECK, 1997). A diferença repousa, portanto, na centralidade das instituições na análise, ou seja, esse modelo remete a um “individualismo institucional”. Para Araujo e Martuccelli (2012), a tese da individualização tem dificuldade de dar conta de outros fenômenos que participam ativamente na produção dos indivíduos e que se afirmam fora das instituições. Os autores buscam uma perspectiva de análise que “sem desconhecer o trabalho específico das instituições, não faz delas, em nenhum momento, o pivô da interpretação”. (ARAUJO, MARTUCELLI, 2012, p. 239).

seja, havia expectativa de compreender o indivíduo a partir do conhecimento de sua posição ou classe social, hoje,

Os indivíduos não param de singularizar-se e este movimento de fundo torna-se independente das posições sociais, cortado transversalmente, produz o resultado imprevisto de atores que se concebem e atuam como sendo “mais” e “outra coisa” que aquilo que supõe o que lhes dita sua posição social. Os indivíduos se rebelam contra as classificações sociológicas. (MARTUCELLI, 2007a, p. 8).

Cada indivíduo é fruto de uma série cada vez mais contingente e diversa de experiências de socialização. Assim, os processos de socialização contemporâneos são simultaneamente processos de individuação, inclusive porque, na “modernidade reflexiva” (GIDDENS, 1997), “segunda modernidade” (BECK, 1997) ou “modernidade líquida” (BAUMAN, 2001), as próprias instituições encarregam os atores da responsabilização de suas trajetórias. As instituições não se limitam a exercer imposições aos indivíduos, mas avistam-se também como recursos que os sujeitos precisam aprender a mobilizar eficazmente, em outras palavras, elas são coercitivas e facilitadoras. (DUBAR, 2009; GIDDENS, 1997). Por isso, “a maneira como se vive torna-se uma solução biográfica das contradições sistêmicas” (BECK, 1992, p. 137 apud BAUMAN, 2001). Os riscos e as contradições são socialmente produzidos, mas o dever de enfrentá-los é individualizado. Por isso,

A individualização significa, potencialmente, a preeminência crescente dos Eus sobre os Nós, a participação ativa dos cidadãos naquilo que lhes diz respeito, a consideração das *identidades pessoais* nas decisões coletivas. Pode-se considerar que ainda estamos muito longe disso. Mas esse é um processo lento, complexo e incerto, que envolve cada nova geração no desenrolar individual e coletivo de sua socialização, que é também individualização. (DUBAR, 2009, p. 260 – grifos do autor).

François Dubet (1994) problematiza como a compreensão da socialização como reprodução social é limitada para a investigação dos processos socializadores contemporâneos. Tendo em vista a desinstitucionalização dos “modos de produção dos indivíduos”, a formação dos sujeitos depende cada vez menos dos moldes impostos pelas instituições e pelos seus papéis, e cada vez mais das experiências individuais (DUBET, 1998). Em outras palavras, os indivíduos nunca são totalmente socializados, não há adequação irrestrita entre a subjetividade do ator e a objetividade do sistema. A

experiência social concebe uma atividade dos indivíduos, uma capacidade crítica e um distanciamento de si mesmos. A noção de experiência considera a heterogeneidade dos princípios culturais e sociais que organiza as condutas em uma sociedade que não é una, mas a justaposição de ‘comunidade’, ‘mercado’ e ‘historicidade’. Assim, nos diz Dubet que numa prática reflexiva, os indivíduos agem por meio de três lógicas de ação: uma lógica de integração, a lógica estratégica e a lógica de subjetivação. “O sujeito social é definido por um jogo de tensões, por um trabalho e não por um ser.” (DUBET, 1994, p. 260) por isso a necessidade da sociologia voltar-se para a experiência de indivíduos particulares que constroem seu mundo e sua subjetividade numa história singular. Os processos de construção do significado da experiência são cada vez mais uma prerrogativa dos atores. É por isso que o autor considera os indivíduos “intelectuais” na medida em que operam de maneira reflexiva sua relação com o mundo. Por isso, a importância das narrativas jovens nesta pesquisa já que “o que se conhece da experiência é aquilo que dela é dito pelos actores, este discurso vai colher as categorias sociais da experiência” (DUBET, 1994, p. 103)

O sociólogo peruano Danilo Martuccelli (2007a) propõe que a sociologia centralize a individuação como maneira de investigar os processos de fabricação dos indivíduos. O autor defende a particularidade dessa perspectiva analítica que se interroga pelo tipo de indivíduo que é estruturalmente fabricado por uma sociedade em um período histórico. (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2010). A concepção de individuação cruza, portanto, um eixo sincrônico e outro diacrônico na medida em que as grandes transformações históricas precisam ser percebidas através das experiências dos indivíduos.

Na crescente emergência do indivíduo na contemporaneidade, “a vida de todo mundo é cheia de riscos que devem ser enfrentados solitariamente” (BAUMAN, 2001, p. 49). Na busca por compreender os diferentes modos de individuação, Araujo e Martuccelli desenvolvem o conceito de prova. Esse operador analítico remete “aos desafios históricos, socialmente produzidos, culturalmente representados, desigualmente distribuídos que os indivíduos estão obrigados a enfrentar” (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2010, p. 83).

A partir dessa noção, Martuccelli conjectura a percepção da vida social em sua elasticidade, indicando a articulação entre processos sociais e experiências pessoais, a

história da sociedade e a biografia dos indivíduos. As provas não são qualquer tipo de desafio ou problema vivencial, mas um conjunto de desafios estruturais e por isso comuns a todos os indivíduos de um coletivo, que por sua vez percebem e respondem aos desafios de maneiras diversas. Martuccelli destaca que a vida social está cada vez mais marcada por uma série de desafios (escolares, laborais, relacionais). Compreendo que as provas se articulam aos processos de socialização, já que são vivenciadas em espaços institucionais (escola, trabalho, família) ou são relativas ao laço social (participação em grupos, uso do tempo, relações interpessoais) (MARTUCCELLI, 2010b)¹⁶.

A maneira particular pela qual cada pessoa "resolve" os desafios que enfrenta nos processos socializadores permite o contorno de sua singularização. A sociologia do indivíduo viabiliza o alcance das trajetórias vividas de maneira fortemente singular atravessadas por dificuldades e êxitos, destino e sorte, oportunidades e dominações. (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2010). A compreensão da individuação pelas provas busca dar conta da singularidade de trajetórias individuais, ou seja, o trabalho pessoal de cada indivíduo em responder aos desafios, vivenciar processos socializadores e fabricar-se como sujeito¹⁷.

Diante da questão: ‘como o indivíduo é capaz de sustentar-se no mundo?’, Martuccelli (2007b) concebe também o conceito de suportes. Os suportes podem ser

¹⁶ Araujo e Martuccelli (2010) explicitam uma crítica a pensadores que, segundo eles, tomaram a individuação por um “fundo bicéfalo”. Ou seja, versões sociológicas que teriam falhado ao não autonomizar a individuação com respeito à teoria da socialização. “[...] autores que abandonavam o nível macrosociológico com interesse nos mecanismos efetivos e mais singulares através dos quais se fabricam individualmente os atores, o faziam mobilizando inevitavelmente as teorias da socialização. De Simmel a Giddens, este tem sido o verdadeiro limite das teorias de individuação” (p. 83). Entretanto, quando Martuccelli propõe o interessante conceito de prova como operador analítico que articula os processos sociais e as experiências pessoais, ele também direciona o olhar para os espaços de socialização. Sobretudo porque as provas são desafios presentes nos espaços/processos de socialização. Família, escola, trabalho são provas estruturais em suas pesquisas. Por isso, reforço a compreensão das dinâmicas socializadoras como via de pesquisa implicada na revelação dos modos de individuação.

¹⁷ Martuccelli distingue as noções de ator, agente, sujeito e indivíduo. O ator é aquele capaz de modificar seu entorno; assim, há atores não humanos, como Latour define em sua Teoria Ator-Rede. A noção de agente, comum às teorizações de Giddens, busca reconciliar as relações entre estruturas sociais e a ação. O sujeito é uma representação normativa do indivíduo, ou seja, figuras representativas, inclusive múltiplas e antagônicas valorizadas em uma sociedade. O indivíduo é uma combinação entre um agente empírico e um modelo normativo do sujeito. Por um lado indica a existência de um ente singular, por outro é um modelo normativo, que, na contemporaneidade, por exemplo, sublinha o valor da independência frente ao entorno social. (MARTUCCELLI, 2006, p. 25). Assumo o uso nesta tese das noções sujeito e indivíduo buscando sinalizar o trabalho dos/as jovens em elaborar e significar suas existências.

materiais, simbólicos, conscientes ou inconscientes, ativamente estruturados ou não, mas sempre têm o efeito de apoiar, sustentar e fomentar as experiências dos indivíduos. Entretanto, esses suportes só fazem sentido dentro de uma lógica social, não é possível elegê-los previamente. Em torno de cada um de nós há um tecido elástico composto de relações familiares, profissionais, afetivas, ou seja, “nosso verdadeiro mundo”. Há necessidade de apreender as diversas geometrias pelas quais se desenham nossa relação com o mundo e com os outros e que nos sustentam. Alguns suportes dão mais possibilidades de êxito no processo de individuação, por isso é preciso compreender como diferentes suportes possibilitam a construção de sujeitos autônomos, visto que nem todos garantem o sucesso da individuação.¹⁸ Assim, a busca por reconhecer alguns suportes que sustentam a existência juvenil é delineada nesta pesquisa a partir do encontro com os/as jovens interlocutores/as. Há um vínculo profundo entre nossa individuação e nossos suportes, a consistência dos ambientes que nos envolvem.

Por isso, a perspectiva desta pesquisa é multifocalizada diante do alcance de jovens sujeitos em processos socializadores heterogêneos, fluidos, em tensão e constante movimento. A constituição dos jovens como sujeitos está comprometida com uma multiplicidade de repertórios sociais diferenciados, coerentes ou contraditórios (LAHIRE, 2004). Portanto, sublinhando biografias singulares, privilegio o olhar para o entrelaçamento de experiências juvenis nas vivências no território de moradia, na trajetória de escolarização, no trabalho, na internet (particularmente nas redes sociais digitais). As configurações dessas tramas socializadoras na perspectiva multidimensional projetam a percepção de indivíduos singulares não redutíveis a uma lógica única. Afinal,

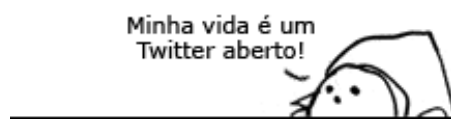
¹⁸ Martuccelli (2007b) classifica alguns tipos de suportes: invisíveis, estigmatizantes, patológicos e confessáveis. Nem sempre há consciência dos suportes. Ser reconhecido como indivíduo totalmente autônomo ou conceber-se como alguém independente, autogovernado é um privilégio. Em outras palavras, a imagem de um indivíduo que se mantém no mundo por sua própria força é falaciosa. O autor aponta que quanto mais elevadas são as posições sociais, mais o indivíduo é sustentado exteriormente, mas há aparência da não existência dos suportes, por isso, invisíveis. Por outro lado, os suportes estigmatizantes permeiam a vida das classes populares. As políticas públicas de assistência social, por exemplo, estigmatizam os sujeitos como “assistidos”, como se não tivessem condições de se manterem autonomamente, como tutelados. Porém, o autor demonstra que, pelo contrário, quanto mais frágil é a situação dos indivíduos, mais ele se vê obrigada a se auto-sustentar por uma rede de relações de solidariedade e muito pouco pelos direitos sociais. Os suportes patológicos são aqueles socialmente vistos como doentio ou excessivo, por isso, não desejáveis. O uso de drogas pode ser compreendido como um suporte patológico. Já os suportes confessáveis dizem respeito às íntimas relações em que os sujeitos se amparam no outro. O autor, inclusive, usando a ideia dos casais que dizem “se suportar” mostra como o encontro amoroso, familiar, afetivo são sustentações para a existência humana contemporânea.

são os próprios indivíduos que tecem as redes de sentido que os unificam em suas experiências de socialização. É o indivíduo que tem a capacidade de articular as múltiplas dimensões da vida ao longo de sua trajetória. É o sujeito a unidade social na qual se podem efetivar diferentes sentidos de ações, essas últimas derivadas das suas múltiplas esferas de existência. Nele cruzam-se e interagem sentidos particulares e diferentes. Ele não é apenas o único portador efetivo de sentidos, mas a única sede possível de relações entre eles. (SETTON, 2013, p. 200).

Contudo, na plural “rede de hipertextualidade” (PAIS, 2001) vivenciada e tecida pelos/as jovens, é imprescindível atentar para imbricadas relações entre as dinâmicas online e outras agências socializadoras. A juventude contemporânea – como “geração @” (FEIXA, 2006) – habita o ciberespaço e constrói modos de ser que acenam para múltiplas articulações entre vivências on e offline. Assim, se o ciberespaço é entendido como “matriz de socialização”, ele também precisa ser alcançado em sua transversalidade, na medida em que as relações familiares, escolares, urbanas também se estabelecem em conexões digitais.

Além disso, a “sociedade em rede” (CASTELLS, 1999) impacta os processos de individuação, já que as tecnologias de informação e comunicação estão cada vez mais abertas a personalizações (LÉVY, 1999). Aplicativos, redes digitais, blogs adensam e dilatam processos de socialização/individuação na contemporaneidade. As redes de comunicação online são espaço da “autocomunicação de massa” (CASTELLS, 2013a) em que cada usuário tem espaço para a expressividade em linguagens digitais, a exposição de si através de narrativas textuais e audiovisuais que dão visibilidade às cotidianas construções e reflexões de si. Sem ignorar que são múltiplos os usos que os sujeitos fazem da internet, há fortes marcas que indicam que, no ciberespaço, “os autores-narradores produzem um personagem chamado EU e a própria personalidade” (SIBILIA, 2008, p. 233).

Figura 2 – Charge sobre redes sociais digitais



Fonte: DAHMER (2014).

2.2 SOCIALIZAÇÕES EM REDE: EXPERIÊNCIAS JUVENIS E CIBERCULTURA

Emblemática por seu caráter plurifacetado, a internet como espaço de vivências pode ser caracterizada por uma tessitura sociocultural (material, simbólica e imaginária) multiforme. Torna-se cada vez mais notável a extensão da presença das tecnologias de comunicação e informação em múltiplas dimensões da vida. O universo online é domínio privilegiado da experiência contemporânea, principalmente juvenil. Pesquisas sobre as interfaces entre internet e escola (SIBILIA, 2012; SALES, 2010; PEREIRA, 2010), web/cidade (LEMOS, 2004), expressividades e arte (EUGENIO, 2012; DIÓGENES, 2013), movimentos sociais e redes online (CASTELLS, 2013b), entre outras interposições, vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos. No ciberespaço, há alcance de múltiplas dobras da esfera pública, da cidade, das instituições, dos grupos e coletivos e das vivências pessoais.

A contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social, numa rede que é simultaneamente global e local, genérica e personalizada, num padrão em constante mudança. O processo de construção de significado caracteriza-se por um grande volume de diversidade. (CASTELLS, 2013b, p. 14).

A extensão da internet é evidenciada por dados. Em 2013, uma pesquisa sobre uso das tecnologias de informação e comunicação realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil apontava que 49% dos domicílios brasileiros tinham computadores, o que significa 30,6 milhões de casas com computadores de mesa, notebooks ou tablets¹⁹. Quarenta e três por cento das residências brasileiras tinham acesso à internet no mesmo

¹⁹ “A pesquisa teve como objetivo medir o acesso e o uso da população brasileira em relação às tecnologias de informação e comunicação. A pesquisa citada foi realizada entre setembro de 2013 e fevereiro de 2014 com 16.887 entrevistas realizadas em 350 municípios. [...] Criado em 2005, o **Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (CETIC.br)** é o departamento do NIC.br responsável pela coordenação e publicação de pesquisas sobre a disponibilidade e uso da Internet no Brasil. O Núcleo de Informação e Coordenação do Ponto BR é uma entidade civil, sem fins lucrativos, que desde dezembro de 2005 implementa as decisões e projetos do Comitê Gestor da Internet no Brasil. Esses estudos são referência para a elaboração de políticas públicas que garantam o acesso da população às Tecnologias da Informação e da Comunicação (TICs), assim como para monitorar e avaliar o impacto socioeconômico das TICs”. Cf.: CENTRO DE ESTUDOS SOBRE AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO (CETIC). Disponível em: <<http://www.cetic.br>>. Acesso em 20 abr. 2014.

ano, já em 2008 a porcentagem era de 18%. É notável o largo crescimento no uso de computadores e internet, mas essa ampliação é também marcada por desigualdades múltiplas. Há uma enorme assimetria na taxa de acesso a computadores e internet, quando comparamos as faixas etárias, por exemplo. A pesquisa revela que a maior porcentagem de usuários da rede mundial de computadores é composta por jovens. Setenta e cinco por cento dos sujeitos com idades entre 10 e 15 anos e 77% com idades entre 16 e 24 anos são usuários frequentes da web. A proporção cai para 33% entre os indivíduos com idade entre 45 e 59 anos e 11% dos sujeitos com mais de 60 anos²⁰.

O processo de crescente digitalização pode ser “caracterizado, sobretudo, por uma ampliação dos lugares em que nos informamos, em que, de alguma forma, aprendemos a viver, a sentir e a pensar sobre nós mesmos” (FISCHER, 1997, p. 62). Se, para muitos, a iniciação e vivência no ciberespaço é uma grande novidade nas formas de se constituir, relacionar, conhecer e aprender; para as gerações que nascem em meio a essa “tecnologia”, o tom de inovação parece menos presente e a rede faz parte de sua rotina. A fala de um jovem registrada em minha pesquisa de mestrado²¹ aponta a inerência dos computadores e da internet ao cotidiano: “*Estar na net é obrigatório... é igual ter geladeira, fogão! Uma coisa que num tempo atrás era luxo...*”. Ele classifica os computadores como tão populares quanto outros eletrodomésticos, talvez não funcionando como marca de distinção. A afirmação está em consonância com algumas teorizações sobre o uso do termo tecnologia para identificar computadores e as técnicas de comunicação digital. Alan Kay, um dos pioneiros da ciência da computação, diz: “Tecnologia é tecnologia somente para aqueles nascidos antes de ela ser inventada”. (KAY apud NICOLACI-DA-COSTA, 2006, p. 20).

²⁰ “Há uma enorme assimetria na taxa de acesso a computadores e internet, quando comparamos as cidades brasileiras, por exemplo. O Mapa da Exclusão Digital da FGV foi produzido a partir dos microdados do Censo/IBGE 2010. Em 2011, São Caetano do Sul (SP) é a cidade campeã, com 77,62% dos domicílios com computador e 74,07% com acesso à internet. Já a cidade de São Lourenço do Piauí (PI) é a última colocada no ranking brasileiro, com índices de 0,43% da população com acesso a computador em casa e 0% de acesso à internet. Já em Belo Horizonte (MG), 67,17% dos domicílios têm computador e 59,39% têm acesso à web. Esses índices posicionam a capital mineira na 13ª e 12ª posição em um ranking com todos os 5565 municípios brasileiros. NERI, Marcelo (Coord.). Mapa da inclusão digital. Rio de Janeiro: Centro de Políticas Sociais / FGV, 2012. Disponível em: <<http://www.cps.fgv.br/cps/telefonica>>. Acesso em 10 jan. 2012.

²¹ REIS, Juliana Batista dos. **O bairro está online?** Vivências e sociabilidade(s) juvenis em um bairro da região metropolitana de Belo Horizonte. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos, SP, 2009. Trabalho etnográfico realizado na cidade de Contagem com jovens usuários de *lan house* sob orientação de Luiz Henrique de Toledo e Juarez Dayrell.

Uma ampla variedade de dispositivos, não apenas computadores e celulares, mas também carros, televisores, máquinas de lavar, geladeiras, entre outros eletrodomésticos, permitem conexão na web e entre eles. Há uma ampliação das conexões entre as pessoas e os objetos e entre objetos e objetos, transformando as configurações das relações de comunicação, vinculação e interdependência entre humanos e não humanos (LATOURET, 2012). (Quase) tudo e todos estão conectados! A internet favorece uma multiplicidade de expressões, coletivas e singulares. Assim como muitos indivíduos mantêm e alimentam seus perfis em sites e redes sociais digitais, uma diversidade de organizações sociais e instituições (escolas, universidades, empresas etc.) também sustentam perfis oficiais na rede²².

Nesse sentido, ao conceber a socialização como um “processo incessante de se fazer, de se desfazer e se refazer a partir das relações sociais” (VICENT, 2004 apud SETTON, 2009, p. 296), compreender como se instauram e se desdobram tais relações na rede mundial de computadores é tarefa a ser realizada no contexto de ampla vivência on-line. A partir da conceituação de Pierre Lévy (1999) para os termos ciberespaço e cibercultura, se evidencia a necessidade de abrangência do universo online e digital como matriz de socialização, pois:

O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (p.17)

A partir do adensamento de relações humanas construídas e mantidas na rede mundial de computadores, convém também problematizar em que medida se reconfiguram os modos socialização e individuação. Sensações de intimidade, privacidade, exposição, segredo, confiança e controle assumem outros contornos. Coerente com a sociologia do indivíduo; é a partir do foco em determinados sujeitos

²² Uma pesquisa recente revelou que, das 25 maiores empresas do Brasil, 88% delas utilizam ao menos uma das redes sociais analisadas (Twitter, Facebook, Youtube, Google Plus e blogs) como forma de comunicação. Cf: 88% das empresas estão nas redes sociais. 16 jan. 2013. **Meio e Mensagem**. Disponível em: <<http://goo.gl/MyQtd8>>. Acesso em 20 jan. 2013.

que busco compreensões sobre as relações e vivências construídas na web, entrelaçadas com outras experiências na família, no trabalho, na trajetória escolar, nas relações com a cidade. Afinal, são os sujeitos os tecelões dessas relações.

Todavia, apesar de um tema de investigação relativamente recente, reincidentem – tanto em parte da comunidade acadêmica como no senso comum – reações negativas aos meios de comunicação, desde as velhas mídias (como a TV, seus programas e novelas) quanto às chamadas novas mídias. Compreensões que recaem em preocupações de ordem moral e numa suposta desumanização viabilizada pela web. Recentemente, a constatação de que “redes sociais estão deixando as pessoas menos humanas” foi feita pela socióloga norte-americana Sherry Turkle, que considera que os indivíduos têm se tornado mais solitários no contexto digital.²³

Figura 3 – Charge sobre a internet/solidão



Fonte: DAHMER (2014).

Algumas problematizações fundamentais se fazem ainda pouco presentes quando se ignoram as apropriações juvenis e (re)significações dadas às tecnologias de informação e comunicação. Considerando que a juventude se constitui como uma condição social e, ao mesmo tempo, um tipo de representação (PERALVA, 1997), talvez haja uma tendência atual em representá-la socialmente como isolada e egocêntrica em vistas da intensa vivência online. Mais uma vez, Nobert Elias (1994, p. 8) contribui com a ponderação de que “o repertório completo de padrões sociais de autorregulação que o indivíduo tem que desenvolver dentro de si, ao crescer e se transformar num indivíduo único, é específico de cada geração [...]”, por isso a

²³ Alone Together, ainda sem publicação em português, é o título do livro da autora.

necessidade de compreensão das práticas e relações no contexto do ciberespaço, do ponto de vista dos jovens.

Na conjuntura contemporânea de crescente conexão com a rede, edificam-se novas formas de sensibilidades e afetividades, marcadas (ou não) por aspectos como efemeridade e solidão. Faz-se necessário compreender como os sujeitos recorrem ao uso das tecnologias digitais de forma particular ou inovadora na abordagem e agenciamento do outro e nas construções de si próprio. Desse modo, avistar as costuras nos entrelaçamentos dos modos de interação em contexto on e off-line torna-se indispensável. Importante pontuar a escolha por tratar a sociabilidade mediada por computadores e aquela ocorrida em co-presença usando os pares on/off-line ao invés de virtual/real, já que,

o par de virtual/real coloca em oposição esses termos, e o que se constata é que as interações ocorridas no universo dito virtual são bastante reais e, muitas vezes, se pautam na sociabilidade off-line e vice-versa. Considerando ainda que ambos os espaços se influenciam, convivem e pautam a sociabilidade que se desenvolve em cada um deles, não são, portanto, compartimentados, mas imbricados. (PELÚCIO, 2005, p. 220).

Mesmo que para indicar o formato da interação (mediado ou não por computadores) on/offline sejam categorias mais usuais nesse texto, é necessário ressaltar que tais agenciamentos mostram-se diluídos e incorporados nas experiências observadas. Há um perigo em decompô-las e destinar um olhar muito distinto para as experiências em cada contexto (on/off) sem se dar conta das imbricações ou da condição de contaminação recíproca. “Agenciamentos ‘reais’ e ‘virtuais’ organizam-se em esquemas de retroalimentação, incorporam-se uns nos outros, interpenetram-se, de modo que faz pouco sentido tentar separá-los em intercursos de naturezas distintas, quando o que se verifica é que eles acumulam para significar”. (ALMEIDA; EUGENIO, 2006, p. 58). As dimensões da socialização face a face (ou off-line) são muitas vezes permeadas pela sociabilidade designada como on-line. Não é preciso estar com o computador ligado para estar on-line. De fato, cada um está sempre ligado à sua rede de relações e falar sobre internet nos encontros face a face é também assunto que mobiliza os sujeitos.

É importante alcançar a arquitetura mais ampla da internet, em seus ambientes e sites, já que, como nos alerta Castells (2013a; 2013b), essas são plataformas de interação online de influentes corporações de mídia, fontes decisivas de construção do poder na contemporaneidade. As redes financeiras e as multimídias globais estão intimamente ligadas com o interesse de “controlar a capacidade de definir as regras e normas da sociedade mediante um sistema político que responde basicamente a seus interesses e valores” (p. 16). Entretanto, é o próprio autor que vislumbra que a autocomunicação de massa fornece algumas possibilidades de autonomia dos usuários, individuais e coletivos. O autor destaca que as redes sociais digitais “oferecem a possibilidade de deliberar sobre e coordenar as ações de forma amplamente desimpedida” (CASTELLS, 2013b, p. 19)²⁴.

Diante de múltiplas plataformas, meios e recursos de comunicação na web; são as chamadas redes sociais [digitais] as mais populares nas vivências cotidianas juvenis. Facebook, Twitter, Instagram e YouTube são as mais usadas na atualidade e Orkut, Myspace e Fotologs perderam espaço entre os usuários nos últimos anos²⁵. Há uma dinâmica semelhante que opera nessas plataformas digitais em que os/as usuários constroem e mantêm uma conta/perfil que se vincula a outros/as usuários/as. O perfil, que concebe e incorpora o usuário nessas redes, é construído através de um

²⁴ Em O poder da comunicação, Castells (2013a) desenvolve um denso estudo sobre as relações de poder na sociedade em rede. Em uma dinâmica social em que o poder se concentra nas mãos dos “programadores” (governo, parlamento, estabelecimento militar e de segurança, finanças, mídia, instituições de ciência e tecnologia etc.) e dos “comutadores” (barões da mídia introduzidos na classe política, elites financeiras, elites políticas, empresas de mídia interligadas a empresas financeiras, instituições acadêmicas financiadas por grandes empresas etc.); Castells chama a atenção para o contra-poder e a possibilidade de os cidadãos reprogramarem as redes em torno de outros interesses e valores.

²⁵ Facebook e Orkut são sites de redes sociais digitais que permitem aos usuários a criação de perfis que se conectam a outros perfis. Ambos foram criados em 2004. O Orkut era a plataforma mais usada no Brasil até 2011, quando o Facebook assumiu a posição de rede mais popular no país. Aliás, no momento de finalização da tese, o próprio Orkut anunciou que sairá do ar em setembro de 2014. O Myspace é um espaço predominantemente usado por grupos musicais e cantores que disponibilizam músicas, agenda de shows etc., além de estabelecerem rede social entre si e entre os fãs. Atualmente, o Soundcloud, mais popular tem sido usado para os mesmos propósitos. Os Fotologs se constituem num local de exibição diária de fotos, plataforma muito usada no começo dos anos 2000. O YouTube é um site que permite o compartilhamento de vídeos. Messenger ou MSN foi um programa de mensagens instantâneas que permitia conversas em tempo real. Pelas caixas de diálogo, os usuários podem, além de se comunicar teclando, compartilhar e visualizar fotos, trocar arquivos, conversar por voz (por microfone e câmera), entre outros recursos. Hoje o MSN está acoplado ao Skype, um comunicador de voz. O Twitter é uma espécie de micro blog em que os usuários podem postar mensagens com até 130 caracteres cada uma. As contas estão interligadas e acompanha-se o conteúdo postado a partir de uma lógica dessa rede que se expressa pelo recurso *follow*, pelo qual é possível seguir todo o conteúdo publicado. Instagram é uma rede de compartilhamento de imagens e fotografias.

procedimento de personalização naquele espaço onde, ao expor suas preferências, vídeos, imagens e outros recursos, o usuário passa a existir enquanto pessoa no contexto da plataforma “adensando sua presença” (ALMEIDA; EUGÊNIO, 2006). Parece haver uma maximização dos indivíduos através de ferramentas on-line que possibilitam uma exposição de atributos pessoais de suas vivências nos múltiplos espaços pelos quais circulam e expõem na rede. As páginas ou perfis sociais estão em constante e diária construção. O imperativo da visibilidade opera através da narração de múltiplas experiências e da construção de si (SIBILIA, 2008), dinâmica cotidiana de muitos/as que se conectam nas redes sociais da internet. Parafraseando Erving Goffman [1922-1982], há uma constante “representação do eu na vida cotidiana” online.

Pode-se dizer que os ambientes virtuais se configuram como locais em que diferentes sujeitos, a maioria jovens, constroem a si mesmos. Composições que combinam a participação em uma variedade de comunidades ou grupos que auxiliam na identificação dos gostos dos usuários e na publicação de atributos, vontades, desejos pessoais que são compartilhados com outros. Uma premissa em diferentes plataformas na web é a personalização. Para fazer parte das redes sociais digitais, é necessário se construir on-line, ou seja, desenvolver na rede um “perfil” ou página pessoal com múltiplos elementos para composição.

Em diferentes condições socioeconômicas e geoespaciais, grupos juvenis bastante distintos estão interligados e integrados numa fórmula bastante comum referenciada em elementos da web. Os *cosplayers*, estudados por Winterstein (2009), amantes de mangás (histórias em quadrinhos) e animes (desenhos animados), que se caracterizam eventualmente como personagens dos desenhos, têm a internet como ambiente intrínseco no processo de fabricação da pessoa *cosplayer*. Grupos góticos estudado por Bourdoukan (2007), em São Paulo, também referenciam sua rede de relações em locais particulares da web, configurando “pedaços virtuais”, metáfora usada pela autora a partir do conceito clássico de Magnani (1994)²⁶ para denominar espaços na rede mundial de computadores com códigos particulares compreendidos e compartilhados entre os membros da cena gótica. Jovens pichadores em Fortaleza,

²⁶ “A noção de ‘pedaço’, elaborada a partir de pesquisas em bairros de periferia, aponta para a existência de um espaço social que se situa entre a esfera da casa e a da rua. Com base em vínculos de vizinhança, coleguismo, procedência, de trabalho, estabelece uma forma de sociabilidade mais aberta que a fundada em laços de família, porém menos formal e mais próxima do cotidiano que a ditada pelas normas abstratas e impessoais da sociedade mais ampla” (MAGNANI, 1994).

investigados por Glória Diógenes (2014), buscam visibilidade de suas marcas entre as dobras da cidade e do ciberespaço. Assim, “os usos possíveis das ferramentas proporcionadas pela internet são tão diversos quanto os investimentos subjetivos que podemos encontrar nas sociedades contemporâneas” (ALMEIDA; EUGENIO, 2006, p. 63).

Frente às incontáveis possibilidades de peças para a arquitetura da experiência virtual, na construção de sujeitos, comunidades e agrupamentos online, no ciberespaço podemos (re)configurar o social e o individual; aglutinar pessoas aliadas por uma variedade de coletivos referenciados em qualidades, preferências, espaços, pertencimentos e gostos. Assim, diante de duas possibilidades de olharmos as culturas juvenis, “através das socializações que as prescrevem ou das suas expressividades (performances) cotidianas” (2006, p. 7), José Machado Pais (2006), a partir da conceituação dos espaços “lisos” e “estriados” de Deleuze e Guattari (1997), propõe

Nos atuais estatutos de passagem da adolescência para a vida adulta, os jovens adaptavam-se às formas prescritivas que tornavam rígidas as modalidades de passagem de uma a outra fase da vida. Diríamos, então, que essas transições ocorriam predominantemente em espaços estriados. No entanto, entre muitos jovens, as transições encontram-se atualmente sujeitas às culturas performativas que emergem das ilhas de dissidência em que se têm constituído os cotidianos juvenis. Ou seja, as culturas juvenis são vincadamente performativas porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe. (PAIS, 2006, p. 7).

Portanto, pode-se imaginar que a internet, como um espaço liso, performativo ou “espaço de patchwork” (PAIS, 2006), viabiliza múltiplas configurações socializadoras e está também aberta à composição de singularidades. Entendo que o ciberespaço é via de acesso privilegiado dos modos de socialização e individuação juvenis entrelaçadas em múltiplas instâncias. A internet é vetor transversal no cotidiano juvenil, uma dimensão que pode estar tangenciada de diversas maneiras, inclusive combinada a espaços estriados (como a família, a escola, o trabalho). Assim, “a tela tornou-se o ‘local’, o domínio privilegiado da experiência a partir do qual se estabelecem as interações comportamentais e discursivas” (ALMEIDA; EUGENIO, 2006, p. 49). Além disso, se os indivíduos são fruto de uma série cada vez mais contingente de experiências de socialização, a singularidade se coloca como uma evidência, mas principalmente como caminho de análise desta pesquisa (MARTUCCELLI, 2010b). Partindo do

entendimento de que “são os próprios indivíduos quem tecem as redes de sentido que os unificam em suas experiências de socialização” (SETTON, 2009, p. 297); na análise empírica busco vivências e narrativas que elucidam formas de socialização/individuação dos sujeitos em seus “multipertencimentos” (VELHO, 2006). Afinal, uma “sociologia dos indivíduos” ou

a sociologia da experiência social só pode ser uma sociologia dos actores. Ela estuda representações, emoções, condutas e as maneiras como os actores as explicam. [...] Importa então estudar a subjectividade do actor e a sua actividade. Não se trata de analisar só as suas representações, mas também os seus sentimentos e a relação que ele constrói com ele mesmo. (DUBET, 1994, p. 262-263).

Como se constroem jovens sujeitos singulares envolvidos por múltiplas vivências? Plataformas e recursos online podem servir como suportes para individuação? Como e em que medida o ciberespaço, o território de moradia, as vivências familiares, as trajetórias escolares e de trabalho se entrelaçam? Como se constroem os sujeitos e suas relações de trabalho, escolarização, atravessados (ou não) pelo contexto de práticas e vivências rotineiras no ciberespaço? E finalmente, qual o trabalho sobre si que os jovens efetuam para fabricarem-se como autores de suas experiências?

Diante de tais problematizações, a perspectiva de desenvolver um trabalho etnográfico e biográfico pode viabilizar um olhar mais sensível sobre os usos e sentidos da internet, “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), do ponto de vista dos jovens sujeitos de pesquisa, sem perder de vista as experiências juvenis em outras práticas socializadoras.

3 ENTRE PONTOS, FIOS E CONEXÕES: PERCURSOS E DESLOCAMENTOS NA PESQUISA

Neste capítulo, ao problematizar as tessituras da construção da pesquisa, busco “trazer para o primeiro plano o próprio ato de compor relatos” (LATOUR, 2012, p. 180). A pesquisa, como enredamento de encontros com jovens interlocutores/as, foi fruto de muitos fios, conexões e (des)vinculações, nós feitos e desprendidos. A composição textual desta tese abriga alinhavares e descosturas, portanto, escolhas, renúncias, ajustes e combinações diante da densa composição de plurais narrativas juvenis acompanhadas na pesquisa empírica, principalmente através das entrevistas biográficas e da etnografia online. Apresento aqui algumas problematizações sobre o encontro com jovens interlocutores/as, a centralidade de uma abordagem metodológica que privilegiou a biografização das experiências e os alcances de uma etnografia online.

Nesse fiar, busquei um esforço prévio e permanente (no trabalho de campo, na interpretação das entrevistas e na produção textual) em alcançar uma constante ampliação do olhar sobre os entrelaçamentos produzidos pelos/as próprios/as jovens entre seus processos de socialização e individuação e sobre as particulares relações com a internet. O exercício de escutar relatos de vida e acompanhar postagens digitais demandou decompor para melhor compor, uma aprendizagem de desmontagem e montagem, ou seja, um trabalho processual de bricolagem da pesquisa (PAIS, 2001; LÉVI-STRAUSS, 1989).

A ideia de uma rede que se tece por diferentes fios e condutores vem se delineando como metáfora para compreensão dos mundos juvenis enredados em diferentes espaços e processos. A mesma imagem é condizente com o próprio processo de pesquisa, que pouco se aproxima de uma trajetória unidimensional. Afinal, “projeto de pesquisa, trabalho de campo e texto etnográfico não são fases que se concatenam sempre nessa ordem e de forma linear. Na prática, essas etapas são processos que se comunicam e se constituem de forma circular ou espiral” (SILVA, 2006, p. 27).

3.1 EM BUSCA DE INTERLOCUTORES - DAS INSTITUIÇÕES AOS INDIVÍDUOS

Juventude, periferia e internet sempre foram dimensões presentes na pesquisa desde o projeto inicial. Desejava encontrar jovens moradores/as de um território periférico circunscrito, usuários/as rotineiros da internet e alcançar a multiplicidade de maneiras pelas quais vivenciavam o ciberespaço em sua instância socializadora. Por isso, considerava pertinente eleger uma região da periferia de Belo Horizonte, visto que, entre os objetivos da investigação, buscava conexões entre territorialidades da cidade e a web, os imaginários e a concretude de uma periferia na/da rede, a partir de vivências e expressividades juvenis. Ou seja, a partir do ponto de vista de jovens, eu pretendia compreender experiências urbanas, representações e narrativas sobre o espaço de moradia na dupla dimensão on/offline.

Geralmente, nas etapas estabelecidas pelos manuais de metodologia, o trabalho de campo é etapa intermediária entre o projeto de pesquisa e a análise. Essa concepção linear da produção nem sempre condiz com seu desenvolvimento. O campo não é somente a nossa experiência concreta no chão da pesquisa, o campo (no sentido amplo do termo) também se constrói através dos livros que lemos e de outras experiências. (SILVA, 2006). Por isso, assumindo o caráter provisório, parcial e inventivo da investigação, meu encontro com jovens e autores/as, contribuiu na redefinição da dimensão mais central desta pesquisa, a transversalidade dos modos de socialização e individuação contemporâneos. Internet e território foram, sobretudo, pontos de partida, mas permaneceram como dimensões relevantes na análise.

Há um tempo, uma série de trabalhos já apresenta uma multiplicidade de maneiras na apreensão da dinâmica das cidades focalizada nos bairros periféricos, nas práticas, sociabilidades ou vivências e representações de seus moradores. Tais produções, orientadas pelo método etnográfico, evidenciam narrativas de vida que revelam a heterogeneidade das regiões periféricas, em sentidos simbólicos e materiais, desmistificando e contestando caracterizações homogeneizantes (HEILBORN, 1984; MAGNANI, 1984; CALDEIRA, 1984, entre outros). Tal heterogeneidade de experiências e representações pode também ser investigada no contexto online²⁷.

²⁷ Em minha pesquisa de mestrado, percebi como o pertencimento territorial marca plurais experiências na internet (REIS, 2009).

A escolha pelo Aglomerado da Serra como território delimitado para o trabalho de campo se deu em função de aspectos estratégicos: a facilidade de acesso ao bairro, localizado na regional centro-sul de Belo Horizonte, e o conhecimento prévio de pessoas que poderiam ser intermediárias nos contatos iniciais com jovens cujo modo de vida ressoavam minhas buscas.

Em uma inicial incursão de trabalho de campo no ciberespaço, pude explorar digitalmente o Aglomerado, visualizá-lo em mapas e por visitas panorâmicas²⁸. Busquei informações sobre o Aglomerado na web, em diferentes sites e plataformas de redes sociais digitais. O território estava visível em portais de notícias jornalísticos e em plataformas como o Facebook e o YouTube. Encontrei comunidades e grupos virtuais construídos em referência à Serra. No próximo capítulo, apresento o Aglomerado como relevante espaço de socialização e expressivo marcador identitário da experiência on e offline dos/as jovens pesquisados/as.

De início, esperava que algumas instituições presentes no Aglomerado (escolas, ONGs e projetos socioeducativos) pudessem ser uma ponte para a aproximação com possíveis interlocutores/as. Fiz algumas visitas nesses espaços, explicando a intenção de encontrar rapazes e moças com acesso diário à internet e esclarecendo que não havia como objetivo compreender aquele projeto/programa/ação nem mesmo realizar observações naqueles espaços. Entretanto, essas primeiras aproximações não me renderam encontros com possíveis interlocutores jovens.

Optei por procurar um programa fora do Aglomerado, que realiza a “formação de jovens com as novas tecnologias”. O OiKabum! é um dos núcleos do Plug Minas, um centro de formação e experimentação digital do Governo de Minas que atende jovens de 14 a 24 anos, estudantes ou egressos de escolas públicas e residentes de toda cidade de Belo Horizonte²⁹. O núcleo OiKabum! realiza formação em linguagem multimídia, com cursos de design gráfico, vídeo, webdesign, computação gráfica e

²⁸ Por exemplo, o Google Street View é um recurso do Google que disponibiliza vistas panorâmicas em 360° de milhares de cidades do mundo. Algumas imagens serão apresentadas no próximo capítulo.

²⁹ O Plug Minas está localizado no bairro Horto, região leste de Belo Horizonte. Foi criado pela Secretaria de Estado de Cultura, em parceria com a Secretaria de Estado de Esportes e Juventude. A gestão do projeto é feita por uma Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP). Os núcleos são: Valores de Minas, OiKabum!; Empreendedorismo Juvenil; Amigo do Professor; Inove – Jogos Digitais e Caminhos do Futuro. Cf. em: PLUGMINAS. Centro de Formação e Experimentação Digital. Disponível em: <<http://www.plugminas.mg.gov.br>>.

fotografia, promovendo atividades por meio da arte, comunicação e novas tecnologias. Tive acesso à lista de jovens participantes e egressos da OiKabum! e à informação sobre seus bairros de moradia. Diante cerca de 80 nomes, 20 eram residentes das vilas do Aglomerado da Serra. A coordenação do núcleo se dispôs a convidar esses/as jovens para uma conversa comigo na OiKabum!. Seis pessoas, um rapaz e cinco moças, compareceram ao encontro, em que falei sobre a pesquisa e sondei o interesse pela participação. Mostraram-se interessadas/os e combinamos um encontro no Aglomerado.

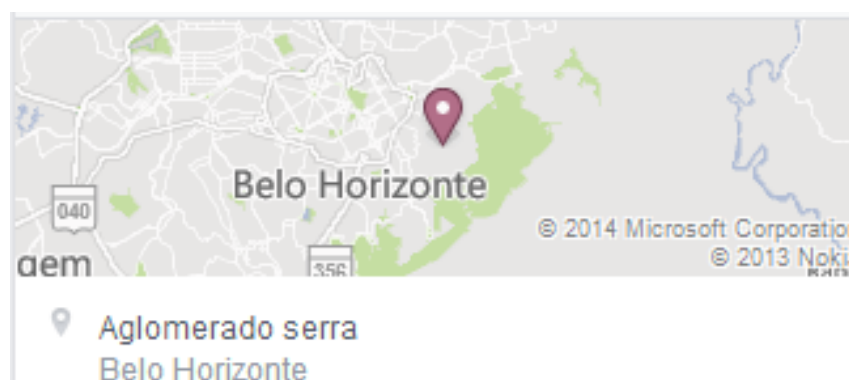
No dia combinado, apenas umas das jovens, Beatriz, apareceu. Durante uma tarde, ela foi me guiando por diversos locais no Aglomerado, particularmente na Vila Marçola, destacando referências de escolas, equipamentos públicos, comércios, becos e ruas. Beatriz, apesar de muito articulada e interessada pela produção audiovisual, principalmente; não usa a internet com frequência. Naquela ocasião, ela disse que sua relação com a web era basicamente para pesquisas escolares e acesso ao e-mail. Apesar de manter uma conta no Facebook, a jovem pouco usa a plataforma. Circulei alguns dias pelo Aglomerado sem acompanhantes, momentos que potencializavam a ansiedade que caracterizam o trabalho de campo.

Avaliei que não haveria maneira mais pertinente de (re)conhecer sujeitos para a pesquisa do que pela própria internet e me aventurei por uma estratégias de aproximação online. No Facebook, busquei o termo “Aglomerado da Serra” e, entre os resultados, encontrei dois grupos: Moro no Aglomerado da Serra e Amigos do Planeta Aglomerado da Serra³⁰. Pedi para ser adicionada aos grupos e passei a acompanhar as postagens. Os grupos funcionam como um espaço de divulgação de diversas atividades, debate de assuntos variados e de encontro dos/as moradores/as. Fui observando jovens que faziam postagens constantes nos grupos e passei a acompanhá-los/as através dos seus perfis pessoais.

³⁰ “Grupo” é um recurso da plataforma que reúne pessoas com interesse comum. Qualquer usuário pode criar um grupo e convidar amigos para que participem. Os grupos podem ser abertos (público – qualquer outro usuário não membro pode acompanhar o conteúdo); fechado (qualquer pessoa pode ver o grupo e quem são os membros, mas apenas quem faz parte do grupo pode ver as publicações; é preciso autorização para ingressar) e secreto (somente os membros do grupo podem ver o grupo, quem são os membros e as publicações).

Essas observações virtuais me sinalizavam outras plurais referências da experiência online de cada um/a, com publicações em suas “linhas do tempo”³¹ em que se destacavam dimensões como a família, o gosto musical, a participação em grupos, a reflexividade. As vivências e registros online também indicam vestígios de uma autobiografia. Nesse momento exploratório, notei como alguns/as jovens marcavam digitalmente seu local de moradia sinalizando-o com frequência em suas postagens: Aglomerado da Serra – ou mesmo postavam fotografias e reflexões sobre as vivências no Aglomerado, como será evidenciado no próximo capítulo.

Figura 4 – Identificação de localização no Facebook



Fonte: Captura de tela pela autora (2013).

Iniciei alguns contatos com jovens por meio de mensagens privadas pelo Facebook. Assim, comecei a tecer uma rede online de pesquisa:

Oi, Cláudia! Peço licença pra chegar aqui na sua página e me apresentar. Temos muitos amigos em comum... Meu nome é Juliana e sou do Observatório da Juventude da UFMG, um grupo da Faculdade de Educação. A Larissa e o Miguel que são seus amigos me falaram de vc e por isso tb estou fazendo contato. Estou fazendo uma pesquisa sobre vivências de jovens com a internet, querendo entender como as experiências de vida de diferentes jovens se envolve com a rede (seja o trabalho, amizades, grupos, o bairro, etc...)

Tenho buscado o contato com alguns/algumas jovens da Serra... O Durico, que vc deve conhecer, está participando... Por isso, gostaria de convidá-la. Se achar conveniente, podemos nos encontrar pra trocar uma ideia, esclarecer como seria a participação, dúvidas e tal... E

³¹ A chamada “linha do tempo” é o espaço em que cada usuário do Facebook registra suas atividades na rede. Preferências musicais, livros, programas de TV, opções “curtir”, lugares visitados, postagens de amigos/as, participações em evento. Enfim, todas as ações do usuário no Facebook estão registradas na “linha do tempo”, que é organizada cronologicamente.

pode também perguntar o que quiser por aqui, antes de um encontro. Ou ainda, se quiser pode me passar seu tel que te ligo e conversamos Muito obrigada, abraço, Juliana

Nessa dinâmica, contatei dez jovens. Todos responderam prontamente ao meu convite inicial, mostrando interesse na participação, mas nem sempre os encontros face a face se concretizaram. Assim, “a experiência mostra que o próprio campo condiciona o que observar e a quem” (SILVA, 2006, p. 39). Alguns contatos e conversas se ativeram à ambiência online. Encontrei-me presencialmente com seis jovens. Eles não constituem um grupo e moram, inclusive, em diferentes vilas do Aglomerado. Nesses primeiros encontros, sinalizava meu interesse em perceber a singular experiência online de cada um/a imbricada a outras instâncias da vida, particularmente a família e as trajetórias escolares e de trabalho. Esse percurso de pesquisa possibilita o debate da internet como campo e instrumento de investigação nas Ciências Humanas³². Estudos de caráter antropológico, sobretudo etnográficos, têm se mostrado sensíveis à reflexão sobre a investigação na internet.³³

Particularmente, nesta tese, dada a própria natureza de seu objeto, é difícil separar o exercício de pesquisa em dois momentos distintos: uma prática face a face e outra mediada pelas tecnologias digitais. Dessa forma, ignora-se o caráter de interdependência entre essas esferas de vivência tanto na pesquisa como na experiência dos/as jovens. Contudo, não se podem negar especificidades nas estratégias e recursos usados para construir a pesquisa. Reconheço como premissa as íntimas relações on e offline. Por exemplo, temas de conversas face a face são muitas vezes determinados por conteúdos digitais, assim como postagens em redes digitais se referem, constantemente, aos encontros presenciais. Mas, há características particulares na pesquisa etnográfica online, como a possibilidade de alcançar e rastrear rapidamente um grupo ou comunidade de pessoas que se identifica com um território, estilo musical ou qualquer outra preferência.

³² Convém problematizar que o espaço de pesquisa on-line mostra-se como uma novidade no trabalho de campo que oferece dados de natureza pública. Na medida em que as informações estão disponíveis na internet, elas podem ser conferidas, acrescentadas ou mesmo questionadas por outros sujeitos.

³³ A Associação Brasileira de Antropologia (ABA), em sua 27ª reunião, contou com um Grupo de Trabalho denominado Uma antropologia do ciberespaço e no ciberespaço, que privilegiou as reflexões sobre a prática de trabalho de campo online e a experiência etnográfica. Destaco o interessante trabalho de Glória Diógenes, que mantém um blog como caderno de campo online de pesquisa sobre arte urbana. Cf. ANTROPOLOGIZANDO: Arte Urbana e Graffiti em Lisboa. Disponível em: <www.antropologizzando.blogspot.com.br>. Acesso em: 03 jan.2014.

Mas, vale destacar que estabelecer relações de pesquisa em contexto online e presencial encerra similaridades. Por isso, sobre o instrumento da observação, em ambas as situações, acentua-se que “qualquer pesquisa é já uma relação social na qual o observado observa também o observador”. (DUBET, 1994, p. 236). Se, no encontro de pesquisa presencial, as características pessoais (cor da pele, cabelos, roupas, timbre da voz etc.) abarcam o contato, na web, muitas características também estão expostas. Ao abordar os jovens pelas redes digitais, me colocava à vista, exibindo informações sobre meus gostos, preferências, registros fotográficos, minha rede de amigos, minha vinculação universitária etc. O entendimento de que o contato online pode ser menos constrangedor é ilusório. As lógicas de interação digital também têm códigos, “modos de ser”, posturas julgadas como apropriadas ou não.

Ao longo da pesquisa, travei muitas conversas através de mensagens do Facebook e entrevistei individualmente seis jovens. Com uma proposta de entrevista narrativa que versava sobre as experiências na família, trabalho, escola, bairro e internet, busquei conduzir esses encontros pela informalidade, e encontrei jovens muito dispostos/as a contar sobre suas experiências. As entrevistas foram para mim momentos de forte relação social, ou como diz Bordieu (1997), uma forma de exercício espiritual em que “se realiza uma conversão do olhar sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida, pelo esquecimento de si por uma disposição acolhedora em que o pesquisador se inclina a fazer seus os problemas do pesquisado.” (P. 704). Com a questão gerativa inicial (“queria que me contasse um pouco de você”) buscava uma narração dos sujeitos em que eles/as pudessem falar de si. Enfim, a proposta era que os/as jovens falassem sobre suas experiências e no decorrer da conversa introduzi questões sobre suas vivências socializadoras. Emergiram outros temas da experiência particular de cada um/a.

Optei por um caminho teórico-metodológico que privilegiasse compreensões sobre o contemporâneo processo estrutural de singularização dos sujeitos (MARTUCCELLI; SINGLY, 2012) a partir de suas experiências múltiplas de socialização. Assim, orientada pela “sociologia do indivíduo”, elegi Durico e Cláudia

como jovens centrais na tese³⁴. A escolha é permeada por dimensões subjetivas; pela relação particular e cúmplice que estabeleci com ele e ela; pela intensa produção que exibem na internet bem como pelas diferenças de gênero, raça, escolaridade e configuração familiar. Desde a infância, são moradores de duas diferentes vilas do Aglomerado (Marçola e Cafezal). Quando nos conhecemos, ele tinha 22 anos e ela, 24; são educadores sociais, imersos em uma rede ampla de sociabilidade na cidade de Belo Horizonte e envolvidos com o universo cultural-artístico.

A pesquisa não se configura por uma dimensão comparativa entre as singulares experiências desse e dessa jovem e nem entre as suas experiências e a de outros/as jovens. A partir de suas narrativas (nas entrevistas biográficas e em ambientes online), o objetivo foi “explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência”. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524). Durico e Cláudia narraram sobre as provas que enfrentaram em suas histórias particulares e mostraram como constroem sua própria existência. Esse “trabalho dos indivíduos” constitui-se por singulares respostas que resultam da pluralidade de posições, recursos, habilidades e a contingente articulação que realizam no encontro entre suas experiências sociais e os ideais que os mobilizam. (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2012).

3.2 NARRATIVAS BIOGRÁFICAS MULTISSITUADAS – ENTREVISTAS E ACOMPANHAMENTO ONLINE

Na posição de acompanhar os/as jovens e “deixar expandir de maneira mais ampla e mais aberta possível o espaço da fala e das *formas de existência do narrador*” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 527, grifos da autora), a tarefa socioantropológica consistiu-se em buscar, entre os sujeitos pesquisados, a modulação de categorias que acabam por apontar para a “necessidade de relativizarmos expressões tão correntes no

³⁴ Realizei ao total 14 entrevistas que foram gravadas e transcritas. Habituei-me a enviar as entrevistas transcritas aos entrevistados/as anexando o arquivo nas mensagens privadas do Facebook. Nem todas são usadas nesta tese. O momento da qualificação da tese, com a presença da Prof.^a Graça Setton e do Prof. Luiz Alberto, foi determinante para a escolha desses dois sujeitos para um maior aprofundamento de suas múltiplas experiências socializadoras.

jargão das ciências sociais” e deixar sobrevaler outras categorias e esquemas de entendimento juvenis. (TOLEDO, 2007, p. 265). Estabelecer conexões entre as narrativas e as práticas juvenis com os esquemas conceituais acadêmicos foi tarefa fundamental ao exercício desta pesquisa. Se nas entrevistas busquei seguir os atores (DELORY-MOMBERGER, 2012), na rede busquei seguir seus rastros (LATOUR, 2012)³⁵.

Em *O nativo relativo*, Eduardo Viveiros de Castro (2002) coloca em debate as relações que se estabelecem no encontro etnográfico. O conhecimento antropológico é encarado como uma relação entre o/a pesquisador/a e aqueles/as que ele/a pesquisa. Os discursos desses/as interlocutores/as são práticas de sentido que precisam se relacionar para promover conhecimento. Para o autor, toda relação, inclusive no encontro etnográfico, possibilita transformações. Afinal, os sujeitos estão em relação conosco, pelo menos quando nós estamos em relação com os sujeitos (MELUCCI, 2005). Por isso, “este trabalho não fala dos jovens, mas fala dos jovens na sua relação com [a] pesquisadora[a], e vice-versa. É resultado de um modo de observar que é centrado nas relações”. (DAYRELL, 2005, p. 20). Afinal, como diz Viveiros de Castro (2005), em antropologia – e eu acrescentaria na pesquisa em ciências sociais –, “todas as relações são possíveis. Só uma é impossível: a ausência de relação”³⁶.

Diante da pressuposição de que “os procedimentos que caracterizam a investigação são conceitualmente da mesma ordem que os procedimentos investigados”, potencializar ao máximo o encontro entre práticas e discursos, conceber os/as jovens como dotados/as de reflexividade e teorizações próprias, lidar com a “capacidade de

³⁵ Possivelmente, aí reside uma importante contribuição da antropologia, particularmente, para os estudos do campo educacional, ou seja, a apreensão e incorporação de práticas e narrativas nativas na construção analítica da pesquisa com jovens. Nessa perspectiva, Heitor Frúgoli (2005) aponta nuances entre a sociologia e a antropologia nos estudos urbanos, por exemplo. O autor assinala a existência de muitas semelhanças entre as perspectivas antropológica e sociológica sobre as cidades e seus sujeitos, pelo fato de elegerem objetos ou fenômenos, a princípio, idênticos. Entretanto, apesar da similaridade do enfoque sobre um mesmo objeto, há distinções na abordagem de cada uma das disciplinas, “sobretudo quanto às sínteses particulares da relação entre teoria e pesquisa ou, mais especificamente, à forma de incorporar os impactos da pesquisa – **sobretudo a etnográfica** – na própria construção teórica”. (FRÚGOLI, 2005, p. 135 – grifos meus). Entretanto, neste trabalho não há intenção de hierarquizar a importância das disciplinas. Uma série de referências teórico-interpretativas pode ser categorizada como sociológicas e antropológicas. Todavia, há uma centralidade da prática etnográfica para a construção da pesquisa na tentativa de operar aproximações entre o universo e interpretações dos/as pesquisados/as com as teorias interpretativas.

³⁶ Conferência na UFMG em 18 de maio de 2005. Cf: Viveiros de Castro defende pensamento “indisciplinado” em conferência na UFMG. Universidade Federal de Minas Gerais. **Notícias**. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/001639.shtml>>. Acesso em: 17 abr.2013.

suportar a palavra nativa” (GOLDMAN, 2008, p. 8) e de “levar a sério” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) os/as jovens se construiu como aprendizado de pesquisa.

Em outros termos, esta investigação busca privilegiar o encontro da sociologia dos sociólogos com a sociologia dos atores (DUBET, 1994, p. 230). Mariza Peirano (1995) nomeia como “resíduos” certos fatos que resistem às explicações habituais na investigação e só veem à luz em virtude do confronto entre a teoria do/a pesquisador/a e as ideias dos/as pesquisados/as. Daí a possibilidade de buscar, através de uma espécie de “desvio etnográfico”, um “ponto de vista descentrado” (GOLDMAN, 2003). É esse encontro, na copresença, que provoca a alternativa de uma “solução não prevista”, “uma saída inesperada” como achados da pesquisa (MAGNANI, 2009). Nos encontros de pesquisa, um acontecimento fortuito pode lançar uma luz diferente sobre os dados e começamos a enxergar um padrão antes não visualizado. (FOOTE WHYTE, 2005).

As dificuldades, constrangimentos e embaraços enfrentados para a construção das relações de interlocução são expostos como parte da experiência do campo e marcam diversas situações em que fui “afetada” pela prática etnográfica (FAVRET-SAADA, 2005). Muitos afetos foram suscitados na “experiência vivida da alteridade” (GOLDMAN, 2005) e pude, em algumas ocasiões, experimentar (ou, me aproximar) de diversas sensações vivenciadas pelos/as jovens – a (in)tenso relação com a polícia, a tristeza pelo assassinato de um amigo, a excitação pela apresentação de um show de música etc. Para a construção de uma sociologia à escala individual, a relação de pesquisa com cada jovem era também individualizada. Por isso, para o desenvolvimento da pesquisa de campo, construímos encontros e relações particulares que exigiram um empreendimento de pesquisa muito singular com cada um/a.

Busquei desenvolver a prática e experiência etnográfica em contexto on e offline. Enquanto a prática é programada, contínua; a experiência é descontínua, imprevista. (MAGNANI, 2009). Enquanto “prática de pesquisa”, realizei com Durico e Cláudia três entrevistas, duas aconteceram em 2012 e a terceira em 2013³⁷. Durante o período em que estive em Portugal para o estágio de doutorado, de março a novembro de 2013, nos mantivemos conectados pelas redes digitais e mesmo em conversas pelo skype. Acompanhei suas postagens, principalmente no Facebook, e travamos inúmeras

³⁷ As entrevistas tiveram cerca de duas horas de duração cada uma e aconteceram em espaços que os/as próprios/as jovens escolheram.

conversas pelo recurso de mensagens privadas dessa rede digital. Convivemos dos anos de 2012 a 2014 em diferentes espaços e situações.

Categorizei todo material das entrevistas transcritas a partir de temas: Aglomerado da Serra/família/escolarização/trabalho/internet. Obviamente com uma prática de condução das entrevistas em que as experiências foram privilegiadas, outras variáveis surgiram. Há uma pluralidade discursiva dos relatos. Dimensões que emergem da singularidade de cada um/a, das compreensões sobre as vivências e o mundo que os rodeia. Alguns trechos li tantas vezes que quase pareciam decorados, depoimentos que me cativaram. Momentos densamente reflexivos para mim e também para eles, como me relatou Durico no momento em que lhe enviei a transcrição de nossa última entrevista *“depois da nossa ultima conversa muita coisa ficou bem esclarecida pra mim, na minha cabeça sabe? To amando muito todo esse processo e enxergar que o tanto que estamos (eu, vc, bh) crescendo com o tempo...”*³⁸

Ao dar prioridade às práticas reflexivas de Cláudia e Durico, expressas nas entrevistas e na internet, busquei, nos capítulos 5 e 6, apresentar narrativas juvenis que privilegiassem a pluralidade de que a vida é feita, compreendendo “a configuração singular de fatos, de situações, de relacionamentos, de significações, de interpretações que cada um dá à sua própria existência e que funda o sentimento que tem de si próprio como ser singular”. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 526).

A “escrita da vida” dos/as jovens também está gravada no ciberespaço, por isso acompanhei sistematicamente suas postagens em redes sociais digitais e as trouxe como temas nas entrevistas³⁹. Busquei atrelar os perfis dos jovens nas redes digitais às histórias de vida narradas nas entrevistas. Acredito que o acesso às experiências online permitiu um material privilegiado para a compreensão das singulares experiências de Cláudia e Durico, já que, no ciberespaço, os sujeitos também “fazem um trabalho sobre si mesmos” (MARTUCCELLI; SINGLY, 2012). Da mesma forma que os/as jovens me guiaram, por ruas, praças e outros lugares, busquei ser conduzida pelos espaços online junto a eles/as. Assim, a pesquisa multissituada, sempre conectada ao/à jovem, em

³⁸ Em todos os trechos citados ao longo da tese, a partir das transcrições, foram mantidas as expressões e gírias buscando privilegiar os conteúdos enunciados.

³⁹ Alcancei sites e plataformas virtuais na medida em que ia construindo relações com os sujeitos. Nesse sentido, se há uma maior exposição de vivências do/da jovem no Facebook, é porque essa tem sido a plataforma mais utilizada por eles.

encontros face a face e mediados pelo computador, possibilitou uma “variação nas escalas de observação”. (LAHIRE, 2004).

Nesse sentido, a etnografia online não é uma prática secundária nesta pesquisa. Há uma capacidade de “estocagem” virtual das experiências dos/das jovens na internet, às vezes servindo como uma espécie de registro biográfico online. Os apontamentos de Lahire (2005) sobre os procedimentos metodológicos para uma sociologia à escala individual favorecem esse tipo de empreitada.

Uma parte do programa sociológico que proponho implica exigências metodológicas novas. Para apreender a pluralidade interna dos indivíduos e a maneira como ela age e se “distribui” segundo os contextos sociais, é necessário dotarmo-nos de dispositivos metodológicos que permitam observar directamente ou reconstruir indirectamente (através de diversas fontes) a variação “contextual” dos comportamentos individuais. (2005, p. 27).

Como já anunciado, concebo a internet, a partir de suas plataformas e redes, como imponente espaço de socialização da juventude contemporânea, uma entre outras “matrizes de cultura” responsáveis pela formação de sujeitos singulares (SETTON, 2011). Há, entre as variadas instâncias socializadoras, relações interdependentes. Tal perspectiva relacional se evidencia no próximo capítulo, a partir do entrelaçamento de experiências socializadoras nos territórios digitais e de moradia de diferentes jovens. O uso conjugado de postagens digitais – imagens, fotos, mapas, montagens, textos, músicas – junto às entrevistas, contribuiu para a apreensão multifacetada de experiências juvenis de socialização e individuação, entre a web e a favela.

4 MAPEANDO UMA REDE DE JOVENS DO AGLOMERADO DA SERRA – ENTRE ESPAÇO DE MORADIA E TERRITÓRIOS DIGITAIS

Foi minha primeira ida ao Aglomerado para a pesquisa. Seguia sozinha de carro, pesquisei a rota no Google. Apenas sete quilômetros de distância separavam minha casa, no Barro Preto, da praça onde me encontraria com os meninos na Serra. Dois lugares da mesma regional Centro-Sul. Um percurso inicial muito familiar, eu já percorri a Avenida do Contorno tantas outras vezes... Passei pela Rua do Ouro. Chegando à Rua Dr. Alípio Goulart, um percurso que nunca tinha feito, a paisagem é nova e me surpreende. Dali a favela se destaca, sobressai no panorama das encostas da Serra do Curral. Ao fim da rua, tenho a sensação de transpor uma fronteira. Estreitamento. Numa viela, apesar da via de mão dupla, um motorista que descia parou aguardando a minha subida, não há espaço para dois veículos. Antes, muitos prédios, ruas largas e asfaltadas, muitos carros nas quatro pistas da avenida. Entrar no Aglomerado exige outro modo de conduzir. Circular em becos cheios de gente. Outras cores. Familiaridade e estranhamento nas ruas desse trajeto. Uma nova cidade? Lembrei-me de “Favelário Nacional” de Drummond. “Quem sou eu pra te cantar, favela (...) e nos desconheces, como igualmente não te conhecemos?”. Mesmo vivendo há mais de dez anos em Belo Horizonte, praticamente não conhecia a Serra. Muita expectativa e ansiedade pelo encontro marcado com os jovens que encontrei no Plug Minas. Preciso de interlocutores que me guiem nesse “novo” território. [caderno de campo]

*O centro do mundo está em todo lugar.
O mundo é o que se vê de onde se está
Milton Santos*

Figura 5 – Postagem da página “Sou Aglomerado da Serra”



Fonte: Capturado pela autora. (www.facebook.com/souaglomeradoserra)

4.1 MAPEANDO QUESTÕES – JOVENS, TERRITÓRIOS E WEB

A experiência de morar em um território periférico, marcado por diversas desigualdades, pode ser encarada como a superação de um desafio, um teste, uma prova estrutural (*épreuve* - na obra original em francês), nos termos de Danilo Martuccelli (2007a). É o próprio autor quem sugere que o espaço urbano pode ser vivenciado como um desafio para os cidadãos. De tal modo, neste capítulo busco compreensões sobre essa dimensão fundamental na construção dos/as jovens como sujeitos, a condição de serem moradores do Aglomerado da Serra. O território de moradia mostrou-se, na etnografia on e offline, como um componente essencial na trama das referências identitárias e nos processos de socialização e individuação juvenis.

Parto da ideia de que as desigualdades territoriais são “desafios históricos, socialmente produzidos, culturalmente representados, desigualmente distribuídos” (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2010, p. 83) que os indivíduos precisam enfrentar para construir seus modos de individuação. Na pesquisa, foi possível perceber que, entre os/as jovens que encontrei, o lugar de residência configura-se não apenas como referente geográfico ou uma área circunscrita, mas representa um espaço vivido de socialização que é constantemente apropriado e significado. A internet mostra-se como ambiente ativo e basilar para as expressões e visibilidades desse território afetivo. As narrativas juvenis sobre o Aglomerado evidenciam o entrelaçamento de fenômenos coletivos e experiências individuais, ou seja, permitem o alcance da tarefa singular de cada indivíduo fabricar-se como sujeito morador/a da Serra.

Assim, a emblemática afirmação do geógrafo brasileiro Milton Santos e a frase que acompanha a imagem postada no Facebook, que abrem esse capítulo, se conectam intimamente e anunciam o território como lugar da “experiência juvenil” (DUBET, 1994). A foto do ‘Aglomerado da Serra’ é uma de tantas outras imagens postadas em uma página criada para expor esse território nessa rede social digital. O apontamento na fotografia parece alertar para a existência de imagens negativas sobre o Aglomerado, principalmente entre aqueles que o desconhecem. Afinal, quem “está lá” experimenta um ponto de vista “de dentro” possibilitado pelas vivências do/no lugar. Perspectiva distante dos estereótipos e/ou julgamentos, que, em alguma medida, estão tão presentes

no imaginário social e nos meios de comunicação de massa tradicionais⁴⁰ sobre essa região da periferia urbana da capital mineira.

No amplo espaço de convivência da internet, os universos públicos e privados são (re)modelados, permutados, (re)construídos. O ambiente online entendido como esfera pública pode ser percebido como um palco em que dramas privados são encenados, publicamente expostos e assistidos (BAUMAN, 2001, p.83). Por outro lado, o espaço público urbano, as cidades, os bairros e ruas estão não apenas digitalizados, mas marcam a socialização online. Adoto a internet como esfera pública. A noção tem em vista, a partir de Castells (2008), a mídia, os lugares socioespaciais de interação pública, o repositório cultural e informacional de ideias que alimentam o debate público. As redes de informação e comunicação, principalmente no ciberespaço, são palco para o encontro entre sujeitos e para as reflexões sobre o urbano como espaço público.

Percebi uma intensa relação entre as territorialidades da cidade e o ciberespaço. Além disso, os processos de individuação e socialização juvenis atrelam densamente a interface cidade e web. O ciberespaço é uma dobra da vida urbana. Muitas vezes, a experiência individual na urbe é narrada singularmente. Meus interlocutores na pesquisa explicitam suas vivências e percepções na/da cidade no ciberespaço. Por isso, faz-se necessário discernir, de antemão, que a internet para esses/as jovens não se configura como “não-lugar”, conceituação de Marc Augé para definir espaços que se caracterizam pela ausência de aspectos identitários, históricos e relacionais (1994, p.73).

Como define Manuel Castells, os “espaços de fluxos” das redes digitais redefinem as distâncias, mas não suprimem a geografia. O espaço dos fluxos não é deslocalizado, pois estabelece ligações com configurações territoriais (CASTELLS, 2004, p. 246). Não se trata de uma substituição das cidades de concreto pela cidade digital. Existem, no entanto, reconfigurações densas. A “cidade-ciborgue” evidencia as conexões entre cidade física e eletrônica, o que não significa a desmaterialização ou mesmo uma substituição de esferas (LE MOS, 2004, p. 4). Os/as jovens narram digitalmente seus passos urbanos, pude perceber notadamente no Aglomerado da Serra. Tais enunciações (fotografias, textos, vídeos, mapas etc.) são tomadas como

⁴⁰ Manuel Castells (2013) define as plataformas da internet como *redes horizontais* que possibilitam a “autocomunicação de massas”. Tal configuração proporciona alguma autonomia dos sujeitos em relação às empresas de comunicação visto que os utilizadores se convertem em emissores e receptores de mensagens.

documentos do imaginário urbano que registram os dramas da cidade, do que nela se perde e se transforma. (CANCLINI, 2008).

Contudo, por uma pesquisa multissituada, meu percurso na web e na cidade é guiado pela produção de alguns jovens moradores/as do Aglomerado da Serra. Busco, a partir do ponto de vista juvenil, compreender suas vivências urbanas, representações e narrativas sobre o espaço de moradia. Afinal, desafiada pela assertiva de Michel de Certeau, caminhei por espaços urbanos na internet, rastreando lugares digitais a partir de mapas de jovens que me guiaram por seus “espaços de enunciação” (CERTEAU, 1994) sobre esse território da periferia. Todavia, mais do que refletir sobre as enunciações juvenis procuro apreender o Aglomerado como espaço/processo de socialização e individuação. Assim, duas dimensões do olhar sobre os sujeitos se entrecruzam na articulação entre duas instâncias de socialização – território de moradia e mídias digitais.

Neste capítulo, apresento o Aglomerado da Serra a partir da dupla experiência, na favela e na web, sempre intermediada por jovens que encontrei no trabalho de campo. O método etnográfico favoreceu o deslocamento entre os trânsitos on e off-line e a mirada da internet como lugar primordial para reflexões sobre as dinâmicas territoriais. Esse tráfego se dispôs a partir das experiências individuais, narrativas digitais e entrevistas biográficas. Como registrado no capítulo anterior, todos/as os/as jovens participantes da pesquisa explicitam seu pertencimento ao Aglomerado nas vivências digitais, mesmo por isso, os/as encontrei. Aqui, dessemelhante dos dois próximos capítulos⁴¹, múltiplas vozes e postagens são apresentadas, às vezes de sujeitos com os quais não me encontrei presencialmente, o que não invalida uma leitura interpretativa de fotos, relatos, montagens que imprimem formas de viver no/o território, balizando maneiras de socialização, individuação e reflexividade dos sujeitos que o habitam.

Problematizo as representações e discursos sobre a Serra na web e, conseqüentemente, interrogo as relações entre periferias e centros na rede mundial de computadores. Portanto, mostrou-se apropriada a aposta na etnografia multiespacializada para a análise do território de moradia como contundente

⁴¹ Como já anunciei, os capítulos 5 e 6 são desenvolvidos a partir da dimensão biográfica e dos processos de socialização e individuação de dois jovens, Durico e Cláudia.

espaço/experiência/suporte de socialização e individuação que se estende no universo online. Assim, além da compreensão de que o Aglomerado da Serra é suporte para a construção subjetiva dos jovens, a internet e algumas plataformas de redes digitais mostram-se também como relevante suporte para a experiência juvenil de individuação. (MARTUCCELLI, 2007).

4.2 FRONTEIRAS DA CIDADE, PERIFERIAS NA REDE?

O Aglomerado da Serra pode ser considerado, atualmente, como a maior “favela” ou “aglomerado subnormal” da Região Metropolitana de Belo Horizonte e do estado de Minas Gerais⁴². Oito vilas formam o Aglomerado reunindo 38.200 moradores, segundo o Censo 2010 do IBGE. Por isso, na classificação usada pelo Instituto, a Serra é identificada como um complexo que abriga as vilas: Nossa Senhora de Fátima, Marçola, Cafezal, Novo São Lucas, Nossa Senhora de Fátima, Fazendinha, Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora da Aparecida. “Aglomerado subnormal” é a categoria construída pelo IBGE para definir uma diversidade de assentamentos considerados irregulares no país (favelas, invasões, vilas, comunidades, palafitas entre outros). Nos termos do instituto, são “áreas ocupadas irregularmente por certo número de domicílios, caracterizada, em diversos graus, por limitada oferta de serviços urbanos e irregularidade no padrão urbanístico” (IBGE, 2011)⁴³.

O Aglomerado da Serra não é uma periferia distante das áreas mais centrais e comerciais de Belo Horizonte. Pelo contrário, localiza-se na região Centro-Sul da cidade, muito próximo a bairros considerados de classe média e mesmo do centro comercial da capital mineira. Porém, como descrevi senti uma notável mudança de cenário na chegada do Aglomerado, passando pelo “bairro” antes de entrar no morro. Aliás, no imaginário social, há na cidade de Belo Horizonte duas “Serras” - o bairro e o Aglomerado. Concepções que têm relação não apenas com as configurações urbanas,

⁴² Duas categorias são geralmente usadas para identificar o Aglomerado da Serra – *favela* e *aglomerado subnormal* – uma, bastante popular no imaginário social e outra utilizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desde o Censo Demográfico de 1991.

⁴³ Segundo o Censo de 2010, Belo Horizonte tem 13% da população vivendo em aglomerados subnormais. Em termos absolutos, a capital mineira, com uma população de 307.038 habitantes nessas áreas, é a 7ª do país, atrás do Rio de Janeiro (1.393.314), São Paulo (1.280.400), Salvador (882.204), Belém (758.524), Fortaleza (396.370) e Recife (349.920).

mas sobretudo com as representações sobre os territórios⁴⁴. Lembro, por exemplo, o episódio em que, quando da combinação de um encontro com uma jovem, ela perguntou se eu teria coragem de subir o morro ou se eu preferia que ela me encontrasse na Praça do Cardoso, área mais “central” do Aglomerado, onde recentemente houve uma obra de reurbanização que abriu uma grande avenida⁴⁵.

Era fundamental interrogar sobre esses limites (simbólicos e/ou físicos) dos territórios na(s) Serra(s). O limite cria separação, mas também comunicação. Via-me provocada com a atinada reflexão de Michel de Certeau sobre o paradoxo da fronteira: “criados por contatos, os pontos de diferenciação entre dois corpos são também pontos comuns. A junção e a disjunção são aí indissociáveis” (1994, p. 213). Para Certeau (1994), os limites que deliberam fronteiras são traçados pelos pontos de encontro entre apropriações e deslocamentos, procedendo de um “trabalho de distinção a partir de encontros” (p.213). Em que medida, nas minhas primeiras incursões a campo, estava viciada em uma imagem comum da cidade dicotomizada – legal e ilegal, formal e informal?

Problematizar as fronteiras entre centros e periferias no espaço das cidades remete-nos a um vasto campo de estudos sobre o fenômeno urbano, já consolidado no Brasil. Lícia Valladares (2005), em seu livro com o sugestivo título “A invenção da favela: do mito de origem à favela.com”, expõe as origens e os processos de consolidação de imaginários sobre a favela. A autora percorre histórica e socialmente os sentidos do termo, revelando a sua solidificação como categoria analítica nas ciências sociais. Valladares apresenta um mito fundador ou mito de origem, datado no final do século XIX, quando, no Rio de Janeiro, combatentes de Canudos teriam ocupado o Morro da Providência – que mais tarde foi nomeado Morro da Favella. Contudo, a nomeação favela, que anteriormente identificava tal morro, tomou um sentido generalizante para identificar outras localidades no Rio de Janeiro de semelhante constituição topográfica, até ganhar outros significados semânticos, generalizando-se

⁴⁴ Ao longo da tese opto por usar os termos “periferia”, “favela” e “morro”. Reconheço e problematizo neste capítulo o fato de essas noções remeterem a divisões estanques entre “centro” e “periferia” ou mesmo de reforçarem estigmas sociais. Entretanto, essas são nomeações usuais entre os jovens do Aglomerado. O uso de tais palavras deve ser compreendido como forma de reconhecer certas semelhanças com outras periferias urbanas, mas, ao mesmo tempo, sem deslembrar as configurações plurais e heterogêneas dos territórios e seus moradores.

⁴⁵ Ainda neste capítulo abordo algumas compreensões sobre essa política de reurbanização de favelas e do Programa Vila Viva, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte.

numa categoria de senso comum. Tal representação estava associada à ocupação ilegal e à precariedade das moradias, contribuindo para estabelecer uma oposição com o restante da cidade. Esse primeiro dogma que estabelece uma especificidade da favela é reforçado pelas categorias do recenseamento do IBGE, que cristalizam as diferenças entre cidade legal e ilegal. O *aglomerado subnormal* provoca uma oposição aos setores normais que constituem a cidade formal. (VALLADARES, 2005, p. 150).

Essas são dualidades muito recorrentes e que acabaram (re)produzindo o “dogma” de que a favela é distinta da cidade. Constituem-se assim oposições incorporadas na linguagem acadêmica e cotidiana: cidade *versus* favela, centro *versus* periferia. Nomeações que se pautam pela questão das ilegalidades e irregularidades urbanas que configuram a participação das camadas pobres da população no espaço urbano. Há um risco em deixar escapar a complexidade das relações entre sujeitos e territórios quando traçamos limites rígidos entre diferentes formas de produção e apropriação da cidade. Se, por um lado, a polarização dessas categorias nos ajuda a registrar as diferenças e desigualdades territoriais, por outro, reforça discursos midiáticos e representações do senso comum, avigorando imagens homogeneizantes e estereotipadas sobre as periferias urbanas, como “territórios do avesso” (ROSA, 2008, p. 28).

Contudo, além de questionar minhas próprias noções sobre os territórios e suas fronteiras, era preciso alcançar e compreender como se construía esse jogo de imagens e narrativas sobre a Serra, entre os jovens e no universo online. A foto que abre este capítulo explicita não apenas as relações de distanciamento dos não moradores das vivências no Aglomerado, mas, ainda, as enunciações negativas sobre o lugar.

As reflexões acerca das vivências juvenis em contextos on e offline trazem uma série de problematizações. Afinal, o universo online “reflete” as diferentes construções das relações e dimensões simbólicas entre *centro(s)* e *periferia(s)*? Tais polaridades aparecem no universo digital? Em que medida há no ambiente digital distinções e limites entre o que é central e periférico? A internet se configura como espaço invisível de territorialidades onde há apagamento de distâncias geográficas e ou sociais? Como apreender relações de proximidade e distância na rede mundial de computadores? Onde está a *periferia* na rede? É possível pensar na ideia de uma *periferia na internet* ou *periferia da internet*? Como categorias usuais da antropologia e da sociologia urbana

podem dialogar com a constituição do universo online? E, por fim, essa dupla dimensão da vida juvenil – web e morro – se entrecruzam como experiências de socialização?

De imediato, pode-se afirmar que, numa ligeira exploração na internet, é possível alcançar experiências do público do ciberespaço modeladas por questões das vivências nas cidades, suas cartografias e mapas, bem como as variadas desigualdades urbanas. Para algumas pessoas é comum pesquisar, antecipadamente, o percurso para chegar a um lugar a ser visitado, através do *Google Maps* ou, ainda, experimentar uma “visita” digital por meio das imagens fornecidas pelo *Google Street View*⁴⁶. Outras práticas dizem respeito às marcações digitais de lugares, a realização de *check-in* e compartilhamento de localização com outras pessoas, via *Facebook* ou *Foursquare*.

Como em um jogo de espelhos, perambular, ora pelas plataformas digitais, ora pelas ruas, pode revelar encontros e dissonâncias entre a cidade vivida e representada em contextos on e off-line, constatação que reforça possibilidades de pesquisa sobre as intercessões entre vida urbana e digital. Trafegar pelo ciberespaço pode provocar uma leitura da vida urbana. E daí emergem questões que trazem novos desafios aos estudos de sociologia/antropologia urbana, entre eles compreender o urbano, esse conjunto de forças em movimento (LEFEBVRE, 2004) nas cibercidades contemporâneas (LEMOS, 2004).

Anteriormente ao início da pesquisa, não tinha qualquer familiaridade com o Aglomerado da Serra e, tendo como temática as vivências juvenis na internet, busquei informações sobre o lugar na web. Mesmo desconhecendo presencialmente o Aglomerado, pude visualizá-lo por recursos online, antes das minhas primeiras incursões presenciais à região. Além de consultar mapas disponibilizados na rede, é possível, com o *Google Street View*, visualizar visitas a determinados lugares da Serra. Todavia, a partir desse exercício, mais tarde, circulando pelo Aglomerado, percebia algumas regiões ausentes dos mapas digitais. Nem todos os becos e vielas estão identificados ou podem ser percebidos, tanto nos mapas quanto no recurso que proporciona as vistas panorâmicas. A situação faz emergir ponderações sobre as desigualdades nas cartografias digitais das cidades. Em 2011, por exemplo, o *Google* confirmou que modificaria seus mapas do Rio de Janeiro, visto que havia uma

⁴⁶ Ferramenta do *Google Maps* que oferece imagens panorâmicas de uma grande variedade de lugares do mundo.

“valorização” das favelas em detrimento a outros espaços da cidade. A própria administração municipal do Rio já havia reivindicado tais alterações. Com isso, como numa remoção virtual das favelas, a medida buscou dar destaque aos bairros e pontos turísticos⁴⁷.

Essas informações e percepções levaram ao questionamento: afinal, quais discursos digitais sobre o Aglomerado da Serra permeiam o universo online?

⁴⁷ ANTUNES, Laura. Google modificará seus mapas sobre o Rio. [S.l.]: **O Globo**. Rio. 25 abr. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/google-modificara-seus-mapas-sobre-rio-2791639>>. Acesso em 10 mar.2013.

Figura 6 – Mapas do Aglomerado da Serra / Google



Fonte: Captura de tela pela autora (2013).

4.3 DO PONTO DE VISTA JUVENIL - INTERFACES DO AGLOMERADO NA WEB

Tomei o ciberespaço como ambiente propício para o alcance de processos de socialização e individuação contemporâneos e de busca por enunciações sobre a Serra, assumir o exercício de etnografá-lo foi surpreendente. Inventos e expressividades juvenis balizam a vida online. Uma geografia das identidades (MARTÍN-BARBERO, 2004) é revelada por experiências e relatos dos jovens numa variedade de dispositivos online. A produção e apropriação do espaço urbano, os questionamentos sobre fronteiras, estereótipos e vivências no Aglomerado são habitualmente expostos.

É por isso que, como mencionado no primeiro capítulo, diante de duas maneiras de compreender as culturas juvenis, – por meio das socializações que as prescrevem ou das performances cotidianas – (PAIS, 2006) percebo os ambientes da internet como espaços lisos, lugares pouco prescritivos, ambientes de múltiplos enunciados, produções e emissões⁴⁸. Assim como variados espaços territoriais são reinventados pelos jovens na cidade, pode-se conceber que a internet e suas inúmeras possibilidades de reconfiguração nos levam a estabelecer outras formas de sociabilidade, um espaço liso de expressividades juvenis que se abre “(...)ao caos, ao nomadismo, ao devir, ao performativo. É um espaço de patchwork: de novas sensibilidades e realidades.” (PAIS, 2006, p. 7). Ali, os/as jovens tornavam visível para mim (leitora-pesquisadora) esse “movimento do social” (LATOUR, 2012, p. 31). Vi no ciberespaço a oportunidade de perceber uma “condição social” - a vida em uma periferia - como

algo que circula e não um mundo do além a ser descoberto pelo olhar desinteressado de um cientista ultralúcido, então cumpre transmiti-lo por meio de uma série de recursos adaptados à tarefa – inclusive textos, reportagens, relatos e circulares. Se o social é um traço, então pode ser retraçado, se é uma reunião, então pode ser reunido. (LATOUR, 2012, p. 187 – grifos do autor).

Conectada à rede, me via desafiada a navegar por territórios sobrepostos, lugares físicos e realidades virtuais. Não os considero como realidades paralelas, mas,

⁴⁸ Reconheço as redes de poder e controle que limitam os usos e apropriações da web. Algumas empresas acumulam um controle excepcional da rede. Pierre Lévy (1999) aponta o aumento da capacidade de controle dos centros de poder tradicionais sobre as redes tecnológicas. Os “conglomerados globalizados de mídia” representam um número reduzido de empresas que dominam o campo multimídia global e a internet. Cf. CASTELLS, 2013.

realidades que estão “(na verdade, umas sobre as outras, umas dentro das outras, umas ocupando o mesmo lugar que as outras) [e] que ‘coabitam’ a geografia da cidade” (VIANNA, 2007, p. 10). É improvável compreender as experiências dos/as jovens sem alcançar seus passos online. E reforço uma suposição já anunciada, os processos de socialização e individuação de jovens contemporâneos/as estão comprometidos com as dinâmicas on e off-line. As experiências digitais não estão à deriva da cidade. As vivências urbanas não escapam das postagens nas redes sociais digitais. Os “circuitos dos jovens” (MAGNANI, 2007) se imbricam e se articulam em apropriações e circulação na web e nas ruas. Há um duplo desafio, investigar o espaço nas dimensões on e off-line e concebê-lo em sua dimensão prática e teórica (AGIER, 2011). Ansiava por uma investigação – “relacional, local e micrológica” – que, com os/as jovens, viabilizasse uma antropologia/sociologia da cidade (CORDEIRO; FRÚGOLI JR, 2011, p.10).

Assim, o ciberespaço é tomado como unidade a ser etnografada. Diante de uma ampla (quicá infinita) paisagem a ser desvendada pela pesquisa, era preciso construir estratégias de aproximação na vasta internet. Se em um primeiro momento percebia facilidades em localizar conteúdos que se relacionavam ao Aglomerado da Serra, através de variados sistemas de busca das plataformas digitais⁴⁹, por outro, confirmava que a pesquisa só é provável pelos encontros e impossível na ausência de relação. A sobreposição das experiências juvenis on e off-line configura as vivências, por isso era fundamental que as relações de pesquisa também se construíssem nesse intermédio.

Mesmo tendo experimentado outras maneiras de encontrar jovens interlocutores/as, avalio que não houve maneira mais pertinente de (re)conhecer sujeitos para a pesquisa do que pela própria internet. Partilho da acepção de Frúgoli Jr. e Graça Cordeiro a partir da obra de Michel Agier de que “para compreender antropologicamente a cidade é preciso esquecer a cidade. (...) conhecer as cidades a partir dos cidadãos e de sua experiência cotidiana, de seus lugares de vida e situações concretas” (2011, p. 19). Assim, como aponte no capítulo anterior, o início do estabelecimento de muitas relações foi concretizado pelo contato online via Facebook e algumas relações se deram exclusivamente nesse âmbito.

⁴⁹ “Aglomerado da Serra” foi uma expressão continuamente procurada numa variedade de plataformas na internet. Assim, encontrei conteúdos nas redes sociais digitais, *Orkut*, *Youtube*, *Twitter*, *Instagram* e *Facebook*. Além disso, descobri blogs e sites sobre o Aglomerado.

De tal modo, se há uma maior exposição de vivências dos/as jovens nessa rede digital é porque essa era a plataforma mais utilizada por eles/as no momento da pesquisa. Ali encontrei grupos de discussão como Moro no Aglomerado da Serra e Amigos do Planeta Aglomerado da Serra e a fanpage Sou Aglomerado da Serra. Pedi para ser adicionada aos grupos e curti a página para acompanhá-los. Os grupos e a página funcionam como espaço de divulgação de diversas atividades, de debate sobre assuntos variados e de encontro virtual dos/as moradores/as. Segui os rastros (LATOIR, 2012) de alguns/as jovens na internet, no Facebook, sobretudo.

4.3.1 MUITO ALÉM DOS CONFINES – OS LIMITES DA CIDADE NA REDE DILATADA

Cada usuário da internet tem sua experiência cerceada pelo histórico de navegações, tipos de uso e espaços que frequenta na rede. Por isso, quando um mesmo termo é buscado por diferentes pessoas em seus computadores pessoais, os resultados gerados são distintos, mesmo quando se usa a mais habitual plataforma de buscas, o Google. Os chamados “filtro-bolhas” limitam o acesso de usuários da internet a informações já circunscritas. Como os serviços de web têm se esforçado em oferecer dados a partir dos gostos individuais, as possibilidades de acesso a conteúdos variados ficam restritas nesse modelo de “bolha informacional”. Baseando-se num histórico pessoal de navegação, sites como Google e Facebook criam uma hierarquia de conteúdo, priorizando aquilo que consideram mais pertinente para seus usuários⁵⁰.

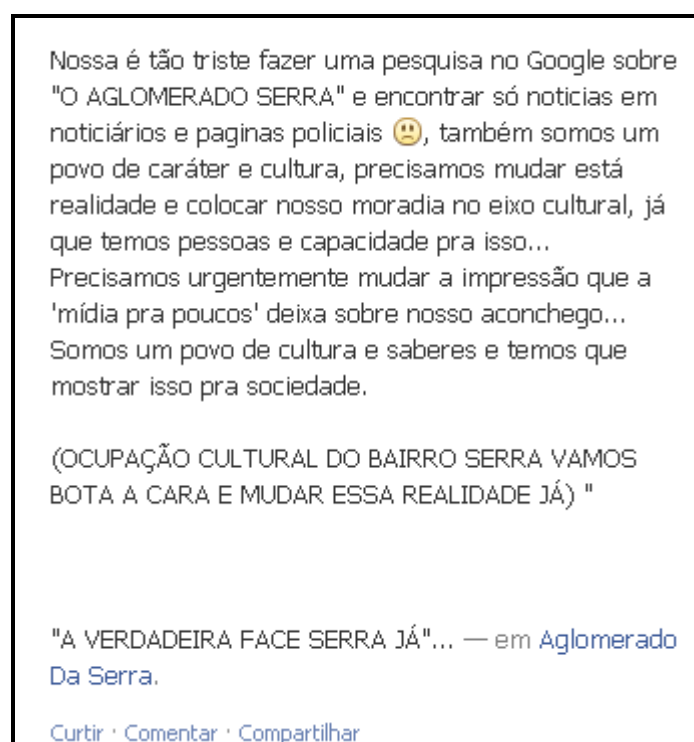
Ao buscar pelo termo “Aglomerado da Serra” no Google os principais resultados que me apareceram foram notícias de portais online de jornais de grande circulação sobre situações de violência nas vilas e favelas que compõem a Serra. Localizei Lucas justamente em função de uma postagem no Facebook, bastante curtida e compartilhada, em que ele expressava a verificação e a repulsa pelas imagens negativas sobre a Serra tão recorrentes também na mídia digital. Em diálogo comigo, ele diz:

Aí de uma pesquisa que eu fiz da Serra, de curiosidade, eu descobri que você só encontra notícia de guerra, notícia de criminalidade, notícia de confronto policial, foram esse embates em tudo quanto é lugar. Aí eu peguei uma foto e escrevi uma carta aberta. Aquele texto

⁵⁰ Cf. Eli Pariser: tenha cuidado com os “filtro-bolha” online. [S.l.]: TED. mar. 2011. Disponível em: <http://www.ted.com/talks/lang/pt-br/eli_pariser_beware_online_filter_bubbles.html>. Acesso em: 10 de março de 2013.

lá. Falando da minha indignação e postei (...). Então tomei como rumo de fazer uma ocupação na Serra inteira, pra poder mudar essa visão que a mídia deixa da Serra. Porque lá tem muita, mais muita gente do eixo cultural daqui de Belo Horizonte, ou do lado de fora também né? Fora de BH tem muita gente. E eles não mostram esse tipo de coisa que tem lá dentro. Aí a minha intenção é mudar essa visão que as mídias deixaram do Aglomerado...

Figura 7 – Postagem de Lucas no Facebook



A constatação ainda o motivou a construir uma página no *Facebook* “*Sou Aglomerado da Serra*” onde, constantemente, posta fotografias do Aglomerado, divulga eventos, compartilha informações. O próprio título da página evidencia uma forte identidade individual com o lugar. Ou seja, quem se vincula à página se considera Aglomerado, o sujeito é o território, corpo/cidade. A fanpage gerenciada pelo jovem tinha, em janeiro de 2014, 1.308 curtidas, diversas fotografias e postagens que são costumeiramente compartilhadas por outros sujeitos.

Figura 8 – Sou Aglomerado da Serra – Facebook



Fonte: Reprodução de captura da tela pela autora (2014).

Convém compreender essas narrativas digitais como possibilidade de enunciação da cidade, apropriação e resignificação do Aglomerado. As postagens expressam imaginários e experiências que o território arrebatou. Analisando a variedade de imagens, montagens e textos da página veem-se, com frequência, apontamentos sobre a segregação socioespacial e a conservação de imagens homogêneas da Serra

como perigosa e/ou desordenada. A descrição da página explicita que a Serra, “*apesar de localizado na ‘zona-sul’ de BH e de ser considerado um bairro de classe média alta, é um lugar de grande contraste social*”. Os limites e fronteiras entre o Aglomerado e a cidade estão profundamente presentes nas narrativas juvenis, expressas nas entrevistas, conversas e postagens virtuais.

Porque o bairro Serra existe como bairro da zona Sul, mas com a fama é a favela. Eles perguntam primeiro da favela, pra depois perguntar do bairro. E a favela ficou com esse olhar de criminalidade e de estagnação social né. Acha que lá não tem desenvolvimento, que lá não tem nada. Só que é totalmente ao contrário.

[Lucas]

É... Tem violência sim. Como outros lugares têm. Então não vão frisar que só favela tem, sacou. Vão frisar que o mundo tem, sabe. E que, tipo assim, só aqui que tem a fama do olhar das pessoas pra favela, coisa que é muito preconceituosa, assim.

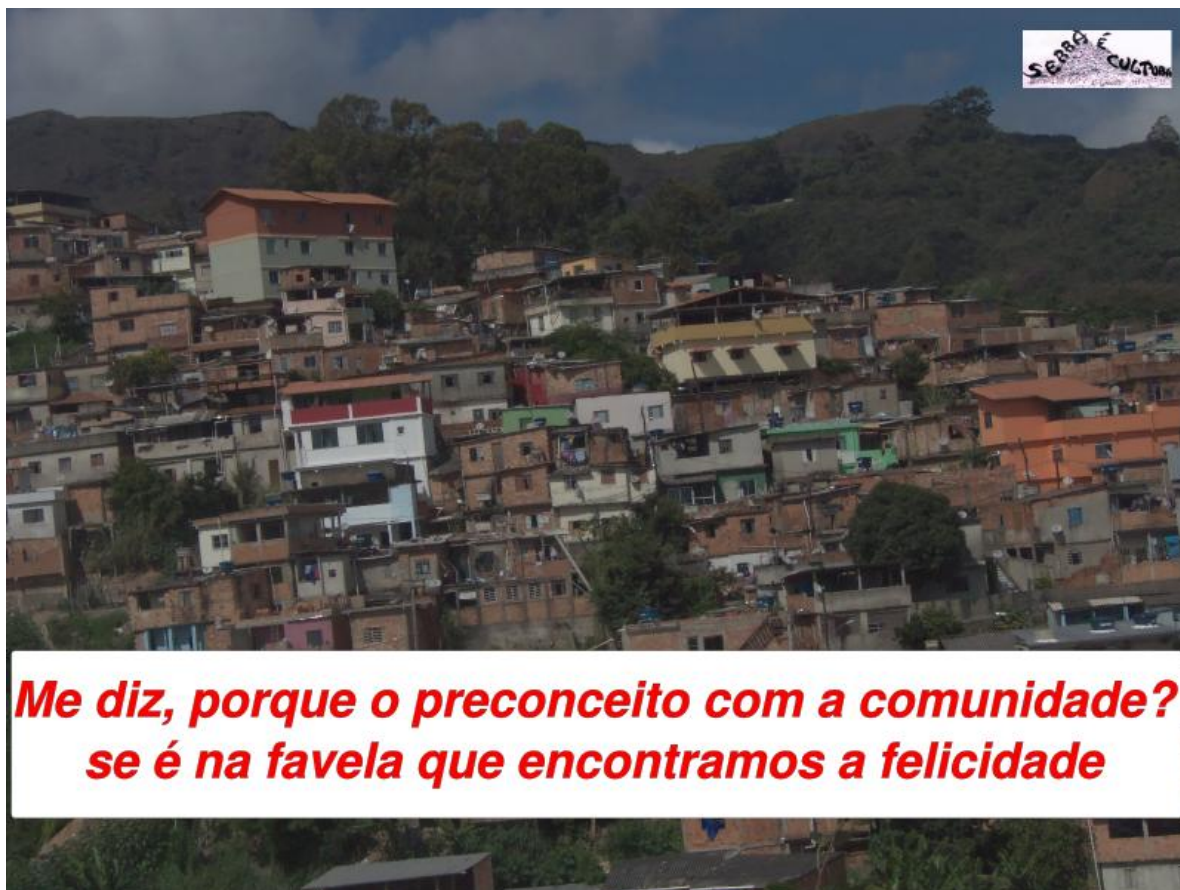
[Cláudia]

Figura 9 – Postagem “Sou Aglomerado da Serra” – Facebook



Fonte: Reprodução de captura da tela pela autora (2014).

Figura 10 – Postagem “Sou Aglomerado da Serra” – Facebook



Fonte: Reprodução de captura de tela pela autora

Nas andanças etnográficas virtuais, me deparei em agosto de 2012 com o site de duas jovens que propõem a reflexão sobre as relações entre vizinhos/as da(s) Serra(s). A página é fruto de um trabalho desenvolvido para a conclusão do curso de formação em web design, na OiKabum!, núcleo de formação em linguagem multimídia que mencionei no capítulo anterior. As autoras propõem que o visitante mescle imagens de diferentes indivíduos, moradores do bairro e do aglomerado. Exercício estético que mistura partes dos rostos de residentes. “Aglomerando” – nome do projeto – estimula em seu título a reflexão sobre possíveis divisas entre os moradores. A ideia de separação, mas ao mesmo tempo de mistura, estimula a criação. O projeto interativo provoca o duplo entendimento da fronteira que cria comunicação e separação. O limite articula. “A fronteira funciona como um terceiro. Ela é um ‘entre dois’ – ‘um espaço entre dois’. (...) Lugar terceiro, jogo de interações (...), a fronteira é como um vácuo, símbolo narrativo de intercâmbios e encontros” (CERTEAU, 1994. p. 213-14).

Figura 11 – Projeto “Aglomerando”

Moradores do Bairro Serra em Belo Horizonte, **um lugar separado** em classe média alta e aglomerado se **misturam** de forma engraçada nas páginas de um Web Site. A Serra, com aproximadamente 48 mil habitantes, tem um pôr do sol maravilhoso, pessoas gentis, gente feliz, um lugar formado por pessoas diversas, cantores de Rap, Reggae e Funk. O nosso site propõe ao espectador uma brincadeira saudável e prazerosa com diversidades encontradas neste lugar, assim poderão perceber que **não existem diferenças se não no físico das pessoas que mesmo assim, com a tecnologia se tornam iguais e mescladas.**

<http://aglomerando.concatena.org>
[grifos meus]



Fonte: <http://aglomerando.concatena.org/serranos.html> (2014).

No projeto de web design, as possíveis diferenças (Serra/Aglomerado da Serra) aparecem como relações. Se por um lado o imaginário social consolida a visibilidade para tensões e ambiguidades entre os territórios da Serra, em *Aglomerando*, as partes de

diferentes rostos são atreladas, sugerindo o olhar para as mediações. Novas grafias desse encontro entre morro e bairro ilustradas nos corpos montáveis e digitais. Noto essa produção estética/digital das jovens como uma política de pensar as “polaridades” como relação. Nos termos do filósofo Jacques Rancière em suas reflexões sobre arte e política, essa é uma alternativa de “*redefinir situações e encontros existentes*” a partir da “*re-disposição dos objetos e das imagens que formam o mundo comum já dado*” (RANCIÈRE, 2005, p. 46). As usuais fronteiras do espaço físico urbano, referenciadas na classificação *centro* e *periferia* parecem provocadamente dilatadas na concepção desse projeto.

Vale destacar que não só as representações de senso comum permanecem profundamente atravessadas por esses modelos dicotômicos da cidade e seus moradores. Convém, mesmo que rapidamente, dizer de programas e ações do poder público cujos diagnósticos e motivações para implantação apresentam descrições e análises bem adjacentes àquelas. Seja nas políticas públicas para a juventude ou os nos programas de intervenção urbana nas favelas, parece haver sempre a necessidade de reintegração e/ou **(re)socialização**. A voz do Estado diz que estão fora do eixo, do centro, há um perigo dos “jovens entregues a si mesmos” (MARTUCCELLI, 2007b, p. 78). Quando analisamos os objetivos explícitos de uma série de políticas públicas para juventude das periferias, na sua maioria, eles aparecem formulados utilizando o prefixo **re**: reinserção, reintegração social, resgate social ou da cidadania, **ressocialização** etc. (DAYRELL, 2005; REIS, 2005). Daí emerge uma concepção que concebe a socialização vivenciada em um espaço periférico como inadequada. Sendo que,

É simplesmente falso forjar uma imagem dos jovens suburbanos desfilados e sem relações sociais. Os jovens das cidades sabem muito do mundo, tanto mais, quando a cidade, encerrada e retraída sobre si mesma, funciona como um mundo fechado. Dentro de espaços relativamente reduzidos, há às vezes uma superconcentração de instituições, de lugares, de encontros, de comércio, de estabelecimentos escolares. Então todo mundo conhece todo mundo. Nesse sentido, não há anonimato nem solidão. E a sociabilidade não se reduz forçosamente, posto que se abre sobre outras formas de interação muito mais além de unicamente o espaço familiar. (MARTUCCELLI, 2007b, p. 78).

Considerar a periferia e seus moradores sob o ponto de vista de que eles precisam ser reinseridos incide em considerá-los fora de um lugar em que deveriam estar. Por conseguinte, além de um prefixo, a fração “re” funciona também como uma

partícula que constrói o estabelecimento de relações de alteridade do Estado e dos “centros” com a periferia. Há um regime legal de alteridade que afeta as implicações simbólicas dos significados atribuídos às favelas como “alvo” na medida em que quem está na condição de “re” deveria passar por redefinições, reinserções, realocações, reestruturações psíquicas ou sociais. Como aponta criticamente Martuccelli (2007a), há que se compreender a obsessão que atravessa esse tempo de intervenções sociais⁵¹.

Tais interpretações assentam uma implícita dicotomização entre moradores das periferias e do restante da cidade⁵². O desenho dessas políticas públicas revela um “suporte estigmatizante”, na medida em que define ajuda aos “assistidos”, “uma confissão pública da incapacidade de se sustentar de maneira autônoma e independente” (MARTUCCELLI, 2007a, p. 86). Inevitável mencionar como as postagens e falas de alguns jovens também provocam esse debate. Abaixo, dois exemplos: Lucas replica um post que corrobora com ironia a ideia de que os *suportes* não têm a mesma eficácia e mesmo alguns estão longe de serem socialmente reconhecidos e/ou desejáveis. Noutra postagem Cláudia questiona a abertura de uma grande via em um projeto de reestruturação urbana – o Programa Vila Viva. A terceira é de um perfil da associação de moradores da Vila Cafezal.

Figura 12 – Postagem de Lucas sobre ironia a respeito de políticas públicas – Facebook

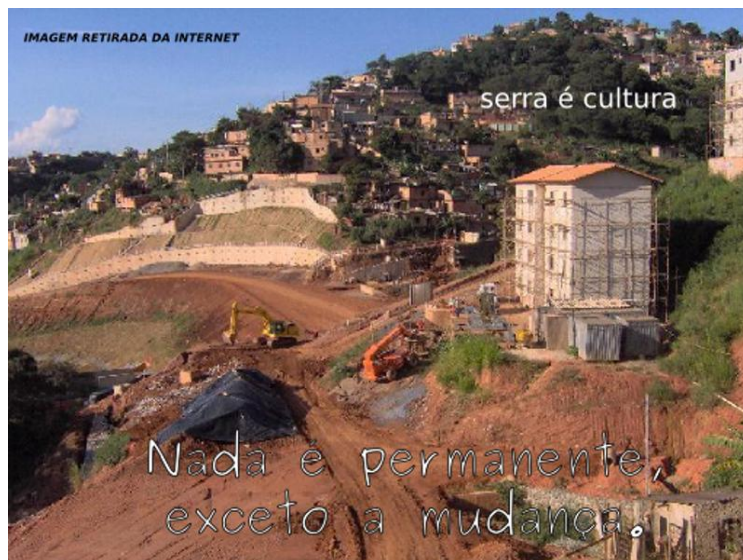


Fonte: Reprodução de captura de tela pela autora (2014)

⁵¹ Nessa análise, Martuccelli anuncia que a sociologia dos suportes possibilita uma sociologia do Estado e das provas de dominação.

⁵² Carrano e Spósito (2003) desenvolvem um mapeamento do conjunto de ações públicas destinadas à juventude e concluem que as o desenvolvimento das ações é orientado por concepções do jovem como “risco social”. As áreas em que moram são também consideradas localidades de “risco social”, tanto os jovens moradores quanto as configurações onde residem. Além disso, tais políticas, ao serem formuladas evidenciando problemas relacionados às desigualdades sociais, têm como foco sujeitos considerados em estado de “vulnerabilidade social”.

Figura 13 – Postagem ressaltando qualidade da Serra – Facebook



Fonte: www.facebook.com/souaglomeradoserra (2014)

Quem disse que eu queria uma grande avenida?????

[Postagem de Cláudia no Facebook]

Figura 14 – Postagem da Comunidade Vila Santana do Cafezal



*“Nós da Urbel não respeitamos os pobres”
 “Nos da Urbel vamos chutar todos os pobres para longe”
 “Saíam daqui porque vocês são pobres, nós queremos suas terras”
 “Vamos tirar esses pobre daqui logo pra fazer grana com os terrenos deles”¹*

Fonte: <https://www.facebook.com/pages/Vila-Santana-do-Cafezal/> (2014).

Nos limites deste capítulo não é possível esmiuçar a análise sobre as recentes intervenções de urbanização no Aglomerado, como o Programa Viva Viva⁵³. No entanto, convém destacar que na internet foi possível perceber críticas dos moradores que explicitam como tais intervenções estão, em alguma medida, descoladas das dinâmicas locais. Com o pretexto de promover uma recuperação urbana, as intervenções assumem, muitas vezes, um caráter autoritário, desprovido tais espaços de seus significados e identidades, infligindo novas lógicas de ocupação. Tais ações de (re)urbanização se constroem pelo discurso da inserção à formalidade e à legalidade. Entretanto, é preciso ainda compreendê-las como possibilidade de controle sobre os moradores, reforçando representações presentes e dominantes sobre as favelas⁵⁴.

Assim, retomamos o debate de como as noções de exclusão e segregação, embora cunhem as privações sociais, econômicas e políticas de parcela da população, podem ter o efeito colateral de restringir demasiadamente as noções de cidade. Os setores “excluídos” estariam “fora” da cidade, o que conduz com frequência à bipolaridade entre a cidade legal (ou formal) *versus* a cidade ilegal (ou informal), incluídos *versus* excluídos e segregados etc. Entretanto, a “exclusão” não é sinônimo de isolamento⁵⁵.

Muitas enunciações digitais produzidas pelos/as jovens procuram não apenas resistir a essa limitação, provocando também tais clivagens, como reforçam os fortes

⁵³ O Programa Vila Viva - *Intervenção estrutural em assentamentos precários*, da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, propõe a “reurbanização de favelas” e “integração das vilas à cidade”. Luana Motta (2013), em sua dissertação de mestrado “Sofrimento, responsabilização e desejo: uma análise dos processos decorrentes das mudanças de moradia no âmbito do Programa Vila Viva”, apresenta relatos dos/as moradores/as marcados por certa ambiguidade, sofrimento/positividade. Um interessante documentário sobre o desenvolvimento do Programa na Serra com narrativas do moradores/as - “Uma avenida no meu quintal”, do Programa “Pólos de Cidadania da UFMG” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=rlxKVtikzPw>.

⁵⁴ Thaís Rosa (2008) demonstra a perversa forma de “disciplinamento das consideradas ‘classes inferiores’” através de iniciativas de intervenção do Estado. A autora problematiza a associação entre urbanização e civilização. Assim, favelas e periferias têm sido representadas como o avesso da civilização associada à “cidade”. “Iniciativas de intervenção adotadas pelo Estado ao longo dos últimos setenta anos, pelo menos, tiveram um viés civilizatório pela intervenção no espaço urbano, que, há pelo menos dois séculos, tem norteado práticas e reflexões sobre os espaços de moradia dos pobres nas cidades. (...) A associação imediata entre espaço e sociedade, entre precariedade habitacional e marginalidade social, justificará ideologicamente diversas intervenções públicas de âmbito urbano e habitacional empreendidas autoritariamente em tais espaços.” (ROSA, 2008, p. 138).

⁵⁵ Nos próximos capítulos evidencia-se como os sujeitos têm uma ampla rede de relações para além do “pedaço” (MAGNANI, 1994).

laços entre moradores⁵⁶. As figurações de comunicação e sociabilidade na web, referenciadas no território, apontam um contexto de estreitamento das sociabilidades, ou ao menos de *reconhecimento* que se opera no espaço territorial comum de vizinhança em função da internet. Assim, no contexto online, a própria categoria *vizinhança* precisa ser repensada, visto que entre moradores do Aglomerado da Serra, além do reconhecimento que pode se dar “*por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro, os moradores/as se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes*” (MAGNANI, 2000, p. 39). Os usuários se reconhecem pela vizinhança online, construída a partir de relações de proximidade em *comunidades* virtuais e de sentimentos comuns compartilhados, como ilustra a postagem abaixo.

Figura 15 – Postagem de Cláudia exaltando a favela – Facebook



Fonte: Captura de tela pela autora (2012)

Nas andanças pela Serra com as jovens Beatriz e Cláudia, por exemplo, foram raros os momentos em que as pessoas que as viam nas vielas e becos não as cumprimentassem. Certa vez, comentei isso com Cláudia, quando estávamos sentadas no meio-fio conversando e nosso papo era constantemente interrompido, não apenas pelos acenos, mas por uma nova conversa iniciada seja para dar notícias de familiares, convites para festas, pedidos de alguma ajuda etc. Percebia situações cotidianas no morro em que os laços comunitários ficavam explícitos. Entre os/as jovens que encontrei e, particularmente, os dois personagens centrais da pesquisa, há uma forte

⁵⁶ Martuccelli diz da experiência contemporânea de jovens nas periferias das grandes cidades europeias e a vitalidade de suas vidas sociais. (MARTUCCELLI, 2007a, p. 88) Tal constatação se aproxima das experiências de jovens do Aglomerado. Nos capítulos 5 e 6, a enorme rede de relações desses jovens na cidade e para além dela será apresentada a partir da pesquisa biográfica com uma jovem e um rapaz.

marca dos processos de socialização no território nas formas de individuação juvenil. Através de um relato da morte trágica de um primo, um jovem de 18 anos, assassinado na cidade de Contagem – onde morava naquele momento, mas que nasceu e viveu no Aglomerado até os 17 anos –, Cláudia evidencia os laços de solidariedade comunitária. Em sua narrativa, ela demonstra a experiência social, marcada pela “lógica da integração” (DUBET, 1994), em que há uma aguda dimensão do espaço de socialização que contribui no sustento de sua existência e dos modos de individuação⁵⁷.

*Eu admiro pra caralho, assim, morar no morro, sacou. Que a galera, tipo, “nó, o quê que a gente vai fazer?”. Aí eu falei “não galera, vão ver se a gente faz uns corre aí pra arrumar uma grana, sacou!”. Independente se ele morou em tal lugar, o cara nasceu aqui. Pô, ele foi pra lá, tipo assim, com uns 17 anos. Vão pensar, ficou lá um ano [na cidade de Contagem]. Então ele viveu a vida dele aqui. Então vão fazer uns corre pra nós vê se a gente arruma uma grana pra enterrar o cara dignamente, sacou. Aí todo mundo tipo no corre, sabe. Aí conseguimos a grana pra enterrar ele. Pra enterrar era tipo mil e quinhentos, sabe. Era uma grana bem assim, que ninguém tinha. Eu não tinha, ninguém tinha. Tipo assim, eu tava pensando, “nó, se cair um oitocentos reais lá na minha conta, a metade vai pra lá”. Tem que ser assim né. (...) E foi mais doido assim o reconhecimento das pessoas, assim, sabe. Eu sei que nessa noite a gente conseguiu juntar dois mil. Só no corre. Tinha moeda. Tinha notinha. Só que, tipo assim, aquele momento ali sô, ao mesmo momento que era um momento de tristeza, mas um momento também, era um momento de **fortaleza**. De ver o quanto as pessoas também consideram um ao outro assim. Fortalece, sabe. Viver é uma coisa que surpreende né. **Que hoje, pra tá onde você tá, pra ver o que você vê, pra aguentar humilhação de várias coisas, você tem que sustentar com algumas coisas. Hoje eu me sustento com essas coisas, sabe.***

[Cláudia – grifos meus]

Importante destacar a consideração de Martuccelli, de que todos os indivíduos dispõem de suportes, mas alguns deles estão longe de ter um elevado grau de aceitação social (2007, p. 84). Nesse sentido, as vivências online também expressam as possibilidades de discorrer sobre o território de moradia, explicitando os estigmas, as desigualdades, as violências frequentes, mas também solidariedade e afeição. É de Lucas a montagem a seguir, em um formato muito comum nas redes sociais digitais de mostrar uma mesma questão sob diferentes pontos de vista. As relações entre as representações sobre o Aglomerado da Serra, construídas por quem está “dentro ou

⁵⁷ A reflexão sobre os modos de subjetivação e processos de individuação da jovem Cláudia será apresentada no capítulo 6.

fora” evidenciam também que “as territorialidades da cidade espelham estruturas sociais atravessadas por clivagens de classe” (PAIS, 2010, p. 56).

Figura 16 – Postagem de Lucas com diversos discursos sobre o Aglomerado – Facebook



Fonte: Captura de tela pela autora (2012)

A partir de múltiplas expressividades digitais, os/as jovens anunciam a relação entre processos coletivos de vida na periferia e suas histórias singulares. Então, se, por um lado, os indicadores de pertencimento às classes sociais não dão mais conta de expressar as vivências de moradores das periferias urbanas, por outro, o Aglomerado da Serra, como espaço socializador, se articula às experiências individuais dos/as jovens.

Desse ponto de vista, esses agenciamentos juvenis e a elasticidade da internet permitem o alargamento das fronteiras, a exibição de múltiplas significações dadas ao morro, a confrontação de representações estanques sobre as desigualdades urbanas, a partir de uma variedade de montagens, fotos, frases, postagens. As vivências juvenis na rede reterritorializam o Aglomerado da Serra (DELEUZE; GUATTARI, 1997) criando e potencializando redes de sociabilidade referenciadas nesse território físico e

provocando processos de produção da favela na internet⁵⁸. Alcancei dinâmicas que mostram como o espaço e as práticas sociais locais vão sendo explicitadas por meio das tecnologias de comunicação que movimentam maneiras de compreender, dar sentido e criar vivências nos território.

Os/as jovens tendem a atribuir um sentido próprio de “identização” às condições dessa imersão em um território periférico que orienta suas vidas (MELUCCI, 2004)⁵⁹. Pondero que essa é, de maneira geral, uma resposta positiva à prova de viver num território periférico, referenciada em produções artísticas, musicais, fotográficas, digitais, próprias dos/as jovens que encontrei na pesquisa. Nem eu, nem eles/as ignoramos as perversas situações a que estão à prova - a precariedade da infraestrutura urbana, a presença do tráfego de drogas, as inúmeras situações de violência, inclusive policial. Certamente, outros sujeitos encaram a vivência dessa prova aderindo às práticas de “integração perversa” de sociabilidade violenta e do *movimento* no crime (ZALUAR, 2004). Contudo, para os/as jovens envolvidos nessa pesquisa, o Aglomerado da Serra se mostra como um suporte material (já que se constitui como espaço de moradia), mas, ao mesmo tempo, suporte imaginário e simbólico (MARTUCCELLI, 2007). Um suporte comunitário que costura vínculos e que supõe um diferencial no modo de viver, segundo as situações e práticas próprias da favela, nas quais os indivíduos se sustentam.

Retomando a série de questões que incidiam sobre as distinções entre centro/periferia na web, destaco que tais configurações sempre dependem do estabelecimento de alguma perspectiva e estão sujeitas a substantivações de diversas ordens. Afinal, “há centros que são margens e margens que são centros” (LOPES, 2000). Contudo, em alguma medida, a perspectiva analítica da exclusão/inclusão que

⁵⁸ Rogério Haesbaert e Glauco Bruce (2002), em artigo intitulado A Desterritorialização na obra de Deleuze e Guattari, apresentam noções centrais na obra desses autores, visando, principalmente, o debate sobre a multiplicidade de formas de des-re-territorializações contemporâneas. “Deleuze e Guattari afirmam que a desterritorialização relativa diz respeito ao próprio socius. Isto significa dizer que a vida é um constante movimento de desterritorialização e reterritorialização, ou seja, estamos sempre passando de um território para outro, abandonando territórios, fundando novos. O cotidiano, a dinâmica mais comum é passarmos de um território para outro. É uma des-reterritorialização cotidiana, onde se abandona, mas não se destrói o território abandonado. (2002, p. 12).

⁵⁹ Para Alberto Mellucci (2004) o processo de construção da identidade é múltiplo, dinâmico e comporta variadas relações sociais. Assim, prefere o uso do termo “identização” buscando sinalizar o caráter dinâmico dos “processos conscientes de individuação”, experimentados “mais como ação do que como situação” (p. 47).

tantas vezes referencia compreensões sobre a *periferia* parece operar também no universo online. “*Maldita inclusão digital*” é o título de algumas comunidades no Orkut e Facebook que compreendem e associam a popularização da internet a um empobrecimento da rede. Ou seja, o uso cada vez mais maciço de usuários descaracterizaria o ambiente, o transformando em um espaço com menor prestígio em função do que alguns identificam como analfabetismo digital. A título de exemplo, parte da descrição de uma comunidade virtual “Malditas lan houses”: “(...) *foi só surgir as Malditas Lan Houses pra começar o desgosto! Orkut e MSN foram invadidos e transformados em verdadeiras FAVELAS!*” Assim,

O Ciberespaço, da mesma forma que o “espaço” social, longe de ser um contínuo homogêneo, é territorializado e fragmentado em diferentes espaços simbólicos, constituídos e operacionalizados pelas práticas de sociabilidade que ocorrem em seu interior. Estas práticas constituem culturas locais, específicas e eminentemente heterogêneas, cuja interpretação e mapeamento é uma tarefa ainda incipiente a ser realizada pela Antropologia” (GUIMARAES JR., 1999, p. 2).

Em contraponto, as narrativas digitais juvenis estão marcadas por leituras da realidade social tendo em vista as relações de desigualdade política, econômica e social na cidade. Problematicar o uso das noções periferia/favela/morro também no contexto digital possibilitou a apreensão de representações e vivências jovens do/no Aglomerado da Serra. Ao buscar modulações da temática periferia/centro na internet, a partir desses/as jovens, fica evidente como o ciberespaço é de fato territorializado e reterritorializado em referência a espaços específicos como o Aglomerado. Assim formam-se redes ainda mais locais na dimensão online e unidas por um sentimento de pertencimento dos membros que ali se ligam. Por isso, “mesmo uma rede ampla continua a ser local em todos os pontos” (LATOUR, 1994, p. 114).

O exercício de acompanhar o debate travado em plataformas e redes virtuais revela um mosaico de imagens afetuosas sobre esse território que apresento no próximo tópico.

4.3.2 A SINGULARIDADE DO MORRO

Figura 17 – Postagem de Cláudia a respeito dos termos “favela” e “marginal” – Facebook



*“A favela sempre será o berço...
Sou sim marginal só q da cultura
e dos movimentos...”*

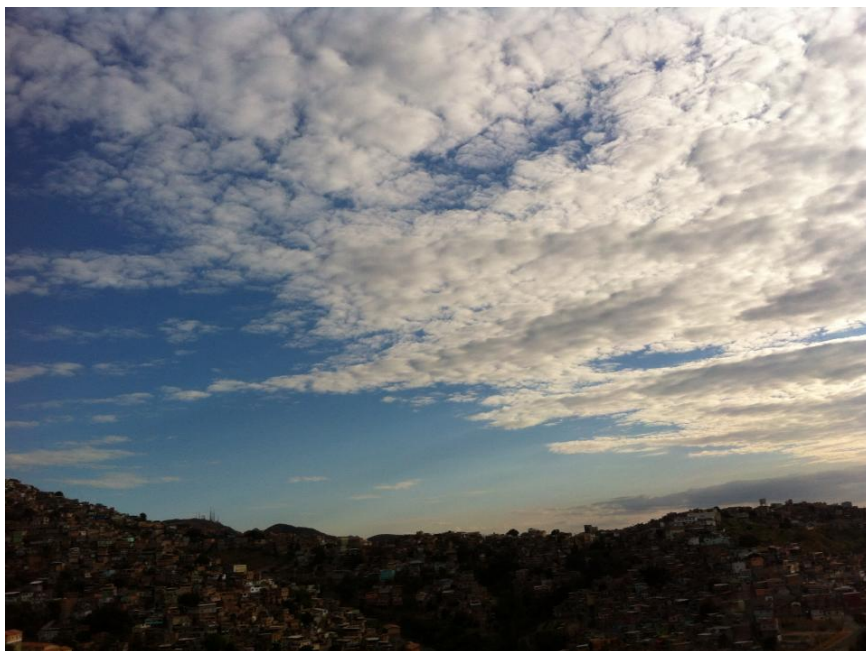
Fonte: Captura de tela pela autora.

Desde quando ainda não havia estabelecido contato com Cláudia, mas já rastreava suas pistas no Facebook, me admirava ao ver como suas postagens estavam comprometidas com o território de moradia. A vivência online de Cláudia é marcada pelo seu pertencimento e identidade territorial. A maior quantidade de imagens dos seus álbuns no Facebook é do Aglomerado da Serra. Variadas fotografias do alto da Marçola, vila em que vive, e sua vista para a cidade. Pôr do sol, entardecer, lua cheia. Cidade emoldurada pelo olhar de uma jovem moradora do morro que disponibiliza sua produção fotográfica em sua página pessoal. Imagens e frases postadas que expressam diacriticamente a forte identidade com o morro. Evocações e memórias ilustradas em postagens que “expressam menos a cidade do que a relação afectiva que com ela têm os que a habitam”. (PAIS, 2010, p. 80).

Em diferentes ângulos, as cores e nuances das ruas, becos e barracos são revelados. Com frequência ela anuncia seu pertencimento ao morro. “*A favela sempre será meu berço*”. Constantemente também replica e problematiza matérias da mídia tradicional que tematizam o Aglomerado da Serra. Uma transmissão do vivido e das relações que aquele espaço possibilita em um mapa dos afetos. Enunciação da cidade

inscrita em formas imagéticas de seus olhares fotográficos cotidianos, memória do espaço habitado. “A cidade não é apenas um lugar para habitar, é também lugar para imaginar” ou “Cidade imaginada para melhor ser amada.” (PAIS, 2010, p. 79). Cláudia contraria a ideia de um tecido urbano impessoal marcado pela individualidade, racionalidade, da solidão ou do sentimento *blasé* estimulados pelas metrópoles (SIMMEL, 1983). No morro a jovem marca sua identidade fortalecida pelos laços territoriais. Na fabricação de si, o Aglomerado é um suporte urbano que aparece como uma “mescla de elementos visíveis e opacos, positivos e negativos. (...) Um suporte ambivalente (MARTUCCELLI, 2007, p. 91). Ela afirma a “marginalidade” de sua origem que se expressa em seu jeito de ser, expressar e refletir e remete à canção “Alguém me avisou” da cantora e compositora negra Dona Ivone Lara com o verso “*eu vim de lá desde pequeninha*”.

Figura 18 – Postagem de Cláudia com foto da paisagem do Aglomerado – Facebook



Fonte: Captura de tela pela autora

Você vai postar aquilo que te faz bem. Aquilo que... ó, o que te faz bem, o que te incomoda. Acho que esses dois termos, assim, né. E eu acho que tem muita coisa aqui nessa Serrinha que poucos conhecem, sabe. E, sei lá, assim. Às vezes a gente fala: “nó, que ruim crescer”, mas ao mesmo tempo, que bom crescer também, sabe. Porque há um tempo atrás você ficava falando: “ah, não quero morar na favela mais não. Pô véi, aqui só da briga. Um mata o outro”. Você fica com essa visão, né. Se você não é uma pessoa, no caso, que convive com

esse, vamos falar, nessa sociedade tanto rico, quanto pobre, quanto negro, quanto branco, que é todo mundo do mesmo jeito, que a gente tenta... a gente que diferencia. Aí a gente, tipo, começa a criticar algumas coisas, sabe. Mas aí a gente, tipo assim, igual eu. Eu cresci tipo correndo atrás mesmo de informação. De querer saber mesmo. E até hoje também tô aí na correria pra querer saber milhões de coisas, entendeu. E hoje, tipo assim, o que eu fiz, na vida, que seja, assim, me deu uma abertura de conhecer a Serra que eu acho que todas as pessoas deveriam conhecer, sabe. Então eu acho que, a favela, quando você tá dentro, quando você vê uma coisa, quando você começa a criticar o porquê, você vê um imaginário que ninguém vai ver, sacou.

[Cláudia]

Cabe destacar como muitos trabalhos de pesquisa com grupos juvenis apresentam o espaço público como uma dimensão socializadora para jovens. Nas cidades e nas ruas se extrapolam as figurações das relações dadas exclusivamente no abrigo do parentesco e da família. Podemos apontar estudos das dinâmicas socioculturais das cidades, realizados pela Escola de Chicago, a partir dos anos 1920. Sem dúvidas, para os estudos da juventude, *Sociedade de Esquina* de W. Foote Whyte (2005[1943]) é referência na apresentação das figurações de grupos juvenis nos territórios. Os jovens imigrantes italianos em *Corneville* cresceram nas esquinas de um bairro periférico. O espaço é condição fundante e intrínseca das relações entre aqueles rapazes.

Também os estudos da sociologia da juventude no Brasil mostram como os jovens se apropriam das ruas, combinando encontros, circulando em grupos, conversando (SPOSITO, 1993). Ao mesmo tempo, o espaço público é local de visibilidade, servindo como palco para que eventualmente apresentem suas produções artísticas. Boa parte da produção de jovens do Aglomerado na web remete à dimensão das relações entre culturas juvenis e o território de moradia. Percebo como no universo online “a dimensão simbólica e expressiva tem sido cada vez mais utilizada como forma de comunicação e de um posicionamento diante de si mesmos e da sociedade” (DAYRELL, 2007, p. 1109). Um duplo palco se configura – rua/web. Costumeiramente, o que é produzido no ou sobre o Aglomerado (vídeos, fotografias, danças, músicas) é veiculado nas plataformas e redes sociais digitais. A rua se estende na rede através da variedade de expressões das culturas juvenis. Músicas e videocliques,

danças nos becos, grafites e pichações pelas vielas, vozes que expressam e alimentam um sentimento de pertencimento através de projeções midiáticas⁶⁰.

Figura 19 – Coreografia “Serra” – gravada em espaços do Aglomerado



Fonte: <http://goo.gl/WaOxha>

Um universo múltiplo de postagens explicita o *pedaço* como referência de identificação também digital. A categoria nativa revelada por José Guilherme Magnani é ainda categoria analítica que marca uma referência espacial e seus códigos de reconhecimento e comunicação entre os que o compartilham o pedaço (MAGNANI, 2002). As narrativas desvendadas na amplitude do ciberespaço destacam ruas e praças, espaços conhecidos e compartilhados na rotina local. O Aglomerado da Serra mostra-se como grande *pedaço* de socialização juvenil, referência comum de alguns habitantes do bairro que adensam a rede de relações de vizinhança nesse

espaço social que se situa entre a esfera da casa e a da rua. Com base em vínculos de vizinhança, coleguismo, procedência, de trabalho, estabelece uma forma de sociabilidade mais aberta que a fundada em laços de família, porém menos formal e mais próxima do cotidiano que a ditada pelas normas abstratas e impessoais da sociedade mais ampla. É no âmbito do pedaço que se vive e compartilha toda sorte de vicissitudes que constituem o dia-a-dia, nos momentos de lazer, devoção, participação em atividades comunitárias e associativas, troca de favores e pequenos serviços; e também dos inevitáveis conflitos, disputas. (MAGNANI, 1998, p. 8).

Há uma intensa marca do território periférico de moradia nas subjetividades juvenis, como a canção “Amoravila”⁶¹, do jovem *rapper* morador do Aglomerado, Diogo.

⁶⁰ Sugiro a visualização do vídeo intitulado “Serra” em que três jovens da *Cia. Fusion de Danças Urbanas*, moradores da Serra, dançam por espaços do Aglomerado. Uma produção artística que aborda relações entre cotidiano, arte, dança e cultura urbana.

Amo alvenaria, telha de zinco
 Chamo de união, um quarto pra cinco (...)
 Mas amo esse lugar, a rua ritmo me viu
 Abraçar meu talento igual rabiola no fio.
 Amor, adoro esse lugar.
 Ei, ei, respeito pra chegar.
 Nego, lá é uma maravilha.
 Nega, maravilha ser de lá (...)
 Condomínio fechado, residencial.
 A primeira maravilha do mundo é esse local. (...)
 Pois com humildade se constrói... “Um bom lugar...”
 O que? Esquece.
 “Só quem é de lá sabe o que acontece.”

“As palavras soletradas são recuperadas de uma semiótica da rua” (PAIS, 2006, p. 13). Aliás, há uma incrível coincidência, a rua em que mora Diogo chama-se Ritmo, como ele relata. “E o cara que colocou o nome das ruas, colocou o nome da minha rua de Ritmo. Então eu sou feliz por isso. (...) Aí eu falo sempre que a rua traz o ritmo e eu venho com a poesia”, diz ele fazendo referência ao significado de RAP (rhythm and poetry - ritmo e poesia).

Há, contudo, uma identificação mais global entre jovens moradores/as das periferias urbanas, principalmente aqueles/as envolvidos/as com produções que tematizam seus próprios territórios de moradia. Práticas de reconhecimento com outros sujeitos que, mesmo não compartilhando o mesmo espaço de moradia, se perfilam pelo sentido de uma experiência comum de desigualdade ao mesmo tempo em que de afirmação. Tal lógica é anunciada por Diogo, “tive essa coisa de ver tudo que se fala nos raps de antes e nos raps de hoje sobre favela, sabe. Acho que minha identificação com o rap veio por isso. Porque tudo que estava falando ali eu conseguia ver na Serra”.

Há elementos de representação que se destacam nas elaborações estéticas e musicais desses/as jovens que estão dentro das periferias. Além das relações marcadas pela territorialidade, há outros princípios simbólicos nas vivências periféricas por meio

⁶¹ Disponibilizada no *SoundCloud*, plataforma online de publicação de áudios muito utilizada por músicos de diferentes países.

dos quais, ao positivá-las, os sujeitos a singularizam (FRÚGOLI, 2005)⁶². A noção de *quebrada*, revelada por Alexandre Pereira (2006) em pesquisa com pixadores em São Paulo, se aproxima da categoria *pedaço*. Desse modo, além de designar um conjunto de relações comunitárias, o uso da noção *quebrada* pode também anunciar um elemento de identificação entre sujeitos que vivem em regiões distintas (PEREIRA, 2010). Nesses movimentos locais e globais de valorização da periferia, ela não é necessariamente um estigma; *periferia* é uma categoria bastante elástica (GUASCO, 2001). O estilo de vida no *hip-hop* e as letras dos *raps* possibilitam uma leitura da realidade, transformando estigmas em referências positivas (DAYRELL, 2005). Por isso, convém perceber como algumas pesquisas reconhecem entre diversos indivíduos, principalmente jovens do movimento Hip-Hop, um discurso que reifica a concepção de “favela” ou “periferia” como área segregada e permeada por comportamentos distintos dos habitantes do restante da cidade. Assim, é preciso problematizar que,

Em termos mais antropológicos, porém, aconteceu com o conceito de periferia o mesmo que aconteceu com o conceito de cultura, conforme escreveu Sahlins no artigo *O pensamento sentimental e a experiência etnográfica*: por que a cultura não é um objeto em vias de extinção. Segundo esse autor, no momento em que a noção de cultura é problematizada pelos antropólogos, ela é assumida pelos atores sociais; pois bem, o mesmo ocorreu com a noção de periferia. Quando deixa de ser uma categoria operativa em termos de dicotomia espacial (pois há condomínios de luxo em bairros afastados, assim como a presença de pobres e moradias precárias em regiões centrais), ela é assumida, por exemplo, no discurso dos *rappers*, com uma conotação positiva, enfatizando não já a carência, mas o pertencimento. (MAGNANI, 2006, p. 38-39).

Pesquisas como as de Pedro Guasco (2001) e Juarez Dayrell (2005) com *rappers*, em São Paulo e Belo Horizonte, mostram como as ideias nativas de *periferia* e *favela* são fundamentais na construção de identidades juvenis de determinadas parcelas da juventude. Imagens contrastivas do bairro de moradia como espaço de solidariedade, apesar da precariedade de infraestrutura urbana local em comparação aos *centros*. Nomeações que funcionam, principalmente, como categoria social e que dão

⁶² “Outro dado mais recente, no caso de São Paulo, refere-se aos movimentos culturais realizados por grupos juvenis ligados ao *hip hop*, que vêm redimensionando tanto suas identidades étnicas quanto as representações sobre o próprio contexto onde vivem. Estas podem, a princípio, ser entendidas, do ponto de vista antropológico, como versões particulares de categorias nativas que, uma vez refeitas esteticamente e divulgadas por meio da música, vêm ampliando certas narrativas a respeito da periferia (Guasco, 2001), o que constitui um novo campo para abordagens, **exigindo, ao mesmo tempo, distanciamento de um certo fascínio que provocam.**” (FRUGOLI, 2005, p. 145 – grifos meus).

visibilidade aos territórios tanto pelo tom de denúncia da violência e pobreza resultantes de processos desiguais na cidade, como pelas marcas das amizades e cumplicidade comunitária.

Há em comum na produção digital desses/as jovens do Aglomerado da Serra um tipo de narrativa com marcas afetivas, consolidadas na solidariedade entre a vizinhança, fortes relações de amizade e que reafirmam um caráter admirável à região de moradia. O Aglomerado da Serra não é apenas uma referência espacial, ou espaço funcional de residência, mas categoria social e simbólica, principalmente (DAYRELL, 2005).

Cláudia destaca em sua fala a chance de expressar nas redes digitais opiniões que podem ser acessadas por sujeitos que vivem em uma mesma cidade, mas desconhecem as particularidades da periferia. A jovem constrói um olhar sobre as intercessões entre os espaços urbanos e espaços virtuais e problematiza que, em alguma medida, os usos da internet podem explicitar representações, reforçar e (re)criar identidades, inclusive territoriais. Alcanço suas experiências de postagens sobre a Serra como a construção de uma rede onde o “traço [é] deixado por um agente em movimento”. (LATOURE, 2012, p. 194). Assim, ela renova a sensação de conexões sociais locais. As associações territoriais/sentimentais podem ser constantemente (re)arranjadas pelas experiências na internet.

Expor a minha realidade é uma outra coisa importante, sabe. É... E a minha relação com a internet é poder divulgar. Eu acho que ali é um espaço que você pode divulgar, exemplo, o seu trabalho, em primeiro lugar. Em segundo lugar, né, essas questões que a gente vem... vem acontecendo, sabe, em relação de direito. E também poder dizer de uma realidade que poucos conhecem, assim, da periferia, da favela. No sentido do... A mídia é uma coisa muito doida né? Mesmo sabendo que a mídia, pra mim, também é a internet. Então, a mídia ela, tem capacidade de transformar muito a mente do outro. E se o outro não procurar a informação, independente da mídia, aquilo que a mídia tá passando vai ser o que ele vai achar que é correto. “Eu acho isso porque eu ouvi da mídia. Então eu concordo com isso”. Então, o meio de acesso é dizer que nem tudo que você vê é, né. Então é... Dessa visibilidade mesmo. Essa comunicação. De um olhar diferente, sabe. E aí eu acho que hoje... E também eu acho que é um lugar que você acessa várias pessoas que você não consegue acessar de outra forma.

Tais narrativas são também muito comuns em publicações de jovens do Aglomerado que contrapõem um olhar das diferenças entre *morro* e bairros. No *Instagram*, rede social digital de compartilhamento de fotos, alcancei postagens que não

apenas sinalizam a localização do usuário no “Aglomerado da Serra”, mas, fazem uso de *hashtags* (palavras-chave ou termos acompanhados do símbolo # que indexam o conteúdo como hiperlink e facilitam mecanismos de busca nas redes sociais digitais) #favela #gueto #comunidade #serra, como nas postagens de Durico nessa rede digital reproduzidas a seguir.

Figura 20 – Postagem de fotos da paisagem do Aglomerado – Instagram



Fonte: Conta de Durico no Instagram (2014).

Bruno Latour (2012) afirma que, com as tecnologias da informação, temos a chance de rastrear associações de um modo antes impensável. Assim, alcançar essas narrativas imagéticas da cidade não significa subverter

a velha sociedade “humana” concreta, transformando-nos em cyborgs formais ou “pós-humanos” fantasmagóricos; o motivo é exatamente o oposto: [as tecnologias da informação] tornam visível o que antes só existia virtualmente. (LATOUR, 2012, p. 299).

A pesquisa etnográfica online mostrou que, em boa medida, o espaço de fluxos (CASTELLS, 2004) só faz sentido quando constituído de um sentido local. Os sujeitos mostram possibilidades de evidenciar práticas e símbolos que conectam seus espaços, circuitos e relações em uma rede ampliada da esfera pública cibernética. As produções juvenis estão configuradas por um sentido comprometido pela localidade, são partilhadas as memórias e vivências cotidianas sobre um espaço social comum. Criatividade e imaginação parecem potencializadas na produção dos conteúdos sobre a cidade. Tais emissões individuais revelam esses/as jovens como produtores de informação e fazem-nos interrogar sobre novas percepções a respeito do conceito de criação na sociedade contemporânea (ALMEIDA; PAIS, 2012).

O conjunto de tecnologias e processos info-comunicacionais parece facilitar a criação; vemos uma nova relação entre lugares e dispositivos eletrônicos (LE MOS, 2008). Assim, essas mídias se constituem como locativas e fomentam processos de criação de territórios comunicacionais, espaços híbridos entre o ciberespaço e favela (espaço físico). Um novo e incipiente urbano vem se configurando pela rede a partir das invenções e apropriações digitais. Há expansão de práticas e discursos, além da visibilidade de experiências sobre outras vivências e estéticas ou “outra cidade”.

Mesmo que eu postar toda as fotos do céu azul, mas às vezes não quero mostrar o céu azul. Quero mostrar uma outra coisa, sabe. E aí esses dias eu tava me questionando. Falei: “ó que doido, eu tenho uma visão da Serra só da minha casa pros prédios. Eu não tenho uma visão assim, de lá pra Serra, dentro da favela”. Aí eu disse: “Não, não quero isso mais não. Quero uma visão de lá pro morro”, né. Tanto que eu tirei uma foto só do morro, assim. Porque aí... que eu achei importante questionar. E aí quer dizer assim: “Pô, então Belo Horizonte vai virar o que? Só prédio? Porra. Nós tão fudido então”, sacou. Que olha pra você ver, as luzinhas tudo. Casinha. Pequeninha. Você vê ali ó, pra frente, parece que é um, como é que fala... que é um quadro. Esse predinho parece um quadro assim ó. Aqui não ó. Aqui faz um lugar, vira, volta. Dá pra criar altas coisas aqui.

[Cláudia]

E pra mim é até gracioso, quando eu passo e vejo aquela muvuca. Tipo assim, aquele tanto de gente passando, passando. E às vezes, quando eu ia com alguém... Por exemplo, eu levava a minha ex-namorada lá. E aí ela, tipo assim, passava com uma dificuldade, sabe? Andando assim... Olhando pra tudo quanto é lado. E os carros, aquele emaranhado assim. E pra mim é gracioso velho, que eu andando ali, eu passo como se nada tivesse, tipo assim, como se não tivesse ninguém na rua, sabe? Passando por tudo e por todos numa

facilidade. Então, pra mim era e é muito bonito essa parte da coisa sabe. De viver ali num lugar onde todo mundo é muito próximo. Porque, às vezes, tem bairros, igual esse bairros tipo Santa Tereza, assim. Santa Tereza não. Mas, vamos pegar um bairro mais de classe média alta que as pessoas moram ali. Estão próximas. Às vezes apartamento, as coisa toda, mas não tem contato nenhum. E onde eu moro sempre teve essa coisa de “ah, o vizinho ali conhece o vizinho’... Até porque a minha família é, tipo assim, está minha casa aqui, aí acima está a casa da minha tia. Aí acima está a casa do meu tio. Aí abaixo está a casa da minha avó. Então eu cresci vendo isso.

[Diogo]

São variadas as publicações virtuais que ressaltam uma discursividade urbana a propósito dos significados de experimentar a periferia, “vivências significativas que são transmitidas, compartilhadas e sobretudo vividas, enquanto constitutivas de elos sociais.” (PAIS, 2010, p. 68). Narrativas que evidenciam uma oposição à ideia simmeliana sobre as experiências nas grandes cidades da coexistência de estreiteza e de proximidade física e o distanciamento espiritual/emocional (SIMMEL, 1983).

Nas comunidades, tanto na Serra, quanto em qualquer outro tipo de favela são os poucos locais que se mantém a questão do conhecer o vizinho, de brincar na rua. Convívio social, pessoal mesmo. Porque hoje em dia se você vai olhar aqui nos prédios aqui nos bairros, todo mundo passa por todo mundo. Mal mal você conhece seu vizinho da frente. Seus filhos não brincam na rua que nem você brincava antigamente. E nas favelas são um dos últimos lugares que você ainda encontra isso. Menino na rua brincando. Todo mundo conhece todo mundo. Sem chance de se perder.

[Beatriz]

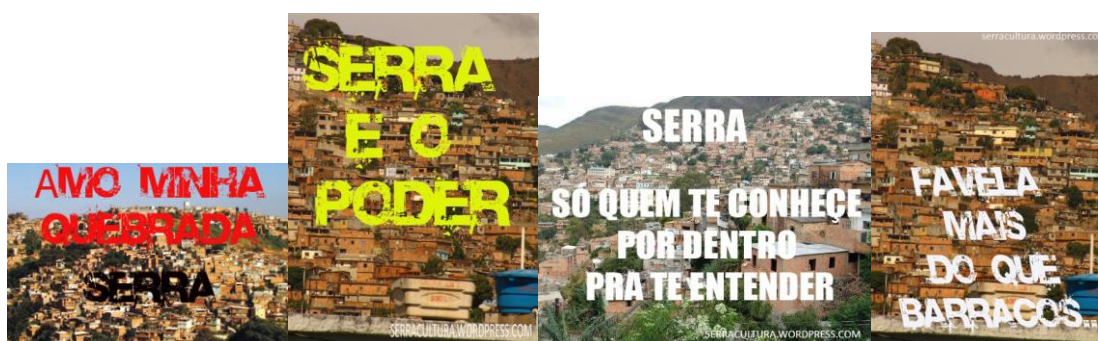
Essas práticas juvenis no/do Aglomerado no ciberespaço, apresentadas neste capítulo, abarcam a evidência da Serra como fundamental espaço de socialização e, ao mesmo tempo, mostram-se como experiências singulares de enunciação dos/as jovens. Como aponta Martín-Barbero (2003), assistimos a emergência de novas sensibilidades juvenis enredadas na cultura tecnológica. Tais relações entre esfera midiática e espaço urbano mostram como a “tecnologia, é hoje, uma das metáforas mais potentes para compreender o tecido – redes e interfaces – de construção da subjetividade” (MARTÍN-BARBERO, 2008, p. 20). As redes de interconectividade que explicitam e ultrapassam os laços para além das proximidades da vizinhança e permitem *criativizar* a projeção de mapas afetivos com/sobre o Aglomerado.

Levantar mapeamentos de declarações e manifestos dos territórios na web pode contribuir para a percepção de “maneiras de fazer” a cidade metafórica (CERTEAU, 1994). Observar tais postagens me conduziu a sobreposições de construções territorializadas no interior da internet (CASTELLS, 2004). Embora a ausência de limitações geográficas explícitas, o *global* na web não faz desaparecer referências da dimensão das vivências locais, podendo às vezes contribuir ainda mais para o reforço de interações locais.

*Cola no Cafezal, e também na Igrejinha
Na pracinha do Cardoso, é só diversão
Um Salve Sacramento e pros manos do Canão
Não podemos esquecer, da galera do PC
Pode vir colar com nós, porque Serra é só lazer
Vem colar com nós
Serra é só lazer
Paz, justiça e liberdade
Humildade e procedê!!!*

Fonte: Trecho de canção publicada na rede

Figura 21 – Fotos com textos enaltecendo a Serra – Facebook



Fonte: Sou Aglomerado da Serra – Fabebook (2013)

4.4 FAVELA EM REDE: PROCESSOS DE SOCIALIZAÇÃO E INDIVIDUAÇÃO

Figura 22 – Postagem com foto de grafitti – Facebook “faz minha cabeça” #favela



Fonte: Captura de tela pela autora (2013)

A interface Aglomerado/web mostrou-se como importante mecanismo de “adensamento da presença” desses jovens numa rede on/offline da Serra. (ALMEIDA; EUGÊNIO, 2006, p. 58). Letras, fotografias, músicas, expressões que despontam marcas nos modos de “reconhecimento” e “exibição de si” (SIBILIA, 2008) conformados pelo espaço de moradia e socialização. O Aglomerado é (re)territorializado na web a partir desses sujeitos. Na elasticidade da internet a especificidade da periferia ganha força com seus moradores como autores de sua imagem em afirmações identitárias autopublicadas.

Retomando as questões anunciadas no início deste capítulo sobre a pertinência em identificar *centros* e *periferias* também na web, a etnografia online dá pistas para respostas. Por um lado, os “conglomerados multimídia globalizados” criam programas e plataformas de mídia universalizadas. É inevitável mencionar os fortes centros de controle na internet, um poderoso núcleo de empresas de comunicação global que desenvolvem políticas de concentração de propriedade e investimentos financeiros em tecnologias digitais. (CASTELLS, 2013). Por outro lado, há inventividade e reprogramação nesses “centros”, a elasticidade da internet incita o estiramento de fronteiras. Os rearranjos nas poderosas redes de comunicação são protagonizados pelos indivíduos. A estrutura social é coercitiva e facilitadora, nos diz Giddens (1989). A

estrutura da internet com seus “elementos normativos e códigos de significação” é controlada, regulada, mas também modificada pelo fluxo de atividades dos atores.

Os sistemas multimídia na era digital, marcados pela “autocomunicação de massa”, permitem outras lógicas de ação assinaladas por agenciamentos individuais ou coletivos, como relata Lucas quando conversávamos sobre os resultados mais prováveis no Google diante da busca por “Aglomerado da Serra”. A partir de suas “*trambicagens de web designer*” ele conta sobre uma estratégia engenhosa que buscava levar os usuários a outras repostas menos comuns, fornecendo, por exemplo, o link do blog sobre o Aglomerado que ele construiu. Lucas relata esse agenciamento que opera maneiras de alterar lógicas internas dos mecanismos de buscas:

Existe uma coisa que é popularidade. Que pra você aparecer na primeira página, no primeiro, você paga. Tanto que tem um quadrinho azul ali e vem escrito em uma cor diferente. Na primeira página, na lateral. Tudo que você procura ali, você paga pra você aparecer. Aí já quando começa embaixo ali, que eles escrevem “postagens relacionadas”, que aí eles nem falam que é o que você procura, eles falam que é relacionado ao que você procura. Apesar que muitas vezes o que você procura está ali embaixo, só que eles falam que é relacionado. Aí ali vem um sistema de web design, de programação em designer, que é uns códigos que você coloca, de pesquisa, que aí o computador acha mais rápido. Aí também você paga por isso né. Pra você poder instalar. Não pra você poder instalar, mas você tem um site na internet, você paga. Aí como tudo meu é hospedado em site gratuito, eu faço uma coisa muito feia que é puxar... que aí eu instalo uns códigos, que o nome do programa que faz pesquisa é robots. Aí quando você digita lá a palavra, esses robots começam a procurar palavras em toda a rede pra poder colocar lá em uma lista. Aí sempre a que tem mais acesso vai aparecendo. E essas que vão aparecendo é por questão de que pagaram. Aí então eu ligo meu site no site de pesquisa assim que paga. Eu desvio... isso é até feio. É ilegal. Eu não sei se é ilegal. Não tem nenhuma lei que proíbe não. Só desvio... Eu coloquei os mesmos códigos deles no meu site. O código está lá livre. Você aperta o Ctrl+U, aparece. Eu só copieiei o código e coloquei no meu site. Então tudo que aparece vai. Eu faço isso sempre agora. Aí sempre eu vou trocando o mecanismo de pesquisa dentro da programação porque aí não fica no mesmo. Porque todo site que paga tem um limite de cliques. Tipo cem cliques por pessoa. Aí quando atinge cem cliques, aí pára de aparecer na primeira página. Aí então toda semana eu vou trocando o mecanismo lá pro Globo, Alterosa, Estado de Minas, sempre jornal. Sempre jornal. Aí até nas páginas de pesquisa deles, de coisa nada relacionada, eu coloco.

Como anunciei no início deste trabalho, concebo a internet, a partir de suas plataformas e redes, como imponente espaço de socialização da juventude contemporânea, uma entre outras “matrizes de cultura” responsáveis pela formação de sujeitos singulares (SETTON, 2011). Há, entre as variadas instâncias socializadoras, relações interdependentes. Tal perspectiva relacional se evidenciou neste capítulo no entrelaçamento de experiências socializadoras nos territórios digitais e de moradia. As construções identitárias e singulares de meus interlocutores se articulam por referências múltiplas, e entre elas a favela, esse território em rede que se personifica em alguns sujeitos. Por isso, essa proposta de apresentar de maneira mais ampla até aqui uma dupla experiência comum de socialização juvenil (na web – no Aglomerado).

Viver nesse território é uma prova de que os jovens indivíduos estão encarregados em dar respostas para se construírem enquanto sujeitos, principalmente em um contexto que constantemente os nomeia como “excluídos”, “carentes” ou em “situação de risco”. Visto que a noção de prova é inseparável de uma dimensão narrativa – em outras palavras, para descrever os modos de respostas às provas é preciso encarar as histórias singulares (MARTUCCELLI, 2007a) – alcancei mobilizações juvenis caracterizadas pela forte apropriação do “território usado”, humano e habitado (SANTOS, 2009) através de representações bastante afirmativas e positivadas sobre o espaço de moradia. Nessa maneira particular de construir resposta à prova de viver na periferia, a favela mostra-se como “suporte das individuações” do/da jovem que serão apresentados a seguir. Junto a outras instâncias e processos que viabilizam a singularidade desses/as jovens, o Aglomerado da Serra é agenciador significativo em suas sustentações como sujeitos.

Por isso, nos próximos capítulos, a “sociologia dos indivíduos” de Durico e Cláudia evidencia outras instâncias socializadoras que atravessam seus modos de individuação. Essa e esse jovem, particularmente, vivenciam uma ampla rede de sociabilidade na/da cidade e fora dela. Coincidentemente, os dois são notadamente (re)conhecidos como moradores do Aglomerado e convocados para atuações, trabalhos, eventos em função desse pertencimento territorial. Entretanto, a transversalidade de outras experiências socializadoras (na família, nos processos de escolarização, no trabalho, dentre outras) assume distintas configurações nas particularidades biográficas que possibilitam singulares modos de individuação juvenis.

5 DURICO: UMA EXTENSA REDE DE SOCIALIZAÇÃO E MODOS DE INDIVIDUAÇÃO ARTÍSTICA

*Como a vida muda.
Como a vida é muda.
Como a vida é nuda.
Como a vida é nada.
Como a vida é tudo.*

(...)

Carlos Drummond de Andrade

[trecho de “Parolagem da Vida” postado por Durico no Facebook]

(...)

*Tudo que se perde
mesmo sem ter ganho.
Como a vida é senha
de outra vida nova
que envelhece antes
de romper o novo.
Como a vida é outra
sempre outra, outra
não a que é vivida.
Como a vida é vida
ainda quando morte
esculpida em vida.
Como a vida é forte
em suas algemas.
Como dói a vida
quando tira a veste
de prata celeste.*

*Como a vida é isto
misturado àquilo.
Como a vida é bela
sendo uma pantera
de garra quebrada.
Como a vida é louca
estúpida, mouca
e no entanto chama
a torrar-se em chama.
Como a vida chora
de saber que é vida
e nunca nunca nunca
leva a sério o homem,
esse lobisomem.
Como a vida ri
a cada manhã
de seu próprio absurdo
e a cada momento
dá de novo a todos
uma prenda estranha.
Como a vida joga
de paz e de guerra
povoando a terra
de leis e fantasmas.
Como a vida toca
seu gasto realejo
fazendo da valsa
um puro Vivaldi.*

*Como a vida vale
mais que a própria vida
sempre renascida
em flor e formiga
em seixo rolado
peito desolado
coração amante.
E como se salva
a uma só palavra
escrita no sangue
desde o nascimento:
amor, vidamor!*

Como escapar da *trans-versalidade* da vida ao narrar uma trajetória biográfica? O movimento da existência tem fluxos distintos. A composição das experiências não é necessariamente sequencial. A escrita das vidas juvenis marcadas pela singularidade expõe um jogo de se compor, decompor e recompor. Busco apresentar o jovem Durico como agenciador de suas histórias, como sujeito singular, contudo, sem perder de vista os processos globais que configuram a vida contemporânea. Certamente, apresentar o acervo de experiências, práticas e reflexões individuais é um desafio teórico e metodológico. Entretanto, me vi provocada pela tentativa de experimentar na pesquisa esse modo de composição que demanda “perspectivas transversais capazes de reconstituir as porosidades entre as ações coletivas e outros tempos e espaços da vida dos jovens” (SPOSITO, 2010, p. 100).

Neste capítulo, a partir da aproximação com Durico, busco as (re)configurações de sua constituição como indivíduo. Principalmente, tendo em vista as experiências na pesquisa de dois modos de narrar sua história e cotidiano – nas entrevistas biográficas e na experiência *online* – exploro os processos/espaços de socialização que se inscrevem em seu modo de individuação, consequentemente vislumbro os principais suportes que viabilizam sua constituição como indivíduo (MARTUCELLI, 2007a). Nessa “escrita da vida”, as experiências familiares e religiosas; os processos de escolarização; as experiências de trabalho; a participação em movimentos e coletivos juvenis; a música e sua trajetória artística entrelaçam o “devir biográfico” (DELORY-MOMBERGER, 2012). Portanto, neste capítulo há nuances da narrativa cronológica e (des)alinhada da vida, mas, também das experiências vivenciadas no tempo presente bem como os imponderáveis da existência. Afinal, esse “contar sobre si” é “fruto da capacidade individual de construir e reconstruir, sempre de novo, molduras de sentido, narrativas sempre novas, a despeito da moldura temporal presentificada” (LECCARDI, 2005, p.49).

Percebo que, se as entrevistas biográficas procuraram apreender a memória do vivido, a singularidade de situações, os fatos e as interpretações que o jovem dá à sua própria existência; as práticas e narrativas na internet também podem cumprir esse propósito, na medida em que variados acontecimentos da vida cotidiana são digitalmente contados, exibidos, fotografados, singularizados, ou seja, há nuances de

fragmentos de uma autobiografia online⁶³. A internet é também espaço privilegiado da experiência juvenil. Assim, nessa “sociologia experimental”, há “variações das escalas de observação” e escuta também na pesquisa biográfica (LAHIRE, 2004), que se dá, no caso ora apresentado, no acompanhamento e observações face a face, através das entrevistas narrativas e na pesquisa online pelo alcance de narrativas digitais.

Apesar da centralidade da produção artística e musical de Durico no ciberespaço, as redes e plataformas digitais de que ele participa também expõem a transversalidade de sua vida. O jovem de 23 anos que se identifica como *artista plural* - “MC da cultura Hip Hop, poeta, compositor, ator, arte educador e gestor da sua própria carreira” – pode ter sua trajetória avistada por um “agir da obliquidade” (PAIS, 2012) em um modo de individuação com forte referência às dimensões simbólicas e expressivas das artes em geral e da música, especialmente.

Sua abertura imediata à participação na pesquisa e sua disponibilidade para que eu acompanhasse seu cotidiano possibilitaram que eu o seguisse em variados eventos na cidade. Mantivemo-nos conectados no Facebook, Twitter e Orkut e segui suas práticas em outras plataformas digitais em que, a princípio, eu não era usuária, como o Instagram e outras redes digitais do universo musical. Em função de sua ampla vivência online, foi preciso mapear e compreender a diversidade de espaços por onde ele frequentemente desenvolve práticas na web.

Realizei três entrevistas com Durico. As duas primeiras em 2012, com um intervalo de dois meses entre elas. Já a terceira entrevista aconteceu mais de um ano e meio depois, em janeiro de 2013. As entrevistas foram gravadas e transcritas, cada uma delas teve cerca de duas horas de duração e foram realizadas em sua casa. Com a transcrição feita e revista, enviei para ele o arquivo por mensagem privada no Facebook. As entrevistas foram conduzidas por um roteiro de perguntas aberto, privilegiando a dimensão biográfica, suas narrativas de vida e algumas dimensões de suas experiências: na *família*, nos *processos de escolarização*, no *trabalho*, em sua

⁶³ Na pesquisa de José Machado Pais (2012) com jovens envolvidos na construção de histórias em quadrinhos, o pesquisador pediu a seus interlocutores que contassem suas histórias de vida em quadrinhos, “estratégia metodológica para explorar a forma como eles forjam identidades, ao assumirem-se narrativamente numa história (de vida) (...)”. Pais classifica os relatos como “autobiografia[s] imaginada[s] e ficcionada[s]”, que não deixam de estar fundadas na realidade. (2012, p. 152). Neste trabalho, considero as vivências e múltiplas postagens na internet também como relatos autobiográficos.

trajetória como *artista*, nas vivências na *internet* e outras instâncias socializadoras heterogêneas apontadas pelo jovem. É nesse “campo de possibilidades” – espécie de mediador da dimensão biográfica nas sociedades contemporâneas - que o jovem desenvolve sua trajetória e elabora seus projetos. (VELHO, 1994).

Em dois anos de convivência, impressionou-me acompanhar a dinamicidade de suas experiências, uma pluralidade de acontecimentos que provocavam em seu percurso “trajectórias não lineares”, inclusive porque “o terreno onde as transições têm lugar é de natureza cada vez mais labiríntica” (PAIS, 2005, p. 13). Por isso, busco compreensões sobre as vivências nos espaços de socialização e os modos de individuação de Durico tendo em vista essa multiplicidade de processos. Assim, o desafio de construir análises apropriadas a cada “esfera da vida” se faz menos na especificidade e compartimentalização das densas e consolidadas produções da(s) “sociologia(s)” da família, da escola, do trabalho, da cultura e mais no entendimento da interdependência entre tais instâncias na construção singular desse jovem (SETTON, 2002). Por isso, tal “transversalidade no estudo sobre jovens” (SPOSITO, 2010, p. 93) demanda um guia de investigação também reclinado, recurvado. O jovem centraliza a expressão de um percurso que se constrói por uma lógica oblíqua, de traços variados. Assim, a intersecção de múltiplas experiências, mais do que a aprendizagem de um papel, permite a formação desse indivíduo (DUBET, 1994) que, a partir de uma apreensão biográfica, condensa os processos simultâneos de socialização e individuação marcados por um contexto histórico e social. Há uma ênfase por perceber a construção desse jovem como sujeito que cria singularmente sua história e reflete sobre ela (DAYRELL, 2005), inclusive no ciberespaço.

5.1 A FAMÍLIA COMO ALICERCE

Durico, conhecido como Durico na cena do Hip Hop em Belo Horizonte, é um jovem branco que tem o ensino médio completo. Nascido em 1990, é o filho caçula de uma família de três filhos. Quando nos encontramos pela primeira vez, no primeiro semestre de 2012, ele estava com 21 anos. Há mais de 15 anos, o jovem mora no Cafezal (uma das sete vilas do Aglomerado da Serra) com o pai e a mãe. Anteriormente,

a família residia em um bairro vizinho, Santa Efigênia, também na regional centro-sul de Belo Horizonte. Seu pai é motorista e a mãe trabalha em casa, fazendo doces e salgados por encomenda. Sua irmã e o irmão já não residiam nessa casa quando nos conhecemos, moravam em outras cidades. Em 2012, o avô paterno vivia provisoriamente em sua casa, após a morte da avó.

A residência fica em uma rua estreita e asfaltada na entrada da Vila Cafezal, tem três andares – como ele mesmo descreveu, *“barraco só tem jeito de crescer é pra cima”*. É uma casa simples, mas confortável e bem equipada com eletrodomésticos. A primeira vez em que estive lá, fiquei empolgada com tantos equipamentos com conexão à internet, computador de mesa, notebook e iPad, reflexo da importância dos artefatos tecnológicos na cultura juvenil contemporânea e das maiores possibilidades de consumo. Nossa primeira entrevista esteve permeada pelas tecnologias (como conteúdo da conversa e pela materialidade da presença) sinalizando a “condição de simultaneidade que opera em agenciamentos subjetivos juvenis na contemporaneidade” (ALMEIDA; EUGÊNIO, 2006, p. 54). Enquanto conversávamos, ele ia me mostrando imagens, vídeos, estatísticas de acesso a suas páginas e fez uma postagem no *Facebook* às 15h, uma estratégia providencial, já que, segundo ele, aquele era o horário de maior acesso dos usuários e, por isso, com maior possibilidade de visualizações. Ali confirmei que Durico era um sujeito importante para investigar as questões que buscava com a pesquisa e achei interessante a maneira como ele me apresentou para sua mãe, destacando sua singularidade: *“Ela está fazendo uma pesquisa com jovens que são protagonistas na internet”*.

A mãe do jovem tem o ensino fundamental incompleto, estudou até a 4ª série e seu pai concluiu o ensino fundamental. A irmã mais velha cursou jornalismo, vive na cidade de Palmas, no estado de Tocantins, atualmente faz mestrado em uma universidade pública federal. Seu irmão concluiu o ensino médio e está cursando o ensino superior. Ele é missionário religioso de um grupo evangélico, do qual Durico foi participante na infância, como ainda será relatado. Atualmente, o irmão que é casado e mora em Pitangui, cidade do interior de Minas Gerais, vive viajando pelo Brasil com atividades evangelizadoras e socioeducativas ligadas a uma igreja protestante. A escolaridade mais elevada dos filhos em relação aos pais se evidencia, dado condizente com a situação de maior escolaridade da juventude brasileira em relação a seus pais,

sobretudo nas classes populares. Tal elemento corrobora o reflexo da expansão do ensino médio a partir dos anos de 1990 e ampliação da obrigatoriedade e gratuidade desse nível de ensino (LEÃO, DAYRELL; REIS, 2011).

Mesmo que proveniente de uma família pobre, Durico não precisa contribuir intensamente com o sustento da casa. *“Porque eu não tenho uma obrigação, assim, de ajudar aqui em casa. De pagar uma conta, sabe. Alguma coisa assim. Isso já ajuda demais na correria e tal”*. Entretanto, lembra que desde quando criança, para adquirir suas coisas, sejam brinquedos ou jogos eletrônicos na infância, ou roupas e calçados na adolescência, era preciso *“correr atrás”*. *“Os meus pais, tipo, sei lá, não tinham muito recurso, assim. Éramos três filhos. Nunca chegamos a passar fome, dificuldade, assim, essas coisas, sabe... Mas, tudo que a gente queria era meio que aquela coisa de ‘vai atrás!’”*.

Ele atribui a autonomia de cada um dos filhos para percorrer seu trajeto de maneira singular, orientados pelos desejos e anseios individuais, à forma como o pai e a mãe os criaram. Durico aponta o aprendizado da responsabilidade desde pequenos a partir da exigência na contribuição com as atividades domésticas, por exemplo. Nesse sentido, convém identificar características do arranjo particular dessa família, apresentando elementos da vivência que favorecem a apreensão de suas experiências específicas de socialização. (SETTON, 2002). Uma lógica imprescindível que propõe pensar as relações familiares como lugar estruturante no processo de os/as jovens tornarem-se sujeitos. (SARTI, 1999).

Durico esteve muito envolvido com o trabalho da mãe, assumindo a postura de alguém que sempre esteve por perto para ajudar de alguma maneira. Por um lado, a mãe não lhe dava dinheiro, mas possibilitava que ele recebesse uns trocados vendendo os doces que fazia ou as roupas do bazar que ela organizava em uma lojinha ao lado da sua casa. *“Aí ela tinha um bazar, que mais tarde não foi muito pra frente, mas eu tomei a frente. Vendia as roupas, ficava lá vendendo as roupas. E isso era muito bom porque a minha mãe não me dava dinheiro, aí eu tinha que trabalhar”*. Assim como o título do conhecido livro de Cyntia Sarti (1994), *“A família como espelho”*, a mesma imagem é usada pelo jovem como metáfora para narrar as íntimas relações entre as experiências e valores dos pais e os aprendizados dos filhos. *“Acho que é muita influência isso, sabe. É **espelho total** do que os dois são e o quê que todos os filhos também”*. Em outras

palavras, o jovem reconhece-se como herdeiro, não de determinados bens de consumo, mas testemunha uma história/laço em comum (SINGLY, 2007).

Com muita admiração, ele evidencia a importância, principalmente da mãe, em seu percurso educativo. Para ele, uma mulher que, apesar das limitações em sua própria trajetória escolar, sempre foi presente e rigorosa no acompanhamento dos filhos. Reiterando uma frase contundente sobre a centralidade da mãe: “**É só a presença mesmo!**”

Que minha mãe ensinou pra gente. Com um pouquinho de estudo que ela tem. Ela é mó massa. Estudou até a quarta série e, tipo, ensinava a gente a fazer dever. Acho isso mó massa. É só a presença mesmo! Porque hoje em dia fico vendo, tem muita mãe que não ensina assim, sabe. E tem um estudo assim e tal. Ela não tinha, e ensinava e a gente aprendia, assim, tipo, tabuada, essas coisas e tal. Vamo pesquisar junto. Ela... A gente tinha uma enciclopédia que ficava até aqui. Tirou porque não tem mais hoje um porque você ter uma enciclopédia em casa. Mas os trabalhos que a gente fazia, assim, tipo, olimpíadas, essas coisas, ela ajudava a gente a pesquisar. Ditava pra gente. Era como se fosse um Google assim. E gigantesca...

O jovem destaca o fato de os pais terem uma trajetória de trabalho como autônomos e, de tal modo, ele e os irmãos foram socializados em um universo em que a autonomia é valor, mas, ao mesmo tempo, deve ser praticada. As vivências são narradas pela marca da liberdade nas escolhas, mas com apoio familiar para sustentá-las, não financeiramente, mas moralmente. “*Acho que é mesmo um lance de acreditar, assim. Minha família sempre influenciou isso*”. Logo, vemos características de uma família contemporânea com valores para a autenticidade, independência e autonomia entre seus membros. A dimensão das escolhas individuais é valorizada no seio familiar (SINGLY, 2007).

Além da abertura para que os filhos façam suas escolhas, há no ambiente familiar referências estruturantes de segurança e proteção. Nesse espaço de “socialização primária” (BERGER; LUCKMAN, 1985), a família é percebida como uma forte rede de solidariedade e estima. Pude sentir o carinho presente no ambiente, desde a acolhida cuidadosa da sua mãe, na primeira vez em que estive na casa. Sempre fui convidada para tomar café, lanchar ou almoçar. E, mesmo em outros momentos, quando, por exemplo, numa entrevista, fomos interrompidos pela chegada do pai, que, de maneira afetuosa e incomum (ao menos na habitual cultura machista), abraçou e

beijou Durico. Na minha convivência como pesquisadora, ficavam evidentes laços que definem esse “nós” familiar.

Durico distingue o apoio irrestrito da família em sua carreira musical e artística. Quando diz sobre esse reconhecido suporte em sua sustentação, o jovem destaca que a assistência não se restringe a um amparo enfraquecido. Mesmo que ele estabeleça outros fortes referenciais identitários para a construção da sua própria história (como a cultura Hip Hop, curiosamente outra *família*, o coletivo “*Família de Rua*”), notei práticas e narrativas no âmbito da família que corroboram a consonância de sua escolha por um estilo musical como profissão⁶⁴. A família é espaço não só possível, mas ambiente favorável e referência para suas construções individuais. Ela é ao mesmo tempo “alicerce de identidade” (SARTI, 1999, p. 100) e “suporte para sua individuação” como artista (MARTUCCELLI, 2007a), mesmo que o estilo musical não seja apreciado por seu pai, como ele relata.

*Minha família apoia demais. Demais, assim. Não é aquele apoio do tipo “ah, vai lá fazer o show”, sabe. É um apoio meio de tipo “o que precisar tá aqui”. Tava pensando nisso esses dias, assim, tipo, minha família, nó, é... Mas, é, no início meu pai não gostava muito da música rap. Mas nunca foi contra eu cantar. Só tipo “ah, não gosto dessas músicas, não” e minha mãe sempre me deu ouvido. Mas a família sempre foi de boa, assim. **Meu pai e minha mãe hoje em dia é alicerce pra mim, sabe.** Até minha mãe, a gente tá começando a criar um esquema dela meio que cuidar da grana, assim, que entra e tal. Porque senão não vejo onde tá saindo. Mas apoia demais, demais, assim!*

Tendo em vista a produção sociológica de François de Singly (2007) sobre as configurações das famílias contemporâneas, percebo nas vivências familiares de Durico as possibilidades de um “trabalho sobre si assistido pelos outros”. Inclusive, o espaço da casa é lugar de encontro para ensaios, reuniões, festas, gravação de músicas, cenário de produção visual e musical do jovem artista. Seus pais não apenas conhecem mas convivem com parte da rede de amigos que contribui em sua carreira. Estão aí presentes

⁶⁴ Cyntia Sarti (2004) afirma que os jovens buscam outros referenciais para a construção da identidade fora da família, prática de um processo de afirmação individual e social. Interessante sua afirmação sobre a noção de família fora do núcleo familiar. “[os jovens] necessitam falar de si no plural, recriando “famílias” (como construção de “nós”), fora de seu âmbito familiar de origem, através dos vários grupos de pares, seja em torno de música, outras atividades culturais, esportivas, ou outras formas de expressão dos jovens no espaço público.” (p. 20) . Ou como aponta Juarez Dayrell (2001), “É comum um grupo ou mesmo alguns grupos mais próximos se autodenominarem “família”, evidenciando uma reconstrução simbólica das relações familiares em outras bases” (p. 139).

“instâncias socializadoras que coexistem numa intensa relação de interdependência”. (SETTON, 2009, p. 305)

A família também está conectada à internet. Durico se comunica frequentemente com os irmãos na rede. A irmã e o irmão são grandes apoiadores na divulgação da sua carreira de *rapper*. A irmã, com formação em jornalismo, contribui com ideias e estratégias para difusão da sua produção musical. “*Ela, além de fã, o que ela puder fazer pra ajudar ela faz, sabe*”. O irmão, que está sempre viajando pelo Brasil e em contato com pessoas e lugares que desconhecem o irmão artista, também divulga a carreira de Durico pelas redes sociais digitais. “*Já teve galera de outros lugares, assim de, tipo, me procurar na internet e falar: ‘Seu irmão que me apresentou seu trabalho’. Acho isso mó legal, assim... Ele acompanha mesmo a carreira, sabe. Tudo que eu posto ele tá lá curtindo*”.

Nos ambientes digitais, as fotografias familiares estampam as relações afetuosas de respeito e admiração. O pai e a mãe não têm perfis nas redes online, mas, seguindo os rastros de Durico, pude alcançar fotos de diversos familiares. Imagens que revelam tanto situações atuais como de infância. Como em um baú digital, os acontecimentos no âmbito familiar são exibidos e acompanhados de textos que afirmam os carinhosos laços de filiação, como expresso nos fragmentos de algumas postagens “*figurassa esse meu pai amigo pai*” - “*E nos seus olhos era tanto brilho que mais que seu filho eu fiquei seu fã...*” – “*minha rainha*”...⁶⁵ ou na letra de sua música “*Deus, meu pai, minha mãe, meu talento, meu tesouro*”.

Contudo, uma situação também na internet sinaliza os aspectos de vínculo, respeito e gratidão à família paralelos à necessidade de identidade autônoma do jovem. Durico propôs a criação de um perfil para divulgação da venda dos doces e salgados que a mãe produz quando ela sugeriu que o filho postasse em seu perfil pessoal no Facebook as fotos dos bolos que confeitava. “*Legal mãe, mas vamos criar um perfil seu?*”. Acontecimento interessante para problematizar certa transação entre as gerações, em um duplo vínculo que não envolve a obediência absoluta, mas espontaneidade (SINGLY, 2007). A decisão alcançada demonstrou uma simetria na relação, indicando

⁶⁵ O trabalho de Lígia Diogo e Paula Sibília (2010) “Imagens de família na internet: fotografias íntimas na grande vitrine virtual” apresenta interessante reflexão sobre transformações nos registros de família diante das mudanças socioculturais e tecnológicas. As autoras problematizam as imagens da intimidade armazenadas em registros públicos e digitais na internet.

certa configuração familiar em que o exercício da autoridade não é privilégio dos adultos, como diz novamente Singly, “há direito de todo indivíduo, pequeno ou grande, de ser considerado uma pessoa” (apud NOGUEIRA, 2005, p. 572).

O jovem estabelece uma forte anunciação da função socializadora da família; as interdependências pessoais e ligações emocionais são densamente vividas e reconhecidas por ele (ELIAS, 1994). Contudo, nas relações familiares de Durico percebo uma consciência de sua alteridade, uma dinâmica decisiva da sua construção individual como sujeito. As demarcações da autonomia como indivíduo são possibilitadas também por outras instâncias fundamentais, os coletivos juvenis e a própria internet, por exemplo. Inclusive, a família incentiva, valoriza e reconhece sua existência pessoal marcada por outras matrizes de cultura. A família é suporte em sua individuação, nela ele mantém referências de afeto, segurança e acolhimento, mas também a própria família sustenta suas escolhas individuais. O espaço privado se configura por formas relacionais e autônomas a serviço de gerenciamento do “eu”, ou, como aponta Singly, nessa configuração familiar há possibilidade de “estar juntos e livres” (SINGLY, 2007 apud DUTRA, 2004).

5.2 MÚLTIPLOS PROCESSOS SOCIALIZADORES NA IGREJA E NA ESCOLA: A CENTRALIDADE DA MÚSICA

Durico vivencia desde a infância uma socialização familiar/religiosa protestante. A família é evangélica, por isso, além de frequentar a Igreja Batista na infância e começo da adolescência com os pais e irmãos, teve experiências em outros espaços com práticas evangelizadoras relacionadas à igreja. Práticas em dança, teatro, esportes entre outras ações fizeram parte da sua rotina, quando criança, em atividades de espaços comunitários e religiosos. Atualmente não vivencia com regularidade essa instância de socialização.

Uma instituição, em particular, é lembrada como espaço em que teve oportunidade de vivenciar uma pluralidade de atividades socioeducativas. O JOCUM – “Jovens Com Uma Missão” – é uma entidade religiosa presente em várias regiões do

Brasil com intuito de mobilização e evangelização de jovens⁶⁶. Há uma sede no Aglomerado da Serra, na mesma rua em que Durico vive. *“Tem uma JOCUM aqui né, eu participei minha infância inteira. Eu fiz teatro, nada de aprofundar, assim, sabe, mas, fiz teatro, fiz dança, fiz marcenaria, fiz violão. Não sei tocar violão, mas ali tentei. Fazia, sabe, as coisas. Horta. A gente fazia horta. Fazia natação. Futebol. Nossa, fazia tudo. Vôlei. Tênis. Já fiz aula de tênis mesmo, com equipamento e tal. Acho que isso tudo foi meio que acarretando, assim, foi...”*.

O jovem tem uma personalidade carismática, como pude sentir desde sua animada resposta ao meu primeiro contato *online*, assim como nos shows e *rolês* pela cidade. É notável perceber como é radiante, bem-humorado, expansivo e comunicativo. Criatividade e simpatia são qualidades que ele também atribui a aprendizados em práticas religiosas, devido a vivências coletivas em espaços grupais e mesmo *“seu modo de ser”*, já que, desde a infância:

[...] gostava de aparecer, mesmo. Tipo, eu nunca tive vergonha também de apresentar alguma coisa. Aí na escolinha, no prézinho, eu já apresentava assim. Catecismo também, eu sempre apresentava. Se fosse um trabalho de escola, botava o pessoal pra fazer e estudava um dia antes, decorava aquilo ali e criava uma coisa pra apresentar e tal.

No JOCUM, o jovem teve oportunidade de conhecer missionários estrangeiros – holandeses, alemães, dinamarqueses – e desenvolver habilidades e relações variadas. Lembra com carinho de um amigo holandês na infância. Ele relata sobre a possibilidade de ampliação de relações e práticas não comuns em sua família pelo contato com esse garoto.

Um amigo assim, mesmo, mas era de uma família holandesa, que era da JOCUM também. E ele era meu braço direito e vice-versa, assim. Éramos bem amigos, tal. E a gente trocava de casa nos finais de

⁶⁶ No site oficial da JOCUM no Brasil, a entidade se define como “uma Missão internacional e interdenominacional, empenhada na mobilização de jovens de todas as nações para a obra missionária”. E informa: “No Brasil, iniciamos nossas atividades em 1975, em Contagem-MG. Hoje temos 53 Escritórios e Centros de Treinamento Missionário espalhados por todas as regiões do Brasil. ‘Jovens Com Uma Missão’ reúne pessoas diferentes para trabalhar nas mais diferentes atividades evangelísticas. Entre os nossos missionários, podem ser encontrados jovens, famílias, aposentados, universitários recém-formados e pós-graduados, pessoas vindas de mais de 100 países e denominações evangélicas diferentes, novos crentes, pastores e líderes de igrejas com muitos anos de experiência.” Além do site oficial - <http://www.jocum.org.br/> - o Jocum tem perfil no Facebook - www.facebook.com/jocumbr -, no Twitter - <https://twitter.com/jocum> - e Youtube - www.youtube.com/user/cmjocum. Interessante perceber que a produção de imagens, vídeos e postagens têm uma linguagem que dialoga intimamente com as culturas juvenis e as mídias digitais.

semana. E na casa dele a gente jogava muito jogo de tabuleiro. Era uma outra realidade, assim. Ele gostava de vir aqui pra casa pra ver novela, às vezes. A família dele não via.

Também nas atividades de socialização religiosa, Durico atribui sua descoberta de gosto pela escrita. Ele se lembra da produção de um livro de autoria das crianças no JOCUM e ainda de uma brincadeira entre os amigos da igreja que consistia em escrever testamentos – um manifesto de distribuição dos bens após a morte. *“Eu comecei a escrever bastante, mas escrever à toa. Eu tinha mania de, às vezes, escrever testamento. Não tinha nada pra registrar... O que eu tinha, eu escrevia. Tipo ‘vou deixar isso pra fulano de tal’... E era engraçado. Eu gostava e o povo ria. Eu gostava de mostrar. Era bem legal”.*

Também na época em que frequentava a igreja, em 1998, Durico teve seu primeiro contato com o rap, quando sua irmã ganhou um CD do conhecido grupo brasileiro Racionais MC's. Ela não gostou do presente, ele ficou fascinado com o som. Foi a abertura para se deparar com outros grupos de rap e aliar seu gosto pela escrita à música. A identificação com o estilo musical é atribuída à sua vivência em uma favela e a proximidade com situações de desigualdade, recorrentemente expressas nas letras das canções. Pouco tempo depois, outra importante experiência de reconhecimento do gosto pelo Hip Hop. Viu e se identificou com um filme, *8 Mile*, protagonizado pelo *rapper* norte-americano Eminem, que conta a história de um jovem branco que sonha em fazer sucesso com a música. Mais uma vez se surpreendeu: *“Nossa, que barato. O que eu faço é parecido com isso, assim, as coisas que eu gosto de escrever. Acho que rimar não é tão difícil”.* Imerso em um universo religioso que dialogava com uma variada produção cultural e múltiplas linguagens artísticas, ele encontra na igreja a possibilidade de se expressar pelo rap: *“Quando eu quis cantar rap, o primeiro lugar que eu achei a oportunidade de mostrar alguma coisa foi na igreja”.*

Além do espaço religioso próximo à sua casa, Durico frequentava a Igreja Batista da Lagoinha⁶⁷ na companhia de seu irmão mais velho. Nessa igreja, experimentava a produção musical nos cultos, principalmente na “Rede de Adolescentes

⁶⁷ A Igreja Batista da Lagoinha, localizada no bairro da Lagoinha em Belo Horizonte, é uma referência no universo evangélico brasileiro. Tornou-se reconhecida, principalmente, pelo seu Ministério de Louvor e o famoso grupo de música gospel Diante do Trono.

da Lagoinha”⁶⁸. O ministério reunia mais de 1000 adolescentes, com cultos específicos ao público juvenil, além da formação de grupos de dança, teatro e música em seus vários estilos. Durico vivenciou processos de socialização na igreja que envolviam fé e musicalização.

Comecei a escrever aleatório, assim, e com a fé que eu fui criado na igreja, meio que falei assim: “Deus, eu queria cantar rap. Queria esse dom, assim, tal”. E tinha um grupo, que eles são B-Boys, até os meninos são até hoje, “Hebreus 11”. E era mó barato, assim, as coreografias deles e tudo mais, era incrível, incrível, incrível. E um dia, perto assim de um sábado pra domingo que eu falei: “Ah Deus, eu queria cantar”, aí eles tavam apresentando uma coreografia nova no domingo. Aí um dos caras que tava dançando ali, eu percebi que ele tava chorando, assim, “Que estranho, né?!”. Aí acabou a dança e o pastor pegou e falou: “Então gente, a gente vai orar aqui porque o mano Vini tá saindo do Hebreus e vai montar um grupo de rap aqui na rede, um grupo de MCs”. E aquilo ali foi “Nossa, liga aí, tô dentro, vamo participar dessa balada”⁶⁹ aí. Tamo junto!”.

Essa foi a oportunidade de ingressar, aos 14 anos de idade, em um grupo de MC’s num ambiente de convívio religioso habitual. Mesmo que de maneira regulada, a igreja era espaço para compartilhar habilidades singulares. Culturas e identidades juvenis, referenciadas em estilos musicais, se entrelaçam às práticas religiosas. Numa “hibridação restrita” (CANCLINI, 2008), já que há resistência na incorporação incondicional das culturas não religiosas, as igrejas evangélicas acionam algumas referências das culturas juvenis. Percorrendo os conteúdos digitais dessa rede de socialização evangelizadora, encontrei a significativa postagem com um dos 18 princípios do grupo de que o jovem participou “#14 JOCUM é chamada para valorizar o indivíduo”. Como aponta Martuccelli (2007a), as instituições na contemporaneidade buscam tratar os indivíduos de maneira personalizada, levando em conta suas particularidades.

⁶⁸ Interessante ressaltar que além do site (lagoinha.com), a igreja está presente em diversas mídias digitais. Já a rede de adolescentes da Lagoinha (redeadolescentes.lagoinha.org) tem perfis no Facebook, Twitter e Youtube e disponibiliza, inclusive, aplicativos para navegação no celular para acompanhamento das notícias da rede.

⁶⁹ A princípio imaginava que o uso do termo “balada” referia-se a uma gíria usual entre jovens leigos. Entretanto, as pesquisas de Ariana Rumstain (2007) e Elias Gomes (2010) mostram que os termos “baladas evangélicas” e “baladas do Senhor” são comuns entre jovens evangélicos. Assim, há baladas evangélicas e baladas não-evangélicas.

Figura 23 – Postagem da página JOCUM Brasil – Valorizar o indivíduo



Fonte: www.facebook.com/jocumbr (2014).

Com uma teia de amigos do JOCUM da Vila Cafezal e de jovens de outras partes da cidade que se reuniam em função da rede da Lagoinha, Durico começou a fazer apresentações musicais no Aglomerado e em outras igrejas batistas de Belo Horizonte, ampliando sua rede de contatos. Essa experiência é narrada de forma muito agradável, como momento de “lazer e diversão sem perder a perspectiva da evangelização” (GOMES, 2010, p. 47). Nessa prática religiosa, era possível, em alguma medida, conjugar seus gostos pessoais. Participar da formação desse grupo musical gospel ampliou sua circulação pela cidade e, ao mesmo tempo, estendeu sua autonomia com relação aos pais, que se orgulhavam dessa atuação. Em sua construção como rapper, ele aponta a importância dos grupos culturais e religiosos, em consonância com o que afirma Dayrell (2007), que os descreve como elemento de criação de “espaços próprios, com uma ampliação dos circuitos e redes de trocas, meio privilegiado pelo qual se introduz na esfera pública” (p. 1110).

Durico permaneceu dois anos no grupo evangélico de MC’s, mas expandiu seu conhecimento sobre o rap e o movimento Hip-Hop fora da igreja. Passou a acompanhar apresentações em casas de shows em Belo Horizonte que traziam grupos nacionais reconhecidos e rappers locais que geralmente abriam os espetáculos. Essa circulação promoveu outras relações com a música, o alargamento de experiências e contatos, novas referências identitárias para sua construção subjetiva e, conseqüentemente, a problematização sobre a falta de liberdade na igreja. Ou a constatação de que a vivência simultânea nesses espaços revelava práticas e princípios socializadores concorrentes ou mesmo conflitantes. (LAHIRE, 2002).

Durico reflete sobre as diferenças socializadoras na igreja e nos espaços do movimento Hip-Hop e surge o esboço da ruptura com as práticas evangélicas. A igreja tinha mecanismos de controle e vigilância social na experiência dos fiéis. Para aqueles que infringiam o “programa institucional” (DUBET, 2011, p. 294) e suas regras, a igreja propunha a “disciplina”. Um dos princípios da “rede de adolescentes da Lagoinha” era o impedimento na participação de eventos, shows e festas que não fossem religiosos. Em algumas situações, a informação sobre a desobediência da regra por Durico chegava aos líderes pastorais, que puniam o jovem com a “disciplina” – ficar um ou dois meses sem cantar no grupo e nas apresentações.

Desse modo, a disciplina religiosa pode ser compreendida a partir do conceito de Michel Foucault (2013), já que ela era exercida no controle da voz do jovem, no impedimento de cantar. Portanto, o método “implica numa coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos.” (FOUCAULT, 2013, p. 117).

Eu fiquei uns dois anos ali com essa galera, só que era estranho. Eu não tinha liberdade pra falar o que eu sentia e... Eu ia em todos os shows de rap possível que rolava na época. Todos! Eu comecei a ir muito nos shows de rap, observar presença de palco, observar as letras(...). E por não serem grupos gospel, eu sempre vivia tomando a disciplina, mas lá a disciplina já era chata. Lá eu não podia cantar. Mas eu ia mesmo assim, ia nos shows, achava mó barato.

Entre as configurações de um espaço de socialização religiosa com princípios rígidos e a ampliação das vivências em práticas socializadoras mais abertas e dinâmicas do movimento Hip-Hop, o jovem constrói a seu modo uma ruptura com a igreja que não é total. Partindo da compreensão de que “a articulação das propostas de socialização de cada uma dessas instituições é atribuição dos sujeitos” (SETTON, 2009, p. 306), Durico combina estratégias de adesão e resistência, ajustando referências que não desagregam abruptamente suas relações na igreja. Naquele período, vivenciando relações de socialização permeadas pela música também na escola, ele encontra colegas que tinham interesse na criação de um grupo de rap, uma oportunidade de desvincular a música da igreja. O jovem buscou construir de maneira tênue sua saída do grupo evangélico de MC’s pela gratidão à oportunidade de cantar rap na igreja. Percebo que essa experiência combinou sua distância subjetiva com o sistema religioso e gerenciou sua relação no

universo religioso enquanto indivíduo que deve “construir o sentido das suas práticas no bojo desta heterogeneidade” (DUBET, 1994, 15). Numa lógica reflexiva de subjetivação, sua ação o coloca como autor de sua própria vida (DUBET, 2001).

*Aí eu saí do grupo da Lagoinha. Saí pela porta da frente, como todo mundo me conhecia, sabia que eu tava ali e tal... E se um dia eu simplesmente parasse de cantar seria estranho (...). Porque quando eu quis cantar rap, o **primeiro lugar que eu achei a oportunidade de mostrar alguma coisa foi na igreja**. Eu pedi pra eles orarem, que era na frente, toda igreja orando pra mim ir embora. Aí deu tudo certo e montei o grupo, o S3M, Sobreviventes do 3º Mundo, com o pessoal da escola.*

Entre 15 e 16 anos, Durico frequentava o ensino médio noturno no Instituto de Educação de Minas Gerais (IEMG), escola situada no centro de Belo Horizonte que recebe alunos/as de variados bairros da cidade e mesmo da Região Metropolitana. Todo o ensino fundamental foi cursado em uma escola pública dentro do Aglomerado da Serra. Segundo ele, a mudança de escola e a escolha pelo período noturno foram necessárias para combinar-se com o trabalho formal (experiência que será narrada no próximo tópico) e oportunas para ampliação da sua rede de relações, pela descoberta e interesse pelo movimento estudantil e pelo encontro com outros jovens que, como ele, “amavam rap”. As experiências escolares são lembradas de maneira muito positiva. Apesar de não se considerar estudioso, Durico não teve qualquer reprovação em sua trajetória. Coincidentemente, no dia anterior a uma das entrevistas, ele havia retornado ao IEMG para buscar seu histórico escolar e contou:

Ontem eu peguei meu histórico. Sabe qual foi minha maior nota no ensino médio? Setenta e um. Eu era muito ruim. Ontem eu tive a certeza que eu nunca fui bom aluno. De ter uma nota boa, mesmo, e tal. Jamais. Setenta e um é muito ruim, né. Nossa! Que é isso! Não sei por que eu passava de ano assim. Eu nunca fui de matar aula. Nunca, nunca, nunca! Nem quando estudava no bairro aqui. Sempre achei a escola um lugar massa, assim, de ir, conviver, trocar ideia. E eu não lembro, assim, na minha trajetória, assim, de escola, eu parando pra estudar mesmo, de verdade, sabe. Eu sempre, tipo, “vai ter prova amanhã, estudo isso aqui” e tal.

Partindo da conceituação de Dubet (1994) sobre as três lógicas de ação e suas relações interpenetráveis (integração, estratégia e subjetivação), a experiência escolar de Durico configura-se pela tríplice combinação. Nessa fala do jovem sobre sua tática de

estudo que possibilita êxito nos resultados das atividades avaliativas, vê-se o acionamento da racionalidade instrumental, numa lógica estratégica com relação ao seu desempenho. Os recursos são movimentados com a capacidade de responder às exigências escolares, permitindo alguma integração ao sistema, ao mesmo tempo em que questionando a própria lógica da instituição. Contudo, a escola, e o IEMG especialmente, foi espaço basilar para experimentações e construções identitárias e de subjetivação pela música e pelos coletivos juvenis. Assim, como afirma Dubet, se os sujeitos desempenham diversas lógicas de ação, é também porque os espaços e aqui, a escola, veem-se também estruturados por diferentes princípios e lógicas. Por isso, a experiência escolar deve ser entendida pelas “condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade de princípios constitutivos e pela atividade dos indivíduos que devem construir o sentido de suas práticas no seio desta mesma heterogeneidade.” (DUBET, 1994, p. 15).

Durico se identificava como pertencente à “turma do fundão”, não por ter sido indisciplinado ou do tipo que deu “trabalho aos professores”. Quando era necessário realizar alguma atividade, sua postura era: *“Agora eu quero ser um aluno responsável, aí sento na primeira cadeira”*. Com ampliadas relações de interação, considerava ser como um “turista” na sala de aula, não porque aparecia de forma infrequente, mas porque se deslocava entre todos os grupos e lugares. Não se percebia como participante de turminhas, já que construiu interações de sociabilidade alargadas na escola. *“Eu sempre fui meio de todas panelinhas... sei lá, acho que isso me ajudava também, dialogava com todas essas galeras, sabe”*.

A escola foi também ambiente de vivências no movimento estudantil. Durico envolveu-se com a luta pelo meio-passe para estudantes e tentou construir um grêmio no Instituto de Educação. As vivências do jovem na expressão musical do Hip-Hop e a prática contestadora do rap, estilo reconhecido desde sua origem pelas denúncias de injustiças e opressões (DAYRELL, 2005), parecem se vincular às possibilidades de participação na escola. Em outras palavras, entre o rap e o movimento estudantil há práticas consonantes de denúncia e luta. Durico relata, por exemplo, a oportunidade de se aproximar da leitura de Karl Marx, discutir e se identificar com o movimento comunista/socialista. A escola é ainda espaço de contestação e negociação. Mais uma vez, as características de carisma e liderança são exercidas nesse contexto:

Durico: *Eu queria fazer o grêmio. Eu causei lá no Instituto. Um dia lá qualquer, eu passei em todas as salas do segundo ano falando que... o discurso era mais ou menos assim, que “Essa direção é uma direção fascista. A gente é obrigado a ter um grêmio e eles não deixam”. E falei mal da diretora e tal. Aí todo mundo desceu pro pátio. Você já foi no Instituto?*

Juliana: *Já.*

Durico: *Não tem aquela escada, assim? Foi incrível. Eu sem megafone. Eu no meio. O povo tudo aqui. Umas 200 pessoas aqui. Umas 200 aqui. E umas 500, assim, no pátio. A diretora enlouqueceu. “O que está acontecendo?”. Nunca tinha acontecido isso. “Vão voltar todo mundo pra sala!”. E sem megafone, eu: “A gente não vai voltar enquanto não tiver grêmio”. E todo mundo “Não!”.*

O Instituto de Educação compunha-se como espaço referência para relações de sociabilidade permeadas pela música. Entre tantas amizades, construiu forte relação com uma menina, Fernanda, que *“cantava e tinha uma voz bacana. Não cantava rap, só que ela amava”*. Assim, seu novo grupo musical teve início na escola. Antes do início das aulas e nos intervalos, Durico e Fernanda cantavam as letras de grupos brasileiros: SNJ, RZO e Racionais. Outro jovem estudante, Jefão, se juntou aos dois com a proposta de ser o DJ e completar a formação do trio, Nanda e Durico nos vocais e Jefão comandando o som⁷⁰. Nomearam como S3M – Sobreviventes do Terceiro Mundo. Além desse encontro com novos colegas e parceiros, Durico diz de uma demanda apresentada pela própria direção da escola que desenvolveria um projeto sobre a temática das “drogas”. Naquele momento em que o grupo tinha início, recebeu um convite institucional no âmbito desse projeto pedagógico, para desenvolver uma canção que pautasse a “redução de danos” no uso de drogas.

Assim, a escola também foi palco para as apresentações. Os três jovens passaram a cantar, regularmente, no momento do recreio e pelo menos uma vez ao mês no auditório da escola. Isso era possível também em função das articulações de Durico com a direção do Instituto, que parecia aberta para o diálogo com os/as jovens. Assim, nos momentos de intervalo, ligavam um som, improvisavam letras e dançavam. *“Não sei dançar nada, mas na época eu fingia que dançava, aí vinha um ou outro e dançava ali também.”* Com isso o grupo foi formando um “público da/na escola” composto por jovens pertencentes a diferentes regiões da cidade. Durico relata a variedade de sujeitos

⁷⁰ Geralmente, os grupos de rap são compostos pelo MC – Mestre de Cerimônia, e o DJ – disk jôquei – responsável pela mixagem e sonorização.

presentes no Instituto de Educação e que apoiavam o grupo, desde adultos da EJA, como se lembra de uma estudante de cerca de 50 anos que se tornou “*super fã do grupo*”, aos/às jovens de outros morros e vilas periféricas da cidade, que se identificavam com o S3M. E ele diz, “*eu dialogava com todas essas galeras, sabe*”.

Como aponta Pais (1993), as culturas juvenis, além de socialmente construídas, têm também uma configuração espacial. O IEMG constituiu-se como lugar-referência na construção das vivências de Durico com a produção musical, surpreendentemente, já que essa não é dimensão comum às instituições escolares, tão marcadas por lógicas disciplinadoras e espaços rígidos. Essa escola, ambiente de experimentação, estreitamento de relações identitárias e reconhecimento, marca substantiva e positivamente sua construção biográfica.

Ali aconteceu outra possibilidade de encontro essencial em sua trajetória no Hip Hop. Durico conheceu Mano Gu, também estudante e jovem rapper do grupo Mente Fria do Morro do Papagaio, favela da região centro-sul da cidade. Mano Gu tinha uma intensa história familiar no Hip Hop. Seu pai foi o principal MC do Black Soul, grupo mais conhecido na cena da capital mineira e primeiro grupo de rap em Belo Horizonte que produziu e lançou discos, com uma venda significativa, na década de 1990. (DAYRELL, 2005, p. 55). “*O Hip Hop ainda não tava tão no asfalto, não tava tão no centro igual hoje em dia. São seis anos atrás. Mas o Hip Hop acontecia! Era 2006, 2007*”, diz Durico, contrapondo o atual momento em que o Hip Hop tem grande visibilidade em Belo Horizonte, principalmente decorrente do Duelo de MC’s no viaduto de Santa Tereza⁷¹.

Além de se sentir acolhido por essa família socializada no Hip Hop, esse encontro proporcionou a Durico novas oportunidades. Os jovens trocavam favores, Mano Gu passou a produzir o S3M, enquanto Durico o auxiliava como “multiplicador”

⁷¹ O Duelo de MC’s é um evento que, desde 2007, acontece às sextas-feiras debaixo do Viaduto de Santa Tereza, no centro da cidade. O evento de disputa em free-style dos rappers agrega diferentes jovens envolvidos com o Hip-Hop de variados locais de Belo Horizonte.

em oficinas de rap do Programa Fica Vivo!⁷², no Morro do Papagaio. Todas as possibilidades de apresentação também eram compartilhadas, seja no Instituto de Educação, no Aglomerado da Serra, no Morro do Papagaio, ou em outros bairros; Mano Gu e Durico circulavam com seus grupos e parceiros do movimento Hip Hop.

O S3M foi ganhando visibilidade, realizou diversas apresentações em Belo Horizonte e outras cidades. Durico narra um significativo show no Rio de Janeiro, convite fruto de um encontro do movimento estudantil na capital carioca e do envolvimento do S3M com a militância estudantil no IEMG. Por fim, é o próprio Durico quem destaca que, no período do ensino médio, alargou o entusiasmo pelas experiências e descobertas do universo da música e vislumbrou possibilidades de continuidade da sua trajetória em projetos profissionais na área, *“É isso que eu quero pra minha vida!”*.

5.3 CONEXÕES ÍNTIMAS: PRIMEIRAS APROXIMAÇÕES ENTRE MÚSICA E INTERNET

Segundo Almeida (2006), os “avanços tecnológicos podem ser entendidos como espécies de alavancas para remanejamentos e alterações das formações subjetivas contemporâneas” (p. 142). As vivências de Durico na internet (atualmente e no passado) estão intrinsecamente combinadas às experiências com a música e outras atuações profissionais e artísticas, lugar de exibição da produção musical e da construção de representações de si mesmo. Formas de expressão de uma estética de comunicação digital, corporal, musical e situada.

Os modos de individuação e processos de identificação permeados pelas novas textualidades digitais, narrativas imagéticas e performances artísticas no ciberespaço

⁷² O programa Fica Vivo! – Programas de Controle de Homicídios – é uma política da Secretaria Estadual de Defesa Social, executado pela Superintendência de Prevenção à Criminalidade. Está presente em 27 Centros de Prevenção à Criminalidade, localizados em periferias de Belo Horizonte e Região Metropolitana, além das cidades do interior: Montes Claros, Governador Valadares, Ipatinga, Uberlândia e Uberaba. A proposta consiste em atender jovens entre 12 e 24 anos, em regiões que apresentam um significativo índice de letalidade juvenil. A principal forma de atendimento dos/as jovens se configura na participação de oficinas de diversas linguagens artísticas e modalidades esportivas. Em algumas situações, oicineiro responsável pelas atividades socioeducativas tem a colaboração de um multiplicador, espécie de auxiliar nas oficinas. A relação de Durico com esse Programa merecerá compreensão mais apurada visto que, mais tarde, ele se tornou icineiro contratado no Aglomerado da Serra.

marcam diacriticamente a singularidade do jovem Durico. Na passagem de uma “lógica da identidade” para uma “lógica da identificação” ou da identidade como movimento, anunciada por Michel Maffesoli (1996), o “fato comunicacional é assim, causa e efeito do pluralismo pessoal”. (p. 315). Esses fluxos de ações criativas dessa “multiplicidade do eu” continuarão a ser expostos no capítulo.

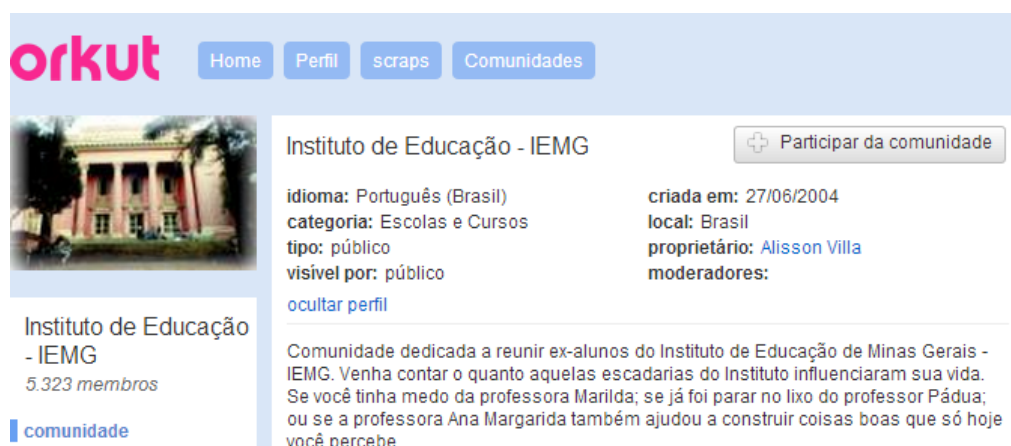
Nesse momento convém destacar que, entre os anos de 2006 e 2008, durante o ensino médio, ele criou perfis para o grupo S3M na rede social digital Orkut, a mais usada entre jovens brasileiros/as naquele momento. É instigante perceber como as plataformas digitais acabam armazenando e exibindo – com imagens, vídeos, áudios e textos – os relatos da história desses jovens.

Por isso, quando realizei a primeira entrevista com Durico, atinei que uma significativa estratégia de pesquisa consistia em acompanhar a leitura da transcrição das entrevistas e ao mesmo tempo buscar possíveis referências para os acontecimentos narrados. Buscar a “memória do vivido”, ou seja, as reminiscências de situações ocorridas seis anos antes (em relação àquele momento), no ciberespaço. Estratégia possível em um espaço de socialização como as redes digitais que registram, armazenam e disponibilizam as ações de seus participantes. Mais uma vez, seguindo rastros (LATOUR, 2012), como se estivesse me guiando por um mapa, acompanhava sinais, legendas, vestígios e rotas de uma história de vida narrada presencialmente, mas que também poderia estar registrada digitalmente. O próprio Durico me alertou para a possibilidade de alcançar o S3M na web: *“Nisso a internet já era super aliada. Nessa época eu já tinha dois Orkuts, que só podia ter mil amigos. Eu já tinha dois Orkuts. E divulgando sempre os trabalhos. Qualquer musiquinha a gente subia pro Youtube. Acho que até deve ter alguma coisa lá”*.

A história do S3M está na internet. O trio tem perfis e comunidades no Orkut onde é possível ver diversas fotografias de shows, momentos na escola, vídeos, divulgação e agenda de apresentações, notícias, letras de músicas além de recados de pessoas que acompanharam o grupo. Nos registros digitais, a centralidade da escola na construção do grupo é anunciada na descrição da página no Orkut – *“Escola (Ensino Médio) IEMG – onde tudo começou”*, e na apresentação da breve história do nascimento do S3M, que envolveu a negociação entre grupo e direção da escola.

Mapeei, mesmo que rapidamente, outras comunidades existentes no Orkut que centralizavam a interface entre a experiência juvenil e o IEMG. Encontrei mais de 100 comunidades, que, em seus nomes, faziam menção a essa escola. Com uma variedade de participantes, os grupos trazem em seus títulos desde simplesmente a sigla IEMG até a identificação de salas, turmas, grupos de ex-alunos/as, nomes de professoras/es e funcionários/as, ou na lógica do “eu amo” “eu odeio” alguém ou alguma situação na escola. Parafraseando Shirlei Sales (2010) em pesquisa sobre a produção das subjetividades na relação entre currículo escolar e currículo do Orkut, esse mapeamento e a verificação da existência de páginas do SM3 confirmavam a articulação entre juventude, escola, redes sociais digitais. Uma interface que “implica não apenas um contato, mas a tradução entre os sentidos que constituem a tríade” (SALES, 2010, p. 84).

Figura 24 – Maior comunidade do IEMG no Orkut



Fonte: Captura de tela pela autora (2014).

Figura 25 – Perfis e postagens do S3M no Orkut

Salve Salve toda rapa!

O S3M começou influenciado pelas músicas dos grupos RZO, Ao Cubo e Sabotage, o S3M nasceu em meados de 2006, no IEMG (Instituto de Educação de Minas Gerais), com parceria com a direção do colégio, foi realizado em Maio de 2006 um projeto de redução de danos, projeto realizado com sucesso, então, o grupo resolveu a compor músicas no ritmo de rap com uma leve mistura de suol. Produzindo suas próprias músicas, o S3M teve iniciativa de distribuição do trabalho em portas de show's, escolas, bares e principalmente em periferias de toda região metropolitana. A partir de então vieram os convites para cantar em eventos culturais, casas noturnas, bares, escolas, faculdades, igrejas, etc...

no mais...

entrem no myspace do grupo para curtirem nosso som



Além do Orkut, há registros do grupo no MySpace⁷³, rede social digital para cantores, bandas e grupos musicais que permite a divulgação de arquivos de áudio e

⁷³ Rede social digital criada em 2003 nos Estados Unidos. Há perfis e recursos específicos para cantores e grupos musicais. O Myspace já foi bastante usado, mas, atualmente perdeu sua popularidade para outras plataformas que permitem o armazenamento de áudio.

conecta os usuários. Estão também disponibilizadas cinco canções, suas letras e algumas fotos. Já no Youtube há três vídeos com imagens e áudio do S3M. As íntimas e singulares relações entre a produção musical de Durico e suas vivências na rede ainda serão exploradas neste capítulo. Contudo, importante sinalizar como a formação do primeiro grupo musical, entre 2006 e 2008, transparece projetada no ciberespaço. A história do grupo se configura pelas intrínsecas relações entre offline e face a face que marcam a constituição dos sujeitos, aqui tão implicada com a produção musical. Naquele momento, os três jovens envolvidos em um mesmo projeto gerenciavam coletiva e colaborativamente o S3M na web, “função criativa emergindo *no* encontro e na colaboração, acontecendo no *entre*” (ALMEIDA, 2012, p. 32).

Quando concluíram o ensino médio, Fernanda se desvinculou do grupo. Durico e Jefão permanecem na parceria. Chegaram, inclusive, a lançar um CD com recurso de uma “vaquinha”⁷⁴ e do acerto de trabalho de Durico na Associação Profissionalizante do Menor (ASSPROM⁷⁵). Posteriormente, Jefão precisou priorizar um trabalho formal, traço de “projectos em descoincidência com trajectos de vida” (PAIS, 2001, p. 12). O S3M terminou sua trajetória. “*E o grupo não ia mais pra frente ali. A gente viu que tinha que acabar mesmo*”. Momento delicado de definições de rumos, coincidente com as histórias de tantos jovens que buscam a “profissionalização da criatividade” (ALMEIDA; PAIS, 2012).

Em um campo com possibilidades indefinidas e com um universo de alternativas desigualmente distribuídas, “os jovens são, com frequência, compelidos a fazer escolhas que não desejariam” (PAIS, 2012, p. 185). O amigo de Durico precisou renunciar ao investimento no mundo cultural, quando a realidade de sobrevivência pessoal e familiar incidiu fortemente (DAYRELL, 2005). No contexto do “presente estendido” (LECCARDI, 2005, p. 45), o futuro e as ambições do grupo não podiam ser vistos como “fronteira a ser superada, um fim que orienta o presente”, pois configurou-se pela provisoriade de “um horizonte, descontínuo e dinâmico, numa fragmentação da

⁷⁴ Nessa circunstância fizeram uma “vaquinha” tradicional. Atualmente, há sites que organizam levantamento de doações voluntárias de dinheiro para fins específicos online, como o <http://www10.vakinha.com.br/>. Ainda nesse capítulo apresento, a partir da experiência de Durico, a prática do *crowdfunding*, nomeação comum nos ambientes digitais para denominar formas de financiamento coletivo para arrecadação de recursos financeiros para projetos.

⁷⁵ ASSPROM - Associação Profissionalizante do Menor é uma entidade que atua junto a adolescentes trabalhadores e aprendizes. Realiza formação e encaminhamento profissional de jovens para órgãos públicos, universidades e empresas privadas. Cf. em www.assprom.com.br.

experiência com o tempo” (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011, p. 72). A trajetória de Durico na música tem uma “retomada de caminhos” (PAIS, 2006, p.8), mas, antes apresento seu percurso no universo do “trabalho formal”.

5.4 A INICIAÇÃO NO TRABALHO FORMAL

No mesmo período do Ensino Médio, Durico iniciou sua trajetória no mercado de trabalho formal. A realidade do trabalho fez parte da sua vida desde muito cedo. Como já relatado, na infância e início da adolescência, o jovem trabalhou contribuindo com os serviços domésticos, auxiliando a mãe na venda de doces e roupas para ter recurso para dar seus rolês e comprar suas próprias coisas. Optou por cursar o ensino médio noturno para articular escolarização e oportunidades de trabalho. Quando estava com 16 anos, por iniciativa própria, mas, com ajuda da mãe, se inscreveu na ASSPROM – entidade que encaminha adolescentes para o mercado de trabalho. Uma exigência da entidade é que os sujeitos estejam regularmente matriculados e cursando o ensino médio. Geralmente, os/as jovens aprendizes dessas entidades são conduzidos/as para uma variedade de órgãos públicos, instituições de ensino superior etc.

Por quase dois anos, Durico esteve vinculado à Associação. Começou o trabalho como office boy no Juizado e Coordenadoria da Infância e da Juventude do Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais e, mais tarde, foi transferido para a Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). Não há intenção, nesse tópico, de problematizar os limites e potencialidades desse programa de qualificação profissional e apoio à inserção juvenil ao mercado, privilegia-se a experiência subjetiva desse emprego para Durico⁷⁶.

Foi sua primeira vivência de um trabalho formal com todos os protocolos – carteira assinada, salário mínimo, jornada de oito horas por dia. Em outro espaço de socialização, caracterizado por relações profissionais e pela exigência de outra identidade – da preeminência do trabalhador – Durico mantém uma narrativa sobre as

⁷⁶ Em sua dissertação, Symaira Nonato (2013) apresenta estudo com jovens trabalhadores do campus Pampulha da UFMG vinculados à Cruz Vermelha Brasileira – instituição que, como a ASSPROM, atua na promoção do “primeiro emprego” de jovens. Seu interessante estudo buscou analisar a condição juvenil dos jovens trabalhadores e as possíveis repercussões do trabalho nas suas vivências escolares e a construção de projetos de futuro.

potências de suas vivências, mesmo com a intensidade das atribuições desse ofício. Ele assinala, por exemplo, a experiência no trabalho como possibilidade de inserção em um espaço reconhecido socialmente, já que foi encaminhado a atuar no Juizado da Infância e da Juventude. Durico relata algumas atividades prestigiosas em seu expediente, como a responsabilidade de movimentar processos jurídicos, o relacionamento com juízes e outros funcionários públicos e os encargos frente às ordens da chefia.

No juizado, eu era office boy de 16 mulheres. Imagina, 16 funcionárias pública. Você sabe como é a história... Aí era intenso, assim. Mas, era muito legal, assim, porque... Dezesseis mulheres num espaço ali. Diariamente. Elas, seis horas por dia. E eu, nove. Que tinha que ficar a hora do almoço, né. Era oito, mais a hora do almoço, nove. E cheguei com muita garra também, sabe. Era puxado, porque era mais ou menos isso, os serviços que eu tinha que fazer: elas emitiam o que eu tinha que levar com uma carga, assim. E naquela carga tava escrito, por exemplo, “Defensoria Pública”. Era lá no fundo. “Promotoria” era do outro lado da rua. Aí tinha que ir com o carrinho de processo atravessando a [avenida] Olegário Maciel ali. Era mó legal. Ou então mandar pro juiz, mandar pra tal setor, mandar pra outro setor e tal. Aí eu achava complicado, assim, no início, aquele tanto de pasta...

Mesmo que em um espaço de socialização marcado por regras rígidas e relações hierárquicas entre os sujeitos, os/as jovens aprendizes estabelecem marcas da sociabilidade nos espaços institucionais. Como muitos jovens são encaminhados para uma mesma entidade, geralmente, eles/as criam relações de troca, amizade e cumplicidade no espaço de trabalho em redes de sociabilidade. A conversa que percorria entre os aprendizes era que o setor para o qual Durico foi encaminhado era difícil de trabalhar, em função de uma funcionária apelidada como “a bruxa” pelos jovens. “E eu cheguei num período que, tipo assim, ninguém gostava de onde eu tava ... todo mundo amava o juizado. Todos os office boys, menos o meu setor. O meu setor tinha uma bruxa lá. Ela é escritã. E ela é muito rigorosa. Muito chata. Mas, tipo assim, hoje em dia eu vejo que é uma mulher super certa”.

Ao mesmo tempo, Durico narra que, apesar das relações de autoridade e hierarquia a que estava submetido, sentia um ambiente acessível para fazer sugestões sobre a organização do seu trabalho, ouvir e contar suas histórias particulares. Aquele espaço não era, portanto, percebido por ele como um ambiente de subalternidade e desvalorização, como acontece com tantos jovens pobres em trabalhos pouco significativos e que pouco valorizam os sujeitos. Durico sentia-se orgulhoso por estar

ali. “Eu já mexi em vários processos assim. Até, tipo, famoso assim, sabe. Tipo, esse processo da mãe da Lagoa da Pampulha e tal. Eu carreguei ele durante muito tempo assim. Eu folheava né. Então eu aprendia muito, muito, muito”⁷⁷.

Claude Dubar (2009), em análise sobre as mutações identitárias do/no trabalho na contemporaneidade, assinala que “as instituições não são apenas coerções que se impõem aos indivíduos, são ainda recursos que eles devem aprender a mobilizar eficazmente” (p. 261). Assim, o jovem também experimentava no espaço do trabalho formal modos de individuação valorizando satisfações possíveis dessa experiência. Também nesse espaço de trabalho, Durico via as possibilidades de “ser sujeito”. Em outras palavras, era capaz de construir capacidades subjetivas, reflexividade, formas de expressão e atuação que o distinguiam como indivíduo nesse cenário. Assim como descrito por Dubar (2009) “Ser sujeito é ser capaz de construir, ao longo de toda sua vida, relações de reconhecimento mútuo (p. 260)”

Sua rotina no Juizado é narrada como tempo/espaço do mundo adulto que estava, inclusive, permeável para as sugestões de um jovem office-boy. Ele narra uma situação em que teve a chance de alterar a estrutura prescritiva do trabalho (PAIS, 2001). Diante de um espaço marcado por regras e processos já estabelecidos, Durico vê a chance de sugerir alterações. Outras e novas regras são instauradas nesse cenário a partir da sua intervenção, exibindo um modo de “individualização que consiste também na participação em relações profissionais, no seio das instituições de formação e de trabalho” (DUBAR, 2009, p 263).

Aí eu: “Não, gente, isso aqui tá errado. Ó”. Dividi minha mesa. Fiz tipo um curralzinho. “Quem quiser Defensoria vai colocar aqui. Tipo, vocês não atrapalham meu trabalho que eu também não atrapalho...”. A mulherada adorou. Ali naquela primeira semana eu conquistei todo mundo que acho que até hoje eles devem usar esse método...

Porém, ele descreve momentos em que desenvolvia uma função que estava destinada a alguma funcionária, como a separação/categorização de processos a serem distribuídos pelo jovem, indicando alguma exploração da sua ocupação e atribuições.

⁷⁷ Durico faz referência ao caso de uma recém-nascida abandonada dentro de saco plástico na Lagoa da Pampulha em março de 2006. O caso, que foi filmado pelas pessoas que encontraram a criança, foi bastante noticiado e teve repercussão nacional na mídia.

Ainda assim, confere um sentido positivo à situação, encarando-a menos como peso e mais como a possibilidade de aprendizado.

Então, por eu ter mostrado serviço, elas me passavam serviço delas também, às vezes, assim. Eu fazia sabendo que era errado e tal. Mas fazia pra aprender. Tipo: “Ah, já que eu tô aqui não vou ficar a toa”. Todo lugar, assim, eu sempre gostei de absorver, assim. Então, todo lugar que eu passei, tipo, dei uma envolvida assim, mesmo. Sabe. Esse lance de tipo ... Isso é muito da minha mãe também. Tipo: “Vai pegar pra fazer? Faz direito então”.

Pela dinâmica das relações de proximidade que estabelecia nesse espaço e a dedicação nas atribuições, o jovem tinha oportunidade de participar de cursos de qualificação profissional promovidos pela ASSPROM. Para garantir as inscrições e participações em cursos, há necessidade de autorização da chefia da entidade à qual o jovem está submetido. Decerto, os processos de socialização nesse trabalho ampliaram possibilidades de qualificação técnica e profissional decorrentes da sua “gestão de si” no ambiente de trabalho, assim ele reconhece.

Mas lá foi um lugar que a ASSPROM, assim, que por eu mostrar serviço, a minha chefe deixava eu fazer muito curso. Aí, geralmente de manhã eu tava fazendo curso. Aí, eu fiz é ... Como é que foi o da CDL? Esqueci o nome. Ah, não lembro. Mas era alguma coisa de Gestão de Vendas. Mas tinha um nome mó legal, assim. Tipo, de vender seu próprio peixe. Não sei. Fiz “Excelência no atendimento ao cliente”. “Telemarketing”. “Português”, aí tinha módulo um, dois, três. “Matemática” um, dois, três. “Informática básica”. Depois “Office avançado”, sabe. De mexer com Excel e Word. Essas coisas. Sempre tava envolvido, assim. Aí comecei a fazer espanhol. Fiz seis meses de espanhol.

Esse espaço de trabalho também possibilitou a construção de referências positivas sobre si, como pelo prestígio das funcionárias com as quais convivia. Para além do papel de office-boy ou aprendiz, Durico era um sujeito estimado como um jovem com outras habilidades consideradas no ambiente de trabalho. O jovem reconhece os aprendizados que teve nesse espaço, as relações de apreço com a chefia e as funcionárias do setor. *“Ali eu aprendi muito. Elas gostavam de me ouvir. Eu já fazia rap e tal. Elas gostavam de ouvir, assim, as coisas”.* Sua identidade no trabalho não se limitava ao desempenho de um papel – o office boy – mas por lugar de identidade reflexiva e narrativa como jovem rapper.

E foi seu envolvimento com o rap que, portanto, orientou o desejo de mudanças de rumo no trabalho na própria ASSPROM. A carga horária de oito horas diárias limitava seu tempo, dificultando a dedicação que desejava ter na música. Com 17 anos, Durico foi convidado para acompanhar uma oficina de música no Aglomerado da Serra, uma espécie de estágio inicial para posteriormente desenvolver sua própria atuação como educador em oficina de MC's no Programa Fica Vivo!. Ao mesmo tempo, não queria deixar a associação. Planejou a possibilidade de trabalhar seis horas diárias (outra modalidade de contratação dos jovens aprendizes). Para isso, precisava ser transferido para instituições que contratavam pelo tempo reduzido. Diante de um ambiente de trabalho em que mantinha relações favoráveis, com sua desenvoltura de conversa e negociação, Durico planejou sua saída do Juizado. Interessante lembrar como, nesse momento, assim como em seu afastamento da igreja, ele também desenvolve uma estratégia que privilegia a negociação, um jogo estratégico e performático que viabiliza seus interesses ao mesmo tempo em que preserva as relações estabelecidas.

Porque eu ia poder trabalhar seis horas por dia. Aí, o quê que eu ia poder fazer? Estudar de manhã, trabalhar seis horas, tipo de meio dia às seis, e à noite eu ia poder dar oficina no Fica Vivo. Assim, meio puxado né. Pedi o juiz da Infância e da Juventude, o cara tipo, doutor Marcos. Entrei na sala dele, falei: “Ó, doutor Marcos, então, eu quero trabalhar no Fica Vivo, mas eu não quero sair da ASSPROM. E quero estudar de manhã pra estudar de verdade”. Mentira. Só pra trabalha no Fica Vivo mesmo. “E queria saber o que vocês podem fazer pra mim mudar”. O cara, nó, num telefonema no outro dia a mulher foi lá e me transferiu pra UEMG.

A atuação na Universidade do Estado de Minas Gerais, em uma unidade de um bairro da regional centro-sul de Belo Horizonte, favoreceu a conciliação entre trabalho/escola/rap e, novamente, possibilitou a entrada em um espaço de prestígio social – uma universidade pública –, mesmo que em uma ocupação subordinada. Assim como o trabalho desenvolvido no Juizado, Durico era responsável pelos serviços de entrega de materiais em outras unidades da UEMG, atividade que ele descreve como fácil e agradável, já que circulava por espaços centrais de Belo Horizonte, passeava pelas praças e ruas do centro-sul. Entre as atividades, e mais uma vez da percepção valorosa de suas atribuições, lembra de um momento em que aplicou provas em uma das turmas de estudantes universitários e experimentou o prestígio na ocupação dessa função. “*Todo mundo lá nervosão e o office boy da ASSPROM aplicando a prova. Eu*

achava isso mó barato. Tipo, me dava um ar de responsabilidade, assim. E eu não trabalhava de uniforme lá também. Eu tinha a camisa da UEMG”.

Interessante destacar como a narrativa do jovem aponta a ampliação de suas projeções para o futuro pelo fato de trabalhar em um ambiente universitário. Durico narra uma significativa atuação no trabalho na biblioteca que aumentou suas possibilidades de acesso a materiais, ampliou sua leitura e reforçou o plano de ingressar no ensino superior.

E eu que organizei a biblioteca. Toda. Chegavam os livros e tal, e já estavam catalogados. Só tinha que... Ali eu descobri um tanto de livro massa. Na época eu queria fazer jornalismo e um livro tipo “A mídia no Brasil” e tal. Aí, a partir desse primeiro mês, que eu não tinha nada pra fazer, já tinha, tipo, eles falaram: “Eu achava legal assim”. E aí eu ... como não tinha nada pra fazer, só tinha que entregar as coisas uma vez por dia, aí eu ficava dentro da biblioteca lá. Folheando e tal. Lendo várias coisas. Aprendi bastante assim.

Antes de completar 18 anos, idade máxima para a permanência na ASSPROM, Durico teve a esperada oportunidade de desenvolver uma oficina sob sua exclusiva responsabilidade no Programa Fica Vivo!, no Aglomerado da Serra. Era a chance de aliar seu desejo de profissionalização no universo musical com alguma estabilidade proporcionada pela função de educador social em uma política pública do governo do estado. Apesar de o programa contratar oficinheiros em um modelo que gera insegurança para os educadores (não há contrato, nem mesmo carteira assinada), essa era uma oportunidade de aliar uma atividade profissional à sua forte identidade musical, em uma carga horária muito mais flexível (cerca de seis horas semanais) e em seu local de moradia. Entre as possibilidades de escolha nessa aparente encruzilhada, o jovem tinha convicção de sua opção e não titubeou.

Chegou um momento que aí a carreira [musical] começou a atropelar. Não completei meu contrato [na ASSPROM] porque a galera do Fica Vivo já tava de olho em mim e tal. Aí saí correndo. Ficar na ASSPROM? Você tá doido? Mas, foi legal mesmo assim...

Certamente, a forma entusiasmada como o jovem narra sua primeira experiência de trabalho formal não pode ser generalizada como modelo para compreensão da entrada dos/as jovens pobres no mercado de trabalho e em programas de qualificação e inserção profissional. Além disso, é preciso levar em conta o tempo em que as

enunciações aconteceram, cinco anos depois dessa experiência. A memória é seletiva e, no caso de Durico, ele seleciona um olhar positivo sobre suas experiências, buscando ver nelas espaços de aprendizagem, o que não significa que não tenha vivenciado aspectos negativos. Muitas pesquisas que tematizam a intercessão juventude e trabalho mostram situações de ambiguidade nas experiências de trabalho da juventude pobre. Ao mesmo tempo em que jovens vivenciam situações de precarização e subalternidade, essas mesmas experiências profissionais podem ampliar as redes de relações e de aprendizagens. (CORROCHANO; NAKANO, 2009). Para jovens das classes populares no Brasil a inserção no mundo do trabalho é um árduo desafio. Contudo, ao alcançar o processo de individuação à escala dos atores, aqui a partir das dimensões narrativas singulares do jovem Durico, percebo como, diante a entrada no mundo do trabalho formal, mesmo que em uma função subalterna, o jovem constrói um modo de individuação desse sistema de provas que o forja a partir do encaixe aos encargos esperados em sua função. Mas, nesse espaço, além de office boy, ele era visto singularmente como indivíduo em uma dinâmica de trabalho que não centralizava a submissão e possibilitava alguma autonomia e personalização.

É preciso assinalar que, no caso de Durico, que vivenciou, por quase dois anos, as configurações de um trabalho formal como processo de socialização, suas narrativas reforçam as possibilidades de novas aprendizagens e de sua participação ativa na configuração desse mundo. Ele chega ao mundo do trabalho subjetivamente fortalecido pelas experiências sociais anteriores principalmente na família e na igreja mas também flexível para se colocar como sujeito nestes espaços e apropriar positivamente das experiências. Seus depoimentos implicam numa construção identitária no trabalho que é também “trabalho de si”. Ou seja, sua individuação parece ancorada em aprendizagens e modos de reorganização das formas identitárias no trabalho em torno das “identidades para si” e não apenas “identidades para outrem” (DUBAR, 2009, p. 262).

Um conjunto de relações e pertencimentos societários, passados e presentes, na família e na religião, por exemplo, combinam e se articulam nesse “trabalho sobre si”. Em outras palavras, algumas disposições individuais, como a habilidade de negociação, o carisma e a extroversão, parecem contribuir na positividade do desenvolvimento da experiência no trabalho. (LAHIRE, 2002). Assim, a experiência subjetiva no trabalho é construção que o próprio sujeito precisa combinar para manter sua narrativa singular.

Nesse mundo vivido, Durico mobiliza sua personalidade e atributos individuais que dilatam sua demarcação como indivíduo singular. Já que “as instituições não são apenas coerções que se impõem aos indivíduos, são também recursos que eles devem aprender a mobilizar eficazmente” (DUBAR, 2009, p. 261), a atuação de Durico na ASSPROM parece como possibilidade de desenvolver múltiplas capacidades socializadoras (aptidões subjetivas, reflexividade, improviso, formas de comunicação e argumentação) que desempenharam papel fundamental na sua construção como indivíduo, ou, como apontam Martuccelli e Singly, no “trabalho do indivíduo sobre si mesmo” (2012, p. 52).

5.5 PROCESSOS PROFISSIONALIZANTES NO RAP— SER EDUCADOR EM UM PROGRAMA DO ESTADO

O envolvimento com o rap possibilitou a alternativa de trabalhar como educador. A iniciação nas atribuições como “oficineiro” aconteceu no Morro do Papagaio como “multiplicador” do amigo Mano Gu em sua oficina de rap do Programa Fica Vivo!. Durico ganhou visibilidade no contexto dessa política pública e quis igualmente desenvolver uma oficina no Aglomerado da Serra, já que, também em seu local de moradia, o Programa tem variadas atividades e oficinas. O jovem se tornou conhecido pelas profissionais que atuavam como técnicas sociais do Programa na Serra.

O programa de redução de homicídios – “Fica Vivo!” – da Secretaria Estadual de Defesa Social (SEDS) do Governo do Estado de Minas Gerais está presente em 27 Centros de Prevenção à Criminalidade, localizados em periferias de Belo Horizonte e Região Metropolitana, além das cidades do interior: Montes Claros, Governador Valadares, Ipatinga, Uberlândia e Uberaba⁷⁸. O Programa é destinado aos jovens de 12 a 24 anos residentes em áreas com altos índices de criminalidade violenta no estado. A principal ação do Fica Vivo! respalda-se no desenvolvimento de atividades culturais, esportivas, educacionais e de inclusão produtiva – as chamadas oficinas. O Fica Vivo! é composto em cada região por uma equipe de técnicos sociais (geralmente, assistentes

⁷⁸ O Programa teve início em um projeto piloto no Morro das Pedras (favela da região Oeste de Belo Horizonte). Em 2003, por meio do Decreto nº 43.334, o governo do estado de Minas Gerais instituiu o Programa Fica Vivo!, transformando-o em uma política de governo. A implantação do Fica Vivo! acontece a partir de pesquisas realizadas pelo Centro de Estudos de Criminalidade e de Segurança Pública (CRISP/UFMG) em regiões que apresentam altos índices de mortalidade juvenil.

sociais e psicólogos/as) que coordenam as atividades das oficinas para jovens. As oficinas de diversas modalidades são ministradas por educadores/as populares, chamados/as deicineiros/as pelo Programa, geralmente, moradores/as das áreas onde o Fica Vivo! é executado.

Com o fim do S3M e atuando como icineiro de rap do Programa Fica Vivo! na Vila Cafezal, Durico mantém seu desejo de construir uma trajetória de produção no Hip Hop e ser remunerado por uma atuação que o satisfazia naquele momento. Afinal, tornou-se educador, promovendo uma oficina para outros adolescentes e jovens, residentes da mesma vila em que morava, desenvolvendo rimas, ensinando sobre a cultura Hip Hop, ao mesmo tempo em que se divertia.

*Aí, com a experiência que eu tinha do Morro do Papagaio, eu trouxe pra cá, com 17 anos ainda. Aí os técnicos do Fica Vivo ficaram me cozinhando um tempo, até eu fazer 18 anos (...). Aí fiz 18 anos, foi em setembro, dia 11 de setembro, e dia 30 eu já tava **empregado**.*

Apesar de a fala de Durico parecer sinalizar uma relação de vínculo formal, a contratação dos/as icineiros/as no Programa acontece na forma de um contrato precarizado, sem garantias aos direitos trabalhistas. A gestão administrativa das oficinas é feita por uma Organização da Sociedade Civil com Interesse Público (OSCIP) que contrata os/as icineiros/as e os/as denomina como microempreendedores/as individuais. A contratação acontece de forma individualizada, sem carteira assinada, cumprimento de outros direitos trabalhistas ou concessão de benefícios; a remuneração de R\$ 800 mensais é feita através da emissão de notas fiscais. Com esse recurso, os/as educadores devem gerir a oficina (inclusive oferecendo lanche e material para as atividades com jovens). A entrada e o desligamento dos/as icineiros/as são realizados pela equipe de técnicas/os que coordena o Programa localmente e que são igualmente contratadas/os pela OSCIP, em regime de trabalho com carteira assinada. Nesse modo de operacionalização de uma política pública para juventude, avisto na ação do Estado a terceirização de suas ações, que convocam o chamado protagonismo juvenil⁷⁹. Durico continua contando: “*Eu comecei a oficina com mais de 60 jovens. E, tipo, eu não dava*

⁷⁹ A tese de Regina Magalhães de Souza (2006) busca problematizações sobre o termo “protagonismo juvenil” identificando a matriz discursiva que torna a noção tão comum em variadas ações governamentais e não governamentais. A autora aponta que o termo é consonante com a ideia da sociedade como aglomerado de indivíduos que estabelecem relações de negociação com outros indivíduos em benefício próprio e coletivo.

uma oficina, assim, mesmo. Era uma festa. Nossa, era um estouro. Eu recebia para dar uma festa, mas era legal... O programa achava super interessante porque eu tava envolvendo os jovens, tava circulando eles”.

O trabalho do educador incide como possibilidade de formas da flexibilização do trabalho na contemporaneidade, numa configuração de “trabalho imaterial” que captura e organiza não só os “tempos do trabalho”, mas, os “tempos da vida” (TELLES, 2006, p. 174). A contratação de jovens oficineiros/as opera dentro de uma lógica intermitente, descontínua, com imensa responsabilização dos resultados da política sobre os/as próprios/as educadores. Incentivam-se atributos comuns no mundo do trabalho flexível contemporâneo: competência, criatividade, autonomia, polivalência (PAULINI, 2006).

Imprescindível perceber nesse cenário os efeitos subjetivos aos/às educadores/as, em um modelo de gestão cada vez mais presente nas políticas públicas. Os sujeitos, geralmente jovens, são convocados a se implicarem numa lógica empreendedora que marca suas ações como educadores/as trabalhadores/as⁸⁰. Assim “o protagonismo juvenil é o emblema dessa representação dos jovens-solução” (DE TOMMASI, 2013, p. 4) presente na elaboração dessa política pública de prevenção à criminalidade que Durico protagoniza como educador.

Como aponta Martucceli (2007b), a atual figura ideal do indivíduo é daquele “dono de si mesmo”, com o predomínio da ideia de empreendedor autônomo, dirigido por controles normativos internos (p. 48). Com a retração das funções estatais, os/as jovens são implicados nesse processo de uma sociedade que vive a transformação da noção de direitos em serviços, cujo acesso não são garantidos pelo Estado, mas acabam devendo ser permanentemente assegurados pelo indivíduo. Em pesquisa sobre programas para jovens no Brasil, Geraldo Leão aponta como há nessas ações uma “preocupação em disciplinar e moralizar a vida dos jovens (...) num contexto em que a liberdade individual nunca foi tão valorizada” (LEÃO, 2006, p. 335). Se, no campo do

⁸⁰ Vera Telles (2006), no interessante texto *Mutações do trabalho e experiência urbana*, apresenta resultados de uma pesquisa sobre trajetórias urbanas na cidade de São Paulo através dos percursos particulares de jovens inseridos em variadas formas de trabalho precário e subcontratação. Telles problematiza os novos sentidos da autonomia e do empreendedorismo. Na perspectiva da autora, as experiências do trabalho e da cidade se entrelaçam. “Nesse mundo social redefinido, a experiência do trabalho (e do não-trabalho) entrelaça-se, ou mesmo confunde-se, arriscaríamos dizer, com a experiência da própria cidade. É o caso de se interrogar pelas referências por meio das quais a experiência das desigualdades vem se processando, junto com a vivência dos bloqueios a possibilidades de vida em um tempo que celebra o desempenho, a performance e o sucesso como medidas (aliás inefáveis) de autonomia individual.” (2006, p. 177).

discurso pedagógico contemporâneo, sobressai a ideia de um estudante com autonomia e proatividade; também no trabalho, e nesse caso a atuação como educador de uma política pública, exige do profissional um caráter empreendedor em sua atuação.

Afinal, quais os significados da experiência em espaços e processos socializadores tão presentes na vida de uma parcela da juventude urbana brasileira? A partir da experiência de Durico será possível perceber seus modos de individuação no empreendimento de conduzir seu trabalho numa política pública do Estado.

Para o início da oficina, Durico tinha como atribuições encontrar um espaço para o desenvolvimento da oficina e mobilizar jovens interessados/as na participação das atividades que aconteceriam duas vezes por semana, em encontros com duas horas de duração. A mobilização foi um sucesso. Durico preparou flyers para divulgação e percorreu os becos do Cafezal, convidando jovens, anunciando que haveria um show na abertura da oficina de MC's. A oficina seria realizada em um cômodo ao lado da sua casa, o som usado foi emprestado por um amigo DJ de bailes funk que em contrapartida recebia o favor de ter o som guardado no cômodo da oficina.

A intenção dessa política de prevenção à criminalidade é que os/as oficineiros/as incentivem a criação de laços entre os/as jovens e que a oficina torne-se um espaço de convivência e debate em torno da criminalidade local, os conflitos, o tráfico de drogas, os homicídios de jovens na região, para além da transmissão de um ofício. Para isso, os/as oficineiros/as são estimulados/as a promover a circulação dos jovens em outras regiões do bairro e da cidade, realizando apresentações, visitando espaços etc.

Durico assumiu com vigor a tarefa e, além de proporcionar encontros regulares com os jovens, incentivando a escrita de rimas, ensinando sobre a história do movimento Hip Hop, apresentando rappers e grupos para os jovens, não deixava de promover apresentações do grupo. Sua rede de contatos pela cidade possibilitava as apresentações com jovens da oficina. Sua postura como educador, que estabelece relações de muita cumplicidade com os/as participantes da oficina, pode ser percebida em sua narrativa sobre um episódio na oficina:

E foi incrível, assim, que a gente num tinha nem muito tempo de oficina e cada apresentaçõzinha dessas a gente ia firmando como grupo cultural mesmo... Bazar de rua, a gente apresentava, essas coisas. Feirinha de rua que o povo junta pra fazer... Levantar um dinheiro pra construir alguma coisa ali na igreja ou uma mobilização

social pra arrecadar donativos. A gente tava em tudo. Lembro até esse caso, hoje em dia eu conto ele muito, um dos jovens que era molequinho assim, hoje em dia ele faz oficina comigo. Ele tá com 16 anos e devia ter uns 12, 11. Um dia eu recebi um convite pra ir apresentar no Instituto de Educação. Eu estudava lá de manhã, tava no terceiro ano de manhã, só que era uma apresentação à noite. Aí eu me arrumei. Botei uma calça, um tênis, minha blusa do Fica Vivo, o bonezinho, e cheguei na oficina [e disse]: “Gente, apresentação relâmpago. Vamo pro Instituto de Educação agora”. [o menino respondeu]: “Nem fudendo, a gente tá de chinelo e bermuda aqui. Você é louco?”. Falei: “Pera aí então”. Subi aqui em casa, botei uma bermuda, botei um chinelo e vam'bora. Aí paguei o cara da kombi, ali, 10 reais. Ele levou aquela renca.

Ao que parece, o fato de Durico ser um “jovem de projeto”, já que teve sua trajetória marcada pela participação em projetos sociais e religiosos, possibilitou experiências que nortearam sua iniciação como educador. Habilidades aprendidas em outros momentos viabilizam o traquejo para o desenvolvimento de uma oficina sem nunca ter desenvolvido tal função. As atividades que realiza na oficina de MC's se aproximam de práticas já experimentadas em outros espaços e contextos socioeducativos, principalmente a lógica de um convívio coletivo. Quanto à sua habilidade de ensinar, ele recorda uma situação:

E eu sempre tive uma facilidade de ensinar. Mesmo que eu não soubesse a prática, se eu soubesse a teoria eu sabia passar a prática. Tanto que na JOCUM, voltando lá em 98, 99, tinha um curso de marcenaria. Era uma marcenaria, assim ... Era uma madeira fininha assim. A gente pega uma régua, tipo essas de letra. E desenhava o esqueleto da formiga, ou do dinossauro, da borboleta, alguma coisa assim. E vinha serrando com uma serra. Depois lixava. Montava como se fosse um quebra-cabeça e ficava aquele bichinho. Eu achava super simples e os meninos tinham muita dificuldade.

Vale a pena ainda refletir como, em diferentes políticas sociais e programas governamentais de distintas áreas (educação, serviço social, defesa social, assistência social, cultura), vemos um modelo de organização que privilegia a execução de oficinas socioeducativas. Com isso, um grande número de jovens, moradores das áreas periféricas, tem sido chamado para o ofício de “educador social”, “educador popular”,

“oficineiro”, “monitor de oficina”, entre outras denominações⁸¹. Geralmente, são convocados/as aqueles/as jovens que desenvolvem alguma atividade no campo esportivo, artístico ou comunitário. Durico, além de ter vivenciado como “aluno” a participação em projetos na igreja evangélica – no JOCUM e na rede de adolescentes da Lagoinha –, hoje exercendo a função de “professor” em projetos socioeducativos, se lembra de disposições presentes desde a infância, *“Eu sempre tive uma facilidade para ensinar, desde as atividades no JOCUM eu sabia explicar para os amiguinhos como que era para fazer”*. Ele narra como estabelece relações nesse espaço educativo e como se constituem as possibilidades de aprendizado nesse espaço de socialização em contraposição com as tradicionais formas de práticas escolares:

A oficina você aprende a rimar, você convive. E como é que aprende a rimar? É só na convivência mesmo. O moleque mostra interesse. Isso é legal também. Eu só tenho jovens que são interessados. Quem não é interessado não tem a obrigação de estar lá então nem vai. Não é igual escola. Por isso que eu gosto muito dos meninos. Eles demonstram interesse. Trazem alguma coisa e eu falo. Traz alguma coisa deles, alguma piração, alguma posição. Eu dou um norte ali. A partir da primeira, da segunda, quanto mais eles escrevem, menos eu dou palpite na letra deles.

Atualmente, a oficina permanece ativa, são seis anos de atuação como educador nessa ação de política pública. Dentro de uma perspectiva da sociologia do trabalho contemporâneo, faltam estudos que identifiquem essa forma de trabalho cada vez mais presente no universo de políticas públicas em âmbito municipal, estadual e federal, já que “esses jovens vêm cumprindo um importante papel de educadores, mediadores de políticas públicas” (DAYRELL; CARVALHO; GEBER, 2012, p. 167).

Entretanto, em nossa última entrevista, Durico sinaliza mais densamente uma reflexão em que concebe as distinções entre as atividades que desenvolve como oficinairo do Fica Vivo! e como jovem que desenvolve um trabalho educativo que alcançou outras dimensões para além da política pública. Há marcas de uma individuação em seu trabalho como educador que se explicitam em sua estratégia de

⁸¹ Livia de Tommassi (2013) tem desenvolvido reflexões sobre atividades e intervenções artísticas e culturais configuradas em formas de gestão da população pobre centradas nas ideias de empreendedorismo, protagonismo e responsabilidade social. Cf. Tubarões e peixinhos: histórias de jovens protagonistas e A produção de um novo regime discursivo sobre as favelas cariocas e as muitas faces do empreendedorismo de base comunitária. O tema do empreendedorismo será ainda apresentado a partir da experiência de Durico em outros espaços de socialização.

diálogo com a instituição e as exigências administrativas do Programa. Portanto, seu desejo é de se desvincular da ação do Estado, já que avalia uma relação individualizada com a prática educativa, obra de suas relações com os jovens e que pouco (ou quase nada) dialogam com a institucionalidade da política pública. Assim, ele distingue o que é a “oficina do Fica Vivo” e a “oficina de MC’s”. Duas nomeações que assinalam de um lado a regulação da ação de uma política pública e de outro a constituição de um grupo que ultrapassa os limites do Programa. Ao mesmo tempo, permanecem exigências e cobranças do Programa com relação à atuação do oficineiro.

Há pelo menos um ano, o grupo de jovens da “Oficina de MC’s” começa a ter destaque no cenário do Hip-Hop em Belo Horizonte. Durico, através de sua rede alargada de contatos, possibilita apresentações do grupo em eventos variados, cuja dinâmica, em algumas situações, a coordenação do Programa desconhece. O “grupo cultural” tem fanpage no Facebook, diversos vídeos no YouTube e recentemente gravou um pequeno documentário com sua história. Muitos dos meninos participantes sinalizam em seus sobrenomes nos perfis do Facebook a inscrição “Oficina de MC’s”, marcando uma regência da coletividade em suas construções identitárias, um suporte da individuação (MARTUCCELLI, 2007a, 2007b). Assim, para além da condição de “alunos” de uma atividade socioeducativa, os participantes da oficina e Durico formam um coletivo juvenil que avigora suas dinâmicas de produção de rimas, criação, interação e afeto em contextos on e offline marcadas pelo pertencimento territorial.

O Fica Vivo eu tenho a obrigação de receber qualquer jovem de 12 a 24 anos e ponto final. Tem que entupir minha oficina de gente. Nesse grupo de MC's, não, né. Se você vai na oficina, você é do grupo.(...) Hoje em dia é um grupo cultural. Um grupo mesmo, e oficina é oficina. (...)Meu vínculo com o Fica Vivo, eu dou o número pra eles, dos meninos. Números reais. Já menti muito porque quase não tem fiscalização, fraga. Hoje em dia eu não preciso porque Belo Horizonte inteira está vendo o trabalho. Aí meu vínculo com eles é esse. Eu dou os meninos. O número exato dos meninos pra eles e eles me dão uma verba fixa. Porque nem o espaço eles arrumam. O espaço do Jocum é uma coisa minha. Que eu desembolei e tal e tal.

Nesse contexto, é conveniente relatar um episódio em que o jovem Durico manifesta evidentes distâncias entre as expectativas institucionais e seus modos de trabalho e envolvimento como educador, artista, morador do Aglomerado. Há muitos elementos no relato abaixo. O jovem destaca a perspectiva administrativa da política

pública e a preocupação com o “número de atendidos”, a incoerência de uma política pública de segurança que não estabelece diálogo com os sujeitos locais. Ainda mais, as contradições de um programa de redução da letalidade juvenil quando, no cenário dos últimos três anos no Aglomerado, destaca-se a morte de pelo menos quatro moradores da favela pela própria polícia. A perspectiva de um indivíduo que, com sua rede de vínculos locais e fora do Aglomerado, estabelece vínculos, cogita atividades e projetos com o grupo que teve início como ação de uma política pública.

*Com o boom da oficina o ano passado, esse ano eles me cobraram mais envolvimento com o programa, uma vez que eu tenho menos jovens. E pra não ser tão radical enquanto eu continuar lá. Falei: “É. Vocês têm razão. Eu estou aqui porque eu quero. Eu não posso ficar falando mal por aí também, não”. Porque o que que aconteceu? **Ano passado eles me botaram pra falar no seminário do Fica Vivo!. Então beleza. Deixa eu contar. Vocês gostam de número, né, galera?** Então. Estou com 23 anos agora. Já fiz isso, isso e isso. Só número. Falando assim ó, número atrás de número. E falei o número de mortos que teve aqui na comunidade. E **todos tinham envolvimento com a polícia. E Fica Vivo! é um programa da polícia com a Secretaria de Defesa Social.** Aí eu comecei a falar. Meu ponto de partida dessa fala foi que ia rolar um duelo aqui no morro e **eles [o Programa] não deixaram por causa de violência. Aí eu já desafiei: “Vocês não vão conseguir”, tipo, “Se vocês não são capaz de fazer isso, a polícia e o programa, eu sou capaz. Eu sou capaz”.** Eu pego três CDzinhos aqui, ó, ponho na minha mochila, vou na boca, desenrolo com o cara, “Não véi, eu já tenho um hip hop aí. Escuta aí. Aqui a blusa do duelo. Fica de boas. Só não briga hoje”, “É mesmo, véi? Eu tenho rap aqui. Na vibe. Vocês querem funk? Que funkeiro vocês querem? A gente traz ué”. E **falando. Aí tinha uns lances lá de trabalho mesmo, de salário, de férias. Soltei a boca. Tive meus 20 minutos de boca no trombone.** E tudo assim, com o tom de voz baixinho, de boas. Eles pediram pra recitar. Eu recitei. A reza [nome de uma canção sua]. “Me livra da polícia”. E eu olhava assim, me livra da polícia. E eu falei: “Vou fazer uma poesia que é de sexo, drogas e rock n’ roll”. Mando A Reza. Aí Fica Vivo é bem isso. (...) Está bonitão. Faz o zine. Distribui pra BH e pro mundo. E a onda do grupo desse ano, do dois mil e catarse vai ser, então, fazer um cartaz pra eles, pra gravação do disco. Aí a gente vai conseguir mobilização pra arrecadar essa grana.*

Nesse denso relato, cheio de referências a múltiplas situações, alcançamos um percurso singular em uma teia de relações e campos de força, obra do posicionamento do jovem. Um personagem que escapa às categorias habituais, que não corresponde às “figuras canônicas do trabalhador regular, tampouco às do mercado informal, e muito

menos às tipificações correntes dos ‘pobres’ e ‘excluídos’, público-alvo dos programas ditos de inserção social”. (TELLES, 2006, p. 192).

Durico processa um modo de individuação como protagonista educador de uma política pública que se configura (inclusive institucionalmente) por práticas que exigem posicionamento e ações individuais dos educadores. Entre práticas integradoras, estratégicas e subjetivas (DUBET, 1994), vejo como, nessa lógica de trabalho, Durico reconhece sua atuação na oficina como insubmissa à política pública, buscando distanciamento dos contrassensos desse discurso estatal de prevenção à criminalidade, mas, sem romper totalmente com o Programa. Mesmo que em diálogo com o Estado, é o jovem quem, singularmente, concebe as ações, organiza apresentações, dialoga e circula com os jovens participantes, em rede e na cidade.

5.6 PERCURSO PROFISSIONAL COMO RAPPER E EMPREENDEDOR

A experiência como educador não se distancia de sua trajetória como rapper, pelo contrário. É na experiência com a música que Durico vai fazendo suas escolhas, como apresentei até aqui. Na música estão as possibilidades de “ancoragem e agregação coletiva que se articulam com os percursos de experimentação de si mesmo” (DAYRELL, 2001, p. 21). Na expressão artística, se pronuncia sua identidade com referências a elaborações de projetos individuais e coletivos. Nos dois anos em que acompanhei Durico, sua trajetória profissional – com momentos mais ou menos oportunos e de destaque – sempre esteve bastante movimentada. Em uma lógica da “hipertextualidade” anunciada por José Machado Pais (2001), para sinalizar as variadas frentes de ação possíveis nos “mundos de vida” juvenis em constante construção, o percurso profissional e artístico de Durico é multifacetado e transversal. É a partir de sua visibilidade como rapper que ele alcança outras possibilidades de inserção profissional, por exemplo, em um conhecido grupo de teatro de bonecos em Belo Horizonte, situação que emerge em 2013.

Uma impactante fala do jovem resume seu percurso profissional como rapper: *“Minha produção é individual sem ser individualista”*. Com a alocação, Durico reconhece uma densa rede de coletivos e sujeitos que contribuem na produção de seus

CDs, nas possibilidades de shows dentro e fora de Belo Horizonte, na produção de um videoclipe, na construção de seu site, entre tantas atividades tão somente prováveis em função das relações de interdependência com amigos/as parceiros/as. Tais relações se operam em regimes que condensam afeto, sociabilidade e profissionalismo. Nas três entrevistas, Durico ressaltou sua “história em curso” no mundo artístico que está também densamente exposta na internet. Assim, esses “agenciamentos híbridos” (ALMEIDA; EUGÊNIO, 2006, p. 57), configurados em experiências nas dimensões on e offline, consentem a visibilidade da produção individual desse jovem artista. Aqui, anuncio momentos cruciais na sua carreira como rapper, não mais em grupo, mas como “artista solo” e como produtor e participante de coletivos artísticos que compõem um “circuito de jovens” (MAGNANI, 2007) na cidade de Belo Horizonte.

Com o fim do S3M em 2009, Durico buscou uma “retomada de caminhos” (PAIS, 2006, p. 8). No CD produzido com o S3M, uma das músicas, de sua autoria, era cantada somente por ele. Viu nessa canção a oportunidade de participar de uma seleção do Vozes do Morro – um programa do governo do estado de Minas Gerais em parceria com o Serviço Voluntário de Assistência Social (SERVAS)⁸², que seleciona artistas e bandas de vilas, favelas e aglomerados de Belo Horizonte e Região Metropolitana de BH. O Programa, de frequência anual, teve início em 2008 e, em cada edição, financia a produção de CDs e DVDs dos/as selecionados/as que participam de um grande show de finalização para celebração dos/das vencedores/as. Durante um ano, esses/as artistas têm a sua música divulgada, por meio de clipes e peças publicitárias nas principais emissoras de rádio e televisão do Estado. Assim, os/as artistas de vilas e favelas experimentam uma lógica de produção cultural que possibilita a projeção e o conhecimento do trabalho artístico em larga escala⁸³. O jovem descreve a seleção do programa e uma das estratégias para ser notado nesse processo:

Aí eu me inscrevi em carreira solo. Durico. Inventei um release nada a ver. Menti pra caramba ... Falei que eu já tinha dividido palco com

⁸² O Serviço Voluntário de Assistência Social – SERVAS – é uma associação fundada em 1951. Define-se como “associação civil, de direito privado, sem fins econômicos, que tem como objetivo promover e executar ações sociais em Minas Gerais, dotado de autonomia administrativa, financeira e operacional. É reconhecido como entidade de utilidade pública nos níveis municipal, estadual e federal.” Cf. em www.servas.org.br. Acesso em: 02fev2013

⁸³ Cf. em www.vozesdomorro.mg.gov.br. Acesso em: 02fev2013

o B Negão⁸⁴. A gente tinha tipo tocado num dia e, tipo, primeira banda e ele tocou no outro dia e foi a última. Ai ai.... Eu venci o Vozes do Morro em 2009.

Durico foi um dos dez selecionados pelo Programa. O prêmio possibilitava a gravação de um videoclipe, a veiculação dessa produção visual durante 15 dias em canais abertos de televisão e a difusão da música em emissoras de rádio. Além disso, os/as selecionados/as participavam de um curso de empreendedorismo cultural denominado Nosso negócio é a música. Este foi o ensejo para a ampliação da rede de contatos do jovem no universo da produção cultural e musical. Outros nove grupos e artistas conviveram juntos durante o período de execução do Vozes do Morro em 2009. Durico retrata esse período de muitos aprendizados, apesar dos limites pessoais na assimilação de informações técnicas. *“Só que eu era super juninho ainda. Eu ficava ouvindo aquilo ali. Eu sabia que ia ser bom pra minha vida, mas não entendia nada. Principalmente o assunto principal era a Lei de Incentivo a Cultura Estadual, Municipal, Federal e prêmios e projetos.”*

Os dez artistas/grupos vencedores não foram organizados em ordem de classificação. Houve uma definição por sorteio para a disposição dos artistas para apresentação do clipe na TV, com o período de 15 dias de exibição para cada artista. O jovem relata o momento desse sorteio e destaca a presença de pessoas notáveis, a presidente do SERVAS e o governador do estado. *“Só que o destino foi muito bacana comigo também. Aí foi o sorteio. Super democrático. Aí a Andrea Neves e o Aécio Neves tavam lá no dia. Foi mó bacana, assim. Foi pegando um papelzinho, foi pegando outro, foi pegando... eu fui o último!”. A situação fortuita da classificação beneficiou o jovem em função de um tempo mais estendido para preparar um repertório novo, avaliar e construir um estilo para sua nascente produção musical em carreira solo. Em outras palavras, o acaso favoreceu o tempo de trabalho sobre si mesmo e sua obra, viabilizando a projeção reflexiva de planos que dão sentido primordial à sua biografia.*

Aí fiz um show dia 18 de setembro de 2009. Foi meu primeiro show solo. Eu já tinha apresentado alguma coisa, assim, mas show, show mesmo, foi 18 de setembro de 2009, no Duelo de MCs. Foi sucesso total, assim. A galera pi-rou, pirou! Falou que era pra mim seguir

⁸⁴ Compositor e cantor brasileiro de rap. Tornou-se conhecido na extinta banda Planet Hemp. Atualmente mantém uma carreira solo.

mesmo. E isso me deu muita força, muita vontade de seguir em frente mesmo, de tocar o barco. E a partir daí começou uma apresentaçõzinha ali, outra ali. A maioria das vezes sempre via Vozes do Morro, que eles arrumavam alguma coisa. Aí, no fim do ano, fiz um show que consolidou assim, mesmo, no Music Hall que falou pro Brasil, pra BH, que eu tava na cena rap, eu era um dos nomes, assim. Nó, foi bem bacana...

A visibilidade pública e o reconhecimento por meio da música em um espaço como o Duelo de MC's parecem ampliar seu desejo de criação artística e sinalizar nuances de uma autenticidade singular. Além disso, o encerramento do Vozes do Morro aconteceu com um show em uma conhecida casa de shows de Belo Horizonte. Mais uma importante oportunidade para a aproximação de pessoas atuantes no cenário da produção cultural e musical de Belo Horizonte e para a elaboração de projetos como construção intersubjetiva, “instrumento básico de negociação da realidade com outros atores, indivíduos ou coletivos” (VELHO, 1994, p. 103). Segundo Durico, ele era um dos únicos rappers da cidade que tinham um videoclipe naquele momento. *“Eu lembro que no camarim já era o sucesso notebook, né. Tinha um notebook pequenininho, era tipo ‘Ôôô, a revolução da internet tá chegando’. Aí todo mundo vendo, assim, e eu, tipo, nem ligando, bebasso lá com a galera ‘Ah, vão curti, vão curti’⁸⁵”*.

A contingência de ter sido o último sorteado para a exibição do videoclipe beneficiou a visibilidade de Durico, já que a data do show final coincidia com o período em que seu clipe era exibido na TV. Ele conta entusiasmado a veiculação de informações sobre o show em canais de comunicação populares – jornais impressos, emissoras de televisão, e destaca a evidência que sua produção adquiriu atingindo importantes espaços de visibilidade pública. Durico diz com entusiasmo sobre os imponderáveis da vida que possibilitaram a ampla projeção de sua criação.

Casou tudo perfeitamente. E eu tive sorte de ser o último também, que eu não fiquei só 15 dias. Eu fiquei até o início de fevereiro passando na TV e tocando na rádio toda hora, toda hora. Eu lembro uma vez, o último capítulo da novela que passou na época, a final do campeonato brasileiro de 2009, no intervalo passou, assim. Aí, tipo, hoje em dia eu tenho mais noção que isso. Mas eu ficava na época, assim, “Gente, tá todo mundo vendo a novela. Tá todo mundo vendo a final do campeonato de futebol, tá todo mundo me vendo”.

⁸⁵ Ele faz referência à opção de “curtir” que os usuários da plataforma Facebook têm para demonstrar adesão a um post, comentário ou página.

Em um percurso que incidia para a “profissionalização da criatividade” (ALMEIDA; PAIS, 2012), o jovem avaliava a necessidade de se aprimorar tecnicamente. Numa “individualização das estratégias” (PAIS, 2012, p. 148), busca sua inserção no mercado musical. Fez aulas de canto com uma jovem rapper, conhecida no cenário mineiro, aproveitando os contatos que estabeleceu a partir do Programa. As aulas aconteceram em um estúdio de gravação com variados recursos tecnológicos e instrumentos. Nesse estúdio, conheceu outro músico que mostrou interesse por sua produção. Entusiasmado pela possibilidade, o jovem pesquisa o nome do possível produtor na internet e descobre que era alguém de fato importante no cenário musical.

Que era o cara. Nossa, o cara é incrível. Toca com a Marina Machado, já tocou com Milton Nascimento, foi o cara que trouxe a percussão, os blocos de maracatu pra Belo Horizonte. Mudou o cenário da cena, assim, de BH e tal. Aí eu: “Nossa, gente, quem que é esse cara?”. Aí eu lembro que ele postou no Facebook: “Tô produzindo o Durico, o moleque tem o flow”. E na época todo mundo da música, tipo, de Belo Horizonte assim, cenário independente, falou: “Vêi, cê tá colando com o Lenis. Fica esperto, pelo amor de Deus. Ele é o cara. Nossa Durico, é sua chance” e tal.

Essa relação propiciou a produção de um disco. Durico gravou em um estúdio em Belo Horizonte e masterizou (reunir voz – instrumentos – efeitos) em São Paulo. O jovem opera em uma lógica que combina seu capital adquirido em outros espaços/processos (no grupo religioso, nas relações na escola, no apoio familiar), mas também “recrutando-se do outro e o entorno, aproveitando-se os acontecimentos e fazendo-se deles, ocasiões” (ALMEIDA, 2012, p. 25). Diante o desejo de profissionalizar sua produção musical, há também fatores que impelem a concretização; há provas constantes que desafiam e reinventam modos de “se virar” na música. O jovem relata, por exemplo, a necessidade de fazer um empréstimo no banco que, posteriormente, virou uma “bola de neve”.

Mas com o dinheiro do CD... Vendia muito o CD. Vendia CD no Duelo igual água, assim, era... No primeiro dia, eu vendi mais de 400 CDs. A cinco reais. Então isso era incrível, sabe. Tipo, e o povo vindo comprar e... Aí a internet já foi muito auxiliadora, assim. Na hora que chegou, fui nesse sofá aí, peguei um tanto de CD, espalhei no sofá, deitei assim, mostrando. E minha cunhada tirou a foto, já postei na internet. Na hora tinha sido recorde de curtidas que eu tinha na época. Foi uns sessenta e tantos. Ainda era bem fraquinha. Devia ter,

nessa época, aí, eu devia ter uns quase mil amigos no Facebook. Mas vendi CD a rodo.

Nos modos de profissionalização da arte, é preciso encontrar sempre novos territórios para a atuação; a internet e as plataformas de redes sociais vão configurando-se como domínio da existência de seu projeto, espaço de “exposição de si”, um lugar de produção de convergência, que se caracteriza “pela *reincidência no mesmo através do novo*, pela fabricação permanente de zonas de intercessão” (ALMEIDA; EUGENIO, 2006, p. 61 – grifos das autoras). No contexto interativo online, a veiculação de imagens e a exposição da produção do jovem não é mais representação, mas, “*apresentação*”, ou seja, não apenas figurativa, mas, funcional (WEISSBERG, 1993 apud ALMEIDA; EUGENIO, 2006, p. 50). Diante desse episódio, vale lembrar a forma como encontrei Durico no ciberespaço, pela potência de suas postagens que são domínio privilegiado de sua experiência musical. A web representa para ele uma “plataforma de vida” (NICOLACI-DA-COSTA, 2006), ambiente de “ampliação da superfície de contato com o mundo, através de um contínuo e sistemático movimento de *anexar o novo*, somá-lo com os demais recursos já em uso, e assim arranjar e rearranjar as modalidades de interação, sem estancamento.” (ALMEIDA; EUGENIO, 2006, p. 58).

Em função de uma rede social digital que permite que os laços entre os usuários estejam, de alguma maneira, visíveis para todos os participantes, pude encontrar Durico no amplo ciberespaço. Me deparei com ele no Facebook em função de uma postagem de um amigo que temos em comum no site, favorecendo o vínculo de ligar perfis diferentes e ainda não conectados. Na plataforma, um circuito de amigos dá visibilidade aos “amigos dos amigos”, fato bem traduzido nas palavras de Durico “ainda mais em BH, estamos todos conectados”.

Uma postagem compartilhada por esse amigo da minha rede convidava as pessoas a curtirem a Fanpage de Durico⁸⁶. Ao alcançar 1000 curtidas, o rapper disponibilizaria na internet um novo videoclipe. Estratégia interessante que buscava dar crescimento à visibilidade de sua página na rede, ao mesmo tempo em que promovia a expectativa pela visualização do videoclipe. [caderno de campo]

⁸⁶ Além do “perfil pessoal”, o Facebook permite a criação de Fan Page – Página de Fãs. Empresas, marcas, artistas, grupos musicais etc. podem usar a interface para comunicação com os usuários. “Semelhante aos perfis, as Páginas podem ser aprimoradas com aplicativos que ajudem as entidades a se comunicarem e interagirem com o seu público e adquirirem novos usuários por recomendações de amigos, históricos dos Feeds de notícias, eventos do Facebook e muito mais”.

Postagem de Durico no Facebook – Mil curtidas

O novo clip do rapper Durico será lançado pela fanpage oficial, assim que mil pessoas curtirem a página. A ideia é utilizar a rede social para divulgação do trabalho e transformá-la em um veículo de comunicação dialógico que interaja as pessoas da rede, o rapper e outros movimentos culturais.

A utilização das redes sociais é uma extensão, natural, da ocupação e do trabalho que vem sendo desenvolvido em saraus de poesia, oficinas, shows e intervenções. Mobilizar mil pessoas em ambiente virtual é pouco expressivo se tratando de números do ciberespaço, todavia, segundo Durico é mais uma forma de manifestação e expressão da cultura Hip Hop. “A ação foi pensada para funcionar como um pontapé inicial do projeto de utilização das redes sociais. Assim que alcançarmos mil curtidas, solto o clipe da Poesia, que já está pronto, a próxima etapa é a gravação do clipe de Ligadura, afirma o rapper Durico

Sobre a gravação do novo clipe, Durico, explica que a ideia é gravar com crowdfunding (financiamento colaborativo em rede virtual). “Quero lançar o clipe no segundo semestre deste ano, estamos escrevendo um roteiro criativo, pensamos em pelo menos 60 mulheres atuando como figurantes desta história de amor. A galera aqui da quebrada também vai atuar, mas para isso precisamos contar com o apoio da rede”, conclui o rapper.

O “campo de possibilidades” (VELHO, 1997) seria uma espécie de mediador da dimensão biográfica nas sociedades contemporâneas. Conceito condizente com a proposta de Martuccelli (2007a), de apreender sociologicamente os modos de individuação a partir da singularidade biográfica, e que auxilia na compreensão da trajetória de Durico a partir do Vozes do Morro. O Programa alargou a sua rede de relações no campo da produção cultural. O jovem estabeleceu laços com figuras importantes no cenário musical que viabilizaram ações oportunas. O rap cada vez mais vai constituindo-se como alternativa não apenas de sobrevivência, mas de vida, seu sustento material e espiritual, além de meio de singularização. A construção do jovem como sujeito está intimamente comprometida com sua produção artística e com um grupo de amigos/as com quem convive cotidianamente, face a face e online. Gilberto Velho (1997) lembra que as condutas individuais devem ser observadas e relacionadas com os multipertencimentos dos sujeitos, concepção que coaduna com o acesso da trajetória por onde o jovem tem se movido. Nessa perspectiva,

o projeto não é um fenômeno puramente interno, subjetivo. Formula-se e é elaborado dentro de um campo de possibilidades, circunscrito histórica e culturalmente, tanto em termos da própria noção de

indivíduo como dos temas, prioridades e paradigmas culturais existentes. (VELHO, 1997, p. 16).

Imerso em um espaço de socialização da produção artística, Durico busca novas aprendizagens. “A criatividade é convocada para a profissionalização” (ALMEIDA, 2012, p. 19). O jovem procura um programa de formação em empreendedorismo pela aspiração por aprendizados que auxiliassem no investimento na carreira musical. Na participação do Vozes do Morro, a lógica empreendedora já havia sido apresentada como caminho propício para a produção artística. Como “agenciador de suas próprias habilidades” (ALMEIDA, 2012, p. 24), o jovem se inscreve em um curso no Núcleo de Empreendedorismo Juvenil (NEJ), realizado em parceria com o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

Mais uma vez, sua produção individual é tecida junto às ações governamentais já que o NEJ é um dos núcleos do Plug Minas, um centro de formação da Secretaria de Cultura do Estado que reúne atividades e programas para jovens de 14 a 24 anos que estudam ou se formaram em alguma escola pública de Belo Horizonte ou Região Metropolitana. O centro reúne seis núcleos, cada um deles com ações específicas no campo da cultura digital, formação profissional e artes⁸⁷. Nesse espaço de formação, ele sinaliza suas intenções particulares: “*Só que aí eu já entrei no curso com a mentalidade que todo momento que eles falassem ‘produto’ ou algo relacionado, pra mim era música, arte, entretenimento, lazer, evento*”.

A descoberta pela formação no NEJ aconteceu a partir do contato com outro jovem rapper que conhecia o núcleo, mas não podia participar das seleções, já que tinha mais de 24 anos. Além dele, Durico conta de dois amigos que incentivaram a sua formação no empreendedorismo.

E quando eu tava fazendo a arte gráfica do CD, na casa do Léo, ele tem um irmão, o Rodrigo, que ele é estilista. E o Léo é designer. E todos são empreendedores. Os dois são empreendedores. Aí o Léo falou: “Olha Durico, essa oportunidade aqui eu não dei atenção”. Aí

⁸⁷ O Plug Minas foi criado pela Secretaria de Estado de Cultura, em parceria com a Secretaria de Estado de Esportes e Juventude. A gestão do projeto é feita por uma OSCIP. Os núcleos são: Valores de Minas, Oi Kabum!, Empreendedorismo Juvenil, Amigo do Professor, Inove - Jogos Digitais, Caminhos do Futuro. Como anunciado no capítulo 3, esse foi um dos primeiros espaços institucionais que procurei no início da pesquisa com o intuito de alcançar jovens envolvidos com as tecnologias, visto que um dos núcleos, o Oi Kabum, privilegia ações de arte digital, programação de computadores, fotografia etc. Cf. <http://www.plugminas.mg.gov.br>

o Rodrigo tava com a gente no quarto. Aí o Rodrigo, tipo, ele é muito legal. Ele ... quando vai falar assim, ele fica bem mais empolgado que eu, até perde a voz às vezes. É muito legal. Ele ficou muito emocionado. Tipo, ele encheu mesmo o peito pra falar de empreendedorismo. Falou que é a tendência. O que você for na vida, você tem que ser empreendedor. Aí eu já admirava muito eles assim, tipo, dois jovens, super influências e destaque no que fazem, financeiramente bacana e aí eu falei: “Então eu quero fazer isso. Quero fazer esse trem de empreendedorismo”. Na hora que ele falou: “Todo mundo aqui em casa é empreendedor”, falei: “Nó, então quero ser igual você”.

Durante um ano, Durico fez o curso com aulas de segunda à sexta pela manhã, das 7h às 12h. Entre as disciplinas cursadas estavam: Direito, Comunicação Empresarial, Contabilidade, Matemática Financeira, Plano de Negócios, Logística, Administração de Materiais, Recursos Humanos. O Núcleo de Empreendedorismo Juvenil assim define os objetivos do seu curso:

Ao ingressar no Núcleo, o jovem alça voos maiores em sua vida, não só profissional, mas também pessoal e seus planos em relação ao futuro ganham dimensões maiores. Palavras e expressões como network, feedback, logística reversa, endomarketing, estratégias de negócio e gestão de pessoas passam a fazer parte do dia a dia do **futuro jovem empreendedor**.” (grifos meus)⁸⁸.

Com um olhar voltado para a concepção empreendedora, Durico participou de outras formações voltadas para a área. Em um grande festival de música independente em Belo Horizonte – Transborda – foi participante de outro curso, agora de empreendedorismo cultural com uma renomada produtora paulista. Nesse sentido, Durico parece elucidar em sua narrativa a agregação de uma categoria cada vez mais presente nas práticas e discurso do campo artístico, não se limitando ao universo empresarial – o empreendedorismo.

Descobri por acaso no Facebook. E eram só 20 vagas. Mais uma vez me inscrevi sem esperança. Tipo assim: “Ah, gente, o pessoal da cultura toda de BH aí. Quem vai querer me dar uma oportunidade pra isso”. E na entrevista passei, assim, super bem pontuado. E foi incrível. Ela trouxe todas as informações super fresquinhas, assim, de ferramentas do empreendedorismo. Tipo administração de tempo, prioridades. Tipo, como o artista empreendedor tem que se organizar

⁸⁸ EMPREENDEDORISMO Juvenil. Núcleo de Empreendedorismo Juvenil (NEJ). Belo Horizonte: PLUG MINAS. Centro de Formação e Experimentação Digital. Disponível em: <<http://www.plugminas.mg.gov.br/portal/paginas/empreendedorismo-juvenil>>. Acesso em 04fev2012

(....) Assim que eu saí desse curso eu comecei a ensinar lá no Plug Minas mesmo pro pessoal da minha sala tudo que eu tinha aprendido. Aí o pessoal do Plug Minas gostou demais. E aí teve um festival. Eles pediram pra eu dar uma oficina de empreendedorismo cultural.

O número de oportunidades de realizar shows foi aumentando. Durico circulou por cidades do interior do estado, além de fazer muitas apresentações em Belo Horizonte. Fez uso racional da internet no estabelecimento e fortalecimento de contatos para shows. Com uma trajetória de formação no empreendedorismo e a experiência de educador na oficina do Fica Vivo!, o jovem procura aliar a realização de shows com a oferta de oficinas. Durico parece investir em uma lógica de “aprender fazendo”, em que congrega “fazer/aprender – um aprender enquanto se faz – uma nova abordagem de profissionalização” (ALMEIDA, 2012, p. 49). *“Aí, hoje em dia, tem algumas cidades que eu vou, eu vendo a oficina e faço contato pra fazer show. Ou às vezes vendo o show e faço um contato pra ter uma oficina ali”.*

Atualmente, o jovem é um microempreendedor individual (MEI), uma forma de trabalho reconhecida legalmente no Brasil que possibilita a criação de empresas individuais. Introduzido pela Lei Complementar 128/08 e inserido na Lei Geral da Micro e Pequena Empresa (Lei Complementar 123/06), o MEI possibilita a formalização de empreendedores por conta própria e, no caso do jovem, de “profissionalização da criatividade” em um modelo característico de modos empresariais. Assim, Durico relata:

Agora eu sou MEI, microempreendedor individual. Eu sou meu patrão. Na oficina, eu recebo através da minha empresa. Minha empresa hoje é meu nome, 092, meu CPF. Eu tenho até que acabar essas cem primeiras notas [fiscais], está em oitenta e poucos, pra eu mudar o nome da minha empresa, que vai ser “Aqui Faz” Produções. Que eu posso emitir nota fiscal de show e tudo relacionado a evento. Palestra, debate, tal. Teatro. Qualquer coisa ligada a teatro. E aula de música. É. Pelo Sebrae. Você se cadastra lá no site e aí depois você passa a resolver com o seu município, com o lugar onde você mora pra explicar. Igual o meu caso, é como se eu tivesse... é aqui a minha empresa, quatro metros quadrados e escritório. Porque eu não dou show em empresa. Dou palestra no local físico. Aí é um processo chato provar pra ele que eu moro aqui. Que é onde eu durmo e trabalho. Então não vai vir um fiscal aqui. Porque se fosse uma empresa mesmo, eu não podia morar aqui. Aí não. É um espaço físico, só computador e tal. Mas é legal porque agora eu não preciso de associação nenhuma pra receber. Eu mesmo cuido da minha conta. Eu tenho minha conta ligada à empresa que é só quando vai receber dessas coisas chatas e tem a conta física de boas.

Relevante compreender as marcas de um discurso do empreendedorismo nas relações mais amplas entre juventude e trabalho na contemporaneidade. Em Estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira (1999-2006), Maria Carla Carrochano e Marilena Nakano (2009) apresentam percepções sobre compreensões das novas configurações do trabalho juvenil a partir das pesquisas. Os atuais processos de socialização no trabalho, caracterizados pela flexibilidade e novas organizações da produção, são tematizados em algumas pesquisas. As autoras apontam a existência de pesquisas com dois modos de compreender o empreendedorismo, pela crítica ou por sua defesa, exaltação ou pessimismo. Aqui, busco assumir um olhar para as práticas empreendedoras de Durico dentro de um universo mais amplo da formatação do trabalho na contemporaneidade e suas exigências de flexibilidade, responsabilização, competência, requisições inerentes à dinâmica empreendedora. Por outro lado, “levando a sério” (VIVEIROS DE CASTRO, 2002) as experiências e narrativas do jovem, entendo que a inserção nos processos empreendedores de profissionalização da criatividade assumem lógicas de cooperação, trabalho coletivo e solidariedade nesse “fazer junto”.

Nesse sentido, a própria visibilidade crescente, nos grandes centros urbanos, da figura do “jovem empreendedor” não mais o associa automaticamente ao jovem empresário/executivo, permitindo, sim, encapar e absorver em sua rede de sentidos jovens artistas, poetas, escritores, atores, cineastas etc. (ALMEIDA; PAIS, 2012, p. 9).

Durico reconhece a centralidade dos laços com outros profissionais / parceiros / amigos que viabilizaram seus projetos pessoais. Há uma lógica do trabalho coletivo configurada pelos “encontros de singularidades entre pessoas, ou entre elas e um projeto” (ALMEIDA, 2012, p. 31) que constroem seu universo artístico-expressivo. Apenas em uma rede de relações de reciprocidade é possível agenciar suas próprias habilidades singulares. Nesse sentido, a personalização na produção artística do jovem é sustentada pela colaboração múltipla, possível na conexão com outros sujeitos. A singularidade de Durico é presumível na pluralidade de encontros com outros sujeitos singulares. Assim ele diz das variadas interações construídas ao longo de sua trajetória como artista e que foram/são suporte em seus horizontes profissionais permeados por uma autoria colaborativa.

*Eu descobri que eu tive um acolhimento de uma galera mais velha, de início. Tipo assim, “Vem cá, fica aqui que você é bom. Você vai seguir esse caminho aqui e tal. Mas ainda não é sua hora. Vem cá.” A juventude não tem disso de “não é minha hora”. Tipo assim, eu tenho capacidade, vou fazer a hora que eu quiser! Basta que me apoiem. Quem que me apoiava? Quem me apoia como músico são os artistas músicos, a banda, né. Todos mais velhos. Pais de família que têm conta pra pagar e casa pra criar. No começo a galera era mais profissional mesmo, mas em nenhum momento eu tive uma produção, algo assim, gratuita ou na parceria mesmo de, tipo assim, eu vou me doar pra caramba agora, eu tinha que pagar. **Aí eu montei um exército de jovens que é exclusivo, não meu, que é nosso. Exclusivamente pra trabalhar pra gente.** Juro, eu tenho office boy, produtor musical, motorista, galera que filma, designer gráfico. Um exemplo de designer gráfico, falar nomes e valores. Do pessoal mais profissional vou pagar mil reais pra uma capa do disco. Preço de mercado. Ele está certíssimo. Hoje, o menino, com mil reais, está me fazendo a capa, meu portfólio e meu site. Que vem dessa turma. Dessa que são jovens de 1985 pra cá. Geniais em uma específica tarefa. Não é também a opção... Não é critério, pra estar lá tem que ser jovem. Pra estar lá tem que ser bom, depois, ter tempo disponível porque sua idade não importa. Mas quem geralmente tem essa disponibilidade, essa sede e essa piração? Metade desse grupo é playboy de mente aberta que não precisa de dinheiro pra ontem. Amo essa definição. E a outra metade desse grupo é a galera mais já underground que pega e faz. Então juntou essa galera toda. Essa galera zona sul que já tem uma condição, não precisa de uma grana, mas são super empreendedores, e parceiros, e têm equipamento de câmera. A maioria, a galera do morro, é um ou outro que tem um equipamento massa. Eles têm assim top top top. Meu clipe, se eu fosse fazer com produtora, esse primeiro, eu gastaria uns dez mil reais. Gastamos 800 reais com essa. E foi bem essa onda, vamos juntar os novinhos pra trabalhar. Não é um coletivo. Não tem nome ainda. Mas tem muitos gênios. Só moleque.*

“As ideias não bastam, é necessário que existam (ou se criem) condições de possibilidades para uma boa sementeira da criatividade na profissionalização” (PAIS, 2012, p. 147). A singularidade biográfica de Durico é construída na transversalidade colaborativa de múltiplos processos/espacos/sujeitos. Se, por um lado, os modos de trabalho no empreendedorismo delimitam uma instância com fortes exigências individuais, por outro, o “gerenciamento de si” só pode ser projetado em uma rede de parceiros que apoia e aposta nos projetos particulares. Assim, os modos de individuação de Durico na profissionalização musical estão comprometidos com uma “rede de interconectividade” (PAIS, 2012, p. 184).

5.7 VIVÊNCIAS CONECTADAS COM A MÚSICA

Os processos, espaços e relações que enredam sua produção musical estão intimamente atrelados às experiências digitais. Inevitável compreender sua construção como indivíduo sem alcançar seus “modos de vida” na web. Há uma ênfase na produção musical e nos coletivos juvenis nessa intercessão online⁸⁹. O jovem é muito popular nas redes sociais digitais na internet. O fato de possuir três perfis pessoais no Facebook deve-se ao limite de 5000 amigos ter sido alcançado em seu primeiro perfil. Ele mesmo se surpreende com sua popularidade na web dizendo:

Não sei assim a dimensão que tomou em tão pouco tempo assim. Ano passado no Plug Minas, uma mulher da Comunicação veio me procurar e ela já sabia que ... já me conhecia de música, de internet, do youtube, mas não me conhecia pessoalmente. Ela assustou, tipo, “cê estuda aqui no Plug Minas e tal”. Aí numa das falas dela, ela falou: ‘que isso, cê tem mil e quinhentos amigos no Facebook’ e na época o Plug Minas não tinha nem mil, e aquilo era incrível pra ela. Ela era formada em Comunicação e tal e enlouqueceu. Aí que eu comecei a ter noção do poder da rede social. Isso foi em julho do ano passado [julho de 2011]. Em menos de um ano lotou o perfil de cinco mil.

Durico reflete e reconhece a amplitude da sua rede online com inúmeras pessoas conectadas que curtem, compartilham e comentam suas postagens, produções, músicas e vídeos. No Facebook ele mantém dois perfis pessoais. Em setembro de 2009, criou a FanPage, espaço exclusivo para divulgação de suas atividades na música, agenda de shows, videocliques, trechos de música, poesias, etc. Abaixo um quadro com as plataformas digitais que Durico é usuário/produtor. Como mencionado, algumas redes sociais digitais são voltadas exclusivamente para a troca de músicas.

⁸⁹ O jovem integra variados coletivos artísticos em Belo Horizonte que não serão explorados na tese, mas, merecem reflexões. Dinâmicas juvenis de ocupação do espaço público que misturam arte, política e performance.

Quadro 1 – Mapeamento de plataformas digitais que é usuário (2012)

 Perfil pessoal 1 (“lotado” com cinco mil amigos – não aceita mais usuários) Perfil pessoal 2 Fan Page	 Rede social de músicos
 Perfil pessoal de divulgação Comunidade	 Rede social de compartilhamento de música 6 faixas disponíveis
 Conta pessoal	 Rede de oportunidades da Música Brasileira Parceria com o “Circuito Fora do Eixo”
 Conta pessoal com 8 vídeos (clipes e músicas)	 Conta pessoal Quase 800 fotos e mais de 2000 seguidores

Em toda essa variedade de plataformas digitais, a exposição de si está referenciada na produção artística. Há práticas que até então desconhecia, como a Rede Toque no Brasil – TNB e as variadas plataformas de *Crowdfunding* (financiamento coletivo). Mais uma vez, práticas que são baseadas na colaboração. A TNB é uma rede em que artistas, produtores, fãs e empresas se conectam para promover o encontro e interesse comum na música.

“No TNB, artistas de qualquer estilo podem criar seu perfil e se inscrever para as mais diversas oportunidades, como apresentações ao vivo (shows, festivais, turnês), publicidade (propaganda, jingle, trilha sonora) e interações com marcas (patrocínio, competições, concursos). Essas oportunidades são abertas no formato de convocatória, onde o gestor da oportunidade realiza a curadoria online e divulga os resultados, tudo dentro do site.” (<http://tnb.art.br/>)

Durico é usuário dessa rede e através dela teve oportunidade de fazer apresentações em outras cidades, no contato com um coletivo juvenil nacional, o Fora do Eixo⁹⁰. A internet multiplica as possibilidades de associações.

O Toque no Brasil é muito interessante. Toque no Brasil você tem lá o seu perfil e tal. Aí você pode colocar música, vídeo, release, foto, link. Tudo que você quiser. Aí você pode ter perfil de fã, artista, produtor e evento. Aí produtor e evento sempre vai ter uma oportunidade mesmo pra você tocar no Brasil. O Grito do Rock eu me inscrevi através de lá. Tipo, o Grito do Rock era duzentas cidades em toda América Latina. Mas muitas vezes é assim: aí tem lá o quadro “Alimentação”, não ou ok. “Transporte”, transporte entre cidades, transporte local. “Hospedagem e Cachê”. Aí tem muitas que é só o “x”. Não tem nada. Você vai por conta própria. Aí não tava podendo me envolver tanto nesse rolê, né. Mas, por exemplo, se tivesse um aqui em BH, claro que eu ia. Mas aí fui pra Coronel Fabriciano, Montes Claros e pra Palmas. Através do... Aí Palmas eu ainda acionei outra rede.

Já o Crowdfunding é uma prática cada vez mais difundida na rede que permite que algum projeto seja financiado coletivamente, uma espécie de *vaquinha* online. Variadas iniciativas tornaram-se famosas na internet com esse tipo de financiamento. Os patrocinadores são pessoas que se interessam em contribuir alguma quantia de dinheiro com o projeto. Geralmente, quem contribui recebe uma retribuição, desde um simbólico “muito obrigado” até uma fotografia, uma carta, uma camiseta. No Brasil, a plataforma de financiamento colaborativo mais conhecida é a Catarse (catarse.me). Durico planeja produzir um videoclipe através do Crowdfunding.

O meu eu penso em fazer assim: cinco reais, um obrigado. Dez reais, uma foto do CD. Aí quinze reais, o CD. Pessoalmente eu tô vendendo por cinco, mas também tá lá gratuito [na internet]... Aí, vinte e cinco reais um CD com um botom, um adesivo. E sempre um “muito obrigado por ter vindo”. Aí, cinquenta reais uma camisa. Cem reais, manutenção no dread. Quem quiser, eu vou. Vou fazer uma proposta de setecentos reais o pocket show. Pra empresa. Quem quiser contratar o pocket show pra cidade. Várias propostas. Desde cinco reais até setecentos reais. Mas aí não tem ainda o que fazer. Que se for pra fazer o clipe da música vai gastar uns dez a quinze mil reais. É

⁹⁰ O Fora do Eixo é uma rede de trabalhos concebida por produtores culturais, músicos e interessados diversos. Está presente em 25 estados brasileiros. Dentre os objetivos estão o estímulo a circulação de bandas, o intercâmbio de tecnologia de produção, a divulgação de produtos. A cooperação marca a iniciativa: “A rede cresceu e as relações de mercado se tornaram ainda mais favoráveis às pequenas iniciativas do setor da música, já que os novos desafios da indústria fonográfica em função da facilidade de acesso à qualquer informação criou solo ainda mais fértil para os pequenos empreendimentos, especialmente àqueles com características mais cooperativas.” www.foradoeixo.org.br

muita grana. Tem que pedir pouco assim pra... Ou então ser ousado. Aí então, ser ousado e meter bronca.

Assim, colaboração e individualidade marcam as práticas e dinâmicas na produção artística e profissional de Durico. Ele narra um momento em que realizaria um show e convidou seus seguidores no Facebook a levarem câmeras fotográficas e filmadoras para que registrassem algum momento daquela apresentação. A partir da bricolagem de imagens seria produzido um videoclipe. Cerca de “trinta pessoas filmaram, mais ou menos. Isso eu achei incrível. Trinta pessoas se disporem de ficar um tempo ali registrando. Saber que você pode contar com uma galera ali que, por mais que não sejam todos, mas o que você fizer vai ter um público fiel, seguidores mesmo, que vão tá apoiando”. Há um modo de produzir que é bastante coletivo e dependente de parceiros e coletivos, ao mesmo tempo ele reforça seu modo de individuação.

*É muito solo. Muito solo minha carreira. Mas sei lá. Eu sou rodeado assim de pessoas boas assim, pra mim, sabe. Tipo, que acreditam e aquilo deixa de ser só meu e passa a ser ... Assim, eu não tenho preguiça nenhuma se for pra, por exemplo, trabalhar de carregar cadeira no dia do lançamento do disco, alguma coisa, eu vou, saca. E eu sei que tem uma galera que faz isso por mim e tal. Então eu acho que é ... Não sei assim, se ... Carreira solo é as vezes até chato falar da carreira porque tá falando de mim sabe. Eu sou a carreira, saca. Eu sou o cantor. Aí fica essa coisa meio estranha, mas é assim. E se for uma empresa mesmo tem muita pessoa pra somar. Sabe. Mas todo momento eu vejo que é solo. **Só eu, eu e eu.** Tipo a ideia que eu tiver é essa e compartilho com uma galera que sempre vai moldar ou tal. Mas não vai deixar de ser aquela ideia, porque é a minha ideia pra minha carreira, sabe. É bem solo mesmo.*

As poderosas redes de comunicação digital configuram-se como um dos mais condizentes e prestigiosos espaços de singularização na contemporaneidade. No caso de Durico, os imperativos de personalização emparelham a busca pela autenticidade de um trabalho artístico. As mídias digitais são agentes de socialização e individuação e referenciais identitários. Durico se apropria e ressignifica possibilidades nessa matriz de cultura. Não apenas como consumidor das mídias digitais, mas, como usuário produtor que reinventa maneiras de vivenciar esse espaço a partir de seus anseios. Assim ele diz sobre o caráter convergente e as possibilidades criativas na web.

Porque o Instagram é a foto que gera pro Face, que gera pro Twitter. Uma foto que espalha. Uma foto instantânea. Eu amo Instagram porque uma máquina na mão, você vê uma beleza, você vê uma coisa

assim... E meu Instagram é meio publicitário também. Porque eu estou fazendo alguma coisa. Pa! Aí eu gosto das pirações de céu, de passarinho, esses trem. Mas uso o Instagram de uma forma de divulgar alguma coisa. Sempre usando e tal, pra falar dos shows.

Certamente, as vivências online de Durico (no passado e no presente) perpassam uma variedade de condições da sua vida, não se limitando ao estilo musical. Diferentes espaços e práticas de socialização se entremeiam com a web. A comunicação com os irmãos, primos e outros familiares, os antigos amigos da escola e da igreja, os jovens com quem desenvolve a oficina de MC's. Entretanto, há uma centralidade de suas histórias pessoais na cena Hip Hop para a construção de uma rede forte e extensa que configura suas relações on e offline.

Neste cenário de múltiplas tramas em que se desenvolve a vida social, Durico é um jovem que encara os grandes desafios estruturais dando soluções engenhosas e criativas às provas que enfrenta. Tendo a família como forte suporte, assim como uma rede de parceiros e coletivos juvenis, ele alcança com êxito, até então, um modo de individuação marcado pela autenticidade e criatividade expressas no ciberespaço, um profícuo suporte que também permite sua singularização.

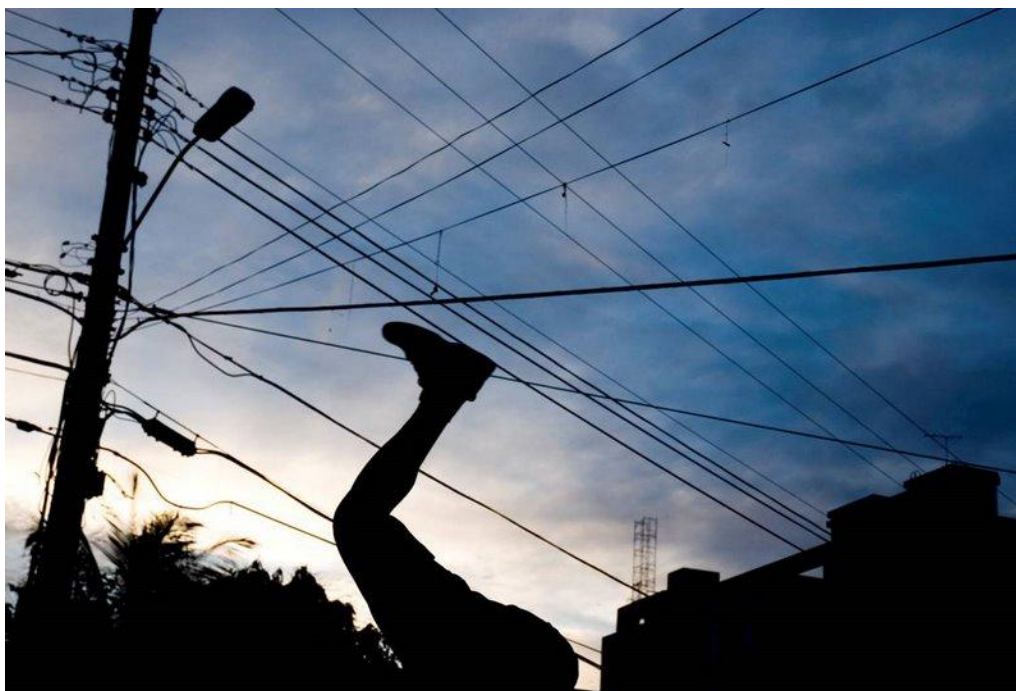
“A criatividade, amalgamada por novas aprendizagens e socializações, pode reverter em inesperadas oportunidades de vida, designadamente quando esta criatividade é convocada para a profissionalização.” (ALMEIDA; PAIS, 2012, p.19). Durico agencia uma série de oportunidades de atuar profissionalmente em diferentes frentes pelo seu reconhecimento criativo, convites para eventos institucionais em universidades públicas e privadas, oportunidades de trabalho em agências publicitárias e mesmo atuações para o poder público. É preciso avistar suas características de iniciativa, motivação, vocação, proatividade como respostas condizentes a um processo estrutural em que há demanda pelo “faça você mesmo”. O jovem é agenciador de suas próprias habilidades singulares adquiridas na relação com o mundo. (ALMEIDA, 2012).

O ciberespaço configura-se como espaço real e palco não apenas secundário para sua visibilidade artística criativa. Plataforma que consente a permanente interação com parceiros, instituições e público. Operando em sua transversalidade a web (re)configura enlaces e texturas de múltiplas dimensões socializadoras. Na sociologia do indivíduo de Durico alcanço um jovem competente em lidar com a flexibilidade trabalhista, marca da

vida contemporânea. Um sujeito que consegue dialogar com as instituições, mas se concebe à distancia delas. A confiança em si mesmo é um princípio para enfrentar a vida, uma habilidade, uma ferramenta, mais que um estado cognitivo, desse habilidoso tecedor de relações. (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2012, p.244).

6 CLÁUDIA: ENTRE ESPAÇOS DE SOCIALIZAÇÃO AMBÍGUOS E MODOS DE INDIVIDUAÇÃO PELO ENFRENTAMENTO E RECONHECIMENTO

Figura 26 – Imagem publicada no Orkut por Cláudia (2009)



Fonte: Capturado pela autora (2014).

“O si mesmo é ‘infalável’ [se é que essa palavra pode ser dita](...). O si mesmo é tão singular que para cada si mesmo deveria ter uma palavra. Se você quer falar o seu si mesmo, você tem que inventar uma palavra. A dança afasta essa prisão do eu e abre o si mesmo que é a experiência real de si...”

Viviane Mose⁹¹

“Eu só acreditaria num deus que soubesse dançar. Apenas na dança eu sei como contar a parábola das coisas mais elevadas. Aqueles que eram vistos dançando eram tidos como insanos por aqueles que não conseguiam ouvir a música. Dou como desperdiçado todo dia em que não se dançou. Dançar, em todas as suas formas, não pode ser excluído do currículo da educação nobre. Dançar com os pés, com ideias, com palavras e, preciso acrescentar, que também se deve dançar com a caneta.”

Friedrich Nietzsche

⁹¹ Fragmento de fala da filósofa brasileira no “Cafê Filosófico – O que pode o corpo”, programa de televisão da TV Cultura. Disponível em: <<http://goo.gl/s7WD67>>. Acesso em: 05/ 03/2014

6.1 RAÇA, GÊNERO E CLASSE: SINGULARIDADE COMPARTILHADA

Cláudia nasceu e cresceu na Vila Marçola, no Aglomerado da Serra. A dança marca a vida dessa jovem negra, única filha em uma família com outros cinco irmãos. Adotando a dança como experiência e metáfora, busco apresentar as vivências de socialização e os modos de individuação dessa jovem educadora social de 25 anos. A dança é ofício, prazer, performance, ação, reflexão, luta, intervenção, política, identidade, reconhecimento e narrativa na “construção de si”. Quando li um artigo da feminista e escritora negra norte-americana bell hooks⁹² (2000), deparei com a frase: “*Sobreviver inteiro significa nunca parar de dançar*”. A afirmação é de um estudante negro dizendo que as aulas de sua professora bell hooks eram para ele como dança. Ali estabeleci conexões com a maneira como Cláudia articula e vivencia suas experiências em movimentos que desenham coreografias e improvisos biográficos. Afinal, como ela mesma diz:

*A dança tem total influência em minha vida. Hoje o espaço onde sou vista tem a ver com a dança. Ela demonstra o meu processo de ser mulher negra e moradora de favela, também influencia na minha luta de cada dia, é dela que vem a minha força, coragem, reivindicação e revolução através dos passos e deixando que meu corpo fale para o mundo, porque é dele que vivo a liberdade.*⁹³

Porém, mesmo que em movimentos singularizados, os modos de dançar (n)a vida não são eventos anedóticos e particulares à vida de Cláudia. Diante “da natureza estrutural das provas” (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2012, p. 16), ou seja, dos “desafios comuns” impostos por uma sociedade racista e machista, a interseccionalidade raça, gênero e classe transversaliza sua vida assim como a de tantas mulheres negras brasileiras, moradoras das periferias urbanas. A escolha feita pela jovem para que o nome Cláudia a identificasse nesta pesquisa revela, com potência, suas experiências singulares vividas e narradas, mas também semelhantes à de outras pessoas: Cláudia Silva Pereira, mulher negra de 38 anos, auxiliar de limpeza, moradora do Morro da

⁹² bell hooks é o nome escolhido por Gloria Jean Watkins para assinar suas obras. Propositamente grafado em letras minúsculas.

⁹³ Fala publicada em uma entrevista jornalística com a jovem educadora.

Congonha, Rio de Janeiro, foi assassinada e seu corpo foi arrastado nas ruas pelo carro da polícia em movimento em 16 de março de 2014. Um vídeo amador que mostrava Cláudia sendo arrastada, filmado de um carro que seguia atrás da viatura, foi amplamente visto e compartilhado na internet. Diversos tipos de manifestações foram criados na web demonstrando indignação e fazendo homenagens⁹⁴. A hashtag⁹⁵ *#SomosTodasCláudia* ganhou visibilidade nas redes sociais digitais.

Contudo, é preciso destacar que, nesse amplo jogo de identificações presente no *#somostodas*, há mais Cláudia nessa jovem do que em mim. Nosso encontro de pesquisa me envolveu densamente. Sua narração de experiências, nosso convívio em variados espaços da cidade, suas postagens na internet provocavam-me sobre os privilégios de ser mulher branca com alta escolaridade, moradora do centro da cidade. Diante da hegemonia da branquitude, há “provas” (MARTUCCELLI, 2007a) que, definitivamente, eu não preciso enfrentar em minha experiência particular⁹⁶. Já para Cláudia era preciso encarar de modo múltiplo e hábil um conjunto de desafios estruturais, como o racismo, a violência policial e a escolarização para sua constituição como indivíduo.

Na aproximação com a produção das intelectuais negras brasileiras, Sueli Carneiro (2003), Petronilha Silva (1998) e Nilma Gomes (2002), pude perceber como suas obras são marcadas por autoidentificações nas análises de histórias coletivas ao mesmo tempo em que singulares, feitas de resistência e luta. A intersecção raça/gênero compõe suas análises e identidades. Desse modo, não me autorizo a falar por Cláudia. Busco, nesse capítulo, a partir, principalmente, das entrevistas narrativas, compreender que “as fontes mais genuínas de conhecimento sobre as mulheres negras são elas mesmas, sendo necessário que estudos que as tomem por temática considerem seus

⁹⁴ “100 vezes Cláudia” é o título de uma composição de trabalhos estéticos do rosto de Claudia singularizado em desenhos. Cf: <http://thinkolga.com/2014/03/19/100-vezes-claudia/>. Acesso em 20/06/2014

⁹⁵ Hashtags são expressões acompanhadas do símbolo # que viram hiperlinks na web, facilitando mecanismos de busca ou criando um link entre um grupo diante de uma mesma discussão online.

⁹⁶ A diversidade étnico-racial da sociedade brasileira não está contemplada na universidade pública, em cursos de graduação, pós graduação e na composição docente. Algumas pesquisas que tematizam a experiência de negros/as em espaços universitários também privilegiam um olhar biográfico sobre as vivências. Cf. TEIXEIRA et al., 2009.

pontos de vista de mulheres e negras”. (SILVA, 1998, p.7)⁹⁷. Ao mesmo tempo, não me eximo da tarefa analítica de compreender a empreitada dessa jovem de se constituir como sujeito diante dos desafios estruturais e dos espaços de socialização que vivencia. É tarefa do pesquisador “perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e [...] estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência”. (DELORRY-MOMBERGER, 2012, p. 524).

Assim, vejo consonâncias entre modos de análise da produção sobre as relações étnico-raciais e a proposta teórico-metodológica da “sociologia dos indivíduos”. Ambas as proposições podem privilegiar a dimensão das experiências socializadoras e o trabalho singular dos sujeitos para se constituírem como indivíduos, uma tarefa que pode ser alcançada, empírica e analiticamente, através de vivências particulares. Retomado a ideia central de *experiência* de Dubet (1994), ou seja, as “condutas individuais e coletivas dominadas pela heterogeneidade de princípios constitutivos e pela atividade dos indivíduos que devem construir os sentidos de suas práticas no seio desta heterogeneidade” (1994, p. 15), a construção da identidade racial e de gênero de Claudia é produto de suas práticas e reflexividade. Busco compreender a jovem como autora de sua própria história sem desconsiderar os constrangimentos estruturais a que está sujeita na dança da vida. Nessa perspectiva,

O tornar-se negro enquanto uma construção social e individual se materializa **na concretude de sujeitos sociais, dotados de identidade, corporeidade e memória**. [...] Enquanto dois processos densos, construídos pelos sujeitos sociais no decorrer da história, nas relações sociais e culturais, a educação e a identidade negra estão imersas na articulação entre o individual e o social, entre o passado e o presente, e são incorporadas, ao mesmo tempo em que incorporam, à dinâmica do particular e do universal. (GOMES, 2002, p. 39 – grifos meus).

Se até aqui vinha adotando a transversalidade para privilegiar os cruzamentos entre as múltiplas práticas experimentadas pelos sujeitos, procurando com o termo sobrelevar as porosidades entre variados tempos e espaços das vivências juvenis (SPOSITO, 2010), convém destacar como, particularmente, neste capítulo, a transversalidade opera também no corpo/vida de Cláudia. Não desconsidero que, em todos/as nós, as dimensões de raça, gênero e classe constituem maneiras de ser e estar

⁹⁷ A afirmação de Petronilha Silva é feita em artigo cujo título anuncia poeticamente sua proposição “Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas” – Situando-nos enquanto mulheres e negras.

no mundo. Entretanto, para Cláudia, tal interseccionalidade é constitutiva de suas memórias e experiências singulares, com narrativas que atribuem sentidos aos acontecimentos na pluralidade de espaços em que circula e nas elaborações de imagens de si como mulher negra e favelada. Afinal, “esses sujeitos, ao se relacionarem com o mundo, o fazem a partir de uma diferença que não é só cultural e histórica, mas está inscrita num corpo, na cor da pele, nos sinais diacríticos” (GOMES, 2002 p. 42).

Reforço o intento de não restringir a ela o papel de informante, aliás, busco mostrar sua “capacidade de elaborar suas próprias teorias sobre a constituição do social”, ou seja, “tentar entender suas inovações, a fim de descobrir o que a existência coletiva se tornou em suas mãos” (LATOURET, 2012, p. 31). A partir das suas vivências familiares, escolares, no trabalho como educadora, no território de moradia e em outras experiências que ela narrou ou acompanhei, adoto a sociologia à escala individual para encontrar o social nas dobras mais singulares de Cláudia. (LAHIRE, 2002).

6.1.1 A SINGULARIDADE DO NOSSO ENCONTRO

Neste item, apresento meu encontro de pesquisa com Cláudia e as mutações em nossa relação. Uma tentativa de tornar menos opaca essa significativa relação, que se tornou também objeto de reflexão, visto que produziu densas modificações no processo de pesquisa e em mim mesma. Nesse processo, “fui afetada” por diferentes situações propiciadas pelo nosso convívio (FAVRET-SAADA, 2005). A alteridade é elemento constitutivo desse encontro. Assim, lembro-me de Melucci e sua constatação de que “a alteridade é, contemporaneamente, a consciência daquilo que é símile e daquilo que é diverso no outro” (2005. p. 328). Convivi com Cláudia em uma variedade de espaços, dentro e fora do Aglomerado. Além de duas entrevistas gravadas e transcritas, travamos muitas conversas (também online) ao longo de dois intensos anos de convivência. As narrativas biográficas da jovem nesse “falar de si” configuram-se em uma relação afetivamente carregada de alguém que “conta-de-si-para-alguém” (MELUCCI, 2005, p. 326).

No início da pesquisa de campo, quando, através de colegas que conheciam o Aglomerado da Serra, buscava intermediações para alcançar possíveis interlocutores/as

para a pesquisa; pelo menos quatro pessoas me disseram o nome de Cláudia. Ela é uma jovem bastante conhecida no Aglomerado e em Belo Horizonte e mantém vínculos com diversos coletivos, movimentos sociais e sujeitos do contexto universitário. Além disso, em pesquisas prévias nas redes sociais digitais, já havia me deparado com seu perfil em dois grupos do Facebook destinados a discutir questões sobre o Aglomerado: Moro no Aglomerado da Serra e Amigos do Planeta Aglomerado da Serra.

Usando o vocabulário dos usuários que costumam ter a mesma prática de bisbilhotar nas redes digitais, “fucei” seu perfil e notei a regularidade de suas postagens, percebendo que a jovem registrava diariamente imagens, vídeos e textos. Chamava atenção uma grande quantidade de fotografias do Aglomerado da Serra com menções positivas ao território e muitas publicações sobre as múltiplas desigualdades contemporâneas (econômicas, territoriais, raciais, escolares, de gênero). Tínhamos muitos/as “amigos/as” em comum no Facebook. Após essa sondagem, apostei na possibilidade de iniciar o contato com ela pelo site, através de uma mensagem privada.

Nessa mensagem, falei rapidamente sobre a pesquisa, além de indicar o nome das pessoas que haviam me dito sobre ela. Apontei que, se preferisse, poderíamos conversar por telefone. Logo tive retorno com o seu número de celular. Imediatamente perguntei se poderia ligar naquele momento, já que estávamos conversando em tempo real. Ela sinalizou positivamente. Comecei a conversa pelo telefone agradecendo a prontidão e já dizendo sobre os propósitos da pesquisa, informei sobre a participação de jovens que ela conhecia, como uma forma de buscar aproximação. De imediato, fui surpreendida pelos questionamentos da jovem. De maneira sincera e objetiva, Cláudia perguntou: “Qual a ideia que você quer passar com a sua pesquisa?”. Me deparei com o desafio na condução daquela conversa por telefone em um debate que envolvia as relações entre a universidade e as periferias urbanas. A jovem questionava a inexistência de propósitos claros em algumas investigações, afirmava a falta de retorno sobre os resultados para a comunidade e as relações desiguais de poder entre o saber acadêmico e o saber popular. Sua fala, uma confrontação sincera, elaborada e reflexiva, denunciava o descaso de alguns pesquisadores e um bom número de pessoas interessadas em “explorar” academicamente aquele território.

Estava de acordo com a crítica de Cláudia, admiti a ela meu consentimento com suas questões. Sobressaltada com sua resistência declarada, disse um pouco de mim, da

minha trajetória em Nova Contagem (bairro da periferia da Região Metropolitana de Belo Horizonte onde fiz a pesquisa em *lan house*), do meu desejo por investigar questões que envolvem a internet e a Serra, das suas belas fotografias do Aglomerado no Facebook e o anseio por me aproximar de jovens moradores. Comentei sobre minhas pesquisas exploratórias na internet e da visibilidade/invisibilidade do Aglomerado na web, declarei minha preocupação em discutir as desigualdades também na internet e do ponto de vista de alguns jovens. Foi a forma imprevista de “convencê-la” sobre a possibilidade de construirmos uma relação. Em algum momento, quando, talvez de forma repentina, anunciei, “Eu entendo sua desconfiança...”, prontamente ela me respondeu: “Não é desconfiança, é pé no chão!”. Mais um sobressalto! Por fim, uma expectativa favorável, a jovem disse sobre as relações de amizade e confiança com as pessoas que haviam indicado seu nome para pesquisa. “Amigos/as” em comum favoreceram nosso vínculo!

Pelo telefone, marcamos de nos encontrar. Ela sugeriu a próxima segunda-feira, sinalizei positivamente e perguntei onde seria o melhor local, “Pra você tem problema que seja na Serra?” – ela perguntou – eu estava de acordo e mais uma vez pedi que escolhesse o melhor horário. “Não é porque você tem que se aproximar que tem que ser tudo do meu jeito, você pode escolher!”. Sugeri às 16h, ela assentiu e disse que seria a oportunidade para ver o pôr do sol lá de cima.

Nos “tornamos amigas” no Facebook. Entretanto, o aceite de um convite digital era um pequeno passo, quase formal, no estabelecimento de uma ligação de pesquisa que demandava cumplicidade, diante da dimensão biográfica da proposta. A partir daí, conversamos algumas vezes pelo *chat* do site. Acabamos nos encontrando pela primeira vez, por acaso, no sábado anterior ao dia marcado, em um evento na Praça da Liberdade organizado pelo movimento Fora Lacerda. Reconheci Cláudia pelas fotografias disponíveis em sua página, ela estava com um grupo de pessoas que eu também conhecia. Cheguei ali, cumprimentei todos/as, me apresentei à Cláudia, nos abraçamos. Ela estava com um cartaz com a inscrição: “Sou Aglomerado da Serra, sou Fora Lacerda!” – sua identidade territorial estava anunciada e reforçada nesse anúncio. Conversamos rapidamente sobre o evento. Não falamos sobre a pesquisa, nos encontraríamos na próxima segunda.

Estabelecemos uma relação de amizade e cumplicidade. Inicialmente, busquei acompanhar Cláudia, mais sistematicamente, em aulas que ministrava em uma oficina de dança de rua do Programa Fica Vivo!. Com o tempo, passamos a conviver em outras andanças pelo Aglomerado da Serra e em eventos diversos (shows, palestras, apresentações culturais) na cidade. Recebi muitos convites para fazermos atividades juntas e também a convidei para outros. Entre os jovens com quem me encontrei no percurso da pesquisa, com ela mantive um contato mais diário e permanente. Costumamos conversar online e trocar mensagens e telefonemas pelo celular. As entrevistas foram feitas no espaço em que ela desenvolve a oficina de dança, em momentos em que não havia qualquer atividade ou pessoa no local. Tiveram duração de cerca de duas horas, foram gravadas e transcritas. Assim como fiz com todos/as os/as jovens, quando finalizava a transcrição, enviava o arquivo pelo sistema de mensagens privadas do Facebook. (Vale lembrar a ponderação da jovem em uma conversa: “Já escreveram sobre mim e eu nunca li”). Na internet, acompanhei suas postagens no Facebook, principal espaço utilizado na rede. Apesar de manter contas no Orkut, a jovem pouco utiliza a plataforma.

Particularmente, ao lado de Cláudia, vivenciei sensações de tensão, medo e revolta em episódios que marcaram a relação da polícia com a comunidade do Aglomerado, por exemplo. Ao mesmo tempo, compartilhamos circunstâncias de confiança sobre os anseios da vida. E a alegre surpresa de receber mensagens carinhosas no celular a qualquer momento, inclusive enquanto escrevia este texto.

6.2 TENSÃO E AFETO NAS RELAÇÕES FAMILIARES

Cláudia mora na Vila Marçola desde que nasceu. Ela é educadora social, desenvolve oficinas de dança em dois Programas do Estado. No Aglomerado da Serra é educadora no Programa Fica Vivo!, da Secretaria de Defesa Social do Governo de Estado de Minas Gerais, e no Morro do Papagaio (favela da região Centro-Sul de BH),

atua no Programa Arte na Saúde, da Secretaria Municipal de Saúde de Belo Horizonte⁹⁸. Suas atividades profissionais ainda serão descritas e analisadas neste capítulo.

Até o início de 2014, Cláudia vivia com sua mãe, a avó materna e quatro irmãos que têm 20, 15, 12 e seis anos. O irmão mais velho, de 27 anos, é casado e mora próximo à sua casa. Sua mãe é faxineira diarista e a avó é pensionista aposentada. O irmão de 20 anos é DJ e trabalha operando e alugando aparelhagens de som. Os outros irmãos, de 15 e 12 anos, não trabalham e estão fora escola, apenas o irmão mais novo, de seis anos, está estudando. Seu pai vivia com a família até parte da sua infância.

Entendendo a família como um “mundo de relações” (SARTI, 1996), há um emaranhado de distintas conexões da jovem com cada familiar. Assim, “a família torna-se um campo privilegiado para se pensar a relação entre o individual e o coletivo” (SARTI, 2004, p. 13). Atualmente ela conserva contato mais distante com o pai. “Hoje eu não tenho tanto contato com o meu pai. No princípio, né, eu tinha bastante contato, assim, por causa da escola, né”. A relação mais distanciada marca suas lembranças sobre ele, intimamente relacionadas às vivências escolares, como ficará evidenciado no item sobre os processos de escolarização da jovem.

A situação financeira da família é difícil. As mulheres da casa têm papel de liderança para sobrevivência. O sustento econômico é garantido, principalmente, pela avó e pela jovem.

Eu sustento, assim, a casa. Pagando algumas contas. Fazendo algumas coisas, né. Tipo, minha mãe é uma piada, assim. Porque ela recebe e a gente nunca vê o dinheiro dela. Mas não. Ela faz as compra, assim. Porque minha avó faz a compra mais pesada. Minha mãe, tipo, faz a compra, assim, legumes em casa, essas coisas, assim. E minha avó paga conta de água e conta de luz. E eu pago, tipo, outras contas. E às vezes ajudo também no gás, ajudo quando a conta vem mais alta. Nesse ponto, assim, minha mãe não paga nenhuma conta.

A mãe e a avó não estudaram. Nenhum dos irmãos concluiu o Ensino Médio. Na experiência de Cláudia, família e escola se constituem como espaços de socialização não apenas múltiplos, mas, principalmente, distantes, com poucos pontos de contato. A

⁹⁸ Arte na Saúde é um programa da Secretaria de Saúde da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. O Programa foi elaborado para atender crianças e adolescentes que apresentam problemas de aprendizagem e comportamento, encaminhados/as pelas escolas ou médicos. As oficinas de música, dança, esporte e artes são usadas como recurso de “tratamento alternativo”.

mãe pouco incentivou a permanência dela ou dos irmãos na escola. Ou seja, não há “sinergia de projetos pedagógicos entre a família e a escola” (SETTON, 2011, p. 114).

Eu que tenho o estudo mais avançado, assim. Tipo, ensino médio. Os outros pararam bem abaixo de mim. Meu irmão mais velho parou, acho que, nem lembro... Eu sei que ele tava na minha frente. Eu acho que eu passei dele. Nem sei que série que meu irmão tava. O de 20 agora também parou. Na quarta série, acho. Quinta série. Mas mesmo assim, parou na quarta, quinta série, não sabia escrever o nome dele ainda até pouco tempo.

A jovem assinala a precariedade e tantas dificuldades do trabalho da mãe como empregada doméstica. Em variadas situações, Cláudia anunciava a tarefa cotidiana da mãe de ter que “limpar o banheiro dos outros”, expressando o reconhecimento da “exploração que [a mãe e outras mulheres] sofrem no emprego, identificando os modos pelos quais são sujeitas a várias humilhações desnecessárias e situações degradantes”. (hooks, 2013, p. 135). “Porque minha mãe é um outro mundo também. Minha mãe, tipo assim, foi jovem mulher, com seis filhos. Trabalha. Cuida de filho. Então tem certos momentos que ela não vai preocupar com estudos”. Cláudia, apesar de muito reflexiva sobre uma variedade de assuntos e articulada em diversos ambientes, inclusive universitários, não concluiu o Ensino Médio.

Sua narrativa sobre a relação com a mãe é marcada por tensões e conflitos, mas também amor e solidariedade. Por um lado, a jovem aponta certa irresponsabilidade da mãe, não apenas no sustento da casa, mas na condução das relações com os filhos e nas relações amorosas com seus namorados. Por outro, reconhece as dificuldades de ser uma mulher negra e pobre e o encargo de lidar sozinha com tarefas do cuidado e sustento da família, sem suportes institucionais. Assim, na experiência de Cláudia, a família é uma prova, uma dimensão particularmente significativa que a jovem precisa enfrentar. (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2012)⁹⁹. A partir desse operador analítico que anuncia os grandes desafios estruturais, a família como prova exige um modo de individuação que é trabalho constante nas vivências de Cláudia. Assim, a família “não é apenas o ‘nós’ que a afirma como família, mas é também o ‘outro’, condição da existência do ‘nós’” (SARTI, 2004, p. 19). Nessa dinâmica, Cláudia narra sobre a mãe a

⁹⁹ Em pesquisa sobre a atual sociedade chilena, Kátia Araujo e Danilo Martuccelli anunciam que, provavelmente, a família é o âmbito institucional mais importante na ação individual dos chilenos. Os autores caracterizam a família como uma prova múltipla para os sujeitos. (2012, p. 237).

partir de suas interações intersubjetivas sem perder de vista as dimensões históricas e sociais que incidem sobre ela:

Minha mãe, às vezes ela é mais jovem do que eu, mas tem hora que ela é mais mãe do que todo mundo. E aí acho que não é cobrança, né. Vamos dizer que ela tem que fazer isso mesmo. Que é pesado também ser mãe. É pesado ter filhos. E meus irmãos, tem hora que não dá um gosto bom. Tem hora que dá um gosto bem amargo, assim. [...] Minha mãe, tipo assim, foi jovem mulher, com seis filhos. Trabalha. Cuida de filho. Então tem certos momentos que ela não vai preocupar com estudos. Ela não vai preocupar em “ah, tem que ir pra escola”, assim.

A tensão é um adjetivo recorrentemente usado para descrever situações na relação com a mãe; a jovem diz pouco de situações de carinho, amizade e atenção nessa relação. Por outro lado, valoriza o amor pouco declarado. Cláudia relata que a mãe foi alcoólatra e por isso a jovem sempre se sentiu muito responsável pelo cuidado dos irmãos. “Nó, foi uma relação muito **tensa**, assim, familiar, assim. Perturbada. Muito perturbante, assim. Mas aí, com o tempo, tipo assim, minha mãe também, nó, minha mãe bebia muito. Eu que cuidava mais dos meus irmãos. **Era tipo mãe dos meus irmãos, tudo. Até hoje é bem frisado isso na minha vida.**”.

Refletindo sobre as relações com a mãe, Cláudia narra um difícil acontecimento que as aproximou afetivamente, um possível aborto da mãe. “Nó, que doida né. A vida... Tudo é um trem muito louco, né. A vida é um ... nó, circunstâncias e mudanças muito grandes, assim”. Sua mãe não desejava o último filho, hoje com seis anos. A jovem tinha entre 17 e 18 anos na época e, temerosa pela morte da mãe, diante de um procedimento mal sucedido, aconselhava que ela tivesse o bebê. As duas conversaram sobre os riscos, medos e decisões. “E aí, se ela for tirar um filho, aí ela vai morrer e como é que vai ficar? A gente tava pensando nessa hipótese”. A relação das duas foi marcada pela cumplicidade e ao mesmo tempo um senso de responsabilização da jovem.

Então eu lembro que nessa época a relação ficou bem próxima. Bem, tipo assim, agora vou ter que, tipo, não ser mais aquela criança que ficava brigando. Agora a gente, né, vou ser adulto em certas horas, assim. E hoje nossas relações são totalmente diferente, assim. Eu moro com a minha mãe e tal. E a relação é tudo diferente. Lógico que até hoje eu bato de frente com a minha mãe com algumas coisas, assim. Às vezes não concordo com algumas coisas que ela faz, né.

Dessa forma, perante as situações familiares que se configuram constantemente como prova, a resposta singular de Cláudia se delineia por assumir certas responsabilidades na relação com os irmãos mais novos. Ainda hoje, a jovem sente-se compromissada por conduções na vida dos irmãos, principalmente na escolarização dos meninos de 12 e 15 anos que estão fora da escola. Portanto, suas respostas resultam da “pluralidade de posições, estratégias, recursos, habilidades e a contingente articulação que [a jovem] realiza no encontro entre suas experiências sociais e os ideais que a mobilizam” (ARAÚJO; MARTUCCELLI, 2012, p. 17). São as vivências de Cláudia em outras instâncias socializadoras que permitem particulares modos de intervenção na família. A partir da sua rede de contatos em ONGs e projetos sociais no Aglomerado, a jovem procurou pessoas que pudessem auxiliá-la no contato com escolas ou na inserção dos irmãos em modalidades esportivas, artísticas e culturais em oficinas socioeducativas.

Aí tive que apelar! Fui no Criança Esperança¹⁰⁰, falei: “Ó, ele tá sem escola. Eu queria ver qual é a possibilidade”. Como rede é melhor quando chega assim, né. Que aí vê a possibilidade de ver, né, pra ele voltar pra escola. Só que ele não queria voltar pra escola de lá [do Aglomerado da Serra]. Queria outra escola ou atividade. Daí ele escolheu natação. [...]E aí as coisas são muito grande. As coisas são milhões e milhões de coisas que eu não dou conta de fazer. Porque aí fica tudo em cima de mim, assim.

Ela se constituiu como liderança, é referência nas vivências dos irmãos. Avisto-a como suporte importante na manutenção dos laços familiares. Na “aventura permanente de enfrentar provas” (ARAÚJO, MARTUCCELLI, 2012, p. 16), Cláudia narrou sobre difíceis circunstâncias familiares que estão interpenetradas por outras dimensões. Desse

¹⁰⁰ Há um Espaço Criança Esperança no Aglomerado da Serra desde 2003. Cláudia participou de atividades do espaço desde sua fundação. As atividades fazem parte de projetos de ação social para crianças e jovens da Serra. A gestão do Criança Esperança é realizada pela Rede Globo em parceria com a Unesco e, na capital mineira, conta com a parceria da PUC Minas e da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte. “Atendendo a crianças, adolescentes e jovens com idades entre 06 e 24 anos, o ECE-BH tem como principal objetivo contribuir para a formação humana de seus educandos, promovendo a inclusão social, o protagonismo juvenil e, principalmente, uma educação conscientizadora. O trabalho realizado no ECE-BH busca também o desenvolvimento humano nas dimensões escolares, familiares, comunitárias e da saúde, além da educação para o mundo do trabalho e do lazer”. Cf: <http://criancaesperanca.globo.com/platb/ecebh>. Acesso em 10/02/2013

modo, Claudia narra outra tensão vivenciada na família, principalmente por seus irmãos mais novos.

*E também essa relação familiar do pai deles, assim, é muito tensa, sabe? O pai preso. Depois o pai sai. Depois o pai vira mendigo. Aí depois o pai aparece. Depois isso fica muito tenso pra eles também, sabe? Aí isso vira uma relação, assim, uma hora procura o pai. Fica muito feliz, tal. Uma hora já não tá mais porque o pai some. E aí isso cria um trem estranho, assim. **Porque a gente não vai substituir o pai dele. E eu não quero substituir minha mãe. Ela é mãe e vai continuar sendo mãe.***

Assim, recai sobre a jovem o peso de sentir-se incapacitada para encarar tantas situações que a mobilizam cotidiana e ordinariamente. Por isso, se a ambição da sociologia dos indivíduos está em perceber, a partir de experiências singulares, traços mais generalizados de determinado grupo social, é viável interpretar que as provas familiares que Cláudia enfrenta são desafios de uma trama social compartilhada por outros sujeitos, moradores das periferias urbanas, que experimentam a precariedade ou inexistência de algumas instituições e mesmo a ausência de direitos. Desse modo, as contingências da vida da jovem mostram que

Os indivíduos enfrentam sozinhos, mais sozinhos em alguns lugares que outros, a vida social, posto que se veem obrigados a buscar respostas por si mesmos a uma série de falências. [...] Neste contexto, os suportes e apoio não se encontram principalmente nas instituições, tem que ser produzido (ao menos sustentado e recriado) pelo próprio indivíduo. (ARAUJO, MARTUCCELI, 2012, p. 243 – grifos meus).

A jovem ainda relata o envolvimento do irmão de 15 anos com as drogas. A narrativa revela uma enorme preocupação, já que nos últimos tempos o menino estava bastante inativo, fora do ambiente escolar, sem qualquer outra atividade cotidiana e restringindo sua rotina ao consumo de maconha. Cláudia temia que o vício pudesse contribuir com a aproximação do irmão ao tráfico de drogas, dinâmica muito presente no Aglomerado.

Ele tá, tipo, fuma muito, não faz nada, fica muito na dele, calado, em casa, assim. Falei: “Ó, meu irmão, se eu encontrar com você na boca de tráfico, você vai tomar um coro”, porque realmente meus irmãos, tipo assim, fazem as tretas errada e não concordam. E a gente também, o que a gente passa a gente não deseja pro outro, assim. Eu, graças a Deus, nunca vendi, nunca fumei, nunca trafiquei, nunca fui

presa. Então, tipo, eu não sei de porra nenhuma disso. Só sei o que eu vejo. Eu vejo o tanto de sofrimento que a minha mãe teve, junto com o sofrimento que a gente vivenciou juntos, assim. Então a gente tentou, a gente ainda até hoje tenta muitas coisas com ele, sabe? Mas é um garoto muito difícil, sabe? Um garoto muito difícil, assim, tipo, não fala tudo.

As condições de sobrevivência eram e ainda são marcadas pela precariedade. Desde que a jovem nasceu, vive no mesmo local. A casa onde vivia foi atingida por uma forte chuva há cerca de 10 anos. “Caiu por causa de chuva. Quase minha avó morre. A gente quase morre lá dentro”. Há muitas limitações no espaço e na organização da residência, com pouca privacidade para cada um. Incomodada, Cláudia diz da relação com o irmão de 20 anos, que pouco contribui com o orçamento familiar e construiu um quarto individual no mesmo terreno em que vivem. Além disso, expressa a precariedade das condições de vida no contexto de desigualdade social que certamente marcou e ainda marca sua trajetória de vida.

*E aí minha avó, a minha mãe, mais alguns irmãos delas construíram, assim, dois cômodos que têm laje. Outros dois é só de telha. Então fica aquela coisa assim, a casa lá não é aquela grande coisa. Tipo assim, eu durmo no mesmo lugar que dorme todo mundo. A cozinha, tipo, é a cozinha mais a cama onde minha mãe dorme, tipo, umas coisas, tipo assim, bem bagunçada ainda, né? E aqui chove e molha tudo. E olha, tá tudo molhado. Pinga em cima da cama. A vó tá lá no... Ah, então tá. **E eu fico muito mal com isso, sabe? Sabe o que que é muito mal, tipo assim, não posso fazer tudo. Não dou conta. Eu tenho a minha vida.** Ao mesmo tempo, tipo assim, não dá ao mesmo tempo de ... nó, tipo assim, fico muito puta, sacou. Na verdade ele [o irmão] pediu pra construir um espaço lá embaixo pra colocar, tipo, ligar som. Deixar as caixas de som dele lá. De repente virou um quartão. Um quarto que você chega lá é tipo cinco estrelas. Tem os trem melhores do melhores. Aí chega na parte de cima de casa é outra coisa. Você assusta a diferença das coisa. Aí eu falei: “Engraçado”, porque quando eu falei pra todo mundo pra gente juntar e construir tudo né, porque lá em casa vai dar uns três cômodo pra cima, ninguém, tipo, levantou a mão né. E agora ele pode construir lá em baixo, fazer isso tudo. Muito puta, de falar assim: “Que caralho, véi”. Saca? Tipo assim, meu irmão construiu aquilo lá, tudo bonitão, devia ter falado, tipo, “Cláudia, vamo nós dois juntar e vamo construir?”. Não precisava da minha mãe e da minha avó. Porque o que ele gastou lá, no pouco tempo que ele gastou, saca, ele poderia simplesmente pegar quanto que ele pegou lá e construir lá junto comigo, entendeu? E depois ele construía lá embaixo. Que um dia, Deus me livre e me guarde, que minha avó ou minha mãe se vai, elas não têm um espaço digno de viver, sacou. Porque não é digno aquele local de vida, assim. A casa não é. Entendeu? (grifos meus).*

Cláudia valoriza enormemente as relações afetivas com sua avó. Tem um carinho especial pelo irmão mais novo. As vivências online são experiências exclusivas dos filhos. A mãe e o pai não utilizam computadores, o universo tecnológico está distante da experiência deles. No Facebook, a jovem mantém fotos da mãe, do pai, da avó e de todos os irmãos. A jovem exhibe imagens dos familiares em diversas situações e espaços, no quarto da casa onde dormem juntos, em festas da família, sempre com mensagens carinhosas na descrição das imagens. A fotografia de seu perfil nessa rede digital no momento da escrita deste texto mostra a jovem abraçada à mãe em seu último aniversário. Apesar dos conflitos, os vínculos familiares são extremamente valorizados e explicitados na internet.

Cláudia reconhece os limites escolares da mãe e da avó e a distância delas de experiências em espaços de saber e poder valorizados ou tidos no imaginário social como legítimos. A jovem expõe e reflete as vivências das duas no contexto de sobrevivência de uma geração de mulheres negras, pobres e faveladas, com dificuldades na socialização da família, na transmissão e controle de valores culturalmente reconhecidos aos filhos. Há uma força institucional da família como instância socializadora em sua construção como jovem que “continua tendo essa função de dar sentido às relações entre os indivíduos e servir de espaço de elaboração das experiências vividas” (SARTI, 2004, p. 17).

Contudo, a ambiguidade marca seu discurso em relação à família, ao mesmo tempo espaço de reconhecimento e de conflito. Mesmo diante da irrestrita defesa e gratidão à mãe e à avó, ela também toma distância de seus pertencimentos de filiação e concebe que sua construção como sujeito é configurada por outras dimensões vivenciadas nos movimentos de mulheres e coletivos juvenis, por exemplo. Cláudia responde singularmente às relações internas na família, mas traz à convivência cotidiana “a experiência também singular com o mundo exterior” (SARTI, 2004, p. 19), não vivenciada e nem sempre compreendida pelos familiares.

*Porque o que a minha avó e a minha mãe me passam é muito mais... É, assim, muito mais, mais forte do que eu hoje tô fazendo. **É muito mais raiz que tudo, assim.** Na verdade, ao longo do tempo, a gente vai crescendo e a gente vai perdendo essa origem, né véi. A gente tá vivendo pela gente mesmo, sabe? A gente não tá vivendo pela raiz da gente, que formou a gente, criou a gente. Que a gente tem isso tudo*

hoje é por causa de outras pessoas, sabe? [...] Mas, assim, quando começa a atingir, assim, minha avó, minha mãe, é um outro contexto sabe? É uma outra história. Tá pegando numa coisa que é muito mais importante. É mais fácil chegar e dar em mim um couro do que chegar e xingar minha avó e tratar ela mal e minha mãe. Sabe, é uma outra coisa. São as pessoas que eu tenho e se eu puder proteger de todas as armas do sistema eu vou proteger, sabe? Como também meus irmãos e tal. Mas eu acho que eles ainda assim conseguem sobreviver. **Hoje, eu, Cláudia, respeito demais a cultura da minha mãe, a cultura da minha avó. Hoje o conhecimento que eu tenho partiu muito desse processo, né. Lógico, tipo assim, e respeitando que nem tudo que hoje eu sei minha vó sabe, minha mãe sabe. Então, às vezes, o que hoje o Brasil tá sendo, minha mãe e minha vó nunca vão conseguir entender. Por que tá chegando uma Copa, por que tá vindo uma eleição, em quem que eu vou votar? Hoje elas não sabem muito bem. Então, tipo, o que eu posso fazer é tentar auxiliar no que eu posso. Sabendo que, tipo assim, isso é uma troca né. (grifos meus).**

Figura 27 – Imagem postada por Cláudia no Facebook – Identidade Raiz (2012)



Fonte: Capturado pela autora (2013).

Cláudia permanece morando com a família, mas há muito tempo planeja sua saída de casa. Nesse modelo de convivência familiar, ela não tem sua vida particular limitada às possíveis imposições da mãe ou regras da casa, inclusive porque também assume papel de autoridade. Com frequência, a jovem circula por diversos espaços da cidade, nem sempre dorme em casa, tem seus horários e atividades não monitorados pela família.

Então hoje eu sou a pessoa mais independente da minha mãe, assim. Não saí de casa. Tô lá. Mas eu sou muito independente da minha mãe. E minha mãe me deu essa liberdade. Graças a Deus ela me deu essa liberdade de ser independente. [...] Mas, meu pai e minha mãe, assim, eu acho que eles são muito felizes do que eu sou hoje, assim. Independente, assim, do que estudou, não estudou, assim.

Compreender as relações entre o processo de individuação da jovem na relação com a família remete à questão: “os jovens, não estando tão intensamente sujeitos às influências familiares e escolares, estariam construindo brechas libertárias em suas experiências de socialização e sociabilidade, estariam vivendo um momento historicamente propício para uma autonomia reflexiva?”. (SETTON, 2011, p 73).

Há dissonâncias entre as concepções feministas de Cláudia e vivências familiares marcadas pelo machismo, caracterizadas pela desigual distribuição dos afazeres domésticos e na responsabilização feminina da casa, por exemplo. A partir da experiência singular de Cláudia, concebo como sua personalidade e reflexões destoam da prática e pensamentos familiares. Essa “jovem negra em movimento(s)”¹⁰¹ circula por coletivos feministas, tem uma extensa e múltipla rede de amizades, é muito crítica e reflexiva sobre as disparidades sociais e econômicas da sociedade contemporânea. Ela está constantemente presente em eventos que discutem e enfrentam as relações desiguais de gênero e raça e milita pelo fim do genocídio da juventude negra. Reflexões e práticas não presentes nas vivências familiares. Por isso,

Crescer significa, precisamente, poder relativizar as referências familiares, desnaturalizando-as, o que permite o processo de singularização, tanto das famílias frente aos modelos, quanto do sujeito diante das imposições familiares. Esse processo atualiza-se permanentemente ao longo da vida, o que implica que, tratando-se de relações familiares, haja sempre o que fazer... (SARTI, 2004, p. 19).

Contudo, a família continua sendo uma instituição de referência na vida da jovem, espaço de afeto, de relações indispensáveis e valorizadas. Desse modo, apesar

¹⁰¹ Michele Silva (2007) em sua dissertação de mestrado sobre mulheres negras militantes de movimentos sociais opta pelo uso do termo “mulheres negras em movimento(s)” tendo em vista a atuação diversificada de suas interlocutoras na pesquisa. Assim também compreendo Cláudia como uma jovem em movimento(s) já que circula em “diversos espaços socioculturais, políticos, educativos e profissionais, desenvolvendo ações com temáticas de raça e gênero, de forma articulada ou não (...). [Uma mulher] que se movimenta na luta pela construção de uma sociedade mais justa e democrática.” (p. 27)

das vicissitudes nas relações, a família se constitui como suporte para sua construção singular, uma das maneiras de “enfrentar a vulnerabilidade, fruto das condições econômicas ou mesmo das adversidades com as quais se defronta” (DAYRELL, 2001, p. 243). A família é espaço de construção de identidade, mas também espaço para alteridade. Ao mesmo tempo em que se constitui como prova, a família é suporte para “sustentar sua existência” (MARTUCCELLI, 2007, p. 96). Um suporte impreciso que é narrado em sua ambiguidade. Ainda, na sua presença singular, Cláudia contribui no sustento não apenas material, mas, simbólico e afetivo desse “nós” familiar.

6.3 MUITAS PROVAS NA TRAJETÓRIA ESCOLAR

Inevitável destacar o peso da escola como ampliado espaço de socialização em que as dinâmicas relacionais não estão restritas aos conteúdos do currículo escolar, mas inseridas em práticas da formação sociocultural, no complexo processo de humanização dos sujeitos (ARROYO, 2000). A narrativa de Cláudia sobre suas experiências escolares revela mutações nos sentidos que atribui às dinâmicas vivenciadas na infância e na juventude. Em outras palavras, a trama de relações com os sujeitos da/na escola – professoras/es, direção, colegas – apresenta-se por processos de reelaborações constantes, principalmente a partir da adolescência, quando a jovem passa a questionar-se sobre o monopólio de uma cultura escolar que fixa e naturaliza uma identidade restrita de “aluno”, desconsiderando o conjunto de experiências vivenciadas pelos sujeitos (DAYRELL, 2007). Por isso, de maneira mais ampla, a jovem entende que sua formação depende não da escola, mas, da *escola da vida*¹⁰²:

*Eu acho que quando a gente fala em escola, eu acho que a escola é uma coisa, mas escola da vida é uma outra coisa, sabe? É uma outra aprendizagem. Hoje tudo que eu falo, acho que a escola me deu a base, mas a realidade de viver comigo, com o outro e com as dificuldades foi que me formaram, sabe? **Lógico que essas dificuldades vão me formar muito mais.** (grifos meus)*

¹⁰² Vale pontuar que, em livro recente titulado “A escola da vida – Socialização e biografia(s) da classe trabalhadora”, Pedro Abrantes (2013) analisa histórias de vida de portugueses/as inseridos/as em programa do Estado denominado RVCC (reconhecimento, validação e certificação de competências) que possibilita o alcance da equivalência do ensino básico ou ensino secundário. A ideia de uma “escola da vida”, expressão comum no Brasil também, revela-se como “expressão corrente em Portugal, que designa o processo pelo qual incorporamos saberes, valores, disposições, fora do sistema educativo, os quais se revelam fundamentais para nossa existência, integração e bem-estar”. (p. 1).

“A escola impõe padrões de currículo, de conhecimento, de comportamentos e também de estética” (GOMES, 2002, p. 45), por isso, Cláudia conta sobre sua relação particular com a escola configurada pela necessidade de resolução de muitas provas. Em um ambiente marcado por rituais pedagógicos distantes da socialização familiar e dominado pela presença “invisibilizada” do racismo, a jovem tece possibilidades da construção de si na escola, enfrentando estereótipos identitários e assumindo sua existência diante de situações assimétricas de poder, frente “aos labirintos e caprichos da instituição” (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2012, p. 246). Assim, a partir da sua memória sobre a socialização escolar, percebemos como “Os indivíduos se constituem como indivíduos porque são atores capazes de lidar praticamente com desafios estruturais e o fazem porque têm aprendido, duramente, e desde a diversidade de suas experiências sociais, a enfrentar essas provas” (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2012, p. 245).

Cláudia lembra o início da escolarização, ainda em uma creche de um centro educacional filantrópico do Aglomerado da Serra. Recorda desse tempo com saudade e de pessoas que permanecem em seu círculo de amizades desde a infância. Daquele período, as lembranças de aprendizados escolares são o hino nacional, a escolha diária para que um/a aluno/a segurasse a bandeira brasileira, as brincadeiras. A narrativa é marcada por recordações positivas da infância concomitante ao início da experiência escolar. O pai é recorrentemente mencionado nas primeiras experiências escolares. Segundo a jovem, diferente da mãe, ele se preocupava em comprar materiais, encapar os cadernos, revisar as lições. A jovem expõe a infância por uma imagem idílica, apesar de, hoje, não ignorar a existência de situações difíceis. Cláudia explicita a não percepção dos conflitos e valoriza a inocência de menina.

Porque eu acho que a infância é uma das coisas que a gente aproveita bastante, assim. Sem colocar maldade nas coisas. A infância é muito gostosa, assim, e na escola também. É muito doce. Não tem amargura, assim, com as coisas. Ser criança tudo é bom, né? Então a gente nunca via coisas ruins, né? E também dessa proximidade que eu tinha muito da minha mãe, do meu pai, todo mundo junto, assim. E meu pai cobrava muito estudo, assim.

No 5º ano do Ensino Fundamental, Cláudia inicia sua trajetória em uma escola municipal no Aglomerado onde concluiu a 8ª série sem interrupções ou reprovações, mesmo que diante de muitos desafios. O percurso não acontece sem conflitos e dilemas. A escola entendida como lugar de imposição de certa disciplina ou “invenção cultural singular caracterizada por uma forma de utilizar o espaço e o tempo” (SACRISTÁN, 2005, p. 139), é questionada pela jovem. Sua afirmação sobre seu modo de estar na sala é consonante com a definição de Sacristán sobre esse minúsculo território em que uma pessoa não pode se movimentar sem ser advertida, em que há controle dos corpos pela instituição (2005, p. 144). *“Agora, sentar na sala de aula, assim, era um pouco meio complicado. Eu era bem atendida. Bem mesmo, bem espuleta, assim. Já fiz professor correr atrás de mim”*. A jovem rememora problemas nas relações com os/as professores/as, notas baixas, situações de brigas, indisciplina e conflitos nessa transição da infância para a adolescência, configurada nas experiências escolares.

A sala de aula é também percebida como um lugar em que reconhece tensões na relação com a “autoridade” do/a professor/a. Desse modo, na adolescência, Cláudia começa a questionar a legitimidade do papel docente como detentor de conhecimento, explicações ou ordens. Assim, ela esboça:

Que quando a gente é pequena, “ah, tudo tá bom”. Quem tá errado é eu. O professor tá certo, né. E se for olhar, assim, nessa época, quando você é menor, assim, você vai olhar e – “Não, o professor tá certo. Ele tá falando isso, então eu vou concordar com o que ele fala”. Então, muitas vezes, tipo assim, né, depois ficava olhando na escola: “Não, acho que não é isso, não concordo”. E dos professores eu acho que nem todos foram marcantes. Muito, muito pouco deles foram marcantes, assim, pra mim.

De tal modo, Cláudia não estava “‘naturalmente’ disposta a fazer o papel de aluna” (DUBET, 1997, p. 223). Além disso, no processo de desinstitucionalização da escola, que não elimina o peso dos papéis, mas “obriga os indivíduos a se construírem ‘livremente’ nas categorias da experiência social” (DUBET apud DAYRELL, 2007, p. 1115), a recusa à escola é uma arte de sobrevivência, uma maneira de adaptação que pode constituir-se também por uma “adesão distanciada” (ABRANTES, 2003). Nesse sentido, compreendo que “essa cisão entre a vida juvenil e a vida escolar é tão profunda que os jovens não se sentem ‘alunos, estudantes’, nem a tempo parcial”. (CORREA, 2008, p. 222).

Nesse período de escolarização, as atividades relatadas como positivamente significativas se relacionam ao universo das artes e esportes, ou seja, atividades propriamente “não escolares”. Em sua narrativa, evidencia-se que o projeto político pedagógico e currículo escolar dominante não respondiam às suas demandas de educação e pouco dialogavam com aquele momento da vida, marcado por mudanças. (DAYRELL, 2007). *“Aquele coisa muito louca, assim. E vários questionamentos, assim, da vida, das pessoas, e na escola não tinha abertura pra isso”*. As experiências juvenis são silenciadas nessa escola; como diz bell hooks, as vozes dos/as alunos/as de grupos marginalizados “não têm sido nem ouvidas nem acolhidas, quer eles discutam fatos – aqueles que todos nós podemos conhecer –, quer discutam experiências pessoais”. (hooks, 2013, p. 114). Diante de pouca referência ao trabalho escolar, a instituição é vivida mais como um espaço de sociabilidade, como relata a jovem:

Lembro que a escola tinha algumas atividades bacanas. Tipo, tinha mês de olimpíadas. Olimpíadas não. De jogos, assim, sabe, de queimada, futebol. Nó, eu participava dos dois. Queimada e futebol. Dança, que eu já dançava. Circo, assim, na verdade, teatro. Era uma das coisas que eu mais gostava na escola. E no Levindo [nome da escola] foi mais momento de infância, saindo da infância entrando na adolescência. Uma turbulência mesmo, assim. Que ao mesmo tempo a escola era bom, ao mesmo tempo escola não era bom.

Cláudia iniciou o Ensino Médio em outra escola, agora estadual, também localizada na Serra. A jovem recorda-se da má fama da escola entre os/as amigos/as e outras pessoas da Vila Marçola. Cláudia revela a identificação, reconhecimento e classificação da comunidade nas avaliações de diferentes instituições escolares. *“Era uma coisa, tipo assim, todo mundo falava que era um lugar muito ruim, muito ruim, muito ruim. Todo mundo falava e eu, tipo, ‘pô, vou ficar lá mesmo?’ assim, tal. Aí minha mãe várias vezes tentou mudar de escola, assim, e eu, tipo, tipo assim, ‘nó, o que esse ruim assim que as pessoas falam?’”*. Nesta escola empobrecida do ponto de vista da sua materialidade, também as relações humanas se fizeram limitadas. Isso contribuía para um clima escolar negativo, marcado pela desorganização e pela dificuldade da jovem em se subjetivar como aluna, agora no Ensino Médio. Cláudia vivenciou a experiência cotidiana de estudar em uma “escola pobre para pobres”. (LEÃO; DAYRELL; REIS, 2011, p. 261).

No Ensino Médio, ela diz de apenas uma professora com quem estabeleceu relações positivas em função da abertura ao diálogo com a turma e de um currículo que se aproximava de demandas singulares da jovem. Em seu relato, verifica-se a importância e influência dessa professora que mantinha relações pouco marcadas pela autoridade, privilegiando a comunicação com os/as alunos/as. Uma professora que não se pautava apenas pela lógica transmissiva dos conteúdos. Como nos lembra Inês Teixeira, essa experiência escolar significativa “se instaura e se realiza a partir da relação entre docente e discente, presente nos territórios da escola e da sala de aula, em especial” (2007, p. 426).

Tem uma professora que eu admiro pra caralho até hoje, assim. A gente tem muito pouco contato, mas a gente ainda se comunica... Exemplo, ela tá conectada ao Face [Facebook]. Assim, a professora de português me ensinou muito mais do que o português, sabe? Tipo assim, ela não ficava lá dando lição todo dia. Ela, tipo, tentava, conversava sobre negritude, conversava sobre direitos. A gente, tipo, tinha hora que ela falava assim e eu falava: “Não concordo”. Ela, tipo: “Por que você não concorda?”. E tinha momentos que a gente batia de frente, assim, mesmo, sabe? Mesmo ela sendo professora, ela não dizia autoridade, tipo, “Ah, eu tô aqui na frente, você vai ter que me respeitar e você não tem direito de não concordar”. Mas ela, tipo, “Você não concorda? Vamos saber por que não concorda e vamos bater de frente!” assim. E eu lembro, assim, que foram muitos exemplos assim, na vida, assim. Em pequenos momentos que eu estive com ela, assim, porque foi muito pequeno, foi uma coisa grande. Foi um aprendizado muito longo, assim. Um aprendizado forte também. E hoje, assim, se eu pudesse estudar, eu queria escolher com quem eu queria ser minha professora pra estudar, assim, sabe? Então, por isso que eu tenho uma briga constante com relações escolares. Não tenho brigas, tenho uns questionamentos. (grifos meus)

A escola é também espaço de socialização que interfere na construção da sua identidade negra. Portanto, no interior da escola, o olhar sobre o negro e sua cultura pode valorizar identidades e diferenças, mas também estigmatizá-las, segregá-las e até mesmo negá-las. (GOMES, 2002, p. 39). O Ensino Médio foi um período em que Cláudia vivenciou o racismo. Um apelido recebido na escola marca sua história de vida. Diante da ampliação dos processos socializadores a partir da adolescência, “a escola representa uma abertura para a vida social mais ampla, em que o contato é muito diferente daquele estabelecido na família, na vizinhança e no círculo de amigos mais íntimos. Uma coisa é nascer criança negra, ter cabelo crespo e viver dentro da

comunidade negra; outra coisa é ser criança negra, ter cabelo crespo e estar entre brancos”. (GOMES, 2002, p. 45).

Em um episódio em sala de aula, um dos colegas a chamou de “macaca”. O professor nada fez. Esse ritual que consiste na “agressão às crianças negras (ao chamá-las de ‘macaco’, ‘preto beiçola’, ‘tição’, ‘carvão’...)” foi acompanhado “de um silêncio (cúmplice) dos professores”. (GONÇALVES, 1985, p. 314). Assim, o silêncio operou enquanto ritual pedagógico a favor da discriminação racial. (GONÇALVES, 1985, p. 325). O professor não mediou a situação, ela se irritou e jogou um estojo de lápis no rapaz, motivo pelo qual Cláudia foi expulsa de sala.

Aí eu falei: “Ah, engraçado, porque ele me chama de macaca tenho que aceitar e porque eu jogo um negócio nele você vai me retirar da sala? Tipo assim, e aí? Tem que ser os dois. Se for só eu, não vou sair. Vou ficar aqui”. Então, assim, eu lembro que isso foi muito tenso, assim, porque eu discuti muito e tal, assim, mesmo sabendo o quê que era assim. Mas eu não aceitava. E aí, tipo assim, e aí eu quebrei o pau, assim, na escola, tipo, aí chegou na diretoria, eu cheguei: “Que que você tá fazendo?” e não sei o quê. Eu falei: “Ah, engraçado, vocês sempre acham que eu sou a errada. O menino é que tava”.

Cláudia quebrou o silêncio do racismo vivido na escola numa linguagem não verbal, expressa em seu gesto. Porém, nesse episódio a escola a percebeu como a agressora diante da reação ao xingamento desumanizador que recebeu. Se o corpo “disciplinado pela escola é treinado no silêncio e num determinado modelo de fala” (LOURO, 2000 p. 21), a punição à resposta expressiva da jovem reforça um estigma construído na própria instituição escolar.

Convém refletir como, para além da condição socioeconômica, o pertencimento racial é forte condicionante na escolarização dos/as jovens. Contudo, o insucesso escolar não pode ser limitadamente percebido como efeito de situações de pobreza, já que, nas dinâmicas escolares, “quem leva a pior em termos de insucesso, fracasso, repetência, abandono e evasão escolar é o aluno de ascendência negra”. (MUNANGA, 2000, p. 235).

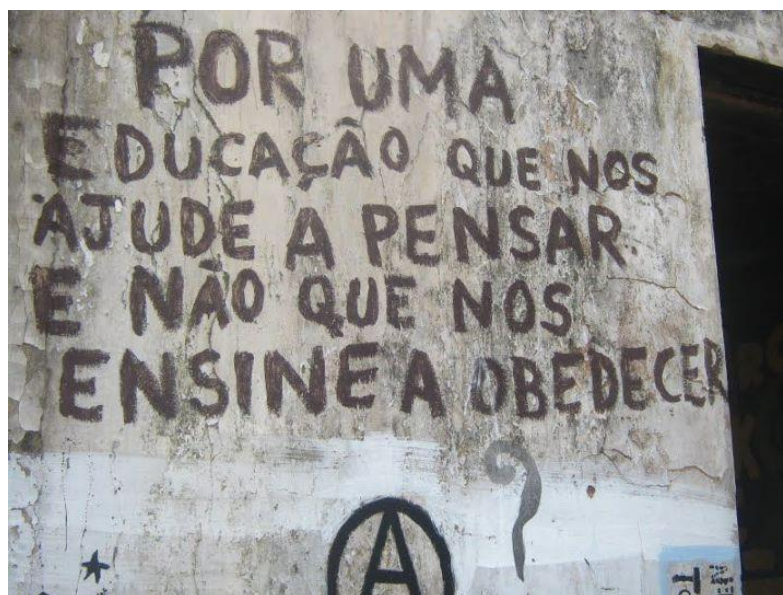
O abandono da escola no 1º ano do Ensino Médio é também justificado por Cláudia pela necessidade de trabalho. “Eu acabei dando mais espaço pra responsabilidade do que pro estudo, assim. Saí. Tentei estudar, fazer supletivo. Depois

saí de lá. Tentei, não dei conta.” A jovem mostrou-se desestimulada e descrente da rotina e conteúdos escolares. Além disso, sua fala expressa uma nova forma de desigualdade, já que a escola não se configura como espaço de acesso a recursos de subjetivação, gerando a produção do fracasso escolar e pessoal. (DAYRELL, 2007). Em sua narrativa, percebe-se a imagem do indivíduo responsável pela sua experiência e identidade pessoal em um contexto social e escolar em que a realização desse projeto parece impossível, configurando uma experiência subjetiva de exclusão escolar. (DUBET, 2003). Cláudia questiona, portanto, os efeitos da posse de uma qualificação/certificação como garantia de mobilidade social. Porém e ao mesmo tempo, ela tece uma crítica contundente sobre a escola fechada em si mesma, com seu projeto disciplinador, uma instituição prescritiva com conteúdos poucos significativos para os jovens sujeitos.

*Tipo, eu fui estudar história do Brasil, fui tentar entender história do Brasil. Falei: “Que merda, véi”. Eu acho que estou mais fudida do que fudida. Tipo assim, eu tava entrando num processo muito tenso, assim, da minha vida, assim. Tipo, “Ah, por que a escola, ou, o que a sociedade quer pra mim? O que a escola define pra mim? Ah, eu tenho que estudar pra mim ser alguém? Então tá. Se eu não estudar eu não sou alguém? Então tá”. Aí, tipo, ficava fazendo muita pergunta, assim, né. E até hoje eu tenho uma relação de muito conflito, assim, com a escola, assim. **Porque o que eu faço da minha vida eu não estudo na escola.** Tipo assim, eu vou estudar, estudar, estudar e no final das contas eu vou conseguir porra nenhuma e vou morrer. Entendeu? (grifos meus).*

Mas teve momentos muito preconceituosos, que me distanciou muito da escola. Teve momentos da escola muito fechado que não deu pra abrir. E eu acho que nunca vai abrir também. Espero que lá quando eu tiver um neto, possa ser outra forma de estudo, entendeu? Porque essa que tá sendo hoje, menino nenhum vai parar na escola, entendeu? Porque a escola tá sendo muito falso da história, muito falso da realidade, muito falso do que é mundo!

Figura 28 – Postagem de Cláudia no Facebook – Educação (2012)



Fonte: Capturado pela autora (2013).

Desde o Ensino Fundamental e ainda no Ensino Médio, Cláudia era participante de um projeto social da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte chamado Menino no Parque. O projeto acontecia no Parque das Mangabeiras, com atividades voltadas para crianças e adolescentes do Aglomerado da Serra, território vizinho ao parque. As atividades funcionavam em forma de oficinas e ela participava da modalidade de dança. A participação na oficina de dança é narrada de maneira mais significativa na sua história de vida do que a experiência escolar. Ela avalia que, em função desse espaço de aprendizado artístico, desenvolveu o atributo de liderança, já que, diante da habilidade de aprender a dançar, era requisitada pelo professor de dança no auxílio de atividades, como uma assistente, na transmissão de passos, coreografias, movimentos. A partir dos 14 anos teve oportunidade de trabalhar como voluntária nesse mesmo projeto e deu início ao trajeto de educadora social que será apresentado no próximo tópico. Na narrativa de Cláudia, diante da dificuldade de conciliar trabalho e estudos, essa iniciação profissional na dança teve prioridade, em uma possibilidade de inserção profissional que lhe dava prazer e não lhe exigia a conclusão do Ensino Médio.

Como exposto anteriormente, Cláudia é bastante conhecida em Belo Horizonte, tem muitos/as amigos/as universitários/as e uma rede de relações que se estende numa variedade de coletivos juvenis. Nesse sentido, a jovem revela expectativas que recaem

sobre ela diante da interrupção escolar, mais uma vez destacando que sua formação depende mais de outras dimensões socializadoras, experiências múltiplas que possibilitam conhecimento crítico e reflexivo.

*E aí hoje a escola pra mim é uma coisa que é, tipo assim, “Ah, preciso, mas não sei como, mas não sei como ir”. Ainda é bem travado pra mim, assim. [...] Sei da importância, mas ao mesmo tempo, tipo, não é uma coisa que predomina, é, tipo assim, não tá na importância maior da minha vida, sabe? E muitas pessoas falam: “Ô Cláudia, nó, se você estudar vai ser bacana. Você entrar na universidade, vai ser muito bom. Você é muito inteligente”. Tipo assim, eu fico muito feliz de ter essas opiniões, assim, das pessoas me chegar e falar isso. Ao mesmo tempo, tipo assim, sabe que, tipo assim, pra mim mudar minha vida preciso estar numa universidade, sabe? Pra mim ser aceita na sociedade eu preciso estar na universidade? Então, tipo assim, não é isso que eu quero, assim. **Eu não quero ser aceita na sociedade por estar numa universidade. Eu não quero falar um português que a sociedade quer, pra mim estar numa universidade, pra mim estar numa sociedade, sacou? Eu quero ser eu, Cláudia, do jeito que eu sou e quero fazer parte da sociedade.** Então, tipo assim, de que maneira vai ser aceita, porra, não sei, sacou? Mas, tipo assim, é isso que eu quero. Ciente de que eu vou ter que ... Exemplo, pra mim dar aula pra um jovem eu vou ter que estudar. Eu não vou chegar aqui e falar: “Ô, faz o a e o b”, sem saber o quê que é o a e o b. Entendeu? Eu tenho que saber o motivo que eu tô praticando aquilo. Tenho que saber porque que eu tô criticando aquilo, porque que eu tô falando aquilo, porque que eu tô questionando aquilo. Então isso, eu, pra mim isso é bem claro, assim. Eu nunca vou partir de uma discussão, de uma crítica, sem saber da onde ela vai. Então eu acho que, tipo, eu acho que a maioria das vezes a rua me ensinou muito mais do que uma escola, assim, sabe? A rua.*

Figura 29 – Postagem de Cláudia no Facebook – Paulo Freire (2012)



Fonte: Capturado pela autora (2013).

Por fim, destaco que, na internet, a jovem aponta reflexões sobre a escola e seus próprios limites de aprendizados escolares. Pude acompanhar postagens em que Cláudia anunciava seus problemas de ortografia e gramática, alertando que o importante era ser compreendida. Ou ainda, publicações sobre os aprendizados proporcionados pela experiência prática, sobre a *escola da vida*, compreendendo que, existem “diferentes e diversas formas e modelos de educação e a escola não é o lugar privilegiado onde ela acontece e nem o professor e a professora são os únicos responsáveis pela sua prática” (GOMES, 2002, p. 38). Afinal, Cláudia exerce atividades como uma educadora.

6.4 A DANÇA COMO IDENTIDADE, RECONHECIMENTO E TRABALHO

Figura 30 – Postagem de Cláudia no Facebook – Revolução pela dança (2013)



Fonte: Capturado pela autora (2014).

Cláudia tem uma forte relação com a dança. Quando perguntada sobre sua iniciação, o que sobressai é a inerência da dança em sua biografia. *“Eu acho que eu comecei na barriga da minha mãe. A minha mãe sambando e eu dentro da barriga, lá.”* Somente depois ela anuncia que foi apresentada formalmente à dança em um projeto social que ofertava uma variedade de modalidades socioeducativas. *“Então, eu comecei dentro de um projeto social, né? E daí eu não parei nunca mais. Porque eu comecei a dançar com seis anos de idade”.*

Ela se refere às atividades de um projeto da Prefeitura de Belo Horizonte denominado “Meninos do Parque”¹⁰³ com atendimento exclusivo para crianças e adolescentes moradoras/es do Aglomerado da Serra. Cláudia foi participante até os 15 anos. Ela lembra: *“Gostava de ir demais pro projeto. E gostava tanto! E pra minha mãe*

¹⁰³ O Projeto Meninos no Parque é coordenado pelas Associação Municipal de Assistência Social (AMAS) em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social (Gerência de Proteção Social). Na página do projeto no site da PBH, lê-se que “A finalidade é atender crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social das vilas vizinhas ao Parque das Mangabeiras, no período complementar à escola formal. O objetivo principal é a promoção da cidadania e a transformação social por meio de ações culturais, ambientais e lúdicas potencializando as relações familiares e comunitárias, contribuindo na formação intelectual dos participantes, por meio de instrumentos que favoreçam a auto-expressão e o desenvolvimento físico, tornando-os seres sensíveis e pensadores”. Cf: <http://goo.gl/5vTruw>.

tinha que deixar as coisas em casa todas prontas pra ir, era condição pra minha mãe. Se não tivesse as coisas prontas o pau quebrava e, tipo, minha mãe não deixava”. O Parque das Mangabeiras, que fica próximo ao Aglomerado, era o espaço para as diversas oficinas do projeto. Cláudia participou das aulas de dança de distintos ritmos e estilos, mas lembra-se com destaque da dança afro, condição importante para sua construção como negra.

A partir da dança, Cláudia revela a possibilidade de exercitar sua criatividade, autonomia e a capacidade de produzir expressões singulares. Sobre a dinâmica de socialização nessa oficina de iniciação à dança, ela expressa a relação significativa com o educador, narrada pelas dimensões de afeto e confiança, diferente da maior parte das relações escolares com os/as professores/as. Foi nesse projeto, já com 14 anos, que Cláudia iniciou sua atuação como educadora, dando algumas aulas voluntárias. *“Era um professor que ele dava mó moral. Tipo assim, um dia que ele não ia, ele me deu essa liberdade, ‘quando eu não for, você vai’; e eu falava: ‘Nó, isso aqui é pra mim e tal’, e eu substituía ele”.* Nesse espaço ela esboçou a oportunidade de montar um grupo de dança.

Eu novinha lá. E aí foi aparecendo a galera “Ah, vamo montar isso, vamo montar aquilo”. E aí a gente montou, assim, uma turminha. E aí... Aí, tipo assim, a gente falava: “Vamo apresentar, vamo pedir alguém pra gente ir dançar?”. Eu lembro que era fita K7, sô. Aquela fitinha... Nossa, que doidera. Star of dance, o nome do grupo. Lembrei na sorte...

Esse primeiro grupo formado por outros adolescentes do Aglomerado, também participantes do projeto, foi ganhando certa visibilidade local e começaram os convites para apresentações: escolas, igrejas, eventos no bairro. *“A gente começou a apresentar em vários lugares. Eu acho que eu já dancei em muitos lugares”.* A dança vai ganhando importância em sua identidade juvenil e Cláudia assume o papel de liderança nesse coletivo. Portanto, nessa ação coletiva, vemos como a visibilidade social dos/as jovens se dá tantas vezes por intermédio dos grupos culturais, espaço de afirmação e pertencimento na esfera pública. (ABRAMO, 1994; DAYRELL, 2005).

E aí, daí, a gente começou a desembolar várias coisas, assim. Que aí as pessoas... que é doido né? Que as pessoas, tipo, quando a gente é menor, assim, as pessoas costumam acreditar na gente. “Ah, você não sabe fazer isso, não, menina”. Mas, acho que a gente já nasce líder de

algumas coisas. Não tem como, tipo assim, identificar o quê que eu... por que que eu cheguei onde eu tô. Por que que eu, Cláudia, sou da dança. Isso é uma coisa muito difícil de justificar. Não tem significado. Eu acho que, tipo, você nasce com algumas coisas que se você saber desenvolver é isso que vai dar, sabe? Mas que ser liderança não é fácil não!

Um evento com a dança sobressai em suas lembranças, a festa de inauguração do Espaço Criança Esperança no Aglomerado da Serra, em 2003. A instituição, fruto da articulação entre Rede Globo de Televisão, UNESCO, prefeitura municipal e universidade, iniciaria seus projetos de ação social para crianças e jovens da Serra. Em Belo Horizonte, a partir da parceria com a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG), a gestão do espaço é realizada pela extensão universitária da instituição que buscou a participação dos sujeitos da comunidade¹⁰⁴. O grupo de Cláudia foi convidado para uma apresentação que viabilizou novos contatos. A jovem e seu grupo passaram a utilizar esse espaço para ensaios e a frequentar atividades. Mais tarde, também como voluntária, ela ministrou oficinas de dança nesse projeto. Cláudia também foi convidada a contribuir com a mobilização comunitária no Aglomerado da Serra, buscando outros/as jovens interessados em participar das atividades do espaço. Essa foi a oportunidade para conhecer e se aproximar de outro coletivo cultural de jovens da Serra, o Criart¹⁰⁵.

O Criart - Comunidade Interagindo e Reivindicando com a Arte - era um grupo que tinha como objetivo promover a integração entre os artistas do Aglomerado. Feiras culturais, apresentações, cursos de formação, elaboração de projetos eram as ações comuns desse coletivo que expressava uma “identidade de resistência” (CASTELLS, 2002, p. 24) frente um cenário de estigmatização da produção artística periférica. O coletivo desenvolveu, em 2006, uma pesquisa de mapeamento de grupos e artistas no Aglomerado para (re)conhecimento dos sujeitos envolvidos com arte e cultura, além de buscar compreender as demandas dos artistas locais. *“Fizemos altas coisas aí. Vários eventos. Vários corres. Dava trabalho pra caramba aquilo ali”*. A relação com esse

¹⁰⁴ Em sua dissertação de mestrado sobre grupos culturais no Aglomerado da Serra, Miguel Almeida (2006) relata que o início de sua interlocução com coletivos culturais juvenis aconteceu justamente no Espaço Criança Esperança, visto que o projeto buscou mobilizar a juventude local para o desenvolvimento de suas atividades.

¹⁰⁵ No Guia Cultural de Vilas e Favelas de Belo Horizonte, organizado por Clarice Libânio em 2004, são sinalizados 59 grupos e/ou artistas pertencentes às diferentes vilas do Aglomerado da Serra.

coletivo cultural possibilitou ainda mais a aproximação de Cláudia com a cena Hip-Hop e o break, expressão da dança do movimento, bem como a promoção e ampliação de relações e vivências em outros espaços da cidade.

Assim, em 2006, Cláudia formou um novo grupo de dança que articulava a expressão artística às discussões sobre a condição juvenil no Aglomerado da Serra. O grupo Fatal Black anunciava em seu nome a relevância da condição racial da juventude favelada. Por isso, o percurso com a dança com traços afro-brasileiros é significativo em seu modo de individuação, marcando sua identificação como negra e moradora da favela, já que essa expressão possibilita “a construção de um ‘nós’, de uma história e de uma identidade. Diz respeito à consciência cultural, à estética, à corporeidade, à musicalidade, (...), à vivência da negritude, marcadas por um processo de africanidade e recriação cultural. Esse ‘nós’ possibilita o posicionamento do negro diante do outro e destaca aspectos relevantes da sua história e de sua ancestralidade.” (GOMES, 2003, p. 79). Assim, ela diz do grupo:

Era um grupo de dança, mas que a gente fazia discussões sobre a juventude negra e sobre algumas coisas que aconteciam muito dentro do aglomerado. O Vila Viva¹⁰⁶ foi uma discussão muito forte no grupo, assim. Fizemos um teatro em relação a isso, assim. Aí começamos a fazer alguns contatos com a universidade. A universidade veio fazer um trabalho com o grupo. Nó, que deu pancada, mas foi bom também. Porque aí aproximou algumas pessoas, né? E daí também fizemos alguns debates. Os meninos do grupo foram na universidade também pra trocar algumas ideias.

Com maior reconhecimento no Aglomerado, o Fatal Black estava conectado a outros grupos juvenis de Belo Horizonte, principalmente do Hip-Hop, que se identificavam com as raízes afro-brasileiras, construindo uma identidade negra positiva, denunciando as desigualdades raciais, econômicas e territoriais por meio de variadas expressões estéticas. Em 2008, o grupo de Cláudia fez uma apresentação em um renomado evento de dança na capital, o Festival Internacional de Dança (FID).

A gente foi convidado pelo FID. Nó, que doido. 2008. Outubro. FID. Aí fizemos um espetáculo. Nó, foi puxado. Um mês pra montar um espetáculo sozinha. Correndo atrás. Isso a gente foi convidado porque tava na praça do Papa. A gente ia pra praça, assim, pra... ou fazer piquenique ou pra trocar uma ideia mesmo, assim. Mas dançaram, tipo, seis pessoas e eu ainda convidei um grupo de

¹⁰⁶ Programa de reurbanização de vilas e favelas apresentado no capítulo 4.

percussão... Aí a gente fez um espetáculo que era percussão e dança... A gente fez percussão, a dança de rua, mais o Maculelê. Ó, foi doido demais. Aí tive que inventar um tanto de coisa assim rapidão. Depois do espetáculo a gente continuou apresentando em outros espaços.

As vivências de Cláudia na internet também congregam sua forte relação com a dança. Tomando a web como “plataforma da vida” (NICOLACI-DA-COSTA, 2006), nos ambientes virtuais Cláudia registra sua biografia atrelada à expressão artística. Em seu perfil no Facebook, há muitas postagens que aclamam esse universo artístico como seu modo de agir no mundo. São comuns as fotografias de apresentações e ensaios, acompanhadas de descrições muito afetuosas. Um baú de memórias digitalizadas é aparente no Orkut, rede virtual não mais utilizada pela jovem, mas onde é possível encontrar registros variados de sua trajetória narrada nas entrevistas desta pesquisa.

A dança é espaço privilegiado nos contornos de sua identidade. As apresentações em festas e eventos, a formação de grupos, o exercício do ofício como educadora são práticas balizadas pela expressão corporal. Por isso, funcionando em sua transversalidade, a dança é dinâmica basilar em sua individuação, é articuladora de identidade e referência na elaboração de projetos de vida individuais e coletivos. Essa expressão estética e simbólica é também meio pelo qual Cláudia busca sua intervenção na sociedade, uma forma de participação social. (DAYRELL, 2005).

A palavra revolução se destaca na postagem de Cláudia com que iniciei este tópico. A partir de suas experiências e intervenções em uma variedade de ações, a dança pode ser percebida como singular modo de agir no mundo dessa “jovem negra em movimento”; a dança opera como “revolução cultural e juvenil, ou seja, como forma de contestação específica” (WELLER, 2011, p. 210). Na dança, há fruição, prazer, expressividade, mas também possibilidade de reconhecimento e construção de uma autoimagem positiva. Para Cláudia, uma jovem “agenciadora de suas próprias habilidades singulares” (ALMEIDA, 2012, p. 24), a dança viabiliza sua produção laboral e profissionalização, meio de seu sustento financeiro atual.

Figura 31 – Postagens de Cláudia no Facebook – Dança (2012)¹⁰⁷



Fonte: Capturado pela autora (2012).

Em 2006, com 18 anos, Cláudia foi convidada para desenvolver uma oficina de dança no Programa Fica Vivo!, que acabava de ser inaugurado no Aglomerado. Foi a primeira oportunidade de receber uma remuneração mensal por um trabalho. Antes de o programa ser efetivamente iniciado, a equipe técnica local, responsável pela implantação das atividades, realizou um mapeamento de lideranças e educadores

¹⁰⁷ É comum a existência, nas redes sociais digitais, postagens com montagens de frases, imagens, textos, nem sempre com referências autorais ou mesmo com indicações equivocadas. Na primeira imagem, apresenta-se fragmento do poeta brasileiro Chacal, pseudônimo de Ricardo de Carvalho Duarte.

sociais. O programa privilegia que os/asicineiros/as, executores/as das atividades socioeducativas, esportivas e culturais com os/as jovens, sejam moradores/as daquele território. Certamente, pelo seu reconhecimento como dançarina e liderança juvenil na Serra, Cláudia foi convidada pela equipe de técnicas para atuar no programa.

Acompanhei por cerca de três meses essa oficina de dança. Durante as terças, quintas e sextas, de 18h30m às 20h30m, Cláudia ministrava as atividades com a participação de cerca de 15 jovens, todos homens, entre 12 e 18 anos, em um centro comunitário na própria Vila Marçola. Os encontros tinham um clima muito amistoso, como um encontro entre amigos, com muita zoeira, brincadeiras e conversas. Na oficina, sempre havia um notebook, de Cláudia ou dos jovens. Era possível fazer conexões à internet com redes sem fio que estavam abertas. Músicas usadas na oficina estavam arquivadas em formato mp3 no computador que ficava conectado a uma caixa de som. No Facebook, Cláudia está conectada aos jovens da oficina e constantemente disponibilizava fotos e vídeos de apresentações. Numa ocasião, fui fotografada com os meninos e quando cheguei em casa e me conectei já estava marcada na foto postada no Facebook¹⁰⁸.

Geralmente, as aulas eram executadas como ensaios, em que a educadora ensinava passos, elaborava coreografias e transmitia os movimentos. Também era frequente a realização de atividades como rodas de conversa que propiciavam alguma reflexão temática, principalmente sobre as múltiplas desigualdades, com a participação de algum/a amigo/a daicineira¹⁰⁹. O grupo constantemente recebia convites para apresentações em variados espaços e contextos, por solicitações do próprio programa ou outros eventos em que a participação era articulada por Cláudia.

¹⁰⁸ As marcações de foto são recurso do Facebook que possibilitam que a imagem torne-se visível também no perfil da pessoa marcada. Assim, a visualização da imagem também estará disponível para a rede de amigos de quem foi “marcado”.

¹⁰⁹ Por exemplo, em função de um pedido da jovem, cerca de um mês após nos conhecermos, em um dos encontros na oficina preparei uma roda de conversa com os jovens sobre “Gênero e sexualidade”. Essa era uma demanda de Cláudia, que ponderava a necessidade de trabalhar a temática com os jovens, principalmente discutindo as construções sociais e desigualdades entre homens e mulheres. Preparei um material com muitas imagens e vídeos que problematizam as relações de gênero. Foi um momento que me aproximou ainda mais da jovem, configurando uma relação de reciprocidade em que, de alguma maneira, pude compartilhar conhecimentos e promover um debate com o grupo.

Figura 32 – Postagem de Cláudia no Facebook com fotografia da oficina de dança (2012)



“Vou naquilo que me mover, que são os conhecimentos simples que cada jovem e criança me proporciona. Na dança me renova por dentro, quando pensamento pesa, o som deixa leve. Lógico que a leveza é saber que chegou pra dar oficina sem saber nada e saiu sabendo tanto, que só quem viver sabe o saber que precisa saber pra viver...”

Fonte: Capturado pela autora (2012)

Há mais de sete anos Cláudia segue atuando como educadora social/oficineira. Constantemente é convidada para desenvolver atividades mais pontuais ou oficinas de dança em outros espaços e instituições. Como apresentado, os projetos socioeducativos são espaço/processo de socialização profundamente presente nas vivências de Cláudia, que experenciou desde a infância tais situações educativas. Em contraste com a escola, as vivências nos projetos são mais significativas em seu modo de individuação, já que viabilizaram as descobertas de suas habilidades. Atualmente, a jovem é socialmente reconhecida também pela atuação como educadora em projetos, um trabalho que constrói positivamente sua identidade, como anuncia: “Então, eu acho que Cláudia, hoje, assim, como educadora, o povo diz: “Nossa, essa mulher é foda, né véi, a mulher é uma educadora”... Como educadora, assim, eu acho que as experiências que eu tive

na minha vida, assim, é o que me formou hoje, sabe?”. Esse é um processo fundamentalmente ambivalente na sua experiência, principalmente pela relação com o Estado.

Cláudia denuncia severas críticas às violações de direitos da juventude, principalmente pobre e negra, muitas delas cometidas pelo poder público. E não é para menos. Em recorrentes situações, é o próprio Estado – através das representações que lança sobre os jovens pobres, da atuação da polícia militar, das políticas de segurança pública – que potencializa situações de violência nas favelas, alargando os índices do genocídio da juventude negra. Não vistos como “sujeitos de direitos”, mas, como os “outros” (ARROYO, 2011), esses jovens são recorrentemente percebidos pelos programas e projetos a eles destinados como aqueles/as que precisam se reintegrar, ressocializar, como apontado no Capítulo 3. A própria Cláudia e seus alunos, nas oficinas, são esse “outro” que precisam lidar com inúmeras provas estruturais, já que são “vistos como incômodo nas cidades, nas ruas, nas manifestações culturais [...]. São adolescentes e jovens objeto de reportagens negativas na mídia e das ocorrências policiais”. (ARROYO, 2011, p. 225).

Em sua singular atuação como oficinaira, Cláudia distingue que compartilha com os jovens educandos experiências comuns de marginalização. Por isso, em seu trabalho como educadora, há reconhecimento e percepção do pertencimento a um coletivo discriminado. Se na ação cotidiana da jovem nesses espaços educativos há cumplicidade nas relações, o Estado, ao propor suas intervenções, busca a “correção das desigualdades em abstrato. Sem rostos de sujeitos”. (ARROYO, 2010, p. 1386). Ela diz: *“Eu nunca me considero maior do que eles, assim. Eu até zuo mais do que eles, assim, em algumas coisas. E que aí é a liberdade de dar pro outro o que a gente não tem em certos espaços, assim”*. Por isso, ao observar a experiência de Cláudia, podemos “religar processos estruturais, espaços e itinerários pessoais” (SETTON; SPOSITO, 2013, p. 250). Assim, tomando os projetos socioeducativos como significativo espaço de socialização de trabalho, nessa dinâmica Cláudia recusa “para si como para os outros, as relações de dominação, de sujeição, de autoridade imposta arbitrariamente, de desprezo e subordinação pessoal”. (DUBAR, 2009, p. 260). Ela narra sobre a

experiência de trabalhar com jovens infratores que cumpriam medidas socioeducativas em políticas estaduais de semiliberdade em casas de internação¹¹⁰.

Foi rápido, mas foi uma das melhores experiências que eu tive aqui. Porque dali eu tive várias outras coisas. Vários outros pensamentos. Muita, muita. Milhões de coisas na cabeça. Aí os menino falaram: “Não, você é bacana porque você fala a nossa própria língua. Tem gente que vem aqui, fala um tanto de coisa e a gente não entende porra nenhuma”. Aí eu falava assim: “Nossa, me sinto super feliz”, né?”. Você falar a mesma língua. Porque eu falo muita gíria, tipo assim. Pensei nisso. Mas eu, tipo, “Que bom que vocês gostaram”, assim. É, a minha intuição era querer passar que, tipo... Não é questão de gostar. Mas a minha intuição era querer dizer: “Olha, independente do delito que você cometeu, você é um ser humano”, sacou? Tipo, igual eu. E eu sou igual a você. Quem disse que eu não vou cometer um delito, sacou? Então, tipo, acho que daí é uma experiência super bacana, assim, também.

Ainda hoje, Cláudia é oficineira do Fica Vivo!. Diante da grande presença de jovens oficineiros como educadores em diferentes programas governamentais (DAYRELL; CARVALHO; GEBER, 2012), é importante sinalizar como as relações de trabalho nesses espaços são marcadas pela precariedade, instabilidade e incerteza. A contratação de oficineiros/as por essa política de prevenção à criminalidade é viabilizada por um vínculo informal. O pagamento de recurso para a execução da oficina é feito através de notas fiscais. Não há qualquer vínculo empregatício por carteira assinada e, conseqüentemente, ausência de benefícios previdenciários, férias, fundo de garantia por tempo de serviço, 13º salário etc. Nessa dinâmica de execução de uma ação governamental, o próprio Estado demanda um trabalhador multifuncional e recai sobre o/a oficineiro/a a responsabilidade de desenvolvimento das ações e a efetividade de sua atuação, já que está sob seu encargo a procura de espaço e a aquisição de materiais para oficina. Se, por um lado, a atuação como oficineira e sua longa permanência no programa viabilizam o sustento financeiro de Cláudia, refletindo também seu reconhecimento e afirmação como sujeito; por outro, as proposições normativas do Fica Vivo! são alvo de contestações e críticas da jovem.

¹¹⁰ Medida socioeducativa em que há restrição de liberdade, prevista no art. 120 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) destinada a adolescentes autores de atos infracionais. Em Belo Horizonte, a Secretaria de Estado de Defesa Social (SEDS) é responsável pela execução dessas medidas por meio da Subsecretaria de Atendimento às Medidas Socioeducativas (SUASE).

Além disso, a jovem explicita as ambiguidades de trabalhar em um programa de prevenção à criminalidade, desenvolvido pela Secretaria de Defesa Social composto também pela polícia, através do Grupo Especializado de Policiamento em Áreas de Risco (GEPAR). Como educadora de uma ação que propõe relações de diálogo entre jovens e polícia, Cláudia vive o conflito de ser educadora de um projeto com proposições que ela desacredita, já que ela, a família e amigos/as vivenciam cotidianamente a violência policial.

No início do ano, algumas confusões com polícia, tal, né. E aí dentro desse processo também, dessa confusão, tem um primo preso, né. Um processo de invasão super estupidamente na minha casa. No início do ano, foi muito forte, assim. Abalou algumas estruturas, tanto pessoal quanto profissional. Até hoje pra tá num programa onde eu estou, que é um programa também de segurança pública, e ter uma relação tão abruptamente também com a segurança pública, isso me fez repensar muitas coisas na minha vida, assim, né. E que não foi uma só uma abordagem. Foram várias abordagens. Tem umas coisas que foram super tensas. Nesse momento eu estava na minha casa. Os home quebrando tudo, assim. E é foda porque, tipo assim... Ah, eu acho que mais machuca, tipo assim, em algumas coisas, sabe?, é a gente vendo que o que é construído, assim; eu, Cláudia, construindo, venho fazendo um trabalho de cidadania, um trabalho de educação, de valorização. Chega um momento que você fica se perguntando “Porquê que eu tô fazendo isso?”. Porque quando isso acontece dentro da sua casa, você começa a perceber que, tipo, “Nó. Ó, será que eu vou dar conta, não vou dar conta”, sabe?

6.5 UMA JOVEM NEGRA EM MOVIMENTO – FORMAS DE ENFRENTAMENTO E PARTICIPAÇÃO

A trajetória de Cláudia em grupos culturais e a atuação como educadora fazem dela uma forte referência como liderança comunitária. Muitas vezes, caminhando com ela pelo Aglomerado, pude perceber sua popularidade, seja nos inúmeros abraços e acenos recebidos ou em diversos pedidos para a inserção de um jovem em atividades educativas, para uso do espaço comunitário em que desenvolve a oficina, entre outras solicitações. Ela reflete sobre as desigualdades e conflitos que vivencia, ao mesmo tempo, demonstra o desejo por mudanças que demandam comprometimento pessoal e participação comunitária. Assim, no enfrentamento de tantas provas como mulher negra, Cláudia construiu modos de liderança “não necessariamente como chefe, diretor, mas uma líder na família, no trabalho, na comunidade, isto é, uma pessoa que contribui para o progresso e o fortalecimento de todos”. (SILVA, 1998, p. 10).

Mas não fugi da minha realidade, porque, olha que eu acredito... eu acredito que aquilo que me machuca, eu tento fazer desse machucado, assim, que venha a sarar com algumas outras coisas, tipo assim, algumas correria, tipo, de trazer isso pros meninos, né. De fazer uma reflexão. De levar isso também para o meio de convívio, assim, que eu convivo. E de virar uma discussão de respeito, sabe? Tipo assim, eu acho que é o que a gente tenta e sempre vai tentar promover é um espaço de respeito da galera, sabe? Viver, assim, né, em comunidade.

Infiro que sua maneira de participação é decorrente da consciência das situações de subalternidade e discriminação aliada ao reconhecimento e afirmação de si mesma construídos no decurso de sua vida. Através de um conhecimento particular que vem do sofrimento, por uma “paixão da experiência” que consiste em “um modo de conhecer que muitas vezes se expressa por meio do corpo e o que foi profundamente inscrito nele pela experiência, englobando muito sentimentos, mas particularmente o sofrimento” (hooks, 2013, p. 124), Cláudia constrói sua individuação.

Sua experiência online explicita, com recursos múltiplos (imagens, fotos, frases, textos) a reflexividade e a combatividade decorrentes de processos de enfrentamento da pobreza, do racismo e do machismo. Suas postagens mencionam os estigmas, as desigualdades, as violências frequentes, mas também expressam diacriticamente sua forte identidade como negra e favelada.

Figura 33 – Postagem de Cláudia durante período de manifestações por todo Brasil (2013)



Fonte: Capturado pela autora (2013).

No plano da sua experiência concreta, Claudia sofre os constrangimentos cotidianos das articulações da violência com o racismo brasileiro. Ela já experienciou a

atrocidade policial em invasões à sua casa, teve um irmão preso, relata o uso de drogas do irmão de 15 anos, enumera amigos mortos na dinâmica do tráfico de drogas ou pela polícia¹¹¹. A jovem reflete que jovens negros e pobres, vistos e representados socialmente como potencialmente criminosos, são os que mais sofrem violência em múltiplas dimensões da vida, sobretudo pela violação de direitos. Desse modo, as representações e desigualdades raciais no Brasil se materializam como violência na trajetória singular dos/as negros/as. Ou seja, a relação entre racismo e violência produz dinâmicas de hierarquização social com efeitos perversos na trajetória dos sujeitos. O próprio Estado reproduz essa discriminação na violência seletiva das abordagens policiais, que tem como “elemento suspeito”, entre outras características, a pele negra.

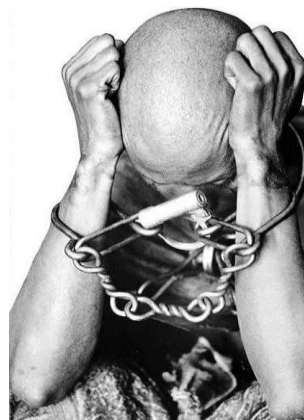
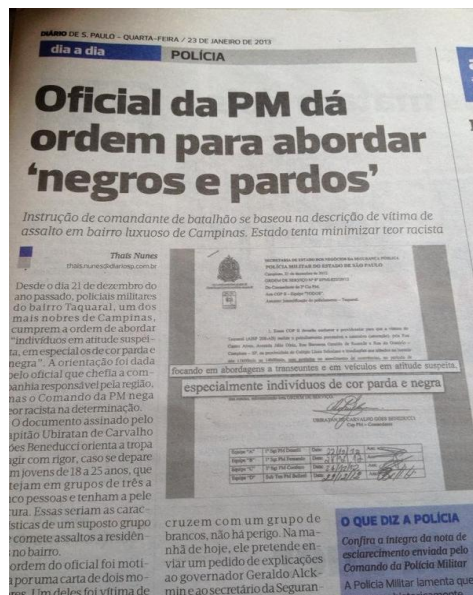
Cláudia rompe o silêncio produzido por essa operacionalização do racismo brasileiro que cristaliza estereótipos raciais e marca vivências pessoais. Suas reflexões marcam suas práticas na internet. Com recorrência, a jovem posta notícias, imagens, textos que problematizam as relações entre favela, polícia, homicídio juvenil, como nas postagens abaixo:

alguém falou comigo assim, deixa de ser vândalo e eu respondi assim vândalo é aquele que sobe fardado na minha quebrada e vem matando a juventude negra e favelada, vândalos é aqueles q não qualifica a saúde do meu povo q construiu um terço ou tudo da sociedade onde vc mora, vândalos é aquele q não proporciona uma saúde de direito e respeito ao povo negro e favelado q fica escravizando pra deixa a sua casa limpa e seus filho educado, vândalos é aquele que chega na minha quebrada e sem me pergunta se quero uma avenida que oferece fácil acesso pra eles pq pra eu tenho acesso em tudo aqui, vândalo são aquele que desapropria a galera sem muito menos preocupar se tem local pra viver e desconstrói toda a sua identidade... me diz quem é o vândalos dessa historia!

(Postagem de Cláudia no Facebook) 2013

¹¹¹ O Mapa da Violência de 2013 mostra que, em 2010, mais de 70% dos homicídios registrados no Brasil foram de jovens negros do sexo masculino, moradores de periferias e regiões metropolitanas dos grandes centros urbanos. O homicídio é a principal causa de morte entre jovens brasileiros entre 15 e 29 anos. Os jovens mais vitimizados têm escolaridade baixa, não chegaram a completar o ensino fundamental. É a juventude negra quem mais sofre com esse massacre. A cada três assassinatos no Brasil, dois são cometidos contra negros. (WASELFSZ, 2013).

Figura 34 – Postagens de Cláudia no Facebook – Violência e negritude



“Hoje o coração bateu forte e com ele o frio na barriga ao sabe sentença do meu maninho q levou anos e anos de prisão, isso dizendo que não ha prova. Em quanto isso encontramos com um policial solto por ter matado um jovem negro morador do aglomerado da serra, na real como funciona essa porra de lei, se alguém puder me diz.”



Fonte: Capturado pela autora (2013).

6.5.1 O GENOCÍDIO DA JUVENTUDE NEGRA: RELATO DA MORTE DE UM JOVEM E A EXTENSÃO DO CASO NA INTERNET

Caderno de Campo

Hoje, chegando à Serra, presenciei policiais armados e revirando coisas nas ruas e becos... não vi nenhuma abordagem à jovens ou outras pessoas, mas, a presença deles me trazia alguma insegurança... Afinal, depois de mais de um ano de trabalho de campo, é a primeira vez que presencio essa forte presença policial. Fui ao encontro de Cláudia para que combinássemos uma fala que dividiríamos em um seminário sobre os “territórios como espaços de solidariedade – território como rede identidades” que fomos convidadas pelo Fica Vivo!

Falamos da morte de Cecília. Jovem atriz que havia sido assassinada em sua casa, após um assalto, no fim de semana. Conversamos sobre as múltiplas desigualdades, incluindo a questão dos homicídios e a diferente visibilidade dada aos casos que acontecem na favela ou nos bairros. A morte de Cecília, jovem branca da classe média, foi muito noticiada pela TV, rádio, internet.

Durante toda nossa conversa ficamos nas escadas do local da oficina de onde é possível ter uma visão ampla e do alto do morro. Ali de cima percebíamos a movimentação de viaturas e, mais tarde, helicópteros rondavam por alguns minutos todo o aglomerado... em algumas vezes, bem próximo de onde estávamos.

Lembranças e comentários vieram à tona em função dessa situação, inclusive, quando ironizei que diante de tanta proximidade poderíamos acenar para os policiais no helicóptero. Motivo para ela lembrar sua infância, quando situações semelhantes aconteciam e sua mãe orientava os filhos para não apontarem para a polícia, pois eles reagiriam...

Conversamos sobre o seminário e saímos do morro diante aquela movimentação policial. Estava de carro e dei carona pra Cláudia, já que ela iria ao centro da cidade para uma reunião. Fomos conversando e já bem perto do local onde ia deixá-la ela atende um telefonema da sua mãe que estava aos prantos, anunciando a morte de um jovem, próximo à sua casa. “*Os homi mataram Neco!*” Um amigo da família, que no fim de semana tinha participado de um churrasco na casa de Cláudia.

Ela se desesperou! Chorava e logo depois tentava se acalmar... Pediu que eu parasse o carro para que retornasse à Serra. Voltei com ela para o Aglomerado. Tremendo, a jovem pensava nos telefonemas que daria... No percurso, além de revoltada com a morte do amigo, ia lembrando situações que aconteceram naquele dia, como o encontro com a mãe e a irmã desse jovem, e se perguntando sobre onde estariam seus irmãos, da tensão de sua mãe e nas possibilidades de acionar a mídia para divulgar o acontecimento... No tempo de percurso de retorno ao Aglomerado, ela fez várias ligações, para seus irmãos e duas amigas jornalistas. A jovem tentava ligar para sua mãe para que atualizasse a situação e temendo sua própria proteção.

Desesperada, Cláudia pedia a sua mãe que ficasse em casa, que se protegesse, afinal, *“Você sabe como os homi fica...”*

A mãe parecia querer amparar e ajudar a amiga, mãe do jovem assassinado... o homicídio teria acontecido naquele instante e as pessoas queriam de alguma forma encaminhar o corpo, mas a polícia levou o jovem morto no camburão...

Um percurso de volta tenso, não fiz o mesmo caminho de costume, Cláudia achava mais prudente seguir por outra rua, onde ela imaginava haver menor movimentação... Segui suas orientações e, ao subir uma rua que levaria à sua casa, esbarramos com um policial armado, a pé e à frente de um camburão. O policial me sinalizou que eu devia retornar, proibindo que eu subisse aquela rua... assim o fiz, dando ré, enquanto, dentro do carro a jovem esbravejava sua indignação com a polícia...

A deixei na entrada de outro beco, dei um abraço, desejei serenidade diante da revolta, por mais que aquilo parecesse difícil. Não sabia muito bem o que dizer... ela saltou logo do carro e subiu o morro. O aglomerado estava de fato cheio de policiais e carros... voltei sem saber muito bem o que pensar ou como agir. Uma repetida novidade cruel que acompanho pelas estatísticas e vinha acompanhando pelo relato de Cláudia. Dessa vez, a situação estava ali e de alguma maneira vivenciei tensão, desespero, medo, revolta por estar tão perto, mas não dentro. Afinal, voltei para (o conforto e a segurança) da minha casa....

Quando cheguei e acessei o Facebook, já havia uma postagem de Cláudia com um vídeo em que subia o morro e dizia de mais um assassinato realizado por policiais na Serra. Afinal, há quase um ano, dois outros moradores também foram mortos pela polícia.

De longe, mas conectada, fui acompanhando a movimentação na rede sobre a presença da polícia, ônibus pegando fogo, a morte do jovem... Nas diversas postagens de amigos meus e de Cláudia, ia acompanhando relatos e fotografias.... “foi bandido”, “foi inocente”, “a guerra irá começar novamente” etc... O Facebook foi se mostrando um lugar em que as pessoas iam divulgando instantaneamente a movimentação local. Na medida em que a grande mídia divulgava a notícia em seus sites, uma enxurrada de comentários ia tecendo um debate sobre a favela, o crime, o tráfico e a polícia. É visível a hegemonia de opiniões “a favor da morte de bandidos”, “tá de parabéns o trabalho da PM...” Indignada também fiz minha postagem no Facebook diante o acontecimento:

“Compartilhar”, verbo cada vez mais comum em nosso vocabulário digital, é prática recorrente de muita gente com quem a vida me possibilitou vinculações, felizmente. Compartilhar é rotina no morro! Seja partilhar amor, solidariedade, luta, como repartir dor, mortes violentas, injustiças, ostentação policial, revolta e indignação! Uma indignação sem tamanho ver a grande mídia criminalizar a pobreza. Indignação maior ainda, ler inúmeros comentários de “gente comum” reproduzindo essa prática! Culpam a vítima, o jovem morto pela polícia; culpam a população, que de alguma maneira tenta dar visibilidade a mais uma injustiça. Compartilho meu grito! A gente precisa gritar junto! A violência é desigual, a luta é coletiva!

Helenilson, jovem negro de 24 anos, foi assassinado no Aglomerado da Serra em novembro de 2012 por um policial do GEPAR. No mesmo dia da ocorrência, o militar foi preso, mas 15 dias depois teve liberdade concedida pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais e retomou suas atividades nas ruas da capital. Parentes e vizinhos afirmaram que o jovem foi executado friamente com um tiro na nuca. O assassinato gerou grande revolta entre moradores/as do Aglomerado que realizaram diversos protestos. O caso foi muito divulgado em redes de televisão, rádios e jornais da capital mineira.

Como em uma arena coletiva digital, nas redes sociais na internet foi possível encontrar uma produção abundante de narrativas online sobre o acontecimento em vários tipos de postagens, como vídeos no YouTube, seja de programas televisivos ou mesmo produzidos por moradores com celulares. Um grande debate foi sendo construído na rede, inclusive, perfis digitais de policiais militares (não necessariamente envolvidos na ação) apoiando a ocupação policial do Aglomerado e justificando a necessidade de “execução de bandidos”. Nos grandes portais de notícias, inúmeros comentários parabenizando a ação da polícia e seu “ato de bravura”¹¹². De maneira indignada, Cláudia lança seu desabafo na postagem no Facebook:

Queria pode diz tudo q esta passando aqui, só q msm dizendo vai distorcer as informações, seremos o traficante, marginal e o coitadinho da historia, e não aqueles de direitos violado, independente se tem ou não tem passagem ou mandato de prisão, ninguém tem o direito de tira a vida. E vc ai q diz q os policia deveria ter feito isso msm, pq só tinha juventude que foi influenciada pelos o traficante e que não tinha pais de família, cuidado com o que diz! vc não estava aqui e só esta vendo as imagens e delas fazendo o seu julgamento. E falando em traficante dito, vamos olha a aquele de terninho, por fala nisso não ouve tiroteio e sim uma abordagem mal feita e se vamos fala de baseado então vamos generaliza e esse baseado, pq aquele que mora em favela e fuma o seu baseado e traficando e o do asfalta e um usuário.

¹¹² Recentemente, em março de 2014, o Laboratório de Estudos sobre imagem e cibercultura da Universidade Federal do Espírito Santo publicou um mapa com as redes de interação de páginas policiais no Facebook. Para centenas de milhares de seguidores dessas páginas, a força policial deve garantir a ordem social. “Os posts das páginas, em geral, demonstram o processo de construção da identidade policial embasada no conceito de segurança em que a paz se alcança não mediante a justiça, mas mediante à ordem, à louvação de armamentos e à morte do outro”. Cf: <http://www.labic.net/grafico/rede-de-interacoes-de-paginas-policiais-no-facebook/>.

Hoje eu me calo e ao mesmo tempo grito por dentro de mim. barulho de socorro, medos entre os olhos, silencia sem palavras, mais uma bala encontrando um corpo de um jovem negro morador da favela. Ainda vindo daqueles q diz segurança publica q era pra fazer a nossa segurança, n retira vida. Hoje eu me calo e ao mesmo tempo grito, fodasssssse a midia burguesas incluindo você (rede globo) e ao povo grito por informação reais antes de jogar palavra sobre o acontecimento e outra cuidado ao posta coisa q n são real viu rede globo . Por hoje eu me calo....

(Postagem de Cláudia no Facebook)

Como integrante do Observatório da Juventude, junto ao Fórum das Juventudes da Grande BH, contribuí na construção de uma carta, amplamente postada nas redes sociais digitais.

NOTA DE REPÚDIO

(Helenilson é mais uma vítima do Estado racista. Basta de genocídio contra a juventude negra!)

Com enorme lamentação e indignação, o Fórum das Juventudes da Grande Belo Horizonte se pronuncia nesta nota por mais uma morte de um jovem negro da periferia de Belo Horizonte. Na tarde da última segunda feira (26/11/2012), havia presença ostensiva da polícia no Aglomerado da Serra, região Centro-Sul, com viaturas, policiais fortemente armados e helicópteros sobrevoando a área. Por volta das 16h, o jovem morador Helenilson Eustáquio da Silva, de 24 anos, negro, servente de pedreiro, foi executado com um tiro por um policial do GEPAR (Grupo Especializado de Policiamento em Áreas de Risco) em um beco da Vila Marçola.

Em menos de dois anos, a história se repete. Em fevereiro de 2011, dois moradores foram mortos de maneira covarde, também pela polícia, no mesmo Aglomerado. É inadmissível a criminalização da vítima e da população do Aglomerado da Serra, que tenta, de alguma maneira, dar visibilidade para a revoltante morte do jovem.

Sob o lema de mobilização do Fórum pelo enfrentamento à violência contra as juventudes, expresso em nossa agenda de lutas, exigimos a responsabilização do Estado por mais essa morte e solicitamos os pronunciamentos da Coordenadoria Municipal de Juventude, da Subsecretaria Estadual de Juventude, do Conselho Estadual de Juventude e da Secretaria de Estado de Defesa Social. O genocídio da juventude negra e periférica, a morte de Helenilson e de tantos outros jovens pelas forças de segurança é responsabilidade do Estado. É preciso pôr fim à violência contra a juventude negra e pobre! Denunciamos a recorrência dos homicídios provocados por policiais no Aglomerado da Serra e exigimos a imediata apuração dos acontecimentos junto à população, com a devida punição dos responsáveis.

Fórum das Juventudes da Grande Belo Horizonte

Criado em 2004, o Fórum é uma organização da sociedade civil que luta pelos direitos juvenis e exerce o controle social das políticas públicas de juventude na Grande BH.

Esse caso nos mostra como “a contínua transformação da tecnologia da comunicação na era digital amplia o alcance dos meios de comunicação para todos os domínios da vida social” (CASTELLS, 2013, p. 14), em um processo caracterizado,

sobretudo, pela ampla diversidade de opiniões que se esboçam nos ambientes digitais. A morte desse jovem e as repercussões no ciberespaço ampliaram e explicitaram as intercessões entre cultura digital e desigualdades sociais. A partir de recursos de plataformas na internet e com a possibilidade de “autocomunicação de massa” presentes no cotidiano digital (CASTELLS, 2013), a experiência diária de Cláudia de luta, indignação e esperança é também tecida por ela em rede, no espaço público da internet.

6.6 MODOS DE INDIVIDUAÇÃO EM REDE

*Eu jovem/Eu potente/Eu mulher/Eu sábia/Eu favela/Eu tudo/Eu negra/Eu guerreira/
Eu tudo/Eu sempre/Eu ela/Eu elas/Eu parte/Eu continuidade/Eu herança/Eu poder/
Eu todas/Em todas
Vanessa Beco*

Ao longo do capítulo, apresentei como as múltiplas dinâmicas de socialização vivenciadas por Cláudia são rastreáveis também em sua vivência online. A transversalidade da sua condição de mulher/negra/favelada está expressa na web por traços autobiográficos, principalmente no Facebook. Como agente de conhecimento, Cláudia registra sua experiência em atos de fala digital como “fonte genuína de conhecimento sobre ela mesma” (SILVA, 1998, p. 7). Diante de tantas provas estruturais, em uma sociedade que a exclui e discrimina, ela assume seu trabalho como indivíduo para fabricar-se como sujeito (MARTUCCELLI, 2011), por autoimagens positivas de mulher negra.

Figura 35 – Postagem de Cláudia no Facebook - Negritude



Fonte: Capturado pela autora (2013).

Tensão, ambiguidade, desafios são palavras que remetem à trajetória de Claudia imersa em um jogo de superação e reconhecimento. É pelo “poder da experiência” (hooks, 2013) que busquei alcançar sua singularidade como jovem mulher negra que enfrenta tantas vezes, mais sozinha do que outros/as, as inúmeras provas estruturais. *“A vida por ser dura as vezes, né. Lógico que tem uns momentos muito bons, assim, mas tem uns momentos que é muito duro. Que é você mesmo. Não adianta chamar o outro pra pedir colo. Pra pedir um abraço. Que é você. Você tem que segurar as pontas.”*

Sua vida cotidiana, as expressividades digitais, as densas narrativas biográficas evidenciaram o entrelaçamento de raça, gênero e classe. Apoio-me em duas expressões de bell hooks (2013), “a paixão da experiência” e “a paixão da lembrança” para enredar a reflexividade pela qual Claudia evidencia seus conhecimentos sobre a vida e seu enfrentamento.

O ciberespaço é expressão cotidiana de denúncias, indignações, da visibilidade das múltiplas desigualdades que a jovem avista. É também ambiência das possibilidades de sua afirmação como sujeito de direitos. Nas escrituras de si, cabelo, corpo, negritude, identidade são cotidianamente exibidas online, mostrando como “a comunicação visual tornou-se tão recorrente que é como se as palavras funcionassem apenas como âncora para que o corpo-linguagem pudesse exibir-se, para que os sinais pudessem explicitar os jogos de identidade” (DIOGENES, 1998, p. 284-285).”

Cláudia é um “híper-indivíduo”, mesmo que tenha a família, de forma mais precária, e uma rede de amigos como suporte. (ARAUJO, MARTUCCELLI, 2012). É ela quem maneja situações, enfrenta diversas contingências de maneira profundamente pessoal, mesmo quando recorre a certos frágeis recursos institucionais. Em um esforço sem término, já que as inquietudes pessoais são móveis e os desafios estruturais se transformam, sua identidade como mulher, negra, favelada a acompanham como provas e suportes de individuação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou apresentar diferentes dimensões de “mundos juvenis”, principalmente a oportunidade de reconhecer nas dinâmicas socializadoras os processos de constituição dos indivíduos em dinâmicas relacionais. Rede, configuração, conexão, transversalidade, processo, entrelaçamento, interdependência, ligação foram palavras frequentemente anunciadas nesse artesanato intelectual de costurar narrativas orais, expressões e relatos digitais, vivências, observações, categorias e compreensões sociológicas e juvenis. Na tarefa de enredar experiências, me vi alinhavada na trama. A experiência como pesquisadora demandou escolhas, recortes, enlaces e desarranjos. Nesse momento de conclusão, apresento as lacunas, alguns achados; entrevejo pontos abertos, fragmentos que podem ser entrecruzados em outras investigações. Aliás, numa pesquisa construída propositalmente na transversalidade, os desdobramentos analíticos se multiplicam. E como é difícil fechar a (necessária) costura do texto, mesmo porque as vivências dos sujeitos permanecem em curso.

Procurei, ao longo da tese, evidenciar as tessituras dos modos de socialização e individuação juvenis, alcançando a web como uma das matrizes socializadoras. A internet é espaço de hipertextualidade e convergência. Como ponto de partida da investigação, elegi um território da periferia, o Aglomerado da Serra, espaço de moradia dos/as jovens interlocutores/as. Essa primeira mirada evidenciou as interfaces entre território físico e digital como instâncias socializadoras fundamentais na identidade e nos modos de individuação juvenis. A internet mostrou-se como ambiente dinâmico e acionado para expressões e visibilidades da periferia como território afetivo. Entre os/as jovens pesquisados/as, as enunciações juvenis sobre o Aglomerado, principalmente no Facebook, evidenciaram o entrelaçamento de um pertencimento coletivo e experiências individuais, em um tipo de narrativa que busca dar centralidade à periferia, singularizando-a. Postagens que compõem um inventário imagético da Serra; em que despontam a visibilidade da favela em uma imagem contrastiva resultante dos processos desiguais na cidade, mas, sobretudo como espaço de afeto e solidariedade.

Novos desafios para as pesquisas com jovens e suas práticas coletivas na cidade emergem nesse contexto. As redes de informação e comunicação, principalmente no ciberespaço, são palco para o encontro entre sujeitos que constroem relações de vizinhança online (re)construídas por intermédio de grupos e comunidades nas redes sociais digitais. Múltiplas dobras entre espaço público e ciberespaço se evidenciam na contemporaneidade. A arena digital tem se mostrado como espaço convergente para as reflexões sobre o urbano como espaço público. Essas dobras ressoam em formas híbridas de ocupações de coletivos juvenis que narram os conflitos urbanos, reivindicam o direito à cidade na amálgama de encontros, discussões e agenciamentos on/offline. A pesquisa apontou algumas pistas sobre as interconexões entre jovens/cidade/web que assinalam horizontes investigativos futuros.

Aliás, foi a identidade digital dos/as jovens com o Aglomerado da Serra que me possibilitou (re)conhecer interlocutores/as nessa empreitada de pesquisa. Decerto, investigar em dois contextos aparentemente descontínuos, ou seja, seguindo os/as jovens em espaços da internet e através dos encontros face a face, foi atividade desafiadora, mas também reveladora. A experiência permitiu o estabelecimento de uma rede de pesquisa online e encontros singulares com Durico e Cláudia, extraordinário/a narrador/a que, pela atividade biográfica, mostraram-se como artesão/ã de suas vivências multiformes. Portanto, esse zoom que alcançou experiências sociais nas dobras mais particulares de um jovem e uma jovem revelou a potencialidade da sociologia do indivíduo nos estudos sobre a juventude contemporânea. Ele e ela compartilharam a multiplicidade de experiências em suas trajetórias não lineares, com encruzilhadas, contingências e provas que demandaram respostas pessoais para a construção como sujeitos. Em meio a essa “aventura permanente” (MARTUCCELLI, 2007a) vivenciada por Cláudia e Durico, a análise sociológica se singulariza sem perder de vista uma noção estrutural ampla das condições juvenis na atualidade. Tomando ele e ela como receptores sensíveis e perceptíveis da cultura contemporânea (MELUCCI, 2007), elenco e retomo algumas dimensões fundamentais na trama de vivências socializadoras e de individuação privilegiadas neste trabalho.

A **família** assume lugar estruturante no processo de os/as jovens tornarem-se sujeitos. Durico e Cláudia anunciam marcas densas de afetividade e respeito nos laços familiares, principalmente com as mães. Ambas as histórias evidenciaram as limitações

escolares dos pais e mães, mas fundam-se no imenso respeito e gratidão por seus familiares que lutaram e lutam pela sobrevivência cotidiana. Avistei uma dupla dimensão da família, como “suporte” e “prova” nas trajetórias individuais (MARTUCCELLI, 2007a). A família se configura como suporte de individuação para ambos jovens na medida em que esse espaço socializador é lugar de apoio e referência. Por outro lado, a precariedade das condições de vida, as dificuldades do sustento financeiro, a existência de conflitos e tensões mostram como família é também uma dimensão particularmente significativa que Cláudia precisa enfrentar em sua trajetória. A narrativa de Cláudia anuncia desafios comuns na condição de vida de moradores/as das periferias urbanas, que experimentam a precariedade ou inexistência de algumas instituições, a ausência de direitos. Contudo, a família é matriz socializadora de construção de identidade e também espaço de alteridade. No entrelaçar das vivências narradas e daquelas apreendidas nas redes sociais digitais, verifiquei que fotografias, homenagens e recados estampam digitalmente afetuosas interações intersubjetivas de respeito e admiração com os familiares no ciberespaço.

Mesmo que Cláudia e Durico não estejam atualmente inserida/o em espaços de escolarização formal, foram significativas as compreensões que deram ao peso da **instituição escolar** em sua constituição como sujeitos. As narrativas sublinharam fortes e dessemelhantes marcas da escola em suas construções identitárias, lugar de reconhecimento e de rejeição, visibilidade positiva e racismo. Dentre outros significados, a escola pública foi para Durico espaço de socialização que não limitava sua condição ao papel de aluno. A escola de ensino médio, mesmo que com seus padrões curriculares, foi espaço basilar para relações de amizade e sociabilidade, experimentações e construções identitárias e de subjetivação pela música e pelos coletivos juvenis. Já a experiência escolar de Cláudia corroborou a interdição dialógica entre os sentidos institucionais escolares e aqueles dos/as jovens alunos/as. O “silêncio como ritual pedagógico a favor da discriminação racial” (GONÇALVES, 1985) agiu em sua trajetória resultando na exclusão escolar. A construção de si na ambiência escolar foi configurada pelo enfrentamento de estereótipos identitários que resultaram em uma silenciosa produção do “fracasso escolar”. Assim, frente aos desalinhos em seu percurso educativo formal, a jovem confirmou os limites e descrédito da escola como suporte para sua individuação. As relações entre vivências escolares e experiências digitais de Durico e Claudia se tracejam por linhas frouxas, apresentadas como fragmentos de

memórias digitais que se estabelecem na rede online por vínculos de “amizade” com professores/as e colegas ou imagens desse tempo passado. Contudo, ambos são jovens fora da escola que não representam as (in)tensas conexões entre juventude/mídia/escola evidenciadas na contemporaneidade.

Tanto Cláudia como Durico têm construído suas trajetórias de **trabalho** na intersecção entre profissionalização e arte. **Música e dança** são dimensões que afirmam a construção dessa/e jovem como sujeitos singulares. Por meio da expressão artística, constroem modos de ser jovem, identificam-se e reconhecem-se numa ampla rede de amigos/as e instituições para além da cidade de Belo Horizonte.

A música vem se concretizando como profissionalização e possibilidade de sobrevivência para Durico. Em múltiplas atividades, como rapper, ator e oficinairo, sua produção artística é vetor transversal não só no mundo do trabalho, mas em sua existência. Seu processo de criação é singular, mesmo que em meio a uma rede de amigos/as e colaboradores que possibilitam o desenrolar de sua carreira. Como ele mesmo disse, sua produção é “individual sem ser individualista”, já que os processos de criação (gravação de CDs, videocliques, materiais gráficos) operam em redes de colaboração e conexão. Ele define-se como gestor de sua carreira, é um astucioso agenciador de suas habilidades singulares. Sua visibilidade no cenário artístico-expressivo está imersa no ciberespaço, arquitetada digitalmente em uma autobiografia artística, espaço cotidiano e performativo, com múltiplos perfis em redes sociais digitais, quase incontáveis “curtidas” e “compartilhamentos”, site pessoal, vídeos no YouTube...

O universo online é domínio privilegiado da experiência contemporânea, principalmente juvenil. A internet é vetor transversal no cotidiano, dimensão que pode estar tangenciada de diversas maneiras, inclusive combinada a espaços estriados (como a família, a escola e o trabalho). Reflexão, expressividade, criatividade, denúncia, compartilhamento, visibilidade, performance. A web, principalmente através das redes sociais digitais, é espaço real nos movimentos de singularização de jovens. Particularmente, o ciberespaço é imprescindível suporte na individuação de Cláudia e Durico. A obliquidade – juventude/trabalho/arte/território/web atravessa suas existências.

Para além de composições artísticas e performáticas comprometidas com a Vila Cafezal e a Vila Marçola, o território de moradia é local de atuação dos dois como oficinairos em um programa governamental. Durico e Claudia se sustentam financeiramente por meio do trabalho como educador/a e oficinairo/a, estabelecido/a no próprio território de moradia, em políticas públicas com atividades socioeducativas para outros/as jovens. É significativo perceber como a participação como “aluno/a de projeto” fez parte das trajetórias da infância e adolescência de Durico e Cláudia. Duas histórias que revelam a constância dos “projetos sociais” como espaço socializador na vida de muitos/as jovens pobres e/ou moradores/as de periferias urbanas brasileiras. Certamente, no campo dos estudos da sociologia da educação, a tematização merece plurais reflexões sobre esses novos atores educativos presentes em variadas ações públicas, escolas e ONGs que vivem e trabalham em suas periferias. Convém ainda reforçar como as relações entre jovens nesses espaços educativos são também sustentadas no ciberespaço. A presença de câmeras e celulares que registram passos e canções é marcante nas oficinas; assim como as postagens de vídeos e fotos, as publicações de mensagens e a criação de grupos virtuais.

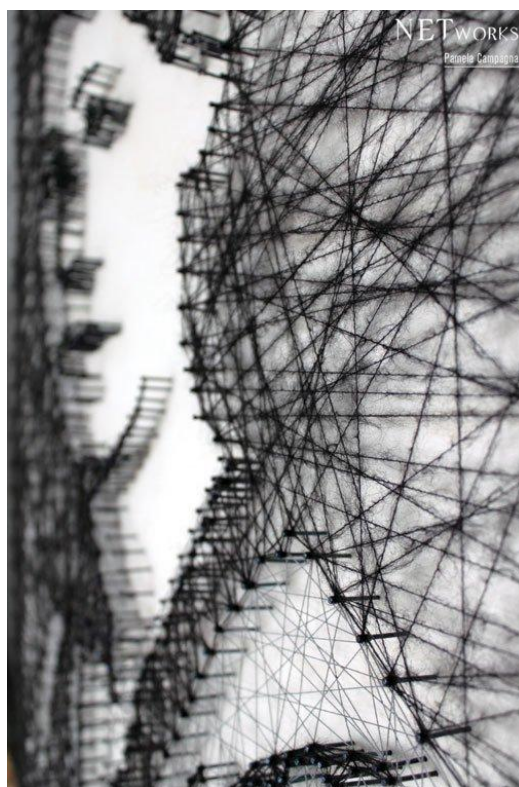
José Machado Pais (2001), em obra que percorre narrativas biográficas juvenis, diz que os estudos de juventude precisam ser realistas num “sentido complexo”, ou seja, há necessidade de um conhecimento integrado, mesmo que para isso a tarefa do/a pesquisador/a seja a de juntar as partes, relatos fragmentados das contingências da vida, uma leitura entrelinhas, que é tarefa de uma sociologia pós-linear a favor da interconectividade. Nessa perspectiva, é inconcebível a metáfora visual da biografia imaginada por um único traçado. Ao longo do trabalho, busquei enredar um emaranhado de linhas (web, território de moradia, família, trajetória escolar e de trabalho, entre outras) para compreender modos de socialização e individuação. Para ampliar os vértices, as dobras e arestas nos “modos de ser jovem”, rastreei nos próprios sujeitos essa constituição atravessada. Apesar de construir uma pesquisa na transversalidade não só temática, mas teórico-metodológica, não há dúvidas de que a rede que teci é espaçada, incompleta, inacabada.

Todavia, apesar do meu intento de tramar uma “sociologia da juventude” em rede, um grande achado desta investigação foi perceber que são os próprios indivíduos

que ligam os pontos, tecem suas redes, reconfigurando-as ao longo de suas trajetórias, em um trabalho sobre si mesmos. Através de suas narrativas orais e digitais, busquei o encontro da sociologia dos sociólogos com a sociologia dos atores. (DUBET, 1994).

Além de um modo de ser ativo no universo digital, esses sujeitos são agenciadores nos múltiplos e transversais espaços em que vivem, na família, na escola, no trabalho, na cidade. Há intensa atividade dos/as jovens contemporâneos em suas trajetórias. Diante de desafios estruturais no contexto de múltiplas desigualdades, os/as jovens dão respostas singulares que resultam da pluralidade de suas posições nos espaços socializadores, de seus recursos e estratégias, do pertencimento racial e de gênero; dos suportes que contribuem para sua sustentação nesse mundo. A singular experiência de Cláudia e Durico mostra-nos que ela/ele dá soluções biográficas a contradições sistêmicas, são hiper-atores relacionais (ARAUJO; MARTUCCELLI, 2012) que se costuram na pluralidade de que a vida é feita, esse emaranhado de traços interseccionados.

Figura 36 – NETwork07 _threads and nails_ detail01



Fonte: CAMPAGNA¹¹³.

¹¹³ Pamela Campagna. Foto: Alessandro Cirillo. Disponível em: <<http://www.l-able.net/networks.html>>. Acesso em: 10jul2014

8 REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Escrita, 1994.

ABRANTES, Pedro. **A escola da vida** – socialização e biografia(s) da classe trabalhadora. Lisboa: Mundos Sociais, 2013.

_____. Identidades juvenis e dinâmicas de escolaridade. **Sociologia, problemas e práticas**. Lisboa, n. 41, p. 93-115, 2003.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011.

ALMEIDA, Maria Isabel. Criatividade contemporânea e os redesenhos das relações entre autor e obra: a exaustão do romance criador. In: ALMEIDA, Maria Isabel; PAIS, José Machado (Org.). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012. p. 21-55.

ALMEIDA, Maria Isabel; EUGÊNIO, Fernanda (Org.). **Culturas jovens**. Novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. O espaço real e o acúmulo que significa: uma nova gramática para se pensar o uso jovem da internet no Brasil. In: NICOLACI-DA COSTA, A. (Org.) **Cabeças digitais**: o cotidiano na era da informação. Rio de Janeiro: Editora PUCRio; São Paulo: Loyola, 2006, p. 49-80.

ARAUJO, Kathya; MARTUCCELLI, Danilo. **Desafíos comunes**: Retrato de La sociedad chilena y sus individuos. Tomo 1. Santiago: LOM Ediciones, 2012.

_____. La individuación y el trabajo de los individuos. **Educación e Pesquisa**. São Paulo, v. 36, n. especial, p. 77-91, 2010.

ARROYO, Miguel. Políticas educacionais e desigualdades: à procura de novos significados. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1381-1416, out.-dez. 2010.

_____. **Ofício de mestre**. Petrópolis: Vozes, 2000.

AUGÉ, Marc. **Não-Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. São Paulo: Papirus, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001

BECK, Ulrich. A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In: BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização reflexiva**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1997. p. 11-71.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BONILLA, Maria Helena; PRETTO, Nelson (Org.). **Inclusão Digital**: polêmica contemporânea. Salvador: EDUFBA, 2011.

BOURDIEU, Pierre. A gênese dos conceitos de *habitus* e de campo. In: _____. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 59-73.

_____. Compreender. In: _____. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____. Espaço social e poder simbólico. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 149-168.

_____. Fieldwork in philosophy. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990. p. 15-48.

_____. Sobre o poder simbólico. In: _____. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 7-16.

BOURDOUKAN, Adla. Y. Carpe Noctem - Góticos na Internet. In: MAGNANI, José Guilherme; MANTESE, Bruna. (Org.). **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

CALDEIRA, Tereza P. R. **A política dos outros**: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2008.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 117-132, dez.2003.

CARRANO, Paulo. Jovens, escolas e cidades: entre diversidades, desigualdades e desafios à convivência. In: VIEIRA, Maria Manuel; RESENDE, José; NOGUEIRA, Maria Alice; DAYRELL, Juarez; MARTINS, Alexandre; CALHA, António. (Org.) **Composição Lopo Pizarro. Habitar a escola e as suas margens**: Geografias plurais em confronto. Portalegre, Portugal: Instituto Politécnico de Portalegre; Escola Superior de Educação. Abril, 2013. Disponível em: <http://www.uff.br/observatoriojovem/sites/default/files/documentos/Habitar_a_escola_E-book.pdf>. Acesso em abr.2014.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013a.

_____. **Redes de indignação e esperança**: Movimentos sociais na era da internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2013b.

_____. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **A galáxia internet**: reflexões sobre internet, negócios e sociedade. Lisboa: FCG, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**: A sociedade em rede. v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CORDEIRO JÚNIOR; Frúgoli. Prefácio. In: AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**: lugares, situações, movimentos. São Paulo: Terceiro Nome, 2011. p. 9-30.

CORREA, Licinia M. **Entre apropriação e recusa**: Os significados da experiência escolar para os jovens da periferia urbana de São Bernardo do Campo (SP). 2008. Tese (Doutorado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2008.

CORROCHANO, Maria Carla; NAKANO, Marilena. Jovens e trabalho. In: SPOSITO, Marília Pontes. (Coord.). **O Estado da Arte sobre a juventude na pós-graduação brasileira**: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm: 2009

COUTO, Edvaldo; ROCHA, Telma (Org.). **A vida no Orkut** – Narrativas e aprendizagens nas redes sociais. Salvador: EDUFBA, 2010.

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100 - Especial, p. 1105-1128, out. 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v28n100/a2228100.pdf>>. Acesso em: 20 mar 2013

_____. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. 2001. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação– Universidade de São Paulo, 2001.

_____. **O rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

_____; CARVALHO, Levindo Diniz; GEBER, Saulo. Os jovens educadores em um contexto de educação integral. In: MOLL, Jaqueline (Org.). **Caminhos da educação integral no Brasil**. Porto Alegre: Penso, 2012, p. 157-171.

_____; LEÃO, Geraldo; REIS, Juliana B. Juventude, pobreza e ações educativas no Brasil. In: SPOSITO, Marília Pontes. (Org.). **Espaços públicos e tempos juvenis**: um estudo de ações do poder público em cidades e regiões metropolitanas brasileiras. São Paulo: Fapesp, 2007.

_____; MOREIRA, Maria; STENGEL, Márcia. (Org.). **Juventudes contemporâneas**: um mosaico de possibilidades. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2011.

_____.; REIS, J. Juventude e escola: reflexões sobre o ensino da Sociologia no ensino médio. In: PLANCHEREL, A.; OLIVEIRA, E. (Org.). **Leituras sobre sociologia no ensino médio**. Maceió: UFAL, 2007.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, vol.5, 1997.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 51, Dec. 2012. p. 523-535.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. **Cartografias da cultura e da violência: gangues, galeras e o Movimento Hip Hop**. 1998. 381f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Ciências Sociais, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Fortaleza-CE, 1998.

_____. Signos urbanos juvenis: rotas da piXação no ciberespaço. **Cadernos de Campo**. Revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP, v. 22, n. 22, p. 45-61, jan-dez 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/47026/pdf_1>. Acesso em: 17 Jan.2014

DORNELLES, Jonatas. Antropologia e Internet: quando o "campo" é a cidade e o computador é a "rede". **Horiz. antropol.** [online]. Jan./June 2004, v.10, n. 21 Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832004000100011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 23 Abr.2012.

DUBAR, Claude. **A crise das identidades: a interpretação de uma mutação**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

_____. **A socialização**. Construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DUBET, François. A escola e a exclusão. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 119, 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742003000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 Mai.2014.

_____. As desigualdades multiplicadas. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 17, ago. 2001. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782001000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 Mai.2013.

_____. As desigualdades multiplicadas. **Revista Brasileira de Educação**, n. 17, p. 5-19, mai-ago 2001.

_____. Mutações cruzadas: a cidadania e a escola. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 289-305, maio-ago. 2011.

_____. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.5-6, 1997, p. 222-31.

_____. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

_____.; MARTUCCELLI, Danilo. A socialização e a formação escolar. **Lua Nova** [online]. São Paulo, n. 40-41, ago. 1997. p. 241-266. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451997000200011>>. Acesso em: 11 fev.2014.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus**, São Paulo: Edusp, 1999.

DURKHEIM, Émile. **Educação e Sociologia**. 4. ed. Tradução de Lourenço Filho. São Paulo: Melhoramentos, 1955.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

_____. **Introdução à sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1980.

_____. **O processo civilizador**. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

EUGENIO, Fernanda. Criatividade situada, funcionamento consequente e orquestração do tempo nas práticas profissionais. In: ALMEIDA, Maria Isabel; PAIS, José Machado (Org.). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012. p. 210- 258.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. Tradução Paula Siqueira. Revisão Tânia Stolze Lima. **Cadernos de Campo**. Revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP. São Paulo. n. 13, n. 13, 2005. p. 155-161.

FEIXA, Carles. O quarto dos adolescentes na Era digital. In: COSTA, Márcia Regina; SILVA, Elizabeth Murillo (Orgs.). **Sociabilidade juvenil e cultura urbana**. São Paulo: EDUC, 2006.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Mídia e Juventude: Experiências do público e do privado na Cultura. **Cadernos Cedes**, v. 25, n. 65, p. 43-58, 2005.

_____. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro. v. 12, n. 35, p. 290-299, 2007.

_____. O estatuto pedagógico da mídia: questões de análise. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1997

FONSECA, Claudia. Quando cada caso NÃO é um caso: pesquisa etnográfica e educação. **Rev. Bras. Educ.** [online]. abr. 1999, n. 10. p. 58-78.

FOOTE WHYTE, William. **Sociedade de Esquina**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 2013.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. In: **Revista de Antropologia**, São Paulo: USP, v. 48, n. 1, p. 133-165, 2005.

_____. **Sociabilidade Urbana**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

_____; BECK, Ulrich; LASH, Scott. **Modernização Reflexiva**: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Editora UNESP, 1997.

GOFFMAN, Erving. **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

GOLDMAN, Márcio. Jeanne Favret-Saada, os afetos, a etnografia. **Cadernos de Campo**. Revista dos alunos de pós-graduação em antropologia social da USP, São Paulo. n. 13, ano 14, p. 149-154, 2005.

_____. Os Tambores do Antropólogo: Antropologia Pós-Social e Etnografia. **Pontourbe**. Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, Ano 2, versão 3.0, julho de 2008.

_____. Os tambores dos mortos e os tambores dos vivos. Etnografia, antropologia e política em Ilhéus, Bahia. **Rev. Antropol.**, São Paulo, v. 46, n. 2, 2003.

GOMES, Elias Evangelista. **Ensaio etnográfico sobre a socialização da juventude para a sexualidade e a fé**: "vem, você vai gostar!". 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-22042010-103753/>>. Acesso em: 18 Fev.2014.

GOMES, Nilma Lino. Cultura negra e educação. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 23, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&id=S1413-24782003000200006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 04 Mar.2013.

_____. Educação e identidade negra. **Aletria Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, n. 9, p. 38-47, 2002.

GONÇALVES, L. O silêncio: um ritual pedagógico a favor da discriminação racial (um estudo acerca da discriminação racial como fator de seletividade na escola pública de primeiro grau – 1ª a 4ª série). 1985. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, 1985.

GUASCO, Pedro. **Num país chamado periferia**: identidade e representação da realidade entre os rappers de São Paulo. 2001. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, Universidade São Paulo, 2001.

GUIMARAES JÚNIOR, Mário J. L. De pés descalços no ciberespaço: tecnologia e cultura no cotidiano de um grupo social on-line. **Horiz. antropol.** [online]. jan./jun. 2004, v.10, n. 21, p. 123-154. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100006&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0104-7183>. Acesso em 19 Jun.2013.

_____. Sociabilidade no ciberespaço: Distinção entre plataformas e ambientes. 51^a Reunião Anual da SBPC – PUC/RS, julho 1999.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções de nosso tempo. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, FAGED/UFRGS, v. 22, n. 2, p. 15-46, 1997.

HEILBORN, Maria Luiza. **Conversa de portão**: Juventude e sociabilidade em um subúrbio carioca. Dissertação (Mestrado). Programa de pós-graduação em Antropologia Social. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, 1984.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

LAHIRE, Bernard. **O homem plural** – os determinantes da ação. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. Patrimónios individuais de disposições: Para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, Oeiras, n. 49, set. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0873-65292005000300002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 04 Ago.2013.

_____. **Retratos sociológicos** – disposições e variações individuais. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LATOUR, Bruno. **A esperança de pandora**: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru: EDUSC, 2001.

_____. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria Ator-Rede. Salvador: EDUFBA; Bauru: -EDUSC, 2012.

_____. **Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches**. Bauru: EDUSC, 2002.

LEÃO, Geraldo Magela Pereira. Entre a autonomia e o controle: uma análise de um programa de transferência de renda para jovens pobres. **29 Reunião ANPed**. GT Movimentos Sociais e Educação. n. 3. 15 a 18 de outubro de 2006. Disponível em: <<http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/trabalho/GT03-1669--Int.pdf>>. Acesso em: 18 Mai.2014.

_____; DAYRELL, Juarez Tarcísio; REIS, Juliana Batista dos. Juventude, projetos de vida e ensino médio. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 32, n. 117, Dec. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302011000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 Mai.2013.

LECCARDI, Carmen. Para um novo significado do futuro: mudança social, jovens e tempo. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, Nov. 2005. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 30 Out.2013.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2004.

LE MOS, André. **Cibercultura** – Tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

_____. Cidade Ciborgue. **Galáxia**. Revista Transdisciplinar de Comunicação, Semiótica, Cultura, n. 8, São Paulo: PUC-SP; Brasília: EDUC, out.2004.

_____. Mídia Locativa e Território Informacional., in Estéticas Tecnológicas. Novos Modos de Sentir, organizado por Priscila Arantes e Lúcia Santaella, Ed. EDUC/SP, 2008.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Aula inaugural**: desvendando máscaras sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

_____. **O pensamento selvagem**. Campinas: Papirus, 1989.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva**: por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

_____. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIBÂNIO, Clarice de Assis. **Guia cultural das vilas e favelas de Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Habitus, 2004.

LOPES, João Teixeira (Org.). **Registos do Actor Plural** – Bernard Lahire na Sociologia Portuguesa. Porto: Edições Afrontamento, 2012.

_____. A cidade e a cultura – um estudo sobre práticas culturais urbanas. Porto: Edições Afrontamento, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: _____. (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos**. O declínio do individualismo na sociedade de massa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.

MAGNANI, H. Introdução – Circuito de Jovens. In: MAGNANI, H.; SOUZA, B. (Org.) **Jovens na metrópole** – etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Rev. bras. Ci. Soc.**, São Paulo, v. 17, n. 49, junho. 2002.

_____. Etnografia como prática e experiência. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, 2009.

_____. **Festa no pedaço:** cultura popular e lazer na cidade. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo Social**. v. 17, n. 2, p. 173-205, 2005.

_____. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, J.G.; TORRES, L.L. (Org.). **Na metrópole**. São Paulo: FAPESP, 2000.

_____. Trajetos e trajetórias: uma perspectiva da antropologia urbana. **Sexta-Feira**, n. 8, São Paulo: Editora 34, 2006.

_____. Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles. In Moreira, Alberto da Silva (org). Sociedade Global. Cultura e Religião. Petrópolis, São Paulo, Ed Vozes & Universidade São Francisco, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesus. A mudança na percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In: BORELLI, Silvia; FREIRE FILHO, João (Org.). **Culturas juvenis no século XXI**. São Paulo: EDUC, 2008, p. 09-32.

_____. **Ofício de cartógrafo:** travessias latino-americanas de comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTINS, Carlos Benedito. Notas sobre a noção de prática em Pierre Bourdieu. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, n. 62, p. 163-181, mar. 2002.

MARTUCCELLI, D; SINGLY, F. **Las sociologías del individuo**. Santiago: LOM Ediciones, 2012

MARTUCCELLI, Danilo. **Existen individuos em El Sur?** Santiago: LOM Ediciones, 2012

_____. **Cambio de rumbo:** La sociedad a escala del individuo. Santiago: LOM Ediciones, 2007a.

_____. **Gramáticas del individuo**. Buenos Aires: Losada, 2007b.

MAUSS, Marcel. Relações reais e práticas entre a psicologia e a sociologia. **Sociologia e Antropologia**. v. 1. São Paulo: Edusp, 1974.

_____. Uma categoria do Espírito Humano: a noção de “pessoa”, a noção do “eu”. **Sociologia e Antropologia**. v. 1. São Paulo: Edusp, 1974.

MELUCCI, Alberto. **O jogo do eu**. A mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.

_____. **Por uma sociologia reflexiva:** pesquisa qualitativa e cultura. Petrópolis: Vozes, 2005.

MILLER, Daniel; SLATER, Don. Etnografia on e off-line: cibercafés em Trinidad. In: **Horizontes antropológicos**. Porto Alegre, v. 10, n. 21, 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010471832004000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 31 Jan.2013.

MILLS, Wright. **A imaginação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

_____. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

MUNANGA, Kabengele. O preconceito racial no sistema educativo brasileiro e seu impacto no processo de aprendizado do “alunado” negro. In: AZEVEDO, C.; GENTILI, P.; KRUG, A.; SIMON, C. **Utopia e democracia na educação cidadã**. Porto Alegre: Ed. UFRGS / Secretaria Municipal de Educação, 2000.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. Internet: uma nova plataforma de vida. In: _____ (Org.). **Cabeças digitais: o cotidiano na era da informação**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2006.

NOGUEIRA, Maria Alice. A escolha do estabelecimento de ensino pelas famílias: a ação discreta da riqueza cultural. **Revista Brasileira de Educação**, n. 7, jan./fev./mar./abr., 1998, p. 42-56.

_____. A relação família-escola na contemporaneidade: fenômeno social/interrogações sociológicas. **Anál. Social**, Lisboa, n. 176, out. 2005. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732005000400005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 Abr.2014.

_____; ROMANELLI, Geraldo; ZAGO, Nadir (Org.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PAIS, José Machado. Buscas de si: expressividades e identidades juvenis. In: ALMEIDA, M; EUGENIO, F. (Org.). **Culturas jovens: novos mapas do afeto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

_____. **Ganchos, tachos e biscates: jovens, trabalho e futuro**. Porto: Ambar, 2001.

_____. **Lufa-lufa quotidiana. Ensaios sobre cidade, cultura e vida urbana**. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais, 2010

_____. O mundo em quadrinhos: o agir da obliquidade. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes de; PAIS, José Machado. (Org.). **Criatividade, juventude e novos horizontes profissionais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012. p. 143-185.

_____. **Vida cotidiana, enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003.

PAULINI, Leda. O projeto neoliberal para a sociedade brasileira: sua dinâmica e seus impasses. In: LIMA, Júlio César França; NEVES, Lúcia Maria Wanderley (Org.). **Fundamentos da educação escolar do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/EPSJV, 2006

PELUCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 25, Dec. 2005.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**. Mai/Jun/Jul/Ago 1997 n. 5, Set/Out/Nov/Dez 1997 n.º 6. p.15-24.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. “**A maior zoeira**”: experiências juvenis na periferia de São Paulo. 2010. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, 2010.

PEREIRA, Alexandre. **De rolê pela cidade**: os pixadores em São Paulo. 2005. Dissertação (Mestrado). Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, 2005.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. **Variações sobre a técnica de gravador no registro da informação viva**. São Paulo: T.A. Queiroz Ed., 1991.

QUINTANEIRO, Tânia. Émile Durkheim. In: QUINTANEIRO, Tania; BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira; OLIVEIRA, Márcia Gardênia de. **Um toque de clássicos** – Durkheim, Marxe Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

RAFAEL, Antônio. Humanidade por excesso e as linhas de fuga que se abrem para o gueto. **Sexta-Feira**, n. 8, São Paulo:Editora 34, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha dos sensível**. São Paulo: EXOexperimental org. Ed 34, 2005.

REIS, Juliana Batista. **Juventude e Políticas Públicas**: reflexões sobre o Agente Jovem em Belo Horizonte. Monografia. Belo Horizonte, FAFICH/UFMG, 2005.

_____. **O bairro está online?** Vivências e sociabilidade(s) juvenis na Região Metropolitana de Belo Horizonte. 2009. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais. Universidade Federal de São Carlos, 2009.

ROSA, Thaís Troncon. **Fronteiras em disputa na produção do espaço urbano**: a trajetória do Gonzaga de favela a bairro de periferia. 2008. Dissertação (Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, 2008.

RUA, Maria das Graças. As políticas públicas e a juventude dos anos 90. In: _____. **Jovens acontecendo na trilha das políticas públicas**. 2 v. Brasília: CNPD, p. 731-752, 1998.

SACRISTAN, José G. **O aluno como invenção**. Porto Alegre: Artmed, 2005.

SALES, Shirlei Rezende. **Orkut.com.escol@**: currículos e ciborguização juvenil. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, 2010.

SARTI, Cynthia. **A família como espelho**: um estudo sobre a moral dos pobres. São Paulo: Cortez, 1996.

SARTI, Cynthia. Família como ordem simbólica.” **Psicologia**, USP, 2004, p. 11-28.

_____. Família e jovens no horizonte das ações. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 11, ago. 1999.

SERRES, Michel. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, Nov. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 23 Nov.2013.

_____. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo Social – Revista de Sociologia da USP**. n. 2, v. 17, p. 335-350, 2005.

_____. A socialização como fato social total: notas introdutórias sobre a teoria do habitus. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 41, ago. 2009, p. 296-307.

_____. Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 107-116, jan./jun. 2002.

_____. Marcel Mauss e Norbert Elias: notas para uma aproximação epistemológica. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 34, n. 122, mar. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000100011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 Nov.2013.

_____. Teorias da socialização: um estudo sobre as relações entre indivíduo e sociedade. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 37, n. 4, dez. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022011000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 Nov.2013.

_____.; SPOSITO, Marília Pontes. Como os indivíduos se tornam indivíduos? Entrevista com Danilo Martuccelli. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 1, mar. 2013. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022013000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 23 Nov.2013.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

_____. **Redes ou paredes**: a escola em tempos de dispersão. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

SILVA, Michele Lopes da. **Mulheres Negras em Movimento(s)**: Trajetórias de vida, atuação política e construção de novas pedagogias em Belo Horizonte – MG. 2007. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Belo Horizonte. 2007.

SILVA, Petronilha. Chegou a hora de darmos a luz a nós mesmas situando-nos enquanto mulheres e negras. São Paulo: **Cadernos Cedes**, 1998, p. 7-23.

SILVA, Vagner, **O antropólogo e suma magia**: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afrobrasileiras. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – Um exemplo de Sociologia Pura ou Formal. In: MORAES FILHO, Evaristo de. (Org.). **Georg Simmel**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

SINGLY, F. *Sociologia da família contemporânea* (C. E. Peixoto, Trad.). Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

SPOSITO, Marília Pontes. (Org.). **O Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

_____. A sociabilidade juvenil e a rua; novos conflitos e ação coletiva na cidade. **Tempo Social**. Revista Sociologia da USP. São Paulo, v. 5 n. 1 e 2, p. 161-178, 1993.

_____. Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude escola no Brasil. In: ABRAMO, H.; BRANCO, P.P.M.(Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 87-128.

_____. Transversalidades no estudo sobre jovens no Brasil: educação, ação coletiva e cultura. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. especial, 2010, p. 93-104.

_____. Uma perspectiva não escolar no estudo da sociológico da escola. **Revista USP**, São Paulo, n. 57, p. 210-226, março/maio 2003.

_____; CARRANO, P. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**. n. 24, São Paulo: ANPed, 2003.

TEIXEIRA, Inês. Da condição docente: primeiras aproximações teóricas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 99, p. 426-443, maio/ago. 2007.

TELLES, Vera da Silva. Mutações do trabalho e experiência urbana. **Tempo soc.**, São Paulo, v.18, n.1, Jun 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702006000100010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 15 Jan.2014.

TOLEDO, Luis Henrique. Posfácio – Corporalidade e Festa na metrópole. In: MAGNANI. **Jovens na metrópole**: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

TOMMASI, Livia de. Tubarões e peixinhos: histórias de jovens protagonistas. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 2, junho. 2014 Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022013005000025&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 Jun.2014.

VALLADARES, Lícia do Prado. **A invenção da favela**. Do mito de origem da favela.com. São Paulo: FGV Editora, 2006.

VARGAS, Durico. **Antes tarde do que nunca**: Gabriel Tarde e a emergência das ciências sociais. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2001.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

VIANNA, H. Prefácio. In: MAGNANI, J; SOUZA, B. (Org.). **Jovens na metrópole**. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

VIVEIROS DE CASTRO, Durico. O nativo relativo. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, Abr. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93132002000100005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 12 Dez.2013.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Relatório de desenvolvimento juvenil 2007**. Brasília: Rede de Informação Tecnológica Latino-Americana (RITLA), Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT); São Paulo: Instituto Sangari, 2007.

WELLER, W. **Minha voz é tudo o que eu tenho**: manifestações juvenis em Berlim e São Paulo. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

WINTERSTEIN, Claudia Pedro. **Mangás e Animes**: Sociabilidade entre cosplayers e otakus. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Universidade Federal de São Carlos, 2009.

ZALUAR, Alba. **Integração perversa**: pobreza e tráfico de drogas. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2004.